Pregação Indutiva

Ralph Lewis
com Gregg Lewis

PREGAÇÃO INDUTIVA



COMO PREGAR DE MODO QUE AS PESSOAS OUÇAM

Pregação Indutiva © 2003, Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado em inglês com o título *Inductive Preaching* – Copyright © 1983 by Ralph L. Lewis & Gregg Lewis – por Crossway Books, a division of Good News Publishers. Wheaton, Illinois 60187, USA. Edição em português autorizada por Good News Publishers. Todos os direitos são reservados.

1ª edição em português – 2003
3.000 exemplares

Tradução
Glauber Meyer Pinto Ribeiro

Revisão
Helen Hope Gordon Silva
Wilson de Ângelo Cunha

Editoração e Capa
Magno Paganelli

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira,
André Luís Ramos, Mauro Fernando Meister,
Otávio Henrique de Souza, Ricardo Agreste,
Sebastião Bueno Olinto, Valdeci Santos Silva

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Introdução 7
1 Necessidade 13
2 Uma Solução Promissora 25
3 Velhos Talentos e Nova Esperança 45
4 A História da Indução 65
5 Método de Deus? 79
6 Modelo Mestre 95
7 Fluxo na Teia 113
8 Mais Fluxo na Teia 131
9 Uma Combinação Imbatível 145
10 No Gabinete de Estudos 171
11 Atrás do Púlpito 199
12 O Fim a que nossos Meios Levam 223
Conclusão 235
Apêndice Um:
Pregação Indutiva — Dois Exemplos 241
Apêndice Dois:
Lista de Verificação de Características Indutivas . . . 285
Apêndice Três:
Noventa e Seus Pregadores Indutivos de 20 Séculos 291
Apêndice Quatro:
Uma Estratégia para Tornar Indutivas
as Estruturas do Sermão Tradicional 325
Índice Onomástico 331

Dedicatória

A
uma excelente família de fazendeiros, agora com
pessoas mais velhas, crescidas ou falecidas:
Mmãe, Papai e três irmãos.

Introdução

Como podemos ajudar?

Por que mais pessoas não prestam atenção quando pregamos?

Quais as implicações que nossa era eletrônica tem para a pregação? Será que a nova disciplina da ciência cognitiva, com suas mais recentes descobertas sobre o funcionamento cerebral, pode ajudar-nos a comunicar melhor a Palavra de Deus?

Estudiosos de nossa época descobriram uma nítida distinção em funcionamento e capacidades entre os hemisférios direito e esquerdo do cérebro humano. O pensamento crítico, a leitura e a lógica linear parecem estar todos centralizados no lado esquerdo do cérebro. A criatividade, a memória visual, os sentimentos e a imaginação são funções da metade direita do cérebro.

Mas, o que tem isso a ver com um sermão de domingo? Há cerca de 500 anos a imprensa revolucionava o mundo. Ela alterou a base da comunicação humana e, assim, afetou a forma do pensamento popular entre os homens. Gutenberg viciou a humanidade na palavra impressa e arrebanhou a maior parte de nossa vida cerebral num modelo de lógica linear confinado no lado esquerdo do cérebro. E por cinco séculos a grande massa de nosso ensino e pregação foi construída sobre esse fundamento.

Hoje as repercussões de uma nova revolução estão sacudindo a velha estrutura. A imprensa não é mais o principal meio de coleta e comunicação do pensamento humano. A maior parte

do conhecimento é agora armazenado em microfilmes ou na memória de bancos de dados de computadores, é transmitido por meio de sinais captados numa tela ou é impresso diretamente do computador. E se os gêniosdas comunicações estiveremcertos quando dizem que a maneira como a cultura comunica e armazena sua básica de informação e conhecimentos mais crucial poderá, por si só, ser o fato determinante do caráter daquela civilização, então o mundo das telecomunicações promete mudanças no mínimo tão dramáticas como as causadas pelos tipos móveis de Gutenberg.

Já atravessamos o limiar e entramos numa nova era—a era do conhecimento visual. Se não conseguimos ver esse fenômeno, é porque mantemos fechados os nossos olhos. Tomando-se por base um dos anos 80 na América, havia alunos que concluíam o ensino médio com mais horas diante da televisão do que tiveram em doze anos em sala de aula. O crente que passa cinqüenta horas por ano no banco da igreja a ouvir mensagens (talvez cem horas, se for ao culto da noite), fica em frente à tela duas mil horas a cada ano. Nosso mundo não está mudando; já mudou.

Como tudo isso afeta nossa pregação?

A análise do cérebro dividido, feita pela ciência cognitiva, classificaria os sermões tradicionais, tanto sua pregação quanto sua escuta, como atividades da parte esquerda do cérebro. A homilética apoia-se fortemente em análise, lógica e linguagem. Os sermões freqüentemente destacam mais os conceitos intelectuais do que os ingredientes imaginativos ou inventivos, uma visão seqüencial em lugar de holística, fatos mais que sentimentos, orientações racionais em vez de relacionais.

Mas a revolução das comunicações culturais está conduzindo as pessoas em outra direção. As comunicações visuais de hoje estão retreinando nossas mentes. Pela primeira vez em meio milênio o lado direito do cérebro está clamando por predomínio e insistindo em seu envolvimento na vida e na aprendizagem.

Nossos ouvintes não estão mais viciados em palavras impressas, e em lógica linear. Em vez disso, estão ligados aos sentidos da ação e do envolvimento da parte direita do cérebro. E a televisão é o propulsor primário disso, a principal conexão, se quisermos estender a metáfora.

A telinha oferece fácil envolvimento. Os espectadores descem da arquibancada para o centro da ação. O microfone põe o seu ouvido no centro dos sons. A câmera coloca os olhos do espectador no meio da luta, do futebol, do divertimento. O que era antes remoto, imaginário e irreal torna-se instantaneamente vital, vívido e crível, por meio da alquimia da televisão.

Assim como a era espacial amplia a distância pelo vôo, nossa era eletrônica amplia o cérebro pelo computador, o processador de palavras, atinge o ouvido pelo microfone e o olho pela câmera. O envolvimento torna-se um modo de vida, e uma descoberta sensorial converte-se num meio primário de aprendizagem.

Se nos agarrarmos demais aos quinhentos anos de tradição homilética, logo poderemos nos defrontar com um abismo sem pontes entre o envolvimento diário, com a descoberta e criatividade que nossos ouvintes experimentam durante a semana, e a rotina comparativamente enfadonha, desinteressante de prescrições sermônicas. Se não tomarmos drásticas medidas para mudar nossa pregação, cedo descobriremos que para nossos ouvintes a dimensão interior da vida parecerá estar cada vez mais remota, a realidade espiritual parecerá imaginária e o que deveria ser a viva crença na Palavra de Deus poderá tornar-se um mero nevoeiro subjetivo. Muitos dos jovens, os recém-convertidos e os inteligentes ambiciosos de nossa sociedade empírica já se sentem ignorados ou tratados de forma condescendente pela tradição institucional, sempre que nossos sermões dependem mais de exposições dedutivas do que de descobertas, sempre que nossa ênfase é exortar sem preocupar-nos com a exploração ou a experiência.

Por que as pessoas não escutam? Como podemos pregar para envolvê-las?

O que a Bíblia tem a dizer? De que maneira Jesus e outros grandes pregadores da Bíblia motivaram seus ouvintes? Poderia a experiência do passado pré-Gutenberg possuir uma chave para nossa pregação na era pós-imprensa do presente e futuro?

Jesus, os profetas e os apóstolos pregaram com a ênfase no indutivo. Mas quem alguma vez o notou? Quem dá atenção a Jesus como pregador? Por que os textos sobre homilética não citam seu exemplo? Quem se lembra de que a gente simples ouvia Jesus com prazer quando Ele pregava indutivamente, partindo do nível em que elas estavam?

Quem segue o exemplo de Jesus, recusando falar se não for com uma parábola, uma história, uma comparação? Quem analisa o Sermão do Monte—uma prédica de dezoito minutos com dezenas de exemplos, imagens visuais, numerosas comparações, e variados meios de captar a atenção dos ouvintes, como enigmas, experiências da intimidade e da vivência do dia-a-dia?

Pode Jesus ensinar-nos algo sobre a pregação? Será que outros pregadores convincentes dos séculos que nos antecederam podem revelar-nos algum padrão simples para melhorar nossa pregação? Será que os ouvintes são peças de importância secundária nas pregações? Ou eles podem se envolver em nossa pregação? É possível nossa pregação atrair sua atenção e obter seu envolvimento? Podem nossos sermões ser articulados de forma a utilizar ambas as metades do cérebro?

As perguntas são muitas, mas estamos cercados de respostas interessantes.

Passemos a olhar a pregação com novas lentes. Jesus e pregadores bem sucedidos desde sua época nos indicam uma abordagem simples. Podemos facilmente detectar seus segredos se examinarmos seus sermões. Eles prometem remédio para

os sermões fracos e fúteis, tão comuns hoje. Eles também demonstram vários métodos de conseguir a reação do leigo às nossas pregações.

Este livro não é um estudo de filosofia, metafísica ou epistemologia. Aqui estudamos a vida. Estudamos experiência. Estudamos a Palavra de Deus. E estudamos bom senso e pesquisa.

A meta? Fazer a coisa simples—simples, mas não simplória. Aqui nos empenhamos em parecer profundamente simples—tão simples como o bom senso. Tão comum quanto a experiência. Tão comum que as pessoas passam a escutar. E até mesmo ouvir. E se deixam envolver.

1. Necessidade

Quando Sam Smith entra no estacionamento da igreja com seu Ford de três anos, ele observa os novos Chevrolets, Fords e Toyotas. Lembra-se então de que sua trigésima sexta prestação vence amanhã, e o carro será seu—bem na hora de comprar outro, um carro menor.

A caminho da igreja, sua esposa Susan disse que precisa de mais dinheiro para pagar a escola maternal da filha Suzette de quatro anos, para cobrir os aumentos do supermercado e para comprar roupas novas próprias à estação, para usar na convenção de Nova Iorque, da qual vai participar por determinação de seu chefe. Ela precisa de vestidos novos, para ganhar mais para pagar os vestidos, por isso precisa trabalhar mais para ganhar dinheiro e comprar mais vestidos, por isso... Sam morde a língua e engole um comentário jocoso sobre a liberação das mulheres.

Pensativo, ele observa Susan juntar-se a um pequeno grupo que entra pela porta lateral, onde se reúne a Classe das Jovens Executivas. E, então, se lembra da definição da revista Reader's Digest sobre compatibilidade: "Casal que sente dor de cabeça ao mesmo tempo."

Ele olha com orgulho o filho Steve, de dezesseis anos, com sua turma de adolescentes reprisando o jogo da sexta-feira à noite. Sam deseja que Steve entre na universidade para ter uma oportunidade melhor na vida. Quem sabe se, resgatando as apólices de seguro, vai poder pagar o alto custo da escola, mas

no momento Steve parece mais interessado num carro seminovo do que em estudar.

Sally, sua filha de catorze anos, passa confiante junto a um grupo de garotos do curso secundário para se juntar a suas amiguinhas um minuto antes de começar a Escola Dominical. Ela vai precisar de um aparelho para correção dos dentes e submeter-se a uma pequena cirurgia dentária durante as curtas férias do Natal.

Sam fica pensando se deveria falar com alguém sobre essas pressões — bem que gostaria, se alguém pudesse compreender e tivesse interesse. Seu gerente ameaçou despedí-lo se a companhia não alcançar "outro ano de um milhão de dólares". As vendas vêm caindo e a direção está enxugando... Seu plano de sucesso em cinco anos já não lhe parece muito realístico.

Cinco minutos depois Sam senta-se num canto da Classe dos Homens na Escola Domincal, sua mente entrando e saindo do debate em curso. Quase sempre saindo. Ele revê as opções para obter o dinheiro adicional para as necessidades da família. Ele pode conseguir um empréstimo sobre o seguro, mas então não poderá usá-lo para ajudar a pagar a faculdade de Steve. Pode vender o trailer de viagens, mas talvez não consiga um preço próximo do seu valor. A idéia de uma segunda hipoteca trouxe-o de volta à sala da Escola Dominical.

Ele sente uma pontada de culpa por não prestar mais atenção ao professor. Mas está consciente de que não quer, de modo algum, estar na igreja. Susan vem pressionando-o para freqüentar. Ela devia se sentir feliz porque pelo menos eu venho, diz a si mesmo. O sentimento de culpa passa e seus pensamentos começam novamente a vaguear.

O último sinal finalmente anuncia o término da aula. Sam e os outros saem um atrás do outro, ele segue pelo corredor dessa ala, e chega ao vestíbulo, onde espera por Susan. Quando ela o encontra, entram no templo e sentam-se no lugar de cos-

tume, do lado direito da nave, dois ou três bancos para trás do meio.

O cântico de hinos conhecidos ocupa a mente de Sam. E por um instante ao menos os sons rouquenhos do centro comercial de Tom se atenuam e somem de sua memória. A música calma do santuário parece mais suavizante, bem diferente do ritmo ousado dos estridentes locutores de rádio que ouviu durante toda a semana. Sam vai pouco a pouco assimilando um leve espírito de sacralidade; e essa absorção estimula as lembranças e as converte numa aura de solidão, meditação e adoração. Os oficiais passam as hipnóticas salvas de ofertas para a frente e para trás, para a frente e para trás, para frente e...

Entretanto, o Sam Secular traz consigo toda a bagagem cultural do seu continente semanal, chamado Vida para a ilha dominical, chamada Igreja. E sua mente se recusa a ser abandonada em ilha deserta. Suas indagações, seus conflitos e seu temor aos poucos ressurgem em sua consciência. Sam logo retorna a suas batalhas na guerra interior pela finança familiar e pela sobrevivência na carreira.

Quando o pastor se levanta para ler o texto bíblico da manhã, Sam lê no boletim devocional o tema do sermão, "A Verdade Total para o Mundo Total de Hoje" — uma ênfase especial sobre missões, diz lá.

Enquanto o pastor lê, Sam muda para a sua própria agenda. Ele tem ouvido tantos sermões na última década, que resolveu fazer a si mesmo o desafio de construir seu próprio esboço. Hoje ele decidiu escolher sete pontos — de forma aliterativa, naturalmente.

Deu-lhe o título, "Vagando pelos Sete Cc". Sam reprime um sorriso. Dinheiro ('Cash') tem de ser o ponto número um. Em seguida Carro. Roupas próprias à estação. Compatibilidade. Carreira. Curso universitário. E a Corrente Crise. Sam está

traçando novamente seu caminho através dos sete Cs quando o sermão das crianças interrompe suas divagações.

"Quando eu era menino", começa o pastor, e Sam inclina-se para ver as crianças sentadas no primeiro banco à frente do púlpito, e para ouvir as breves palavras que o pastor lhes dirige.

Quando o "sermão principal" começa, Sam observa as pessoas irrequietas ajeitando-se nos bancos. Elas mudam a posição do corpo para encontrar a postura menos incômoda e se põem a pensar em alguma coisa ou em nada.

Após um pequeno esforço para reordenar seus pensamentos em torno de seu esquema, Sam aos poucos os libera para vagarem a esmo. Recordação, imaginação e devaneio, apenas ocasionanlente sintonizam-se com os acontecimentos do recinto. Ele abandona completamente o ministro, e seus pensamentos navegam longe para o continente Vida. Ele medita sobre sua volta ao louco mundo da segunda-feira de manhã. O que vou dizer ao chefe? Quais são minhas opções? Vale a pena lutar?

Susan inclina-se um pouco para seu lado e aconchega-se em seu braço protetor. Ele recorda: A vida tem sido boa. Temos tido nossos altos e baixos. Mas, de modo geral, combinamos razoavelmente bem. Já tivemos grandes momentos e, depois, há nossos filhos. Algumas coisas estão um pouco devagar, mas a vida é bastante agradável. É certo que precisamos de mais dinheiro. É, é isso—cash, grana—primeiro item do meu esboço.

Sam começa a planejar sua saída quando ainda faltam uns quinze minutos para terminar o sermão. O que temos para o almoço de domingo? pergunta a si mesmo. Susan falou em frango? Ou foi arroz à espanhola? Espero que seja algo bem rápido. O jogo começa na tevê às 12.30!

Sam olha a saída e planeja sua escape durante o último hino. Na última nota do acorde do Amém ele se levanta. O caminho para a saída leva-o à porta do fundo, passando desconfortavelmente perto do pastor. Algumas vezes ele consegue sair

sem ser interrompido, mas hoje o Pastor Jones olha-o e pisca para ele.

Sam foi apanhado. O que ele tem a dizer? "Gostei de sua fala", diz sem pensar, enquanto sua mente busca uma palavra mais honesta. Desajeitadamente, aperta a mão do pastor. Então se apressa cortando a multidão e segue direto para o estacionamento, enfia-se desengonçadamente no carro e liga o rádio para ouvir as notícias do meio-dia—uma voz do mundo real.

Susan e as crianças vão chegando para o carro. "O frango deve estar pronto", diz Susan quando seguem para casa.

O Sam Secular e seus companheiros de banco na igreja não são os únicos participantes insatisfeitos do drama matinal de domingo. Mas eles provavelmente jamais suspeitaram dos recalcados sentimentos de frustração do Pastor Jones. Vejamos como foi a sua manhã:

O desalento do Pastor Jones aumenta à medida que ele conduz sua congregação como ovelhas através dos corredores do programa impresso para o culto. Quase todos cantam os hinos. Ouvem os avisos. Mas quando ele se levanta para ler a Escritura em voz alta, percebe uma mudança. É como se uma parede invisível se erguesse entre nós. Por que eles não ouvem? Estou falando muito alto? Muito devagar? Muito depressa? Ele termina a leitura e senta-se de novo.

Durante a coleta ele planeja. Talvez eu possa mexer com o pensamento deles no sermão das crianças. Algumas vezes isso parece acordá-los. Gostaria de saber o porquê disso. Talvez meus sermões sejam um tanto fortes para eles. Mas eles devem aprender a ouvir.

Depois que os oficiais apresentam a oferta ao som da doxologia, Pastor Jones convida as crianças e conta um história de sua infância, um simples incidente em que ele aprendeu o perigo da mentira e o valor da verdade. Ele completa explicando a

atitude de Deus para com a verdade e encaminha os pequeninos à porta lateral do templo, onde os esperam os líderes do cultinho das crianças...

Agora chega o momento do sermão. Ao retornar ao púlpito, ele arruma a gravata, limpa a garganta e espera que se faça silêncio.

Em seguida, lê o texto: "Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro... tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (Fp 4.8).

Por que as pessoas parecem estar olhando fixamente para trás de mim? Eu sou o pastor; é em mim que eles devem prestar atenção. Por que não ouvem?

Ele respira fundo e projeta sua intonação ensaiada: "A verdade é amável, prezados irmãos. A verdade é de boa fama. A verdade é digna de nossa meditação —pensem nessas coisas."

Ele define a verdade. Declara a verdade. Defende a verdade.

Suas palavras ortodoxas e bem torneadas sobem até ao teto, estendem-se ao vestíbulo e ricocheteiam suavemente na parede do fundo. Ele se pergunta se alguém está realmente escutando.

Alguns membros da congregação assentem com a cabeça em plena concordância. Mas ele sabe que esta é uma aferição precária, porque algumas daquelas faces sorridentes reduzem o ritmo de sua anuência metronômica e descansam o queixo por alguns segundos antes de erguê-lo novamente. Seu desânimo se acentua.

De repente todos os olhos se abrem, todas as cabeças se aprumam no meio do sermão, quando um trechinho de narração faz brilhar um exemplo. Mas o entusiasmo é apenas momentâneo, pois a atenção se recolhe outra vez e uma epidemia de inquietação se espalha pelo templo.

Ao aproximar-se do final de seu sermão, sobrou-lhe pouco entusiasmo para a conclusão enfática que esperava pudesse inspirar seu povo a reagir ante as sufocantes necessidades do programa de missões da igreja. Que é que adianta? pergunta ele a si mesmo. Meia dúzia de pessoas lançam rápidos olhares a seus relógios de pulso quando ele chega ao último exemplo. Que interesse eles têm pela fome e necessidades médicas do terceiro mundo? Qualquer preocupação com os problemas do planeta terra acaba às cinco para o meio-dia.

Finalmente, ele convida a congregação a ficar de pé para receber a bênção. É tentado a fazer uma oração sincera tirada de um Salmo desesperado ou talvez até imprecatório. Mas resiste à tentação de desafogar seus sentimentos e conclui com a fórmula rotineira de despedida. Depois bate em retirada pelo corredor até o vestíbulo, enquanto o côro entoa a bênção cantada.

Enquanto os últimos acordes do Amém vão sumindo, o templo rumoreja com renovada energia. Essa instantânea transformação faz surgir na mente do pastor um pensamento cínico e silencioso. Gostaria de saber se conseguirei algum dia provocar com meu sermão o comportamento que sempre obtenho com minha bênção final.

Ele tenta lançar fora os sentimentos de frustração e dúvida, enquanto nos corredores os fiéis se amontoam e vêm ao seu encontro. Ele força o sorriso, aperta as mãos que consegue alcançar e procura suportar os comentários.

"Prazer em revê-lo." "Gostei do sermão, pastor." "Tenha uma boa semana." "Belas palavras hoje." "Sempre aprecio os momentos com as crianças no início do culto." As opiniões inócuas sempre parecem rodear a realidade e sinceridade direta. Mas, ao menos neste domingo o Pastor Jones não ouve a arrogante observação: "Ouvi um certo sermão ótimo na tevê".

Quando chega a hora em que o Sam Secular e os demais membros da congregação terminam seus almoços e se aco-

modam em frente do vídeo para ver o futebol da tarde, o pastor já concluiu sua refeição e buscou o silêncio do escritório da casa paroquial. Ali faz um "replay" de suas frustrações e seu desempenho da manhã.

Afinal, o que querem essas pessoas? Eu prego a Palavra de Deus — cito a Bíblia em quase todos os pontos. Por que eles não reagem? Não compreendo, Senhor, diz ele, dirigindo suas perguntas aos céus. Disseste, Senhor, que tua Palavra não retornará para ti vazia. Mas isso parece acontecem todos os domingos. Onde está a resposta?

Não é porque eu esteja desinteressado ou não tenha tentado, diz ele a si mesmo. E recorda como tem aproveitado suas férias nos últimos cinco anos para visitar algumas das igrejas mais dinâmicas do país, no afã de aprender alguns segredos dos pregadores bem sucedidos. Participa de todas as reuniões de ministros que sua agenda permite e tem reunido livros e artigos sobre pregação suficientes para encher uma pequena biblioteca.

Pastor Jones consagrou as energias de sua mocidade e o ardor de sua imaginação à tarefa de fundir e moldar mensagens para mudar o mundo ou, pelo menos, parte dele. Dedicação à obra ministerial nunca foi seu problema. No entanto, sua exaltada determinação desmancha-se em mediocridade todas as manhãs de domingo. As pessoas parecem nunca mudar. Seus sermões não adiantam muito. Ele se indaga se seu ministério realmente vale a pena.

Talvez os bons pregadores já nasceram oradores, já nasceram líderes carismáticos, conclui ele. Mas... e as promessas de Deus de multiplicar os esforços humanos?

As carências de sua igreja são tão óbvias — carências pessoais, familiares e humanas. A fé tem as respostas. Pastor Jones sabe disso. Ele aprendeu com experiência própria. Estudou história. Crê nos relatos bíblicos. As necessidades humanas mon-

tam aos céus diante dele como torres, mas às vezes as escadas teológicas parecem muito curtas.

Um ano atrás pensou seriamente em deixar o ministério. Com seu treinamento universitário poderia trabalhar no serviço social. Poderia passar mais tempo com sua família, se tivesse um número limitado de casos a tratar num período útil das 9 da manhã às 5 da tarde.

Alguns de seus antigos colegas da universidade caçoavam dele por causa do pastorado. "Qual é o sentido de passar a vida inteira dizendo às pessoas o que elas já sabem?" Dizem-lhe que seus sermões são bons conselhos. "Mas conselho é mercadoria que tem mais oferta do que procura no mundo", dizem eles.

Apesar das dúvidas, Pastor Jones decidiu em sua consciência permanecer no ministério. Ele está convencido de que Deus o chamou para a obra. E sabe que, quando o Sam Secular e os demais membros da congregação retornarem a seus empregos na manhã de segunda-feira, ele irá para seu escritório e começará a preparar o sermão do próximo domingo. E vai orar para que, de alguma forma, Deus abençoe e use seus esforços e sua pregação. Seu desalento, porém, continua.

O cenário Sam Secular vs. Pastor Jones é visto cada domingo em milhares de igrejas espalhadas pela terra. Sam e seus pares saem de seu mundo de dias úteis sobrecarregados e desgastados por problemas aparentemente insuperáveis. Saem de um mundo onde são bombardeados todas as semanas por um total estimado de 600 mensagens de propaganda de vendas veiculadas pela mídia—mensagens que conscientemente aprendem a desligar. Eles vêm com os sentidos mal acostumados pela mídia eletrônica e com as mentes pesadas pelos transtornos muito pessoais. Seu valor como pessoas, o sentido e propósito da vida, prioridades, segurança, sucesso e sobrevivência, tudo isso clama por proeminência em seus pensamentos.

Pastor Jones e uma multidão de colegas pastores pregam mais de 350 mil sermões no horário do culto de domingo. Eles observam e sofrem diante das lutas da sociedade contemporânea. Eles vêem as feridas de uma família que sofre com o divórcio. Constatam o medo dos pacientes de câncer mortal. Vêem a ansiedade de homens de meia-idade demitidos do trabalho. Notam a sufocante incerteza da juventude numa época temerosa. E anseiam poder repartir as respostas de Deus—respostas em que eles crêem.

Contudo, algo está errado. Por alguma razão, a resposta não está chegando às necessidades. Os dois, o Sam Secular e o Pastor Jones, saem frustrados.

Talvez essa frustração explique a perturbadora tendência citada numa Pesquisa Gallup de junho de 1978, nos Estados Unidos. Os pesquisadores perguntaram aos americanos: "Qual a importância da religião em sua vida?" Em 1978 somente 53 por cento das pessoas responderam "muito importante para mim". Em 1952, vinte e seis anos antes, 75 por cento disseram que a religião era "muito importante para mim". Na metade daquele período, em 1965, 70 por cento responderam que a religião era "muito importante para mim". A série de pesquisas mostra um declínio de 5 por cento sobre a primeira metade do período, mas uma queda alarmantemente acelerada de 17 por cento nos anos mais recentes.

Quais as implicações para a pregação no dia de hoje? Pode a pregação ajudar a tornar a religião "muito importante" outra vez?

Poucos, hoje em dia, questionariam a necessidade de pregação mais eficaz. Notem-se os sinais. Há sintomas de indiferença, distanciamento consciente, apatia. Examinem-se os registros de membros das igrejas para constatar os desaparecidos, os inativos. Converse com qualquer Sam Secular ou Pastor Jones. Considere sua própria experiência.

Qual a solução? Existe alguma meta não atingida que possa aliviar a frustração que envolve a pregação atualmente?

Envolvimento. Esta palavra despretensiosa é a resposta mais promissora. O envolvimento foi um alvo superimportante através da pregação de todo o século vinte. É o que o Sam Secular está procurando nos cultos dominicais regulares. É o que o pastor Jones gostaria de conseguir.

Mas como pode um ministro envolver os ouvintes em sua prédica? Existe um meio simples e certeiro?

Em décadas recentes alguns têm tentado captar a atenção e estimular o envolvimento ou engajamento pelo uso de diálogo e discussão. A igreja tem experimentado usar o drama e a dança. O conteúdo do sermão mudou; o estilo do sermão e a entrega da mensagem tornaram-se mais informais, comunicativos e diretos. Porém inovação, mudança e criatividade produziram pouca vitalidade ou impacto nos sermões de hoje. A despeito da busca da criatividade, o sonho da participação das pessoas parece ainda uma distante miragem.

Multidões afluíram em massa para ouvir uns poucos pregadores que parecem ter encontrado um meio de conseguir o envolvimento de seus ouvintes. Será que há segredos a serem aprendidos com esses polarizadores de multidões? Eles variam tão extensamente que parece não haver em suas pregações um modelo compartihado. Um minucioso exame dos poucos gigantes que alcançaram o consistente envolvimento de seus ouvintes não apresenta um formato comum. Eles certamente navegaram mais por instinto e experiência do que por preceito ou plano.

O sucesso em conseguir o envolvimento do ouvinte parece independer de treinamento. Pastores sem cursos em seminários dirigem a maior parte das igrejas em desenvolvimento, de acordo com recente pesquisa em 555 congregações em expansão, realizada nos Estados Unidos. Aparentemente, a educação não pode prometer sucesso na pregação.

Onde podemos, então, procurar uma resposta? Será que a pregação contemporânea está além da esperança do homem e da ajuda de Deus? Existe alguma base bíblica para a solução? Jesus dá um modelo que oferece esperança para nossa pregação?

Podem o pastor Jones e uma multidão de ministros com semelhante frustração encontrar esperança para uma pregação eficiente?

Há alguma resposta para essas perguntas? Há alguma solução para a falta de envolvimento — nossa principal crise na pregação atual?

Há, sim.

É uma resposta tão contemporânea como nossos problemas modernos e tão velha como as próprias Escrituras. Consideraremos essa solução em todo o restante deste livro.

2. Uma Solução Promissora

Randy, estudante de um de meus cursos de homilética, esperou para falar comigo após a aula. "Por que meus fiéis observam as vacas pastando perto da igreja enquanto eu prego?" soltou ele sentidamente. "Eu prego o melhor que sei, mas alguns sempre olham pelas janelas. Podem ver vacas em qualquer dia da semana. Por que fazem isso enquanto estou tentando manter sua atenção presa ao sermão? O que posso fazer para evitá-lo?"

Perguntei-lhe: "Por que você pensa que eles olham as vacas?" Falamos sobre sua frustração no pastorado. Perguntei-lhe como inicia seus sermões e se dá maior atenção à teologia ou às pessoas. Indaguei a respeito de suas ilustrações com exemplos humanos e estudo de casos específicos.

Após alguns minutos de conversa Randy ainda parecia desesperado. "Vou tentar qualquer coisa que me disser. Desejo realmente atrair a atenção deles e prendê-la."

Falamos sobre algumas coisas que ele poderia tentar. Randy prometeu que trabalharia duro para envolver seu povo em seus sermões dominicais. Parecia resolvido quando saiu para o fim de semana em seu pastorado de estudante.

Na semana seguinte Randy veio pulando para a aula. "Puxa, ninguém olhou para as vacas neste domingo", disse radiante. Vi que ele mal podia esperar para narrar seu fim de semana.

Perguntei: "Como você conseguiu, Randy?"

"Professor, comecei com esta frase: 'A dançarina de rock bateu à porta da casa pastoral no sábado às dez e meia da noite.'"

Sorriu maliciosamente e acrescentou: "Aquelas vacas ficaram esquecidas durante todo o sermão. Ninguém olhou para fora; ninguém olhou ao redor. Todos pareciam ter parado de respirar, esperando minha explanação. Que diferença não ter sua atenção dividida. Eles sempre foram afáveis e cordiais para comigo, mas esta é a primeira vez que os vejo tão absortos em minha pregação."

A experiência de Randy reforça o problema da pregação apresentado no capítulo anterior. Os problemas de co-participação perseguem todo pregador — jovens seminaristas excitados, como Randy, e velhos obreiros cansados, como Pastor Jones.

Como nossa pregação pode fazer com que as pessoas fiquem envolvidas?

Obviamente, nem todo pregador poderia iniciar o sermão deste domingo com a frase de abertura de Randy. Ninguém deveria tentar. Se o fizesse, como poderia igualá-la ou suplantá-la no domingo seguinte? Teria que mudar mais do que a referência à hora específica de sábado à noite!

Mas podemos encontrar os fundamentos para a resposta no episódio de Randy. Visto por partes e analisado, este incidente com meu jovem estudante revela três áreas de interesse que requerem nossa atenção, se somos sinceros em nossa busca por envolvimento na pregação.

Essas três áreas não são nada novas. Há mais de 2.300 anos Aristóteles dividiu seu plano de comunicação em três partes ou provas: ética—a parte do falante; emocional—a do ouvinte; e lógica—o papel da fala ou da mensagem. Isso é homilética básica, e qualquer estratégia nova para conseguir a participação do ouvinte deve incluir todos esses três aspectos da comunicação. Assim, passemos a examinar as implicações para uma pregação mais eficaz.

O Orador ou Pregador

Qualquer esperança de envolvimento precisa começar pela atitude do pregador. Ele deve desejar o envolvimento. Mas esse desejo precisa surgir diretamente do cuidado que sente pelas pessoas. Ninguém se importa com quanto sabemos até que saiba o quanto nós nos importamos.

No começo do meu ministério conheci um pastor rural que foi se tornando cada vez mais desanimado pela falta de interesse de seus congregados. Tão frustrado ficou que num domingo chamou sua congregação composta de fazendeiros americano-holandeses de "um bando de holandeses cabeça-chata", atirou-se em direção à porta lateral da igreja, e caminhou a passos largos até à casa paroquial para se acalmar. Ele certamente demonstrou-lhes seu cuidado; mas a expressão daquele frustrante cuidado acabou com qualquer esperança de um eficiente ministério dele naquela paróquia.

Pastor Jones e Randy são melhores exemplos para nós. Eles sentiram um pouco das mesmas frustrações. Mas a compaixão e preocupação do Pastor Jones por sua gente evitou que ele os condenasse numa oração de encerramento do culto. O interesse de Randy por seu rebanho ajudou-o a refrear o impulso de fuzilar aquelas vacas, e levou-o a procurar qualquer ajuda que pudesse conseguir junto a seu professor de homilética. Diferentemente do ministro que se irritou com sua congregação, eles se mostraram dispostos a aceitar um pouco da responsabilidade acerca do problema do envolvimento da congregação.

Esta é a nascente de qualquer esperança para a ação participativa dos ouvintes em nossas pregações. O ministério começa na mente e no coração do ministro. Paulo expôs parte deste requisito quando disse: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele... assumindo a forma de servo... tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz" (Fp 2.5-8).

Jesus acrescentou outras diretrizes para o ministério ao declarar: "Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto... Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos... Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á (Jo 12.24; Mt 20.28; Mc 8.35).

Como isto influencia a pregação para envolvimento?

Significa que se desejamos o envolvimento, devemos procurar envolver-nos. O coração do verdadeiro pastor cuidará de se identificar com as pessoas, do mesmo modo que o Bom Pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas.

Ministério exige sacrifício, e sacrifício é risco.

Uma pregação eficiente pode significar assumir o risco da experimentação. Assim como Randy, talvez precisemos perguntar: "Como posso ser mais eficiente? O que posso mudar em meus sermões para conseguir a participação de meus ouvintes?" Tal mudança é arriscada.

Mas um ministério significativo requer mais do que arriscar nossos sermões. Pode significar riscos para nós mesmos. Significa colocar-nos no banco da igreja com nosso povo, admitindo nossa condição humana a nós mesmos e a eles, e pregar com a convicção de que todos somos "cooperadores de Deus".

Esse risco pessoal é o preço do envolvimento; o pregador torna-se vulnerável. O amor e o ministério cobram esse preço.

Conforto, complacência e indiferença não identificam o pregador envolvido. Ele deve dizer como o Mestre: "Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade" (Jo 18.37).

Contudo, embora a esperança de envolvimento em nossa pregação tenha de partir da atitude da mente e do coração do pregador, ela não pode parar por aí. Essas atitudes de quem serve devem se refletir em seu caráter.

Ao discutirmos a eficácia da pregação, costumamos aceitar o bom caráter do pregador como um componente dado. Mas não podemos correr o risco de dar pouca importância a isso.

Demóstenes coloca a atração pessoal do orador acima de todas as outras provas; o bom orador é o bom homem que fala bem. O etos ou o apelo do orador como pessoa, combina com outras qualificações expostas no ensino de Aristóteles; ele realça a importância da inteligência, do caráter e da cordialidade do orador.

Tanto a Bíblia como a tradição cristã ampliam o papel do orador, acentuando sua integridade, sinceridade e atitudes desejáveis, ao lado de seu comportamento e moralidade pessoal. Praticar o que pregamos envolve muito mais do que meramente ensaiar nosso sermão.

O pensamento cristão através dos séculos tem procurado penetrar o sentido do que é ser um bom homem. As atitudes do ministro, seus relacionamentos, crenças e conduta devem dar suporte a suas palavras. Nenhum assunto é mais mencionado nas aulas em Yale (Estados Unidos) sobre pregação do que o caráter pessoal do pregador.

Muitos de nossos ouvintes hoje anseiam por um pregador que capta, cuida e cresce, um que se relaciona com as pessoas. A maioria das congregações prefere ver um sermão do que ouvir um, em qualquer dia da semana.

Se queremos envolvimento em nossa pregação, faremos bem em lembrar o quarto princípio da comunicação de Kierkegaard: "Somente quem é transformado pelo Cristianismo pode ensinar o Cristianismo."[1]

---

1 Os princípios de comunicação de Soren Kierkegaard podem ser assim resumidos: (1) O comunicador deve esforçar-se por descobrir o nível do discípulo e começar nesse ponto. (2) As personalidades do mestre e aprendiz devem ser mantidas distintas. (3) A forma de comunicação deve ser artística e dar oportunidade de envolvimento e atividade própria por parte do aprendiz. (4) O mestre deve ser o que ele ensina.

Em Review of Religious Research (setembro de 1980), o pastor luterano William O. Avery e o professor A. Roger Gobbel, de Gettysburg, Pennsylvania¸ referem-se a dois levantamentos sobre atitudes dos ouvintes entre luteranos das congregações do centro-sul da Pennsylvania.

No artigo "The Words of God and the Words of the Preacher" (As Palavras de Deus e as Palavras do Pregador) disseram: "A credibilidade do emissor... depende do relacionamento entre o emissor e o receptor." Quase 83 por cento dos pesquisados consideram que cordialidade, amizade e bondade no sermão do ministro são tão ou mais importantes do que a erudição teológica ou a solidez intelectual.

"Os leigos não exigem perfeição máxima de seu clero, mas, sim, uma comprovada consistência entre palavras e atos. (...) São sensíveis às relações que têm com o pastor, como também são por elas influenciados.

"Quando percebem bondade e compreensão em seu ministro, e que ele demonstra preocupação com eles, manifestando cordialidade, sinceridade e empatia, passam a considerar com seriedade as interpretações do evangelho que possam estar em discordância com sua própria compreensão. Quando esse relacionamento é positivo, os leigos estão mais propensos a afirmar... que a Palavra de Deus foi falada...."

Essa pesquisa confirma a Escritura Bíblica e a experiência. O envolvimento tem de começar pela atitude do pregador—uma atitude enraizada na mente e no coração, e evidenciada em seu caráter, vida e pregação.

Mas a atitude apropriada não é o bastante para garantir o envolvimento em nossa pregação. O pregador é somente uma parte do processo de comunicação.

O Auditório

O envolvimento que se inicia com o orador só pode evoluir com uma compreensão do auditório a quem se fala. As pessoas são a única razão para a pregação. Há livros demais sobre pregação e sermões que parecem ter perdido esse enfoque. A homilética tem muitas vezes se esquecido do auditório—segunda preocupação de Aristóteles—como se uma mesma mensagem pudesse e devesse adequar-se a todos os ouvintes, em todas as condições e em todas as situações.

A ciência da pesquisa de mercado transformou a propaganda, as vendas e as indústrias de comunicação de nosso tempo. Se realmente desejamos uma pregação efetiva, talvez devêssemos ouvir um pouco mais o que os pesquisadores têm a dizer sobre demografia, psicografia e necessidades existentes.

Se vamos ter que compreender as pessoas a fim de envolvê-las, há algumas perguntas relevantes que devemos fazer. Quem são esses "presentes no corpo" nos cultos de domingo — esses Sams Seculares, esses contempladores de vacas? O que os preocupa? O que os incentiva a terem uma resposta? Como eles aprendem? Temos de perguntar e responder a todas essas perguntas.

Quem são essas pessoas? Nos dias de hoje não são só os filósofos que não podem pôr os pés duas vezes no mesmo rio. Trabalhar em muitos pastorados suburbanos é como pregar a uma procissão. Os rostos vêm e se vão rapidamente, como as águas dos rios que nunca são as mesmas. Mesmo os que ficam pertencem a indivíduos que são moldados e mudados a cada semana por suas experiências, enquanto vão sendo arrastados pela poderosa corrente da sociedade contemporânea.

Quem são eles? São o mosaico de muitos fatores interativos; mas são, antes de tudo, criaturas de nossa cultura.

Considere essa cultura por alguns instantes. É uma cultura em que cerca de metade dos casamentos termina em divórcio.

É uma cultura em que mais de dois milhões de americanos vivem juntos como casais sem a bênção dos ritos — matrimoniais. Em que adolescentes ganham e gastam bilhões de dólares por ano. Em que mais pessoas ganham mais dinheiro e têm mais tempo para lazer do que jamais em qualquer outra época da história do mundo. Em que 60 por cento das mulheres trabalham fora do lar. Em que o transporte nos levou à lua e mais além. É uma cultura em que meio milhão de americanos são sacrificados como resgate em prol da revolução automotiva a cada década. Em que a televisão invade as salas de estar para tomar quarenta e oito horas de cada semana da família média americana. Em que o desemprego lentamente devora as economias e a auto-estima de milhões a cada ano. Em que milhões dependem da assistência social. Em que os maiores atletas recebem milhões de dólares por ano. Em que temos mais policiais do que nunca, e, no entanto, nossos lares e nossas vidas são constantemente ameaçados por crimes violentos. Em que um terço do dinheiro gasto com alimentos entopem as — máquinas registradoras das cadeias de lanches rápidos.

Entre as incontáveis características de nossa cultura há muitas características que exercem significativo papel na moldagem de nossos ouvintes dominicais. Trataremos somente de quatro exemplos.

Primeiro, nossa cultura é inegavelmente secular. Devido em grande parte à revolução da comunicação em massa da geração passada, os membros da igreja de hoje cresceram cada vez mais secularizados. Todas as noites após o jantar eles se põem diante do aparelho de tevê para ver, sentir, aceitar e experimentar as mesmas cenas, emoções, valores e experiências de milhões de americanos sem igreja.

Os que hoje vão à igreja absorvem o meio ambiente e, por outro lado, são por ele absorvidos.

A secularização de nossa cultura e de nossas congregações é enfatizada mais ainda por uma segunda característica de nos-

sa cultura—o egocentrismo. Quantas pessoas passam a vida acumulando poder e dinheiro. Quantas derrubam seus celeiros (e casas e famílias) para construir outros maiores, na louca corrida por lucro e prazer.

O hedonismo floresce. Segurança e sucesso são elogiáveis metas de vida para milhões.

O materialismo prolifera. A boa vida é medida em termos de coisas. Valores morais e espirituais, relações, lealdades e simples alegrias cedem lugar ao dinheiro e à influência. Família, lar e vida comunitária foram sacrificados no altar da deusa Produção. Contudo, os pontos ganhos na balança da felicidade caem, a despeito do crescimento do Produto Nacional Bruto.

Parte do nosso egocentrismo é provavelmente um mecanismo natural de autodefesa que nos habilita a lidar num mundo impessoal. Os indivíduos usam as garras para sobreviver em nossa era computadorizada. Milhões de pessoas solitárias se retraem para dentro de si procurando abrigar-se de um mundo em que se sentem alienadas, indefesas, amedrontadas e sós. No entanto, os olhares vagos em nossas ruas falam uma estranha linguagem àqueles mais velhos que se recordam do tempo em que as pessoas não eram tão envoltas em suas próprias preocupações e temores que não pudessem arriscar um "ôi".

Talvez a terceira e mais opressiva característica de nossa cultura seja a mudança. Mudança parece ser, às vezes, a única coisa constante em nosso mundo. Não precisamos ler os estudiosos de nossa cultura, como Toffler e Sagan, para perceber isso. A experiência é prova suficiente.

Eu vi a mudança cultural com mais clareza quando levei minha velha mãe de oitenta anos pela primeira vez ao K-Mart (loja de departamentos). Ela ficou maravilhada diante da incrível variedade e tamanho da loja. Sua surpresa me impressionou. Então me lembrei: ela cresceu, casou-se e viveu oito décadas de sua vida dentro de um perímetro de um quilômetro

e meio da fazenda onde nasceu, numa casa de madeira construída por seu pai, um pioneiro. Ela lia revistas e livros, dava um giro de vez em quando pelas estradas da região de Michigan com seu marido e família, deu aulas na classe bíblica das senhoras durante um terço de século, e criou quatro filhos sem jamais levantar sua voz. Mas esse seu estável mundo familiar era da época anterior ao K-Mart.

Contrasto a vida de minha mãe com a minha própria ou a de minha família. Recentemente, meu filho, sua esposa e o nenê viajaram ao Texas para uma convenção de negócios. No dia do encerramento da convenção tomaram o café da manhã em San Antonio, pegaram o avião, lancharam com os parentes da esposa em Atlanta, na Georgia, numa escala de duas horas, e chegaram a sua casa nos arredores de Chicago em tempo para o jantar.

A diferença entre ontem e hoje deixa-nos estupefatos. O velho ditado "Ninguém sabe o que nos trará o amanhã" nunca foi tão verdadeiro ou mais inquietante. Isso é mais do que uma queixa —"O futuro não é o que costumava ser." O Centro de Computação Huntsville afirma que o fundo de informações que compõem o conhecimento humano se dobra na média de uma vez a cada dois anos desde 1960. Atualmente, dobra a cada seis meses.

Ninguém sabe exatamente como essa taxa de mudança veloz afeta o indivíduo. Mas afeta. O choque futuro é mais do que uma teoria.

A quarta característica de nossa cultura que pressiona fortemente cada um de nós é, em parte, resultado das três anteriores: confusão. Os paradoxos nos subjugam. Examinemos esta amostragem de inconsistências culturais:

Riqueza e renda incomparáveis, mas crescente insegurança e pobreza;

Amplas informações sobre a vida e o sexo, mas aumento da gravidez entre adolescentes;

Liberdade e autonomia pessoal nunca vistas, mas redobrado clamor por direitos humanos;

Mais computadores e menos compaixão;

Mais benefícios federais e menos preocupação pelos indivíduos como seres humanos;

Inigualável mobilidade e potencial em transportes, mas falta de distribuição aos pobres do Terceiro Mundo;

Centenas de livros novos todos os dias, mas declínio em habilidades de leitura;

Um novo livro sobre Shakespeare a cada doze minutos, mas um aumento em sexo, violência e — novelas na televisão;

Membros da igreja podem fazer viagens internacionais toda semana, mas a preocupação com as necessidades do mundo não cresce;

Mísseis e outras armas sofisticadas proliferam, mas a insegurança internacional aumenta;

A qualidade e a capacidade na produção de alimentos avançam, mas os americanos pouco se interessam, de modo que somente um quarto de um por cento do seu PIB se destina a mitigar a fome no mundo;

O conforto e as conveniências coroam nossas realizações, entretanto as pesquisas mostram que a maioria está descontente e infeliz com seus empregos;

De 1920 a 1980 o número de milionários nos Estados Unidos cresceu de vinte e quatro para milhares, porém o desemprego aumentou de um milhão para oito a dez milhões.

Naturalmente a lista poderia estender-se, mas o que temos aqui é suficiente para nos lembrar quão perturbadora e perturbada é a nossa cultura secularizada, egocêntrica, mutável, con-

fusa (e outros adjetivos mais). Reconhecer isto é compreender em parte quem são os nossos ouvintes.

O que os preocupa? A resposta a esta pergunta é na verdade uma extensão da primeira. Sem entrar em muito detalhe (mas esperando não ser muito simplista), penso poder dizer que o que preocupa nossos ouvintes é tudo quanto os faz como eles são. Isso quer dizer suas experiências, suas lutas, as influências culturais que os afetam e os envolvem diretamente. Os pesquisadores de mercado chamam a essas preocupações de necessidades sentidas.

Por exemplo, a secularização de nossa cultura fez aumentar a necessidade que muitas pessoas sentem de sentido espiritual. As pessoas egocêntricas sentem freqüentemente a necessidade de algo maior a que possam se dedicar. A estabilidade torna-se uma necessidade que se sente num mundo em transformação. A ordem e a razão tornam-se necessárias num mundo de caos e questionamentos.

Em termos mais concretos, uma pessoa solitária necessita de companheirismo. Uma vítima de insegurança sente a necessidade de encorajamento.

O que preocupa nossos ouvintes depende de quem eles são. Alguns problemas são praticamente universais; outros são mais individuais. Mas, em via de regra, nossos contemporâneos estão muito interessados em respostas a suas necessidades — respostas razoáveis, relevantes, práticas, concretas e sensatas. Do lado inverso, não se interessam pelo abstrato, obtuso, obscuro, irrelevante ou teórico.

Como aprendem? Eles — nós — todos aprendemos da mesma forma. Aprendemos primeiro por nossa própria experiência e a de outros que nos servem de modelo. Comparamos. Contrastamos. Catalogamos em nosso banco de dados, a memória. Todas as coisas são filtradas por nossa própria peneira individualizada. Colocamos na prateleira, empilhamos e arquivamos tudo o que nos chega à memória.

Aprendemos por meio de amostras, aos pedaços e em quantidades pequenas. O aprendizado linear é consideravelmente desperdiçado. Ouvimos de manhã o noticiário resumido, passamos os olhos nas manchetes, lemos os resumos da noite anterior, verificamos o expediente com a secretária e o computador, comparamos os dados das tabelas, ouvimos o que o chefe diz a outros, almoçamos com os colegas, assistimos a um noticiário vespertino de trinta minutos, tirando dez para as propagandas. Aprendemos por computadores, condensações, resumos, com especialistas, equipes, listas de detalhes sobre assuntos diversos, numerosas informações não relacionadas.

Também aprendemos por meio de relacionamentos. Relacionamo-nos com especialistas, consultores, com os sábios, os poderosos, os habilidosos, os astutos, os produtos anunciados, o que é disponível, o que é vantajoso.

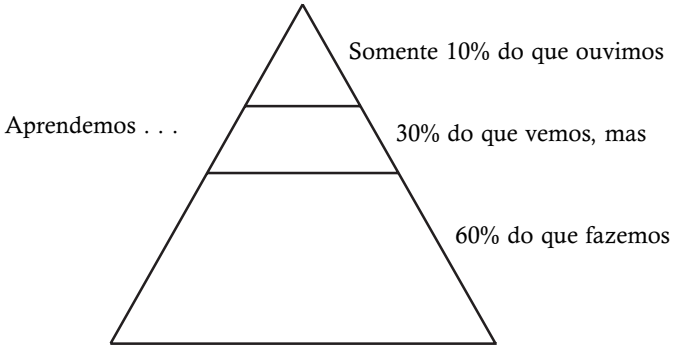
Na realidade, todos nós aprendemos por meio de uma variedade de processos:

1. Aprendemos ouvindo..... isto envolve proclamação.
2. Aprendemos discutindo..... isto envolve conversação.
3. Aprendemos olhando..... isto envolve observação.
4. Aprendemos inventando..... isto envolve experimentação.
5. Aprendemos pensando..... isto envolve cogitação.
6. Aprendemos lembrando..... isto envolve reflexão.
7. Aprendemos associando..... isto envolve imaginação.
8. Aprendemos modelando..... isto envolve imitação.
9. Aprendemos por nos afeiçoar..... isto envolve relação.
10. Aprendemos escolhendo..... isto envolve decisão.
11. Aprendemos procurando..... isto envolve exploração.
12. Aprendemos lendo e orando..... isto envolve revelação.

As contínuas pesquisas de psicólogos e educadores continuam a esclarecer-nos o aprendizado humano. Alguns desses

pesquisadores concluíram que os humanos aprendem somente por participação, por envolvimento. Eles insistem que ninguém aprende unicamente por comunicação verbal; o que é ensinado deve fixar-se à nossa realidade pela experiência.

Cursos de treinamento para professores usaram durante anos uma pirâmide para mostrar o valor da experiência e envolvimento humanos no processo educacional:



Numa descrição mais complexa e abrangente da teoria da aprendizagem, a Dr.ª Bernice McCarthy, num livro inovador, The 4-MAT SYSTEM (Oakbrook, Illinois, Excel, 1980), examina oito caminhos para aprender. Após debater pontos de vista de psicólogos e educadores, ela resume o trabalho de dezoito pesquisadores, e conclui que a audição atua como ingrediente dominante em somente um dos estilos de aprendizagem; o ideal é que sejamos treinados para reagir a todos os estilos, não apenas ao verbal.

Ela diz que 70 por cento dos estudantes não são aprendizes analíticos—o tipo bem sucedido em nosso sistema escolar e que sempre se sente bem consigo mesmo. De cada dez estudantes juniores do curso secundário, ela encontra oito ou nove incapazes de lidar com o raciocínio formal. Seis dentre dez alunos secundários preferem a experiência concreta ao pensamento abstrato.

McCarthy diz que a educação tradicional foca o desenvolvimento verbal e negligencia o não-verbal. Ela conclui que a antiga falsa dicotomia entre esses dois métodos deve ser corrigida. O ensino deve tornar-se tanto tradicional como humanista, tanto intelectual como intuitivo, tanto centrado no conteúdo como no aluno, voltado tanto para a mente como para o coração.

O Dr. Roger Sperry, ganhador do Prêmio Nobel de 1980 por sua pesquisa sobre o cérebro, diz: "Nosso sistema educacional, bem como a ciência em geral, tende a negligenciar a forma não-verbal do intelecto [cérebro direito]. Acaba na questão que a sociedade moderna discrimina o hemisfério direito [visual]" (The Psychophysiology of Thinking, McGuigan and Schoonover, editores, Nova York: Academic Press, 1973).

Hoje nossa pregação muitas vezes considera somente o processo auditivo, raras vezes explorando outras avenidas que levam ao cérebro do ouvinte. Este livro não pretende ser um argumento em favor de reduzir ou eliminar a proclamação da Palavra inconteste e clara de Deus, mas sim um estímulo para que se incluam oportunidades de aprendizagem adicionais que possam ampliar o impacto de nossa pregação aumentando o envolvimento de nossos ouvintes. Quer toda aprendizagem humana ou só a maior parte dela requeira a participação do aprendiz, está lançado o desafio à nossa pregação. Se queremos promover um maior impacto em nossas congregações, devemos fazer com que se envolvam em nossos sermões.

A incrível mente humana pode ser usada e envolvida. Pouco importa se as células de nosso cérebro sejam meros dez bilhões num cérebro normal, ou, como alguns pesquisadores afirmam, dez vezes mais, uns cem bilhões em duas mancheias da consistência de creme grosso alojadas na sólida caixa de nosso crânio. De cem mil a um milhão de diferentes elementos químicos reagem sobre esses neurônios para estabelecer um número ilimitado de interconexões e padrões mentais. Utilizando o menor de seus cálculos, os psicólogos admitem que essas pos-

síveis variações no cérebro mediano seriam superiores a 10 com mais 801 zeros.

O número de átomos (uma das menores unidades que conhecemos) no universo que se conhece (a coisa maior que conhecemos) equivale somente a 10 mais 34 zeros, de acordo com os cientistas. A capacidade do cérebro de cada um dos membros de nossas congregações supera as unidades atômicas de nosso universo!

Também isto deve ser um desafio à nossa pregação. O que estamos fazendo em nossos sermões para tornar possível a utilização desse insondável potencial?

Mas há outra implicação da pesquisa da aprendizagem que pode lançar uma fascinante luz nova sobre a vida de nossa igreja no que respeita à nossa pregação. Durante décadas temos tido conhecimento das aptidões da mulher na prática verbal, evidenciadas na facilidade que ela tem de se expressar quase sem gaguejos ou outros percalços da fala que afetam os homens. Sabemos que as mulheres têm aptidão para dizer, e os homens têm aptidão para demonstrar como. Os homens ensinam fazendo; as mulheres ensinam dizendo.

Mas agora um volume crescente de pesquisas modernas está apresentando justificativas sobre o caso de haver diferenças sexuais no funcionamento do cérebro, o que levanta algumas dúvidas intrigantes e perturbadoras.

Será que um enfoque quase exclusivo na mensagem proclamatória tem alguma relação com a preponderância de mulheres na assistência das igrejas? Nossa prática de pregação sem envolver os ouvintes estaria perpetuando uma forma institucional de focalização feminina? Discriminamos, assim, os homens, acrescentando outra barreira à sua vocação cristã?

Talvez a chave para o envolvimento na pregação contenha um sentido especial que permita alcançar os homens e trazê-los para o Reino.

Certamente, não podemos esperar envolver ou compreender nossos ouvintes, se não soubermos como eles aprendem, do mesmo modo que não podemos compreendê-los sem que saibamos quem são, o que os preocupa e o que os leva a responder.

Esse conhecimento, porém, assim como a atitude correta do mensageiro, não é o bastante para garantir envolvimento em nossa pregação. A atitude do pregador tem de ser refletida por— e todo o nosso conhecimento do auditório tem de estar incluído em—o terceiro fator da comunicação de Aristóteles.

A Mensagem

Através dos séculos pregadores e professores de pregadores têm concentrado a maior parte de seu pensamento e seu esforço neste último segmento do processo da comunicação. A homilética vem enfocando e às vezes produzindo muito palavrório sobre o conteúdo, a organização e a lógica do sermão em si. Entretanto, apesar de toda a atenção dada à mensagem, poucos têm ousado fazer experimentos com a estrutura básica do sermão. Essa estrutura básica é dedutiva.

Na maioria dos sermões dedutivos, pronunciamos nosso ponto principal logo na abertura, declarando onde queremos chegar. Numerosos ouvintes, especialmente os céticos a respeito de nossa mensagem, podem interpretar nossas primeiras palavras desta forma: "Esta é a minha conclusão, irmãos; e durante o sermão provarei que estou certo."

Este modo de iniciar o sermão, quer queiramos ou não, certamente não gera uma reação cooperativa ou participativa do grupo. A expectativa de envolvimento diminui ou quase desaparece quando a tese parece distante, "egocentrada", defensiva ou irrelevante aos nossos ouvintes.

Tem havido lampejos de esperança em alguns sermões através da história da pregação. Um vislumbre de vida na in-

troduçãouma dançarina de rock, um exemplo, narração, analogia ou estudo de um caso—que ocasionalmente acende a luz da entrada para a estrutura dedutiva de nossos sermões. Mas com muita freqüência, a tese do pregador na introdução é uma bofetada na face da congregação, e o duelo entre ele e o povo se desenrola durante todo o sermão.

A princípio, isso pode parecer exagero. Tenhamos em conta, porém, o quanto a dedução lança por terra o que dissemos sobre a necessidade de compreender nossos ouvintes. No mercado eles vêem, trabalham e lutam com os fatos; em família eles sentem os fatos; aprendem primariamente pela experiência e pelo relacionamento, à medida que são fustigados em cada lugar pelos problemas e a realidade da vida.

Nossa pregação dedutiva e proposicional, por outro lado, geralmente tenta levá-los para longe de seu cenário do dia-a-dia, numa viagem que é mais provável ser uma experiência solo do que uma expedição em grupo. Às vezes a descoberta está completada, a exploração concluída, quando o pastor datilografa seus apontamentos no sábado à note. Quando fecha a porta de seu escritório a caminho do púlpito, ele pode estar bloqueando toda a chance para uma aventura mútua. E quando inicia seu discurso dedutivo, é como se estivesse dizendo: "Este é o meu decreto. Meu 'faça-se' está definido. O processo está finalizado. Aqui está minha palavra. Esqueçam meu complexo de Jeová!"

Antes de nos desvencilharmos disso como se fosse um grosseiro exagero, talvez devêssemos fazer-nos algumas perguntas honestas. Será que nossa velha prática do método dedutivo pode ser parte de nossa atual dificuldade de conseguir envolvimento em nossa pregação? Poderia a dedução estar contribuindo para reforçar o sentimento que muitas pessoas leigas têm de que os sermões perpassam como zumbidos um grau acima da realidade, distantes da vida real? Será que repensar a estrutura de nosso sermão pode fornecer qualquer ajuda ou esperança?

Será que existe alguma outra estrutura que, por sua própria natureza, pode refletir a atitude do pregador como atencioso servo ministrador, e afirmar às pessoas que somos todos "cooperadores uns com os outros"? Há alguma abordagem aos sermões que possa falar à experiência cultural, às necessidades emocionais e às preocupações da vida real, enquanto aproveitando ao máximo os hábitos de aprendizagem de nossos ouvintes e utiliza mais o potencial da incrível mente humana?

A pregação indutiva pode fazer essas coisas. Se assim é, por que não temos usado em nossos sermões o potencial da estrutura e lógica indutiva?

A indução começa com os pormenores da experiência de vida e aponta em direção a princípios, conceitos, conclusões. O processo indutivo pode emergir das necessidades do ouvinte em vez da incerteza do pregador. O pregador procura guiar, em lugar de empurrar. Ele investiga com os ouvintes antes de explicar o que eles encontram. A pregação indutiva é uma busca por descoberta. Pode desarmar, predispor, interessar e envolver as pessoas na investigação, valorizando e aproveitando o processo psicológico da aprendizagem pela experiência.

A pregação indutiva não pode prometer ser um substituto total aos nossos sermões atuais; ela pode melhor servir como um suplemento para as energias e as aptidões existentes. Mas uma infusão de indução pode prometer conquistar a atenção e envolver nossos ouvintes num processo natural, normal e útil. Assim fazendo, a indução pode prometer transformar nossa pregação matinal dos domingos, de um esporte a que se assiste, em um período participativo de crescimento, discernimento e cooperação. A indução pode evitar que os pregadores deixem o grupo de turistas no terminal de passageiros, enquanto carregam um ou dois santos para um vôo das 11 da manhã "às praias celestiais e às regiões além". A mensagem não se destina a dois ou três, mas a toda a congregação reunida.

Mas a indução pode fazer isso sem destruir o próprio fundamento da pregação? A indução requer que joguemos fora todas as coisas que de longa data conhecemos e fazemos em nossa pregação? Pode a pregação indutiva manter a autoridade bíblica? Por onde começar se decidirmos incorporar indução nos sermões? Existe algum auxílio prático para a preparação ou exposição de sermões indutivos? É a indução realmente uma resposta ao problema do envolvimento na pregação de hoje?

Trataremos destas e de outras questões ao continuarmos nossa pesquisa visando encontrar a chave do envolvimento na pregação.

3. Velhos Talentos e Nova Esperança

Ao término de um seminário sobre pregação, um dos participantes, oficial do Exército da Salvação, veio conversar comigo. Disse-me que durante nove anos havia dirigido cultos ao longo da famosa calçada de madeira de Atlantic City, Nova Jersey. "Mas nunca antes ouvira falar de 'pregação indutiva'. 'Seqüência indutiva' e 'estrutura indutiva' são termos totalmente novos para mim", acrescentou. "Mas digo-lhe uma coisa: eu nunca teria conseguido que alguém parasse para me ouvir, se eu não tivesse usado esse método que você descreveu como 'pregação indutiva'!".

Já é bastante difícil obter o envolvimento de faces amigas sentadas nos bancos aos domingos quando competimos apenas com vacas pastando na proximidade ou reflexões sobre as preocupações de cada dia. Como você faria se tivesse que parar pessoas indiferentes ou até hostis numa calçada movimentada e conduzi-las até sua igreja antes mesmo que houvesse a oportunidade de pregar para elas? Como você faria para que sua mensagem cruzasse a massa de ouvintes marchando em procissão contínua, e os levasse até o local de culto? Como você enfrentaria o desafio de ganhar ou perder seu auditório inteiro a cada trinta segundos?

Esta era a tarefa que aquele oficial do Exército da Salvação enfrentava constantemente com sua pregação. E ele atribuiu qualquer sucesso que tenha tido à pregação indutiva — um método que ele descobriu por acaso e adaptou pela experiência prática no exercício do seu ministério.

Por que a teoria homilética tradicional obriga tantos pregadores cansados e desalentados a vagar por uma tão vasta região improdutiva, para só ocasionalmente descobrirem por acidente a indução, por experimentação ou por erro? Por que os poucos que se tornam pregadores eficientes em geral descobrem a indução depois de sofrerem a frustração e a deficiência da homilética dedutiva?

Alguns evangelistas, com sua série de histórias e vívidas cenas de vida ou morte, estudos de casos etc., foram inconscientemente pioneiros em uma área de indução. D. L. Moody, por exemplo, colecionou histórias ao acaso sobre um tema para dirigir sua mensagem simples e básica às pessoas comuns. Ele sentiu que havia grande necessidade de pregar àqueles que nada sabiam da Palavra de Deus e que pouco se interessavam por ela. Por isso reuniu experiências e histórias do dia-a-dia colocando-as em envelopes em ordens variadas, à medida que pregava de cidade em cidade em suas campanhas evangelísticas. Ele atingia os não-iniciados pela estratégia de começar com as experiências da vida e levá-los a conclusões objetivas.

Os teólogos liberais com seus sermões resolução de problemas em meados deste século percorreram outro caminho de ênfase indutiva. Eles combinaram ingredientes bíblicos e não-bíblicos na tentativa de vir de encontro à necessidade humana. Algumas vezes as assertivas eram proteladas ou totalmente omitidas. O sentido incerto de conclusões-tentativas terminavam alguns sermões sem a impositiva declaração "Assim diz o Senhor".

Muitos pregadores fundamentalistas fizeram um tímido esforço em favor da pregação indutiva ao separarem os sermões em duas metades. A primeira metade tratava do "lá naquele tempo", e a segunda metade saltava para o "aqui e agora". Infelizmente os ouvintes muitas vezes podiam dizer: "E jamais os dois hão de se encontrar."

Eficientes pregadores de origens teológicas de todas as matizes revelaram algumas técnicas indutivas. Iremos tratar, no Apêndice 3, dos ingredientes indutivos nos sermões de muitos dentre os maiores pregadores da história. No entanto, apesar dos diletantes, dos exploradores por tentativa-e-erro e de outros que descobriram sem querer a eficácia da indução, a homilética tradicional continua a desprezar o poder e o potencial da pregação indutiva. Temos adotado alguns indícios da indução sem reconhecermos ou utilizarmos o pleno potencial do método. Por quê?

Os filósofos definiram somente duas estruturas básicas — a indutiva e a dedutiva — para todos os modelos do pensamento humano. Por que a pregação tem se concentrado numa e descartado a outra? Esperamos que nossos ouvintes desliguem a metade do seu cérebro em dado horário do domingo? Não podemos tirar proveito da capacidade dada por Deus a nossos ouvintes para que eles pensem por si mesmos, cheguem a conclusões por si mesmos — a fim de podermos usar essa capacidade para envolvê-los na mensagem que desejamos comunicar? Por que não o fazemos?

Talvez a maior razão de ter a pregação negligenciado a efetividade da indução é que a maioria dos pregadores não a compreende. Uns poucos nem mesmo sabem o que é isso.

Pesquisando este livro durante um ano sabático recente, visitei um número razoável de bibliotecas de cursos de teologia. Seguidamente, quando explicava meu intento, recebia olhares de incompreensão dos bibliotecários. "Pregação indutiva?" Nunca tinham ouvido falar nisso. Quanto mais eu procurava esse material, menos surpreso ficava diante da resposta desses pesquisadores profissionais. Numa das oportunidades, uma busca entre um milhão e meio de títulos no computador de uma associação de bibliotecas resultou em apenas uma dissertação sobre o assunto.

Contudo, mais surpreendente para mim do que a carência de literatura sobre indução foi a resposta dos professores de homilética de um seminário que visitei e contatei. Algumas das respostas que obtive eram tão incertas quanto as que encontrei entre os funcionários das bibliotecas. A maioria mostrou-se interessada na idéia da pregação indutiva, mas ficou claro durante nossa conversa que poucos tinham pensado muito sobre indução.

Não surpreende, portanto, que, em sua maioria, os pregadores não praticam nem compreendem a pregação indutiva. Não há conexão estabelecida entre o método indutivo e a pregação na maioria dos treinamentos em seminários ou nos textos homiléticos. Assim, a indução é vista como algo suspeito, complicado e abstrato, nada relacionado com a alta vocação de dirigir a palavra a uma congregação numa manhã de domingo.

É um grande e trágico mal-entendido. Grande porque a força da pregação indutiva está no fato de ela ser prática, não teórica. E trágico porque o resultado da prática indutiva é aquele mesmo das muitas-vezes inatingidas metas de todos os pregadores em seus sermões—o envolvimento do ouvinte.

Continuo voltando à palavra envolvimento porque ela é a chave da explanação e compreensão da pregação indutiva. Ela deu-me a melhor resposta a todos os olhares estupefatos dos bibliotecários teológicos. "A pregação indutiva é o meio de fazer com que os ouvintes sejam envolvidos no sermão", dizia eu.

Essa afirmação simplista foi comumente acolhida por meio de um aceno positivo da cabeça ou um sorriso, e também por observações como: "Ora, é uma meta que vale a pena", ou "Meu ministro certamente poderá tirar proveito disso" A necessidade de envolvimento é algo que todos podemos entender e apreciar.

Mas como exatamente se consegue esse envolvimento? Como o processo indutivo é aplicado aos sermões para garantir o envolvimento? O que é pregação indutiva?

Talvez o primeiro passo para se entender a pregação indutiva seja considerar uma amostragem de ingredientes comuns. Mesmo para quem a pregação indutiva é uma expressão nova e estranha, alguns desses ingredientes devem ser supreendentemente familiares.

Narrativa

Conheci um pregador extravagante que saltou sobre o púlpito, sentou-se e conduziu-o como se fosse um camelo, num percurso de 1.300 km, para encontrar uma noiva para Isaque. Ele arremeteu contra as dunas do deserto, corcoveando para cima e para baixo, imitando Eliézer, o servo de Abraão, à procura de Rebeca. Outros já se puseram de pé sobre o veludo das cadeiras do púlpito para mostrar o quanto o gigante Golias ultrapassava em altura o jovem Davi.

Mas as narrativas não precisam ser assim tão dramáticas para prender o interesse do ouvinte. Atitude teatral exagerada pode causar memoráveis impressões, mas uma história de formato imaginativo e realístico não requer fogos de artifício e melodrama para conquistar uma atenção satisfeita.

Todo mundo aprecia uma história. E através dos séculos os bons narradores geralmente pregaram para assistências de números acima da média. A narrativa convida ao envolvimento. Ela prende o interesse e adia a frase-clímax até que o orador e o ouvinte cheguem juntos à conclusão. Assim, uma história pode indutivamente levar o ouvinte em direção a uma conclusão em cooperação, sem ter ele que se pôr na defensiva para proteger ou provar a proposição do orador. Pelo contrário, a atenção reside inerentemente na narração, à medida que os presentes ouvem e aceitam a mensagem expressa em forma de história.

Você já observou o que acontece quando uma história é introduzida num sermão? Há quase sempre uma perceptível

mudança na congregação. Olhos focalizam, ouvidos sintonizam, cessa a inquietação. As histórias quase sempre envolvem as pessoas. Apesar disso, quão poucas histórias podem ser encontradas na maioria dos sermões!

Talvez uma recente inundação de livros sobre "a história" na pregação seja um bom presságio para a difundida redescoberta da narrativa. A declaração de que "a história é o sermão" ajusta-se com muita clareza à Escritura, como veremos no capítulo 5.

Eugene L. Lowry, em seu excelente pequeno livro, The Homiletical Plot: The Sermon as Narrative Art Form (Atlanta: John Knox Press, 1980), oferece uma dúzia de sugestões úteis em seu capítulo sobre a pregação bíblica narrativa.

1. Observe todas as linhas "insignificantes".
2. Observe nas entrelinhas.
3. Capte cada encontro e imagine a cena.
4. Acrescente dados de sua própria experiência e imaginação.
5. Mova-se por trás do comportamento para encontrar motivações mistas.
6. Mova-se por trás dos fatos à busca da dinâmica precedente.
7. Use os sentidos.
8. Identifique-se com um e passe ao outro, identificando-se com a agonia e a aflição contidas.
9. Empregue gramática ativa, com substantivos fortes e verbos ativos.
10. Opte cair na fala direta: o "eu" e "você" do singular. Não conte, mostre.
11. Passe do subjetivo para o objetivo, do particular para o geral e volte de novo.
12. Arme o palco, dando dicas que antecipem maiores viradas de eventos.

Perguntas

Mais de um pastor já estrondeou retoricamente uma pergunta, "Quem fez...?", para logo ouvir a vozinha estridente de uma criança encher o santuário com a resposta: "Eu não sei, mas não fui eu."

As perguntas retóricas têm sido utilizadas de longa data nos sermões como despertadoras de atenção. Algumas mensagens apóiam-se fortemente nesse artifício para confrontar e envolver os ouvintes. "A pergunta em voz alta", disse o Padre Regis Duffy em Liturgy (May 1974), "somente pode ser respondida pelo ouvinte; portanto, o silêncio segue-se apropriadamente a essa espécie de inquirição da parte do pregador diligente". "O uso temerário desta técnica", diz Duffy, "requer do pregador profunda e incondicional aceitação e respeito por cada um de seus ouvintes", bem como sua própria luta pessoal com as respostas.

Sejam as perguntas diretas, exigindo uma resposta verbal, ou meramente retóricas, elas passam o bastão ao ouvinte ao permitir-lhe um espaço em que possa entrar e participar do sermão. As perguntas envolvem as pessoas.

Infelizmente, alguns pregadores parecem nunca ter uma pergunta a fazer sobre qualquer coisa. E desse modo deixam de tirar partido de um elemento efetivamente indutivo em sua pregação.

Parábolas

Elas são sempre indutivas por sua própria natureza. As parábolas representam uma mensagem dentro e por meio de um cenário. Os ouvintes descobrem o propósito e suas implicações para si mesmos à medida que a parábola é contada.

Com freqüência demais, quando pensamos em "parábolas", pensamos só nos exemplos bíblicos, nas histórias de Jesus e noutras, como a parábola de Natã sobre as ovelhas, que ele contou para apanhar o Rei Davi numa armadilha. Mas "parábo-

la" é um termo muito mais amplo. Ela pode ser um relato imaginário que encerra um sentido mais profundo (as Crônicas de Narnia, de C. S. Lewis, são parábolas ampliadas). Exemplos da história humana e mesmo experiências contemporâneas podem ser usadas como parábolas.

O que distingue uma parábola, de acordo com Donald Capps em Pastoral Counseling and Preaching (Filadélfia: Westminster Press, 1980), são estas características: (1) as relações se alteram — alguma coisa acontece na história que muda permanentemente o relacionamento entre dois ou mais personagens; (2) os pormenores da história comunicam significada — a mensagem de uma parábola se entrelaça nas descrições e episódios da própria história; (3) o desfecho fica em aberto—uma parábola simboliza a ambigüidade da vida e permite que o ouvinte tire uma ou mais conclusões próprias; (4) o discernimento é enfatizado—as vidas são mudadas à medida que os personagens da história e os ouvintes adquirem discernimento sobre si mesmos, sobre Deus e sobre o mundo; (5) a percepção é transformada—a parábola procura ajudar o leitor a ver através de olhos diferentes, reestruturando seu ponto de vista.

Assim, até mesmo o estudo de um caso ou a simples recapitulação das atividades do dia-a-dia pode assumir o sentido de parábola, desde que incorpore algumas das características acima.

Analogia

Todo pregador sabe que ambos os Testamentos incluem muitos exemplos de analogia. A Bíblia expõe muitos conceitos teológicos com imagens como árvore, noiva, edifício, pedra angular, ovelha, pastor e água. Raciocinar por analogia é muito comum em qualquer tipo de comunicação, discussão e investigação em que idéias pouco conhecidas podem tornar-se claras. É uma técnica indutiva no sentido de que o desconhecido é ex-

plicado pelo que se conhece melhor, o que permite que implicações gerais sejam extraídas da idéia específica.

Entretanto, uma advertência é necessária. A analogia foi usada de forma abusiva durante séculos, infestando a igreja cristã com seus desvairados excessos. A legítima analogia bíblica resvalou em abismos de absurdos quando os pregadores permitiram que sua imaginação corresse sem freio, razão ou responsabilidade.

Tais perigos do mau uso foram há muito reconhecidos. Nos primeiros dias do Cristianismo, Clemente e Orígenes tentaram construir cânones científicos que pudessem reger a analogia e a alegoria, porém não conseguiram criar uma metodologia viável. Até mesmo Agostinho errou quando alegorizou o Jardim do Éden, colocando nele flora, fauna e ações imaginárias, que, por sua vez se tornaram a base de doutrinas questionáveis.

Tais excessos levaram ao princípio exegético básico da Reforma, segundo o qual toda passagem da Escritura tem apenas um único sentido. João Calvino defendeu a causa contra as alegorias. De igual modo, Lutero afirmou: "As alegorias de Orígenes não servem para coisa alguma".

O conflito na igreja persiste com um grupo sustentando que a essência do Cristianismo é encontrada (e confinada) em suas estruturas verbais originais, ao passo que outros acham que a pregação se torna inferior, a menos que uma ampla "espiritualização" ornamente a Escritura, a interpretação e os sermões.

É verdade que a liberdade de expansão do significado se converteu, freqüentemente, em licença para distorcer a verdade com fantasias ilusórias, ficções, invenções. Todavia, os modelos escriturísticos sugerem que deve haver um uso legítimo da analogia. Embora o acervo histórico ministerial assegure + ou - prudência em relação a essa técnica, a analogia pode ser outro ingrediente indutivo eficaz para os sermões.

Diálogo

Um de meus amigos pastores iniciou um programa regular de diálogo com sua gente. Uma vez por mês ele programava uma discussão interativa no culto matinal para estimular o envolvimento.

Ele acabara de fazer a leitura bíblica numa manhã quando um homem se levantou depressa e lhe disse: "Pastor, várias vezes tenho pensado na pergunta que esses versos suscitam. O que o senhor acha que Jesus quis dizer, e como isso se aplica a nós hoje? Gostaria de ouvir o que os outros irmãos têm a dizer sobre..."

Uma animada conversa ocupou os trinta minutos seguintes. Então o culto terminou com a bênção e o poslúdio.

O ministro saudava sua congregação à saída quando viu o rosto contrafeito do homem cuja pergunta acendeu a discussão da manhã. Ele se aproximou e se desculpou embaraçado: "Oh, pastor, sinto muito. Depois é que percebi que este não era o domingo em que teríamos a nossa troca de idéias. E o sermão que o senhor preparou para hoje?"

O pastor abriu um sorrizo e procurou tranqüilizá-lo. "Se o sermão que planejei para hoje não pudesse ser aproveitado no próximo domingo, ele não seria muito importante, João. Tivemos uma boa reunião hoje. Portanto, por favor, não se preocupe com isso."

É óbvio que o diálogo pode envolver as pessoas. Mas, não seria esta só uma outra palavra para dizer discussão? Como o diálogo se encaixa num sermão?

Geralmente, o sermão dialogado tem sido um diálogo que se repete entre o púlpito e algum representante da congregação. Em outras ocasiões, dois pregadores mantêm uma conversação que os presentes podem ouvir. Ambos esses métodos, porém, tendem a tornar-se fastidiosos e artificiais, a menos que precauções especiais assegurem uma atmosfera realista.

No passar dos séculos, alguns hábeis pregadores criaram um efeito dialogal envolvendo a congregação inteira. Muitos dos profetas "negociavam" e gracejavam com seus ouvintes. Pregadores ao ar livre freqüentemente mesclavam conversação e discurso direto, em resposta a perguntas dos circunstantes.

Mas, como conseguir que o diálogo funcione a nosso favor nesta época de congregações um tanto formais e silenciosas? Depois como evitarmos que o culto de adoração se transforme em outra hora de troca de idéias do tipo Escola Dominical?

Uma forma de obviar essa prática é reservar um tempo perto do final do sermão para permitir que os ouvintes façam comentários. Ou, então, o pastor poderia pedir à congregação exemplos para introduzir um assunto. Por exemplo, num sermão sobre a vontade de Deus, o pregador poderia solicitar a dois ou três voluntários que dessem um exemplo de casos em que houve a direção de Deus em suas vidas, e talvez até mesmo fazer-lhes algumas perguntas para esclarecer esses casos, antes de continuar o sermão sobre o assunto.

Às vezes, o diálogo não precisa ser real; mesmo uma atitude dialogal pode ajudar os ouvintes a ficar envolvidos. O que aconteceria se todo pregador pregasse como se estivesse envolvendo seu povo numa conversação? Diálogos imaginados, em que se pergunta e se responde sobre questões hipotéticas que a congregação possa ter, é uma outra técnica promissora.

O verdadeiro diálogo, real ou atitudinal, pode parecer arriscado de início. Mas, pode ser uma prova de genuíno amor cristão, porque indica um legítimo e óbvio desejo de incluir os ouvintes. É tentar ouvir através dos ouvidos e ver através dos olhos deles. E, apesar de ocorrerem resultados imprevisíveis algumas vezes — como foi o caso de um amigo meu, cujo sermão foi totalmente usurpado — são numerosos demais os sermões típicos contemporâneos que não deixam nada para ser dito

Experiência

Os sermões modernos muitas vezes encontram-se com a vida de nossos ouvintes apenas em nível do crânio, de doutrina, crença ou idéia. Podemos até mesmo falar em termos ortodoxos como "regeneração" ou "santificação". Podemos chegar a apelar para que "nasçam de novo" todos os domingos e, assim mesmo nunca vermos as vidas de nossos ouvintes mudar, se nossa doutrina continuar sendo uma idéia abstrata.

Para que a fé que pregamos produza alguma diferença, a crença e a conduta devem estar amalgamadas na vida diária. A cabeça e o coração têm que unir-se em experiência de vida. E nossos sermões precisam mostrar como isso acontece; nossa teologia deve entrosar-se na vida do dia-a-dia.

A resposta mais típica a essa necessidade tem sido o sermão de duas partes, em que as idéias, a doutrina, a teologia são expostas no começo. E a conclusão procura combinar tudo isso à vida dos ouvintes.

"E nesta semana, quando enfrentarmos as provações e tentações do mundo lá fora, deveremos lembrar-nos do que temos dito sobre as admoestações de Paulo aos coríntios..."

"Se pensarmos nas implicações da mensagem deste dia, se considerarmos atentamente as palavras de Jesus, nossas relações em família e no trabalho serão transformadas..."

Embora tais alusões à experiência de nossos ouvintes sejam bem melhores aparecendo antes tarde do que nunca no sermão, o salto brusco do pregador exigirá dos ouvintes também um salto brusco, se eles ainda estiverem ouvindo. Podem não estar.

Como escreve Fred B. Craddock em Como Quem Não Tem Autoridade (The Phillips University Press, 1974): "O fato básico é que estamos procurando nos comunicar com pessoas cujas experiências são concretas. Todas as pessoas vivem indutivamente, não dedutivamente. Nenhum fazendeiro trata do prob-

lema da natureza biológica do bezerro, e sim do bezerro. A mulher na cozinha não está ocupada com artes culinárias em geral, mas com o assado ou o bolo, em particular. O artesão em madeira dificilmente terá condições de discorrer de forma inteligente sobre o tópico "mobiliário", mas é um mestre na confecção de uma cadeira" (p. 60).

Nossos ouvintes vivem todos os dias no reino da experiência. Ela é que determina sua visão da realidade. Eles julgam pragmaticamente cada nova idéia que surge e perguntam: "Funciona? Bate com a experiência?"

Portanto, se queremos prender a atenção dos ouvintes que estão centrados na experiência até a conclusão de nossos sermões, devemos manter todas as partes da mensagem bem ligadas à experiência deles. Mas como?

Em vez de iniciar com abstrações tais como "o ser humano é mortal", podemos começar com uma experiência concreta: "O diácono Adams morreu de câncer no mês passado." Podemos usar ilustrações da vida familiar ou profissional dos membros de nossa igreja. Podemos usar experiências naturais, como nascimento, refeição, passeio, pesca, para ilustrar pontos ou fazer analogias.

A experiência humana não se torna a base de nossa mensagem, mas pode validar o que estamos dizendo; ela pode salientar a Palavra de uma forma que nossa gente prontamente compreenderá. Tais referências à vida normal tornam-se mais do que pontos de aplicação no fim do sermão; elas servem como sinais de trânsito ao longo do caminho, todos apontando para a verdade no fim da estrada.

Diremos mais sobre como isso afeta a estrutura do sermão num capítulo adiante. Mas a referência à experiência merece aqui uma menção inicial como um dos elementos fundamentais da pregação indutiva.

Outros elementos potenciais da indução poderiam ser enumerados; porém este é um momento racional para que nos afastemos de qualquer lista sumária, porque a "experiência" é mais do que apenas um elemento da indução: ela é o próprio fundamento da indução. Captar isso é tão decisivo para se compreender a pregação indutiva como conhecer os elementos que podem compor um sermão indutivo.

A indução pode ser simplesmente descrita como o processo racional, pelo qual instâncias particulares de experiência levam à formação de conceitos gerais. Por exemplo, com base em experiências prévias específicas, digamos, com apontadores de lápis, telefones ou máquinas vendedoras automáticas, obtemos conclusões gerais sobre esses itens e determinamos a forma de agir e operar outros — em geral muito diferentes — apontadores, telefones e máquinas vendedoras.

Máquinas não são as únicas coisas sobre as quais aprendemos pela experiência indutiva. Também usamos a indução com pessoas e idéias. Nossas experiências prévias específicas com médicos influenciam nossa atitude para com qualquer outro médico que encontrarmos e determinam de modo acentuado nossa opinião sobre a profissão médica ou mesmo a ciência médica.

Nossas experiências pessoais prévias com a matemática — digamos numa aula de geometria do curso secundário ou acertando o saldo de um preocupante e confuso talão de cheques — afetam sensivelmente nossa atitude em relação a todo um conjunto de conhecimentos.

Essa indução é um hábito do ser humano. Usamo-la casualmente na vida diária toda vez que reagimos diante de uma situação ou resolvemos um problema fazendo uma comparação com situações ou problemas semelhantes que já encontramos antes. A indução é o processo mediante o qual a vida nos ensina. Todos aprendemos muito com a vida.

Sabemos, naturalmente, que a aprendizagem com a vida não é perfeita e inequivocamente segura. A experiência não pode assegurar perfeita predição. Por esta razão, os filósofos podem insistir em que nossa quase inata crença na ilação indutiva baseada na experiência não encontra apoio na realidade. Que livros sejam escritos sobre o vácuo existente entre a experiência e a predição, entre o ontem e o amanhã. Que se continue a insistir que a vida não propicia inferência rigorosamente predizível, e que, portanto, a indução não é verdadeiramente lógica.

A verdade, no entanto, é que a indução persiste como um inveterado hábito humano.

O processo indutivo contribui para tudo o que há na vida contemporânea. Sendo mais do que tentativa e erro, a indução serve à tecnologia, tanto quanto às ciências natural e social. Ela também nos serve a todos diretamente em nosso dia-a-dia, pois mesmo em meio a nossa sofisticada tecnologia moderna, as pessoas dependem concretamente de experiência (experiência certamente mais sofisticada do que no passado, mas, em todo caso, experiência) e bom senso.

Arriscamos nossa vida em experiências indutivas toda vez que confiamos em que os freios de nosso carro evitarão que entremos na traseira de uma carreta parada, ou cruzamos a rua com o sinal aberto para nós, sem nos certificarmos de que o trânsito da travessa vai realmente parar. Nos montes de minúcias da vida buscamos constantemente os padrões, princípios, generalizações, verdades que nos capacitam a decidir confiantes ações no presente, predizer o futuro e construir uma vida melhor. Por conseguinte, a indução constitui a própria base de nossa vida diária. Ela age como o primeiro veículo que nos leva ao conhecimento necessário à sobrevivência humana.

Não é de se admirar, pois, que a indução seja um hábito humano. Viemos a crer na indução por causa de nossa experiência indutiva. Sabemos que a indução age em nosso favor na vida diária.

Muito embora os filósofos critiquem a indução como ilógica, acreditamos nela, como acreditamos em nossa experiência. Na vida real, a experiência concreta ofusca nossa lógica abstrata. Nossa indução sobrepõe-se à nossa dedução. Deste modo, preferimos um sermão coerente e racional a outro com lógica abstrata incontestável. A indução racional da experiência é mais eficiente para os ouvintes contemporâneos do que as proposições à prova de falhas de uma mente alheia à realidade. A indução é, afinal, um velho e confiável amigo.

No entanto, a maioria dos pregadores confia inteiramente na exposição dedutiva. Isso é tudo o que sabem, tudo o que foram ensinados. As alternativas indutivas são, para eles, apenas leves traçados gravados na areia.

Como pode, então, este processo indutivo de raciocínio, que parte dos particulares para as conclusões gerais, ser aplicado à pregação de sermões?

A chave, novamente, é envolvimento.

Um sermão indutivo é o que inicia onde as pessoas estão, com elementos particulares—a narrativa, o diálogo, a analogia, as perguntas, parábolas, experiências concretas—que, em seguida, conduz às conclusões gerais. De fato, o que distingue a pregação indutiva não é tanto a presença dos ingredientes, como o uso deles.

A pregação dedutiva começa com uma declaração de intenção e continua para provar que a validade do que o pregador diz já está estabelecida como verdadeira. A pregação indutiva, ao contrário, expõe a evidência, os exemplos, as ilustrações e posterga as declarações e asserções, até que os ouvintes tenham a chance de avaliar a evidência, pensar nas implicações e, depois, chegar às conclusões com o pregador no final do sermão.

Tal processo envolve os ouvintes, permitindo-lhes uma participação no curso do sermão. Isso os habilita a pensar junta-

mente com, ou até mesmo antes do pregador. Isso os envolve, os coloca na pregação. Assim, o próprio sermão torna-se parte de sua experiência, parte de seu estilo habitual de aprender indutivamente. As conclusões obtidas, as afirmações feitas no fim do sermão, trazem a marca da convicção pessoal a que se chegou e que foi testada por meio de reflexão e de experiência pessoais. As conclusões alcançadas são conclusões pessoais; assim, as implicações para a vida do ouvinte são claras; são na verdade inevitáveis.

É óbvio que qualquer processo de comunicação que enseja a participação das pessoas e sua aceitação espontânea da verdade possui reais vantagens sobre a prática de apenas dizer-lhes o que devem crer. O processo permite que a crença se torne pessoal—a meta suprema de todos os que pregamos a Boa Nova de Deus.

Uma outra vantagem da indução é que ela representa um enérgico movimento da mente. O intelecto passivo converte-se por indagação indutiva num arrazoamento ativo, por meio do qual ver se transforma em olhar. A mente é excitada de sua simples receptividade e torna-se inquisitiva, piedosa, e persistente. Na indução o ouvinte engaja-se no processo de indagar, ir em frente, expor-se a risco, fixar os olhos no desconhecido, sintetizar, pôr à prova.

A indução, sendo a lógica da descoberta, permite que a humanidade se converta em crianças que perguntam, em vez de escravos do passado. A excitação da pesquisa substitui o submisso e penoso trabalho de fazer o que manda a tradição. Portanto, embora a experiência — a matéria-prima da indução — tem a ver com o passado, ela faz mais do que simplesmente nos ligar à tradição. A pesquisa indutiva avança progressivamente para alcançar nova verdade — novo conhecimento da verdade. Ela avança em direção ao desenvolvimento, do conhecido para o desconhecido.

A indução é, basicamente, simples descoberta por utilização de fatos, não pela invenção deles. A submissão aos fatos fica como sendo a glória do método indutivo. E esta é a razão pela qual as conclusões indutivas soam como verdades tão críveis. Elas se coadunam com os fatos e com a realidade da experiência humana.

Mas entender a pregação indutiva exige mais do que um conhecimento dos elementos indutivos, uma captação básica do processo indutivo ou uma apreciação dos benefícios da indução. Absolutamente não nos será possível compreender plenamente a pregação indutiva enquanto não reconhecermos e aceitarmos a atitude a ela inerente.

Falamos no capítulo anterior sobre o pregador e sua atitude, mas o papel da atitude na pregação indutiva precisa ser re-enfatizado aqui. Um pastor não pode pregar um sermão indutivo sem uma atitude de tolerância, caridade, respeito, confiança, cooperação e paciência para com os ouvintes. Todos estes atributos são vislumbrados no processo do sermão, quando o pregador permite que o ouvinte passe a se envolver no processo homilético, quando o orador prega confiantemente com esta convicção: "Quando você vir, você crerá e fará."

Ao utilizar o princípio indutivo, o ministro diz: "Venha, caminhe comigo. Juntos encontraremos conceitos e conclusões generalizados ao atentarmos para alguns exemplos representativos e vitais. Iniciaremos por onde você está. Usaremos evidências comuns da nossa experiência diária. Andaremos no seu ritmo e seguiremos os seus interesses, enfrentaremos seus problemas. E, no final das contas, encontraremos as respostas às suas necessidades na Palavra de Deus."

A estatura moral e o caráter do pregador — sua compaixão, humildade, seu coração prestativo — permitem-lhe protelar suas asserções, adiar seu conselho, postergar qualquer declaração até o momento em que ele e seu ouvinte alcancem juntos o

ponto de consenso. Ele não se atém a qualquer posição autoritária elevada, mas, pela atitude evidente no processo indutivo, desce para se tornar um com seus ouvintes. Deixa o orgulho de lado e se torna um obreiro junto com seu auditório. Atua como um capitão de time, não como comentarista que admoesta do alto de um palanque com megafone. Não se senta como um monarca soberano, ou mesmo como um representante do rei que olha do topo de seu vasto domínio; antes, abre um nicho comum, um lugar onde possa estar entre as pessoas.

A atitude indutiva abrange um rol de procedimentos tão amplo que nos permitimos apresentar aqui apenas uma amostragem. Para que o pregador ou o sermão sejam efetivamente indutivos, ambos devem:

aceitar ..... não aprovar
acomodar ..... não aquiescer
pedir ..... não exigir
exaltar ..... não rebaixar
compadecer-se ..... não transigir
cooperar ..... não coagir
apoiar ..... não discordar
dialogar ..... não impor
orientar ..... não forçar
encorajar ..... não insultar
atrair ..... não opor-se
ser humilde ..... não duro
indagar ..... não insistir
pesquisar ..... não obrigar
envolver ..... não evadir
sondar ..... não exortar
prezar ..... não rejeitar

O título do livro de Fred Craddock, As One Without Authority [Como Quem Não Tem Autoridade], tende a assustar

os evangélicos, porém resume a atitude indutiva. O pregador indutivo torna-se líder grupal de um destacamento de exploradores. Ele não admite conhecer todas as coisas ou nada conhecer do território ou dos problemas tribais que os ouvintes enfrentam na sua vida diária. Ele apenas procura guiá-los do lugar onde estão para onde necessitam estar, sem qualquer demonstração ostensiva de autoridade ou coação.

Não vou citar Craddock nem Soren Kierkegaard — cujo terceiro princípio de comunicação sustenta que um verdadeiro professor ensina sem autoridade — para argüir a favor do abandono de toda e qualquer autoridade. (A propósito, discutiremos no Capítulo Nove o papel da autoridade na indução). Mas a abdicação do dogmatismo e a atitude resultante do pregador — "Estou com você" — é um requisito indutivo.

O ambiente cultural de nosso tempo reclama tal atitude dos pregadores. Nossos ouvintes pleiteiam um pedaço da ação, uma parte do processo. O ouvinte de hoje não está mais pronto a permitir que alguém mastigue e comente o seu almoço de domingo por ele, do que está pronto a admitir que no sermão de domingo o pregador pense por ele, que terá de engolir passivamente as declarações pastorais.

O pregador de hoje precisa compreender o significado e as implicações da pregação indutiva, porque os ouvintes de hoje querem envolver-se. E envolvimento é a promessa da indução.

4. A História da Indução

Por que o Sam Secular senta-se em seu banco dominical na igreja e se põe a pensar em seus problemas financeiros, em vez de acompanhar o sermão do pastor? Por que a congregação rural do pregador Randy fica olhando o gado lá fora e desvia a atenção de suas palavras? Por que um oficial do Exército da Salvação tem de se empenhar para atrair a atenção dos pedestres nas calçadas de Atlantic City? Por que os ouvintes não tomam as palavras do pregador como se fossem a lei irrevogável dos medos e persas? Por que a mente vagueia e se afasta da palavra falada?

A resposta é simples: as pessoas querem e precisam ser envolvidas. Mas, como chegamos a este ponto? Como a humanidade se tornou tão viciada na indução? Como se desenvolveu este hábito?

O jardim do Éden iniciou o conflito contra a autoridade. A partir dali o gênero humano vem ficando cada vez mais insatisfeito, relutando em aceitar o uniformismo e a anonimidade da linha de montagem. No correr da história, a natureza humana vem afirmando: "Sou diferente. Respeitem-me. Minha opinião tem valor. Quero fazer o que melhor me expresse."

A obstinação humana começa a se manifestar antes que o bebê consiga dizer a palavra "não". Muito antes que as crianças cheguem à rebeldia adolescente, elas se indispõem contra a autoridade arbitrária. E parece que não largamos para trás nunca esse anseio por autodeterminação. Hoje, a independente descendência de Adão em todo o mundo protesta contra ser massificada em um monte de poeira inerte por qualquer uma das grandes

vassouras autoritárias do mundo. Em nossa condição humana, temos continuado a exercitar nossa independência não somente contra pais, instituições e poderes terrenos, mas também alardeando nossa independência na face de Deus.

Assim sendo, será só perversidade humana o que nos empurra soberbamente em direção ao envolvimento e à indução?

Não

A indução faz parte da nossa natureza. "Feitos à imagem de Deus" tem que significar mais do que uma atitude dócil ovina, do tipo submisso de "siga o líder". Nosso Criador pretendeu que a vida fosse mais do que um mudo desfile circular interminável de elefantes com as trombas presas às caudas uns dos outros.

De que outra forma você explica a incrível complexidade da mente humana? No Capítulo Dois afirmamos que o número de possíveis padrões mentais num cérebro humano normal é, por assim dizer, incontavelmente maior do que o número de átomos no universo.

O potencial de insondável criatividade existiu na mente humana desde a Criação. Ela é parte do selo divino estampado em Adão. E a indução é um dos dois meios em que atua o incrível cérebro humano.

O modelo indutivo de pensar foi aparentemente identificado primeiro por Platão em sua busca de respostas. O método parece ter sido palavra inventada por ele, aparecendo primeiro em sua obra Fedro, em que Sócrates está propondo uma arte ou técnica de retórica em oposição aos artifícios dos sofistas. A palavra método sugere um "caminho" ou "rota", sendo derivada de *meta* e *ὁdós*, que indicam um movimento de acordo com uma estrada.

Para pensar ou argumentar clara e efetivamente é necessário compreender a rota ao longo da qual nossas idéias caminham. Quem possui tal rota ou direção possui o método.

A lógica do raciocínio dedutivo tem sido estudada sistematicamente há dois mil anos. A lógica da conclusão indutiva ou empírica tem sido também uma preocupação dominante da filosofia durante séculos.

Lógica e método não são a mesma coisa. Naturalmente, a lógica é indispensável ao método. Lógica é o mecanismo interno que nos conduz pelo caminho; ela nos fornece as táticas que usamos.

Aristóteles dedica mais atenção à lógica dedutiva em seus escritos do que ao método indutivo de análise. Porém, em seu livro Física, ele diz da aprendizagem humana que é claro que "devemos seguir este seu caminho [indutivo]".

Certamente Deus usa o caminho indutivo em sua comunicação com o homem. Veremos em capítulos subseqüentes quantos elementos do processo indutivo são encontrados na Bíblia, e como Jesus salienta a indução, incluindo muitos dos elementos e técnicas mencionados no Capítulo Três.

Em contraste com as novas ênfases e práticas de Jesus, os escribas e fariseus dedutivamente reverenciavam as tradições dos antigos, declarando-as como sendo regras absolutas. Os cristãos primitivos lutavam contra a herança judaica da ênfase e fixação no legalismo e contra o crescente surgimento de questões doutrinárias. Eles construíram um corpus de dogmas reguladores para proteger a nova fé.

Através de 600 anos a Idade das Trevas preservou em mosteiros o resíduo latino dessas crenças básicas. A escolástica, durante a Idade Média, mesclou o acento dedutivo de Aristóteles com os ensinamentos da Igreja Romana. Nesses longos séculos faltaram as condições que requerem a abordagem indutiva de aprender pela experiência mais do que por decretos dogmáticos. A autoridade foi respeitada, a tradição venerada, as deduções plenamente aceitas. Assim, por centenas de anos, quase nada aconteceu para estimular o desenvolvimento dos

acentos indutivos nas histórias do Antigo Testamento conforme praticados por Jesus. Seus enfoques sobre aprender pela experiência, se libertar da tradição, a importância do indivíduo e outras flexibilizações foram grandemente obscurecidas pela rigidez do legalismo e da teologia.

O ambiente indutivo de nossos dias não surgiu num vácuo. Muitas pressões históricas moldaram nossas atitudes, ditaram nossas necessidades, afetaram nossa tolerância em relação a decretos, decidiram quanta influência autocrática nos restringiria e determinou quão acessíveis somos para aprender por nossa experiência.

O progresso irregular nos experimentos indutivos lentamente afastou a cultura da total dependência do passado, à medida que vários ousados inovadores acrescentaram seus discernimentos ao depósito de conhecimento humano. No século treze o livro de Roger Bacon Greater Work (Opus Majus) rompeu com a tradição ao destacar a experiência como mais importante do que o raciocínio para chegar ao "conhecimento útil". A obra desse fundador da ciência moderna resultou em sua prisão quando as autoridades descobriram "inovações suspeitas" em seus escritos sobre anatomia, ótica, filologia e alquimia. Ele pode ser considerado um pioneiro do moderno método científico.

Mais tarde, o papel auto-designado de Francis Bacon foi o de salientar a experiência e a experimentação indutiva. Ele insistiu em reunir fatos e deles extrair teorias. Embora não fosse um grande cientista, seus escritos impulsionaram o progresso científico. Ele adoeceu e morreu enquanto fazia experimentos sobre o uso da neve como conservante de alimentos.

Mas a indução é mais do que arriscadas experiências com eletricidade, raios, pólvora, vôo humano, magnetismo, açúcar, papel, germes e neve.

Na filosofia, Kant acreditava que a mente está ativamente envolvida nos objetos que ela experiencia, e organiza a ex-

periência em modelos definidos; mas ele se recusou a reivindicar conhecimento absoluto. Ao se voltar à experiência interior levou muitos filósofos e teólogos a discutir a intuição e as experiências religiosas.

Entretanto, a experiência indutiva é mais do que experiências religiosas escorregadias e passageiras convocadas ao banco de jurados para verificar a existência de Deus.

Milhares de páginas do registro da civilização fluem de centenas de anos de estudo; contudo, elas não nos legaram uma história geral satisfatória dos métodos indutivos. Portanto, seria proveitoso delinear o desenvolvimento progressivo da indução na história do pensamento.

Quando e onde é o movimento indutivo mais evidente? Que acontecimentos e tendências gerais contribuem à sua expansão?

Renascença (1350-1600)

A indução veio a uma nova luz com a Renascença. Este movimento espalhou-se por toda a Europa como uma onda cultural que teve início na Itália. O renascimento da literatura e das artes, com uma revolução na ciência e no comércio, ensejou a "descoberta do mundo e a descoberta do homem".

Petrarca e outros sonharam com o despertamento cultural quando a máquina impressora favoreceu o fluxo de informações, cultura e educação. A Renascença inspirou o desejo de aventura, o amor pelo conhecimento clássico, uma onda na reflexão filosófica e o ressurgimento da atividade econômica. Copérnico, Galileu e um sem-número de outros desenvolveram as causas da ciência e tecnologia. O Humanismo buscou o "homem universal", exaltou os "cavaleiros da pena" e pugnou para libertar a humanidade do passado. O reavivamento do platonismo e do neoplatonismo gerou uma atmosfera sobrenatural e religiosa.

Francis Bacon aplicou o negligenciado aspecto indutivo do método retórico de Aristóteles à natureza, e toda a Europa se uniu num sonhado vôo, das complexidades da vida urbana aos inocentes prazeres da vida bucólica. O ceticismo renasceu no clima menos hostil do prazer e da utilidade. A tradição de ocultismo e sabedoria do Egito, Caldéia e Palestina flutuaram trazidos pela maré da nova busca de conhecimento. O grego e o latim floresciam.

Esse período experimentou uma mudança: da escolástica ao tom secularista, das superstições às explanações científicas, da orientação religiosa a uma centralização no humano, da sobrevivência mínima do servo, ao saber, cultura e comércio. A arquitetura passou das catedrais às casas; a arte, das formas religiosas, à natureza e às formas humanas; os exércitos, das espadas às armas de fogo; a ênfase social, do grupo para o indivíduo. Aptidões, profissões, e comércio prosperaram.

Numerosos navegadores cruzaram os sete mares, circundaram o globo, reivindicaram novos continentes. O eu emergiu; o indivíduo, a liberdade, o valor pessoal e a independência foram altamente valorizados. A tradição e a sujeição ao passado perderam sua força. A autoridade enfraquecia. A experiência, a exploração e a experimentação se destacaram como principais movedores na arena humana. A indução encontrou clima favorável. O indivíduo ergueu-se; a instituição já não era mais a única mão no leme. As pessoas começaram a se envolver.

A Reforma (1500-)

A Reforma do século dezesseis procurou trazer a Renascença de volta a Deus como centro. Mas o nome Reforma se refere mais às aspirações do que às conquistas da era.

Por mais de mil anos após a queda do Império Romano, a igreja tinha mantido a Europa unida. Ela ostentava a suprema

posição como centro de cultura, defensora do Cristianismo, esteio dos povos. A igreja servia como uma estrutura unindo os vários estados da Europa Ocidental.

A autoridade da igreja, forte e quase universal, ditava os moldes da vida humana. Em 1200 d.C. todos os líderes europeus aceitavam o Papa e sua supremacia. De 1300 a 1500 lutas políticas, cismas religiosos e corrupção interna enfraqueceram a igreja. Exigências por reforma e a pressão de seitas heréticas também esvaziaram sua influência. Outros fatores incluíam a ascensão do nacionalismo, o reavivamento do saber, a quebra do feudalismo, a pobreza dos camponeses, o crescimento do comércio e uma crescente classe média.

Em 1517, Martinho Lutero pregou na porta da catedral de Wittenberg suas noventa e cinco teses, e os focos de fogo da Reforma se acenderam por toda a Europa. A ênfase sobre o sacerdócio individual do crente abriu o cenário para o respeito à experiência humana; o povo foi envolvido. Com o auxílio da máquina impressora, essas novas idéias se propagaram rapidamente. O método indutivo tinha encontrado solo mais fértil.

Ciência e Tecnologia (1600-)

O método empírico transbordou do estudo da natureza para outros ramos da investigação quando o físico italiano Galileu lançou seus experimentos em 1600. Kepler, Newton, Jenner, Darwin, Mendel, Pasteur, Einstein, Fermi, Salk, e uma imensa galeria de outros homens e mulheres, dividem as honras como pioneiros do método empírico. Astronomia, anatomia, medicina, matemática, química, mecânica, física, geologia, eletricidade, energia, magnetismo, teoria nuclear e viagem espacial — todos estes campos da ciência apóiam-se fortemente no método indutivo. Os fatos cumulativos empregam a pressão indutiva; a dedução busca modelos e sua aplicação.

A indução científica constitui apenas uma forma dessa prática universal, mas tem proporcionado o fórum ou arena para o desenvolvimento da metodologia indutiva. O progresso tecnológico incluiu muito mais do que moinhos de vento, roupas abotoadas, bússola, óculos e relógio mecânico. A explosão na comunicação, transporte, computadores e outros aspectos da nossa vida diária emergem do manancial indutivo.

Revolução (1775-)

A revolta contra o sistema de governo surge cedo e continua indefinidamente na experiência humana. Rebelião, traição e deslealdade assumem novo brilho quando falamos da Revolução Americana e da Revolução Francesa.

Em 1776, houve tentativas mundiais para alcançar liberdade, governo constitucional e direitos humanos, inaugurando um século de revoluções. A Guerra Revolucionária Americana, em vários aspectos, tornou-se o "o tiro ouvido ao redor do mundo". Seu lugar na história humana foi muito mais do que uma guerra de oito anos que deu nascimento a uma nação; foi muito mais do que uma insurreição por direitos individuais e democracia. Como declarou Thomas Paine, a Guerra Revolucionária "contribuiu mais para iluminar o mundo e difundir o espírito de liberdade e liberalidade entre os seres humanos, do que qualquer evento humano que a tenha precedido".

O termo abrangente revolução, como um guarda-chuva, acabou por cobrir as revoluções industrial, tecnológica, científica, cultural, sexual, institucional, educacional, nos transportes e comunicações, bem como a ética, moral, racial, econômica, das gerações e políticas. Só pensar nas imensas possibilidades da palavra nos ajuda a perceber a perda da importância da autoridade e do pronunciamento dedutivo em favor da liberdade, da experiência e do método indutivo.

Autoridade, dedução, tradição e força de todas as espécies enfrentaram novos desafios durante este período em que se levantaram a democracia e o autogoverno. O método indutivo aliou-se ativamente a essa busca da liberdade humana, do valor individual e do envolvimento universal.

Educação

A educação popular em escolas e academias de ensino eventualmente resultou do interesse e valorização do saber e do conhecimento despertados pela Renascença. A educação não era mais privilégio exclusivo do clero. Os leigos queriam aprender. As universidades européias criadas na Idade Média se tornaram centros populares de aprendizado. O sistema universitário norte-americano que se desenvolveu a partir do modelo do velho mundo, começou a evoluir após a substituição da educação estritamente tradicional e clássica pelo aprendizado prático. E a educação universal tornou-se logo um precioso direito da democracia, universalizando a necessidade, procura e oportunidade do envolvimento individual e da ênfase indutiva.

Mas não foi somente a popularidade da educação que promoveu tal impacto. Os métodos de aprendizagem também contribuíram significativamente para acentuar a indução. A vida educacional norte-americana, no século dezenove dos inventos, começou a assumir um aspecto distintamente empírico-indutivo. A prática do método de estudo de casos nos cursos de direito foi introduzida nos anos 1870 na Faculdade de Direito da Harvard. Esse curso derivou princípios jurídicos do estudo de casos já ocorridos no passado. A Faculdade de Administração Comercial da Harvard adotou mais tarde o método de estudo de casos quando um graduado da Escola de Direito se tornou professor ali. A partir daí, as técnicas de estudo de casos tornaram-se populares em quase todas as áreas da educação, incluindo cursos de seminários.

A teoria educacional progressiva, especialmente no século vinte, começou a desafiar a tradição, ameaçando o desconhecido e reclamando respostas completas. A ênfase em maior liberdade, atividade, informalidade, aprendizagem em grupos e projetos, ao lado da individualidade, trouxe novas oportunidades originadas de experiências diversificadas, tanto do passado como do presente. E a indução deu outro irresistível passo à frente.

Humanismo

O Humanismo deslocou-se do seu enfoque inicial na literatura clássica da Grécia e Roma para um destaque prioritário na humanidade como centro do universo. O apelo do Cristianismo para uma vida centrada em Deus aqui e no além foi muitas vezes silenciado pelo som da sirene do grito primevo da raça, na aurora de um novo dia. A luxúria e o esplendor da nova liberdade ainda hoje faz com que muitos se esqueçam da fonte, subsistência e missão da vida.

Os cenários cultural, religioso e político todos geraram um senso de poder e valor pessoal. Flexionando os novos músculos descobertos, a reação contra a autoridade expandiu-se para incluir reivindicações de independência da cultura tradicional, das línguas clássicas, da religião católica, da igreja e das instituições. Nesta nova era o gênero humano colocou-se no meio de toda pesquisa, toda produção e toda verdade.

A nova humanidade assumiu o papel de parâmetro de todas as coisas. A indução tornou-se um caminho de vida normal. Que reinem a experimentação e a experiência!

A ênfase de fluxo e refluxo na história humana ondula da antiga Grécia idílica à insistência da Idade Média no pecado e sofrimento. O foco se desloca para a alegria de viver, em seguida para o mundo físico e volta aos aspectos práticos da vida humana. Ultimamente, o movimento chegou no humanismo científico a procurar resolver todos os problemas humanos. Dividendos técnicos gerados pela era espacial elevam o nível

de vida em outras áreas também. Os homens crêem agora que podem resolver todos os problemas humanos, satisfazer todas as necessidades humanas. A indução chegou à maioridade.

Televisão

Poucos dirão que a televisão não transformou nossa cultura. Seu impacto é óbvio na vida da família, nas horas de lazer, na padronização do linguajar dos norte-americanos e em muitas outras áreas de nossa vida. Mas, sua relevância para uma discussão sobre a indução é mais sutil.

O conteúdo da televisão dá aos telespectadores uma falsa impressão de envolvimento pessoal num incrivelmente amplo leque de situações e experiências, fortalecendo o impulso à ação e ao envolvimento na vida real. Além disso, o ato físico de assistir a tevê torna-se, em certo sentido, um processo indutivo. Isto ocorre porque a imagem da televisão nada mais é do que uma série de pontos luminosos flamejando eletronicamente. A tela nunca mostra um quadro completo. Para "ver" uma imagem na tela de um televisor, o olho humano deve receber o estímulo de poucos pontos de luz a cada milésimo de segundo. O olho transmite esses impulsos ao cérebro, que tem de registrá-los, chamar de volta os impulsos anteriores e predizer futuros impulsos, para que a mente possa visualizar o quadro. O cérebro deve fornecer as informações ou chamar de volta 99,999 por cento da imagem em qualquer dado momento. Na essência, o cérebro está processando detalhes e prosseguindo para chegar às suas próprias conclusões generalizadas. Portanto, as milhares de horas em que vemos televisão a cada ano treinam nossos cérebros no processo indutivo, quer o percebamos ou não.

Fatores Diversos

Muitos outros fatores variados adicionam combustível às chamas da indução. Os que contribuem para isso são: movimentos pró-liberdade; movimentos trabalhistas e reformistas; cruzadas pela igualdade; movimentos para liberdade das mulheres; revoluções de jovens; ética situacional; governo de não-intervenção; direitos dos negros, idosos e homossexuais, além de vários outros grupos minoritários; valorização crescente do bom senso, da experiência e do envolvimento pessoais.

Talvez possamos compreender melhor o pano de fundo da indução, se considerarmos um conceito relacionado — um fio trançado com indução através de toda a história. Esse fio é a autoridade. Se você passar em revista nosso sumário, verá que a história da indução é também a história da autoridade e das atitudes humanas perante a autoridade.

Por exemplo, após a Reforma a autoridade foi transferida da instituição da igreja para o documento que é a Bíblia. Com o passar do tempo, a revolta contra a autoridade documental tornou-se tão intensa como a rebelião anterior contra a autoridade institucional. A teologia liberal moderna transferiu a autoridade à experiência de vida. A crítica liberal da Bíblia teve a tendência de reduzir a autoridade dela a tal ponto que ela se tornou para muitos apenas um "repositório de experiências religiosas". Assim, o ministro de hoje muitas vezes prega a ouvintes para os quais a Bíblia perdeu muito de sua velha autoridade.

A dedução confere um forte sentido de autoridade às suas máximas proposicionais. Ao contrário, a indução permite que o ouvinte assuma uma parcela de autoridade no processo de chegar às conclusões. A dedução se apóia sobre as tradições e autoridades do passado. A indução leva em consideração as pressões do presente.

Ter em conta esta conexão entre indução e autoridade não apenas nos dá a compreensão da história; ela nos diz muito

acerca de nosso mundo atual. A autoridade (e a reação humana a ela) continua sendo um problema nos últimos anos do século vinte. Ela perdeu muito do seu vigor nas últimas décadas. No lar, na família, no governo, na igreja, na doutrina, o peso da autoridade está diminuindo. A tradição, o poder, o prestígio não mais ditam a crença ou o comportamento.

A culpa por este presente estado de coisas tem sido atribuída a uma extensa gama de causas: Dr. Spock, a delinqüência juvenil e dos pais, o movimento antiguerra da era Vietnã, a educação moderna, o materialismo, a insensibilidade institucional, a comunicação de massa, a opressão do governo, complôs comunistas e numerosos outros conhecidos alvos da desaprovação contemporânea. Sejam quais forem as causas, a autoridade perdeu muito de sua influência em nossa cultura.

Freqüentemente, as pessoas parecem desapercebidas de seu ceticismo inato ou de sua atitude "prove para mim" com sua concomitante confiança nas provas indutivas da experiência humana. A exigência de envolvimento tornou-se uma necessidade cultural algumas vezes inconsciente. Mas isso faz parte da pressão indutiva dentro de nós todos.

O tecido de hoje exibe a urdidura e a trama do tear de ontem; o passado nos guiou até este ponto. Mas nossas tendências indutivas não são fruto apenas do caminho obstinado e delirante da humanidade através da história. Nossa natureza criativa inata, como uma lançadeira, também deu forma a modelos sutis em nossa estima, nosso senso individual de aventura, nosso desejo por novidade, nossa interminável aspiração de ser livres, desimpedidos, verdadeiramente individuais e envolvidos no processo da vida.

Cada um de nós que é parte da cultura do século vinte segue todos os dias o caminho da indução. Todos nós participamos da necessidade criativa de ser envolvidos. Ela nasceu no Éden e foi inculcada em nós nesses milhares de anos da história humana.

Diante disso, será que podemos esperar que nossas congregações se envolvam, ou pelo menos ouçam, se nossa pregação não leva em conta esta característica crucial da natureza humana?

Parece pouco provável.

Podemos nós encontrar precedente bíblico para apelar à nossa natureza indutiva, dada por Deus e historicamente estimulada, e procurar envolvimento com nossa pregação?

Este é o assunto de que trataremos nos dois próximos capítulos.

5. Método de Deus?

A vida do professor de seminário raramente pede sérias confrontações face a face. E as raras rusgas entre professor e estudante em meus vinte anos de experiência nunca alcançaram proporções significativas na escala Richter. Por isso fiquei surpreso certa vez com as reações de um estudante em meu curso de "Comunicações do Púlpito". À medida que o semestre avançava, senti que sua relutância estava aos poucos se transformando em ressentimento. Ele entrava na aula todo dia com ar taciturno, falava somente quando chamado e, assim mesmo, seus sentimentos de descontentamento eram indisfarçáveis.

A despeito de meu atendimento pessoal, entrevistas particulares em meu escritório e outras tentativas de comunicação, eu simplesmente não estava conseguindo me comunicar com o jovem pregador. Ele não se abria para admitir o que o estava corroendo—até seu exame final, quando a verdade transbordou.

Ele escreveu, em parte: "Pessoalmente penso dedutivamente, e, em sua maioria, as grandes pregações que tenho ouvido são dedutivas. Antes de depositar minha confiança na pregação indutiva, terei de testar sua efetividade. Estou na posição de "esperar para ver" em relação à pregação indutiva.

"Fiquei angustiado porque o curso não era especializado em pregação expositiva, o tipo mais importante de pregação. Fiquei muito desapontado e desiludido com a matéria do curso. Fiquei também bastante perturbado porque desejava muito aprender a pregar sermões expositivos convincentes.

"Raramente em minha experiência educacional terminei um curso sem saber o que aprendi ou por que o aprendi. Este curso deixou-me com um sentimento de frustração e desapontamento, porque minhas expectativas não foram satisfeitas. Queria aprender como fazer uma exposição bíblica — não classificaria os sermões, nem agora nem nunca, em indutivos ou dedutivos. Fiquei mais desapontado com as aulas de discussão sobre indução e dedução, em vez de aprender alguns esboços de sermões expositivos bíblicos."

Minha incapacidade de conseguir penetrar a barreira com esse estudante deixou-me tão perturbado que resolvi fazer mais uma tentativa. Dei-lhe o primeiro rascunho dos capítulos um a quatro deste manuscrito e disse-lhe que lhe pagaria para que lesse e reagisse a ele. Mas quando devolveu o manuscrito ao meu escritório, recusou qualquer pagamento. Não apresentou nenhuma resposta real ao que havia lido, e senti-me relutante em pressioná-lo para obter sua reação. Quando fechou a porta de meu escritório ao sair, senti-me mais frustrado do que antes, devido a nossa mútua incapacidade de comunicação.

O que mais me incomodou no exame final do jovem pregador foi a implicação clara, porém não mencionada, de sua atitude: "O que o mundo deseja é autoridade, uma Bíblia inerrante e pregadores com bastante coragem para pregar a verdade sem contemporização." Na mente dele, meu apelo por compreensão, consideração e adaptação aos ouvintes era fazer concessões — um abandono infiel da solene vocação de Deus para a pregação bíblica de confronto.

Enquanto refletia sobre de minha experiência com esse estudante, reconheci que muitos leitores teriam a reação que ele teve. Estou eu realmente defendendo uma posição inconsistente ou incoerente? Pode ser bíblico um enfoque indutivo, adaptado às necessidades e interesses de nossos leitores?

Depois de examinar e reexaminar a Palavra de Deus com muito cuidado e muita oração, escrevi este capítulo e o seguinte, os quais apresentam minha resposta àquelas perguntas.

Comecemos abrindo nossas Bíblias, a partir do ponto em que a Palavra de Deus se inicia. Observemos o elemento do conto, da história, nas Escrituras. Leiamos a relação pausadamente: a criação, o Éden, o primeiro homem, mulher, o primeiro bebê, o pecado, o primeiro homicídio, o Dilúvio, a Torre, a Terra Prometida, viagem ao Egito, teste da fé, o plano do homem para a promessa de Deus, o Pacto, insensatez de Ló, Sodoma, filho da promessa, problemas familiares, gêmeos, conflito, conflito e fuga, escada em Betel, amor adiado, luta com um anjo, irmãos em paz, vendido ao Egito, fúria de um amor rejeitado, esquecido na prisão, libertado por um sonho, irmãos encurralados, banquete ou fome, pastores no Egito.

Todas estas histórias e outras mais estão incluídas no primeiro livro da Bíblia. Muitas mais se seguem, à medida que continuamos mais rapidamente através do Antigo Testamento, na seqüência destes lembretes gerais: bebê numa cesta, babá contratada, tijolos sem palha, fuga para o deserto, sarça ardente, pragas, o Êxodo, perambulando, a Lei, o maná, o censo, as instruções, o Tabernáculo, travessia do Jordão, posse da terra, os juízes, os reis, o Exílio, o retorno, os profetas.

As histórias prosseguem quando chegamos ao Novo Testamento, quando somos lembrados destes títulos: voz no deserto, Cordeiro de Deus, seguidores, quatro narrativas sobre a vida de Cristo, morte e ressurreição, ascensão, Pentecostes, os Atos, primeiro mártir, apóstolo dos gentios, viagens missionárias, cartas às igrejas, Apocalipse.

À medida que consideramos esta breve visão geral, numerosas outras histórias bíblicas vêm à nossa mente. Os rostos que avultam na multidão incluem: Tamar, Míriam, Saul, Ester, Naamã, Rute, Bate-Seba, Simeão, Nicodemos, a mulher junto

ao poço, o moço rico, Judas, Tomé, Demas, Priscila, Onésimo e, um número literalmente incontável de outros. Quem poderia esgotar a lista de histórias da Escritura?

Isso faz surgir outras perguntas para aqueles de nós que procuramos comunicar a Palavra de Deus ao nosso mundo atual. Por que há tantas narrativas na Bíblia e tão poucas em nossos sermões? Pode o extensivo uso divino da narração — talvez o mais indutivo dos elementos potencialmente indutivos — dizer algo sobre a filosofia da comunicação fundamental de Deus?

No Capítulo Três relacionamos uma variedade de outros ingredientes indutivos comuns. Façamos uma rápida verificação deles na Escritura.

Perguntas exercem um papel contínuo ao longo de toda a Escritura — desde a primeira indagação de Deus, "Onde estás? Por que te escondeste?", até aqueles salmos compostos de perguntas originadas de corações partidos na angustiosa espera de respostas: "Até quando, ó Senhor, até quando? Abandonar-me-ás para sempre? Até quando tenho de lutar? Até quando meu inimigo triunfará? Por que me abandonaste? A quem temerei? Onde está Deus? Para onde fugirei? Quando as fundações estão sendo destruídas, que posso eu fazer? Que é o homem para que te lembres dele? Quem habitará no teu santuário? Quem é Deus além do Senhor?"

O próprio Deus emprega perguntas para se opor às perguntas acusadoras de Jó. E as perguntas dos profetas de Deus ecoaram através das colinas e planícies de Israel: "Por que vocês persistem em rebelar-se? O que são os seus sacrifícios para Deus? Por que vocês oprimem meu povo? O que vês? Que faltas vossos pais acharam em mim? Onde está o Senhor? Onde estão os deuses? Por que vocês trazem acusações contra mim? Tenho eu sido uma terra de grande escuridão? Por que vocês dizem: 'Somos livres para vagar'? Deixa a donzela suas jóias? Por que você anda por aí, mudando seus modos? Querem agora retornar a

mim? Até quando vão abrigar pensamentos perversos? Senhor, destruirás Israel completamente? O que requer de você o Senhor? Não retornarão eles? Quem é sábio? Quem pode resistir? Quem não temerá? São vocês melhores do que aqueles reinos? Como poderá Jacó sobreviver? Não treme a terra por isso? Não destruirei eu os sábios? O que vocês fizeram? Está o Espírito do Senhor irado? Faz ele tais coisas? Por que agora vocês lamentam em alta voz — não têm um rei? Pereceu nosso conselheiro? Quem poderá resistir à indignação dele? Quanto tempo durará isso? Quem despreza o dia das pequenas coisas? Por que profanamos a aliança de nossos pais sendo desleais uns para com os outros? Quem poderá permanecer quando ele aparecer? O que ganhamos?"

Jesus calou seus inquiridores não com defesas dogmáticas incontestáveis, mas com perguntas: "De quem é esta efígie e inscrição? O que vocês pensam? Que fez Davi? O que disse Moisés? Qual foi o próximo daquele homem?" Ele estimulava os discípulos em direção à verdade e ao compromisso utilizando perguntas: "Quem vocês dizem que eu sou? Você me ama, Pedro? Mais do que estes?"

Diálogo é outro instrumento da indução. E aqui, novamente, um rápido folhear da Escritura mostra-nos um livro entretecido de diálogos entre o homem e Deus, Satanás e o homem, Satanás e Deus e entre homem e homem. A conversação é grande parte da história maior de Deus. Algumas das mensagens teológicas mais básicas da Bíblia tornaram-se notáveis a partir das conversações registradas. A queda do homem é apresentada através do diálogo de Eva com a serpente. A questão da soberania de Deus em nenhum lugar é apresentada de forma tão vívida como na discussão que Jó teve com o Senhor. O ponto crucial do evangelho talvez tenha sua mais clara exposição na conversa entre Jesus e Nicodemos. Repetidas vezes Deus usa e registra diálogos para comunicar sua mensagem.

Não é necessário relembrar a nós mesmos a atitude de Deus para com o elemento indutivo parábolas. E no Capítulo Três indicamos o extensivo uso que Deus faz da analogia. Muitos dos ensinos mais críticos apóiam-se em tais analogias, como as relações pai/filho, videira/ramos, noiva/noivo, ovelhas/pastor, edifício/pedra angular.

Imagens, que poderiam ser consideradas um sub-elemento da analogia, merecem menção aqui, à medida que percorremos a Bíblia à procura de elementos indutivos. Não obstante o fato da língua hebraica do Antigo Testamento se limitar a cerca de duas mil raízes semânticas e a dez mil vocábulos (comparados a cem mil na língua grega e perto de um milhão na língua inglesa atual), as imagens descritivas vicejam no Antigo Testamento. O curto livro de Oséias sozinho contém mais de quatrocentas imagens e figuras indutivas. Este profeta poético apóia-se fortemente nas imagens de sua própria experiência para expressar seu soluçar quase incoerente e contínuo.

Amós enfia-se na escuridão para perseguir o leão rugidor que está a roer um de seus cordeiros. Daí ele extrai uma analogia, dizendo: "O Senhor rugiu de Sião... quem não profetizará?" e também: "Rugirá o leão no bosque, sem que tenha presa?", quando compara sua experiência pessoal com o cenário nacional.

Na realidade, esta imagem analógica de Amós incorpora outro daqueles elementos indutivos potenciais mencionados no Capítulo Três — a experiência comum. Dentro da estrutura da narrativa bíblica — as histórias da experiência humana — há incontáveis referências adicionais à experiência humana do dia-a-dia. A Bíblia confronta os leitores com a realidade de toda a experiência humana básica e inevitável, desde funções orgânicas até impostos e morte.

Pode uma aplicação indutiva ser bíblica? Um olhar nos ingredientes naturais da Escritura parece indicar que sim. Na ver-

dade, se você risca da Bíblia os elementos de narrativa, perguntas, diálogos, analogias e imagens, e referências a experiência humana comum, você reduz a Escritura Sagrada a uns poucos retalhos esparsos.

Porém, como dissemos no Capítulo Três, não é a simples inclusão de ingredientes indutivos que caracteriza o processo indutivo; é o uso desse ingredientes. Portanto, não devemos afoitamente concluir que a indução é bíblica ou que a Bíblia é indutiva somente porque os ingredientes estão ali. A pergunta mais importante é: "Como Deus usa esses ingredientes?"

Deus não conta uma história artificializada ou enfeitada apenas para atrair nossa atenção sobre a parte principal de sua mensagem. Os elementos indutivos que temos mencionado não são pequenos artifícios engenhosos salpicados sobre a Bíblia para adornar verdades obscuras; não são uma cobertura de calda açucarada para tornar mais palatáveis as instruções. Esses ingredientes constituem o centro de toda a comunicação de Deus para o homem.

A narrativa suporta o peso do registro bíblico desde o Éden até à Nova Jerusalém. A estrutura é a de uma história, do começo ao fim. O Antigo Testamento é uma história que conduz às histórias do evangelho no Novo Testamento. Intriga e contra-intriga, intriga secundária e parênteses — histórias e a história conduzem o registro da fé e da insensatez humanas pela correnteza do tempo.

Naturalmente, a Bíblia inclui tratamentos dedutivos para a instrução dos crentes. Mas, todas as exposições de doutrinas, palavras de sabedoria ou estudos teológicos são dispostos paisagisticamente em meio a multidões de pessoas e suas respectivas experiências.

Em que parte da Bíblia você encontra um discurso abstrato sobre o fracasso? Em parte nenhuma. Contudo, do jardim abandonado de Adão àqueles que ficam fora dos muros da ci-

dade descrita no Apocalipse, um estudo de caso após caso ilustra o fracasso humano e a segunda chance oferecida pelo evangelho de Deus. Veja o tema do fracasso em Caim, Noé, Abrão, Jacó. Esaú, Sansão, Davi, Salomão, os profetas, Judas, Pedro, João Marcos e muitos outros.

Básica a toda revelação bíblica é a importância da experiência, declarada ou implícita, aprender pela experiência e ensinar pela experiência. De fato, a experiência humana — pessoas reais, exemplos específicos e concretos — formam a estrutura central da Bíblia. Quanto é diferente isto da maioria dos sermões de hoje!

Os pregadores anotam e usam os pormenores indutivos de Deus em seu estudo e preparação para tirar suas conclusões. Mas, chegada a hora de pregar no domingo, eles geralmente iniciam com as conclusões que levou uma semana inteira para alcançar. E aquelas conclusões se tornam as bases (e com muita facilidade a tacada do batedor no beisebol) para inculcar dogma e doutrina nos ouvintes. Assim, a pregação por vezes demais se torna didática, dogmática e dedutiva, à medida que o pregador compartilha os resultados de sua pesquisa, mas não o processo.

O método de comunicação de Deus é inteiramente diverso. Ele não começa sua mensagem bíblica dizendo: "Vou provar minha amorosa fidelidade apresentando ao mundo um meio de salvação do pecado e da morte." Em vez disso, Deus começa narrando mais uma vez seus atos específicos na história e procurando manter a intensidade delas com alcance sempre crescente. A mensagem se desenrola através de cinco eventos históricos do Antigo Testamento, que formam o fundamento da fé: o chamado dos patriarcas, a saída do Egito, o Pacto do Sinai, o cumprimento da promessa de Canaã, e o estabelecimento de um reino. Três acontecimentos do Novo Testamento formam a base do novo pacto: a vida e os ensinos de Jesus, sua morte e

sua ressurreição. Estes atos históricos de Deus na experiência humana conduzem o leitor indutivamente de fatos específicos à conclusão — a declaração divina de ajuda e esperança para o mundo.

Porém Deus não começa com a resposta. Geralmente, na Bíblia o concreto vem antes do abstrato, os pormenores antes da generalização, os dados antes da regra. Embora alguns decretos e dogmas possam ser encontrados na Escritura, eles tendem a suceder a experiência, os exemplos e os casos de forma indutiva, e não precedê-los de uma maneira dedutiva autoritária.

Estrutura e princípios indutivos sobejam na Escritura: observação antes do raciocínio, fatos antes dos princípios, evidência antes da conclusão, movimento do familiar para o não-familiar, uso de sugestão sem tirar inferências, progressão cuidadosa e gradual de um estágio para outro.

Deus ensina por dois caminhos: pela revelação e pela razão. Ele combina a mais alta autoridade com a maior liberdade de investigação. Ele revela a si mesmo e a sua verdade gradualmente. De forma progressiva, ele mostra ao gênero humano sua vontade e seu modo. Prepara o caminho; aguarda a prontidão humana.

Ele raciocina com suas criaturas de raciocínio lerdo, partindo dos detalhes de nossa experiência. Ele faz isso para aprendermos com os exemplos dos outros. Modelos bons e maus desfilam à nossa frente, enquanto apelos racionais de Deus vão estabelecendo razões mais fortes para nossa obediência.

Após o cenário do jardim do Éden, o raciocínio de Deus estende-se como um tapete na narrativa da história humana. Ordens, afirmações e decretos misturam-se suavemente no formato narrativo da Bíblia.

Os propósitos de Deus são alcançados não por autoridade dogmática, mas por indução, à medida que os humanos apren-

dem com a experiência de outros. O método de ensino preferido de Deus é pela graça, e não por decreto. Seu método indutivo desenvolve-se partindo do ensino indireto dos fatos para a verdade. Seu estilo habitual não é dogmático, mas indireto. Destina-se a providenciar um processo de disciplina moral, não um reservatório de fáceis respostas teológicas e doutrinárias.

Não é só na estrutura geral da Bíblia que encontramos indução; ela pode ser vista em livros individuais. A propósito, meu colega Dr. John Oswalt, um estudioso da Bíblia, diz que Provérbios é o único livro dedutivo. É a exceção no sentido de que seus amplos princípios gerais se aplicam como decretos universais, não como respostas a casos particulares.

Todos os outros sessenta e cinco livros, insiste Oswalt, devem ser identificados como indutivos pela tipo de desenvolvimento, ênfase e/ou formato. Mesmo os escritos de Paulo e as outras epístolas são indutivas no sentido de que seus princípios gerais são uma resposta a situações particulares e experiências. A doutrina no livro de Romanos, por exemplo, refere-se diretamente ao povo de Roma, com sua formação, cultura e história. O ensino em Tessalonicenses sobre a esperança da Segunda Vinda é em resposta às provações específicas pelas quais passavam naquela ocasião.

Outros livros na Bíblia demonstram mais claramente seu formato indutivo. Por exemplo, o Evangelho de Mateus é construído com oito partes narrativas como segmentos artísticos com estrutura similar. Para propósitos de análise, podemos dizer que a narrativa do primeiro Evangelho equivaleria a duas horas e meia de sermão com cerca de 23.700 palavras.

Essas oito seções de narrativa abrangem a vida e ministério de Jesus. Cinco dessas porções históricas precedem segmentos didáticos de seus ensinos, os quais se desenvolvem da narrativa de sua vida encarnada e se baseiam nela. Os conceitos emanam dos processos indutivos da vida.

The Interpreter's Dictionary of the Bible (Vol. 3, p. 304) esboça essas seções alternadas de Mateus com a seguinte composição:

I Narrativa da Infância — caps. 1 - 2
II Discipulado — caps. 3 - 7
A. Narrativa inicial do ministério de Jesus — caps. 3 - 4
B. Discurso — Sermão do Monte — caps. 5 - 7
III Apostolado — caps. 8 - 10
A. Narrativa — ministério de cura e ensino de Jesus — 8.1 - 9.34
B. Discurso — missão dos discípulos de Jesus — 9.35 - 10.42
IV Revelação não em aberto — 11.1 - 13.52
A. Narrativa — crescente oposição a Jesus caps. 11 - 12
B. Discurso—ensino não explicado de oito parábolas — 13.1-52 (narrativa)
V A Igreja — 13.53 - 18.35
A. Narrativa — Messiado e sofrimento — 13.53 - 17.23
B. Discurso—administração da Igreja — 17.24 - 18.35 (narrativa)
VI O Julgamento—caps. 19 - 25
A. Narrativa—controvérsias em Jerusalém—caps. 19 - 22
B. Discurso — crítica de escribas e fariseus—cap. 23
Doutrina da parúsia — caps. 24, 25
(três parábolas e narrativa do julgamento)
VII Narrativa da Paixão—caps. 26 - 27
VIII Narrativa da ressurreição — cap. 28

Esta disposição relaciona dezenove dos vinte e oito capítulos de Mateus como narrativa, e a maior parte dos restantes capítulos de discursos incluem muito do elemento de narração.

O livro de Marcos segue-se como o relato do menino do evangelho, com muita narrativa, experiência humana concreta

e movimento rápido. O processo indutivo se desenrola no centro do palco.

Lucas amplia a experiência vista do ponto de vista de um médico. Sentimentos e impacto emocional refletem a empatia e envolvimento do autor, e o contato de Jesus com as mulheres e crianças, os enfermos, os incapazes por deficiência física ou mental, e os rejeitados, como objetos de compaixão humana e divina.

O assim-chamado teológico quarto Evangelho, tal como foi registrado por João, é visto por alguns como abstrato, teórico e quase extraterrestre. Contudo, observe-se o elemento narrativo ressaltado, marcando os títulos de seus capítulos:

1. João Batista e outros seguem a luz
2. Bodas de Caná
3. Nicodemos
4. A mulher junto ao poço
5. O homem curado no sábado como uma testemunha
6. Alimentando cinco mil — com pão do Céu
7. Jesus na Festa
8. Livre para ser apedrejada
9. O homem cego curado
10. O aprisco e o Pastor
11. A ressurreição de Lázaro
12. A entrada triunfal
13. Lavagem dos pés no cenáculo e Última Ceia
14. Última vontade e testamento
15. A videira e os ramos
16. O Consolador
17. A oração sacerdotal
18. O jardim do Getsêmani
19. O julgamento e a crucificação de Jesus
20. A ressurreição
21. Peixe para o desjejum à beira do lago

Neste quarto Evangelho, João apresenta evidência indutiva para alcançar suas metas. Catorze sinais — seis expressões (as "eu sou" de Jesus) e oito obras de Jesus — confirmam o tema de João como exemplos representativos. Ele cita experiências, casos, narrativas com ênfase objetiva — ver, ouvir, saber, fazer, dizer — todos estes do tipo "você deve crer". Assim, ele procura conseguir uma silenciosa autoridade, recorrendo à vida como testemunha (Jo 20.31). Seu método é fortemente indutivo. Ele visa o envolvimento humano.

Já procuramos evidências da indução na estrutura básica da Bíblia e nos livros isoladamente. Mas, que tal olharmos mais de perto — os pregadores e sermões da Escritura?

As pessoas da Bíblia pregam. Algumas pregam bem. Se a natureza humana se mantém basicamente inalterada, então a Bíblia nos proporciona uma mina de ouro inexplorada de conceitos para ajudar o pregador de nossos dias. Tanto o Antigo como o Novo Testamento, podem prover-nos de estudos de casos sobre técnicas de pregação. Os profetas pregaram e, de fato, muitos livros da Bíblia foram pregados antes de serem escritos.

No Novo Testamento, os escritores dos Evangelhos registram sermões, palestras e experiências. Os apóstolos e autores de outros livros do Novo Testamento registram suas mensagens num estilo de pregação verbal. As próprias treze cartas de Paulo podem ser analisadas proveitosamente como sermões enviados para serem lidos em várias congregações.

Observar o método, o estilo, os apelos e os conceitos empregados na Bíblia deve ajudar a pregação nos tempos atuais. Quais são os princípios perdidos? Onde ocorreram as mudanças? O que os pregadores primitivos sabiam sobre a pregação que nós perdemos ao misturar os papéis?

Temos a tendência de olhar os homens e mulheres da Bíblia devocionalmente, e não com realismo. Nós os "glamourizamos" como santos, sem aprendermos suas técnicas ou princípios.

Os livros de homilética tendem a desconsiderar os profetas e pregadores de ambos os Testamentos. Nossos sermões seguem os modelos retóricos gregos, e não os modelos bíblicos.

O livro de Eclesiastes, que contém as palavras registradas de alguém referido como "o pregador", destaca-se como um exemplo de indução por eliminação. Um professor de Bíblia de uma universidade contou-me que estimula os estudantes a nunca ler esse livro, a menos que o leia por inteiro. "Ele leva ao suicídio", diz ele.

Os pormenores se juntam para ilustrar a "vaidade e insensatez da vida" até "o fim de todo o assunto", quando tudo "tiver sido ouvido". Depois, com o estalo do seu chicote, o escritor de Eclesiastes usa somente os dois versículos finais para extrair o conceito conclusivo, resumi-lo e aplicar sua proposição à vida. O quanto isso é diferente da orientação e estrutura da homilética tradicional!

A referência à experiência e o uso de trinta perguntas no livro levam os ouvintes a envolver-se neste sermão da vida real. Embora ele comece com um texto nos dois primeiros versículos, o pregador atrai ouvintes ao drama da vida pela sua cobertura total da experiência humana do nascimento ao sepultamento, do ventre aos vermes. Ele aconselha por meio de uns poucos provérbios esparsos, mas sua pregação primária está contida nas trinta e uma palavras conclusivas deste sermão de quarenta minutos.

Esboço do Eclesiastes

Veja a vaidade e insensatez.
Onde está o sentido?
- não na sabedoria
- não em retrair-se
- não no choro
- não no vinho

não no vento (14 vezes)
não em trabalhos
não em palavras
não no louvor sem obediência
não na iniqüidade
não em armas de guerra
não em escrever
Mas em andar retamente.
Conclusão (12.13,14):
Temer a Deus.
Guardar seus preceitos.
Todo o dever do homem
Deus julgará —
nada estará oculto.

O livro de Malaquias, que corresponde a um sermão de doze a quinze minutos, com 1.782 palavras, constitui um modelo de pregador que busca a participação indutiva de seus ouvintes. "O mensageiro" os mantém envolvidos num diálogo fluente, num discurso direto e em mais de vinte e cinco perguntas para confrontar seus ouvintes. Faz repetidas referências à história como experiência, estudos de casos, vida pessoal e familiar, relacionamentos básicos, responsabilidades contínuas, atividade corporativa e individual, palavra e ação, crença e comportamento.

Amor incontestável: o amor de Deus por Israel — 1.1-5
Sacrifícios inaceitáveis: ofertas corruptas de sacerdotes corruptos — 1.6-14
Deveres negligenciados: negligência dos sacerdotes para com o pacto — 2.1-9
Maridos infiéis: reprovação da idolatria e do divórcio — 2.10-16
Julgamento inesperado: a vinda do Senhor — 2.17 — 3.6
Bênção incomensurável: promessa de Deus, se os dízimos forem apresentados — 3.7-12

Afirmações injustificadas: certeza de justa condenação — 3.13 — 4.3
Despedida inesquecível: uma admoestação, uma promessa, uma ameaça — 4.4-6

Examinaremos os exemplos de Jesus nos capítulos seguintes. Embora muitos outros sermões famosos da Bíblia também pudessem servir como modelos indutivos. O sermão de Estêvão aos seus apedrejadores é uma obra-prima de indução. O discurso de Paulo na colina do Areópago e seu testemunho diante dos judeus em Atos 22, e do rei Agripa no capítulo 26, mostram também o uso habilidoso do processo indutivo

Pode a aplicação indutiva à pregação ser realmente bíblica?

Os pregadores bíblicos e a própria estrutura da Bíblia e de seus livros dizem que sim. De fato, cada um dos variados 2.930 personagens da Bíblia exterioriza uma mensagem. Cada um representa um monumento a uma idéia essencial: podemos aprender pela experiência.

A história divina vem no invólucro da história humana. A própria Encarnação é indutiva. A Palavra torna-se carne e habita entre nós (Jo 1.14), para que possamos ver, para que possamos ouvir, para que possamos conhecer.

Parece-nos que o processo indutivo é o método instrucional primário de Deus. Ele parece dizer em sua Palavra: "Parem, olhem, ouçam e vivam. Então, poderão ouvir a Palavra do Senhor."

Quando Deus quis enviar uma mensagem, não fez cair das nuvens uma coleção de obras teológicas em vinte e quatro volumes. Ele contou uma história. Talvez devamos aprender com o estilo de comunicação de Deus alguma coisa a respeito da nossa pregação.

Pode a pregação indutiva ser realmente bíblica?

Se queremos ser de fato bíblicos, pode não haver um método melhor.

6. Modelo Mestre

Certo dia, um amigo pastor e eu entramos numa discussão acerca do processo indutivo na pregação. Compartilhei com ele alguns poucos conceitos básicos que planejei incluir neste livro. Depois da conversa, ele decidiu, sem que eu soubesse, tentar um sermão indutivo em sua congregação rural.

No meio de uma série de sermões sobre o Evangelho de Mateus, num domingo de manhã ele mudou para a abordagem indutiva, sem dizer nada a quem quer que fosse sobre seu experimento. Por desejar que o teste não fosse tendencioso, e porque ele também é um purista, pregou um sermão que, em suas palavras, "foi pura indução—sem fusão, sem mistura, sem as paradas de suspense—do começo ao fim".

Na próxima vez que conversamos, ele relatou os resultados com um misto de excitação e consternação. "Aquilo quase arruinou o meu dia", disse. "As luzes começaram a acender sobre toda a congregação. Era possível ver o interesse e o envolvimento aumentar, à medida que aquelas pessoas do campo começaram a discernir — uma nova captação, uma nova conscientização. Começaram a inclinar-se para a frente, e quase se podia ouvir as reações estampadas em seus rostos costumeiramente impassíveis: 'Então, foi isso o que Jesus quis dizer'; 'Oh, sim, isso se refere a...'; 'Eu sempre me questionei sobre isso...'

"Era como se os espectadores tivessem descido da arquibancada e entrado em campo", continuou o pastor. "Fiquei de tal modo intrigado com sua reação, que simplesmente não conseguia me concentrar no sermão."

No domingo seguinte, retornou ao seu modelo dedutivo, de forma que pôde se concentrar no ensino de sua gente. "A verdade é que há tanta coisa a respeito da Bíblia que eles não conhecem", raciocinou.

Conto aqui essa história porque ela é um exemplo do que penso que poderia acontecer em milhares de congregações, se os ministros tentassem sermões no estilo indutivo. Mas também estou narrando essa experiência por causa da lógica usada por meu amigo para se agarrar a seu velho hábito dedutivo.

"A verdade é que há tanta coisa a respeito da Bíblia que eles não conhecem" é uma inquietação que mais ministros fariam bem em abrigar. A Palavra de Deus tem a resposta para todo problema que nosso povo enfrenta em nosso turbulento mundo do século presente. E muito poucos pregadores atuais confiam no poder dessa Palavra para enriquecer seus ministérios e conferir autoridade a sua pregação.

Não obstante, estou convencido de que a Bíblia também oferece soluções para os problemas da pregação do nosso século, tanto quanto para os problemas do dia-a-dia de nosso povo. E quando insistimos no tradicional estilo evangélico da dedução como nosso meio principal de transmitir a Palavra de Deus a nossa gente que ainda não a conhece, penso que nós, pregadores, estamos provando que há tanta coisa sobre a Bíblia que nós também não conhecemos.

Por que os pregadores se demoram tanto em verificar as fontes primárias de exemplos da habilidade nesta arte? No capítulo anterior tivemos uma visão geral do estilo de comunicação de Deus na Bíblia. E quanto ao exemplo de seu Filho? Por que Jesus é tão raramente citado no índice de nomes dos livros sobre pregação? Por que usamos a vida e as palavras de Cristo como tijolos e cimento para a construção de nossa teologia, nossos sistemas de ética, nossas teorias filosóficas, e deixamos de estudar seu método e conceitos de pregação?

Provavelmente porque Jesus não se enquadra em nosso modelo homilético tradicional.

Contudo, considerando que as palavras de Jesus formam cerca de vinte por cento de todo o Novo Testamento (por volta de 36.450 do total de aproximadamente 181.250 palavras, [pelo menos em inglês]), devemos estar aptos a aprender alguma coisa sobre o seu estilo de falar, examinando atentamente suas palavras registradas. E como o Filho de Deus é o exemplo supremo de tudo o que é cristão, parece razoável que seu exemplo exerça um impacto sobre toda a pregação cristã atual.

A Mensagem de Jesus

Iniciemos pelos sermões de Jesus. Sobre o que ele fala?

Repetidas vezes Jesus acessa o banco da memória de seus ouvintes. Ele aciona o interesse e envolvimento deles com apelos constantes aos desejos, necessidades e experiências universais do homem. Os sermões dele não são exercícios acadêmicos em arregimentação intelectual nem meros conselhos éticos. Ele vai fundo na vida. Ele penetra os sentimentos; sonda os relacionamentos mais profundos de seus ouvintes. Vida e experiência — vida e experiência normal, saudável, comum — parecem dominar suas conversas com as pessoas. Observe a amplitude e relevância da seguinte relação parcial de seus assuntos:

> Adultério, ira, ansiedade, avareza, morte, dívidas, dúvidas, eternidade, fé, jejum, crítica, doação, ganância, honestidade, hipocrisia, alegria, bondade, conhecimento, lei, legalidade, vida, lascívia, casamento, dinheiro, juramentos, paternidade, oração, falsa aparência, respeito, responsabilidade, recompensa, governos, sexo, calúnia, fala, administração, impostos, confiança, crueldade, virtude, sabedoria, zelo.

A simples leitura desta relação de assuntos em nossos púlpitos criaria, sem dúvida, uma certa excitação em nossos santuários no próximo domingo. Uma série de sermões tirados dessa amostragem de tópicos provavelmente daria mais resultado do que três xícaras de café na hora da confraternização para manter nossos sonolentos diáconos acordados e escutando. Mas, não foi somente o tratamento de Jesus de tópicos relevantes que fez com que as multidões voltassem mais vezes para ouvir mais.

Poderíamos chamar Jesus de Contador-Mestre de Histórias. Ele não pregava sem contar histórias, e muitas delas eram parábolas. O Novo Testamento registra de trinta e três a setenta e sete parábolas de Jesus, dependendo da definição que o leitor tem deste gênero literário. Ele não as usa meramente como iscas, leves introduções para manter seus ouvintes atentos para aquilo que pretende realmente dizer. Elas são, freqüentemente, a expressão fundamental de sua mensagem.

As pequenas histórias de Jesus estão ligadas a idéias muito grandes. A história do bom samaritano forma um sermão sobre a compaixão. A do filho pródigo ensina o perdão. A parábola dos dez talentos nos instrui sobre responsabilidade pessoal. Quando Jesus pregava, a narrativa carregava muito do peso de sua mensagem.

Analogia é outra técnica favorita na pregação de Jesus. Ele fala sobre luz e sal, casas sobre a rocha e sobre a areia, pastores e ovelhas, jugos e cargas, água viva, senhores e servos, patrões e empregados, vinhedos, videiras, ramos e portas. E dentro destas e muitas outras analogias Jesus compara e contrasta imagens familiares: virgens e edificadores sábios e insensatos, ovelhas e bodes, luz e trevas, caminho largo e estreito, rico e pobre, jovem e velho.

Reiteradamente, Jesus faz com que seus ouvintes retornem às experiências comuns por suas referências a: quarenta e nove vezes a ovelhas, vinte e sete vezes a semeadura, vinte e duas

vezes a ceifa e colheita e dez vezes a água. Todas elas são partes essenciais do dia-a-dia da cultura agrária em que Ele vivia.

Termos familiares e concretos são os veículos usados por Jesus para transmitir conceitos abstratos. Ele usa o simples lírio como lição-objeto sobre confiança. A trave e o argueiro simbolizam defeitos grandes e pequenos. O conceito de serviço é representado por um copo d'água.

A Escritura registra 153 perguntas dirigidas por Jesus a seus ouvintes. Ele está em contínuo diálogo com as pessoas que se juntam ao seu redor para ouvi-lo. Na verdade, todos os ingredientes indutivos mencionados no Capítulo Três — narrativa, parábolas, analogia, diálogo, perguntas e referências à experiência comum — são ingredientes constantes e comuns na pregação de Jesus.

Seu Sermão do Monte, de aproximadamente 2.320 palavras, serve como modelo ideal para estudar seu estilo de pregação. Nesse sermão, que pode ser pregado em cerca de vinte minutos e que poderia intitular-se "A Pessoa Feliz, Satisfeita", Jesus sonda a necessidade experimentada por seus ouvintes, "Como pode uma pessoa ser feliz ou satisfeita?" Ele gira ao redor desta pergunta universal, escolhendo exemplos como bem-aventuranças e analogias — alguns mais delicados, outros mais impetuosos, mas todos simples, comuns e eficazes em seu impacto.

A tradição tende a não tomar conhecimento do uso que Jesus fez de elementos indutivos no Sermão do Monte. Com freqüência demais lemos as bem-aventuranças como comandos, decretos ou pronunciamentos autoritários. Uma observação mais cuidadosa indicará que Jesus não as expressou dessa forma.

Pelo contrário, Ele faz dezenove perguntas neste sermão, dando-lhe uma conotação geral de diálogo e envolvimento participativo das pessoas. E todo o sermão está repleto de analo-

gias e referências a experiências com que os ouvintes podem facilmente se relacionar. Desmembrado e analisado, o sermão mostra o seguinte:

I Analogias - 5.3-16
Pobres, chorosos, humildes, misericordiosos, puros, pacificadores, perseguidos, sal, luz—na experiência humana.
II Atitudes - 5.17-48
Imaginar-se justo, sentir ódio, lascívia, respeito, honestidade, vingança, amor, generosidade, orar, jejuar, ter ganância, ansiedade, julgar, fé, opção.
III Ações - 6.1-7.23
Dar, orar, jejuar, servir, não preocupar-se.
IV Alternativas - 7.24-29
Portas, frutos, árvores, alicerces.

Palavras ..... 2.320 [em inglês ou grego] (18-20 minutos)
Imagens, exemplos, ilustrações ..... 348 ou 1/6 ²/³ palavras (lobos, ovelhas, frutos, luz, rocha, areia, tempestade, edificar etc.)
Comparações ..... 142 ou 1/16 palavras
Verbos indicando energia, ação ..... 404 ou 1/6 palavras
Pronomes para esclarecer ou relacionar ..... 320 ou 1/7¼ palavras
Pronome da 2.ª pessoa na fala direta .. .. 221 ou 1/10 palavras
Tempo presente — relevância, realismo ..... 65% aproximadamente
Tempo futuro ..... 30% aproximadamente
Tempo passado ..... 5% (149 palavras, na King James Version — não tradicional, autorizada)
Pontos de vista variados..... 42 diferentes aspectos de felicidade

Jesus não inicia o Sermão do Monte com uma declaração sobre a importância de ouvir suas palavras ou com uma ameaça àqueles que não querem ouvir. Não começa com sua conclusão

enunciada, mas conduz os ouvintes pela razoabilidade de suas bem-aventuranças e analogias, suas comparações e contrastes, a uma posição de escolha. No final do sermão ele lhes oferece uma decisão — ouvir e ser sensato ou rejeitar e ser insensato. E uma vez alcançado o ponto de decisão, Jesus permite a seu público tirar suas próprias conclusões.

Aqui no Monte e em outros ensinos, Jesus principia com o conhecido, o concreto e o pessoal, para guiar seus ouvintes ao desconhecido, ao abstrato e universal.

Seguidamente, durante todo o seu ministério, ele usa o que é uma seqüência lógica indutiva progressiva em seu ensino, iniciada com o simples e caminhando para o complexo. Os passos podem ser delineados desta forma:

1. Introduz a idéia.
2. Explana — ilustra de forma simples.
3. Argumenta — apela à mente.
4. Aplica — "vá e faça".

O "vir", "ver", "ouvir" se colocam antes do "pensar" ou até do "crer", quando Jesus prega. Acrescentem-se os ingredientes e a estrutura de suas mensagens e a evidência parece irresistível. Jesus prega indutivamente.

Com variedade quase infinita, ele propõe questões e envolve os ouvintes em suas mensagens. "Conheceis esta parábola?", "Ide dizer a João o que vistes e ouvistes", "A que compararei esta geração?", "Vedes esta mulher?", "Quem é o servo fiel e prudente?", "Eram esses galileus os piores pecadores porque sofreram?", "Vede esta figueira", "Quem é maior, o que senta à mesa ou o que serve?", "Faltou-vos alguma coisa quando vos enviei sem bolsa, alforje ou sandálias?", "Vós me procurais porque comestes os pães e vos fartastes."

Mas se o leitor voltar ao que discutimos no capítulo dois, lembrará que a mensagem é apenas um terço do processo de

comunicação. Se queremos julgar com isenção o método indutivo de Jesus, precisamos examinar seu papel e atitude como orador, e o relacionamento dele e de sua mensagem com seu auditório.

Jesus e as Pessoas

O Sermão do Monte diz muita coisa a respeito da compreensão que Jesus tem de seu auditório, e de seu relacionamento com ele. Enquanto os fariseus e outros líderes religiosos da época exigem que as pessoas venham até eles, Jesus vai às pessoas — tanto fisicamente quanto pela atitude, através de sua mensagem.

Ele vai ao Monte com as massas. Entretanto, procura personalizar seu sermão. Além das perguntas geradoras de diálogo presentes no Sermão, as palavras "vós" ou "vosso" são expressas ou implícitas 221 vezes. Jesus fala diretamente a seu auditório.

Talvez tenha sido o estilo de Jesus de ir às pessoas e falar-lhes que as trouxe aglomerando-se para ouvi-lo. Tampouco, os ouvintes de Jesus não pareciam sentar-se calados nos últimos bancos. Os relatos dos Evangelhos registram algo como 125 ocorrências de comunicação de Jesus com as pessoas. E cerca de 54 por cento desses contatos foram de iniciativa de seus ouvintes.

É curioso que o Filho de Deus, que veio à terra para transmitir a mais importante mensagem de todos os tempos, que tinha o mais livre acesso a Deus e a mais profunda compreensão de sua mensagem, consinta que o auditório determine sua agenda de comunicação em metade das oportunidades. Em vez de pôr-se de pé e proclamar a mensagem que sabia que o povo devia conhecer, ele respondia às perguntas, objeções e dúvidas de seus ouvintes. Permitia e acolhia seu envolvimento desde o início.

O Jesus sem estudos formais e seus doze iletrados viraram as cidades de cabeça para baixo com suas pregações. Os líderes religiosos, emaranhados em sua velha cultura e infindáveis notas de rodapé, nunca conseguiram compreender por que as pessoas simples ouviam Jesus com tanto prazer. "Onde Ele aprendeu isso?", perguntavam.

Muito de seu importante conhecimento veio do tempo que dedicou ao convívio e à preocupação com o povo. Ele conhecia e respeitava as pessoas simples e sua experiência. Ele as tratou colocando-se no mesmo nível delas. Ele se identificou com as necessidades e interesses pessoais delas.

Sei de pregadores que procuram justificar a falta de envolvimento e posicionamento de suas congregações com uma observação de mártir: "Os ouvintes de Jesus também rejeitaram sua mensagem."

Isso, porém, absolutamente não é verdade. O tempo e a distância distorceram a história.

O fato é que as pessoas simples acorreram em massa a Jesus com suas doenças, dúvidas e aflições. Os religiosos lhe resistiram.

Os pecadores humildes se aglomeraram a sua volta. Cidades inteiras se esvaziavam quando o populacho afluía ao deserto onde Ele pregava. As pessoas "boas" se escandalizavam.

Os "pecadores" religiosos ficavam em situação difícil, confusos, irados com Jesus. Acusavam-no de ser amigo de publicanos e outros pecadores. Os não sofisticados juntavam-se ao seu redor para ouvir suas histórias, suas parábolas e seus fascinantes sermões.

É verdade que o jovem rico foi embora tristonho, mas a hostilidade ostensiva veio dos religiosos profissionais. Resistência, rebelião, rejeição vieram deles, que eram uma bem pequena minoria.

Poderíamos alegar que as pessoas pecaminosas ficavam ofendidas com Jesus porque eram "pecadoras". Mas se apresentamos isso como defesa para nosso próprio ressentimento, devido à falta de aceitação de nossa mensagem "dada por Deus", estamos deixando de compreender a verdade contida no quadro mais amplo. Voltemos dois mil anos e observemos novamente.

A vasta maioria dos pecadores — a plebe, os simples, os irreligiosos — se acotovelam para ouvir Jesus. Sobem em árvores, furam o cerco do pessoal da imprensa, enfiam-se furtivamente na multidão, chamam-no aos gritos sem medo ou impedimento.

As elites ficam inflamadas, os privilegiados ficam irritados com ele; os poucos escolhidos reclamam de sua orientação proletária. Os religiosos sofisticados o desprezam. Porém as massas quase o esmagam em sua excitação para ouvi-lo pregar.

Os pecadores vão a ele. Os assim-chamados santos querem que ele seja dogmático, dedutivo, doutrinal. Em vez disso, ele conta histórias e parábolas. Ele os mantém fascinados por meio de comparações enigmáticas. Reserva suas leis doutrinárias para os crentes e qualquer dogmatismo para os religiosos.

Ele se relaciona com pecadores como amigo e companheiro deles. Vai a casamentos, funerais e festas para se irmanar com as pessoas. Seus sermões começam onde estão as multidões — na experiência comum.

Ele pode pregar com confiança. Ele confia que o povo aprenderá por experiência, por indução, em vez de por decretos. Dirige seus ouvintes a conclusões próprias, e às dele. Não os força a concordar, quer queiram ou não. Quando eles chegaram às conclusões, declararam seu assentimento, então ele anuncia a aplicação e a conseqüência desses conceitos. Sua mensagem amolda-se ào auditório.

Jesus, o Pregador

No Capítulo Dois, quando falamos do orador como um dos três elementos de comunicação de Aristóteles, dissemos que a disposição íntima de servir do pregador deve refletir-se em sua vida e em sua pregação. Tal atitude posta em prática torna-se uma mensagem indutiva em si mesma. Ela mostra, em vez de dizer.

Jesus o orador, é indutivo pela própria natureza de seu ser. A própria Encarnação é claramente uma idéia indutiva. Em lugar de apenas dizer que nos ama, Deus veio em forma humana para viver sua mensagem.

Paulo descreveu essa atitude e ação indutivas em Filipenses 2.5-8, quando dusse:

> Que a atitude de vocês para com a vida seja aquela do próprio Jesus Cristo, que tendo sido sempre Deus por natureza, não se apegou ao seu privilégio de ser igual a Deus, mas despojou-se de todas as suas prerrogativas, consentindo em assumir a natureza de servo e nascendo como homem. E visto claramente como ser humano, ele se humilhou vivendo uma vida de total obediência, a ponto de morrer, e a morte que ele teve foi a de um criminoso comum. (J. B. Phillips).

Jesus "fez-se a si mesmo sem nenhuma reputação" (KJV). Seu ministério, quando você pára para pensar a respeito, foi um procedimento bem indutivo. A identidade, autoridade e propósito de Jesus como o Filho de Deus (a mensagem abstrata que Ele veio trazer) é revelada somente gradual e progressivamente pelos atos e eventos de sua vida (as ilustrações concretas dessa mensagem).

Deus não iniciou seu grande sermão da Encarnação para o mundo-em-expectativa expondo sua tese. Ele não disse, "Isto é o que vou fazer quando enviar meu Filho ao mundo", dispondo, então, os detalhes a respeito de manjedouras, rejeição e cruzes.

Não. Em vez disso, Deus permitiu que o concreto viesse antes do abstrato. Os elementos específicos precederam a aplicação geral; em moldes realmente indutivos a experiência de vida antecedeu a teoria.

Como ilustração, considere-se o desdobramento da revelação da autoridade de Jesus. Podemos ver isso em qualquer um dos relatos dos Evangelhos, mas para efeito de simplificação e cronologia, passemos ligeiramente por Marcos e vejamos como a autoridade de Jesus, como Deus (a força central e a mensagem de sua vinda) é progressivamente revelada através de suas experiências de vida.

Ocasião	Autoridade Revelada	Referência em Marcos
Chamada dos discípulos	Para atrair homens	1.16-20
Ensinando na sinagoga em Cafarnaum	Ensino com autoridade	1.21, 22
Expulsando demônio	Acima do mundo espiritual	1.23-28
Curando a sogra de Simão	Acima da enfermidade	1.29-31
Acusação por não jejuar	Acima dos costumes	2.18-20
Apanhando espigas de milho no Sábado	Acima do Sábado	2.23-28
Curando a mão aleijada	Acima do Sábado	3.1-5
Escolhendo os doze	Para escolher quem Ele deseja	3.13-21
Ensinando por parábolas	Para escolher o método de ensino	4.1-34
Acalmando a tempestade	Acima da natureza	4.35-41
Levantando a filha de Jairo	Acima da morte	5.35-43
Enviando os doze	Para delegar poder	6.7-13
Alimentando 5.000	Acima de necessidades materiais	6.32-44
Mãos não lavadas	Acima das tradições	7.1-23
Abençoando crianças	Autoridade paternal	10.13-16
Montando jumento não amansado	Acima do reino animal, autoridade de dono	11.1-11
Limpando o Templo	Autoridade sacerdotal	11.15-19
Discurso no monte das Oliveiras	Autoridade profética	13
A crucificação	Acima da morte	15.24-41
A ressurreição	Acima do sepulcro	16.1-8
A Grande Comissão	Acima da evangelização do mundo	16.15-18
A ascensão	Exaltação acima de toda a autoridade	16.19, 20

Jesus não procura impressionar quem quer que seja afirmando sua autoridade ou deidade. Mas deixa que seu exemplo fale por Ele. Não declara, antes, mostra seu poder. Experiência é a prova que Ele exibe às pessoas ao seu redor.

Contudo, Jesus não apenas reteve indutivamente sua autoridade até que ela fosse provada em sua vida. O Jesus orador evitou apoiar-se em sua própria autoridade quando pregou às multidões. Já tivemos ocasião de ver como ele mencionou situações humanas, referiu-se a experiência e participou em relacionamentos. Notamos também seu uso da narrativa, parábolas, diálogos e perguntas, em sua tentativa indutiva de evitar a exortação a seus ouvintes, como se fosse mais uma figura da autoridade religiosa comunitária.

Mais ainda, Jesus nem mesmo se apoiou na autoridade tradicional. A razão fundamental por que a elite religiosa instruída resistia à pregação simples de Jesus e se sentia incomodada por ela era que ele não usava seu sistema. Ele não confiava nas respeitadas notas de rodapé dela. Ele não citava suas autoridades. Ele não abria mão da experiência do dia-a-dia como ela fosse irrelevante para a vida e a aprendizagem.

Parece que Jesus identificou em sua pregação o que Deus entendeu, ao elaborar o conceito da Encarnação: a experiência é que transmite a autoridade persuasiva que os indutivos seres humanos necessitam para compreender e aceitar a verdade. A pregação da Encarnação, seja no primeiro ou no vigésimo primeiro século, requer que a palavra se torne carne. E isso acontece melhor quando a autoridade do orador e a verdade são encarnadas para os ouvintes com a prova da experiência.

Alguns leitores podem pensar, "Sim, mas a Escritura não diz que 'Jesus os ensinava com autoridade e não como os escribas'?" De fato. Entretanto, estou convencido de que o intuito de Mateus com essa observação é dizer que Jesus exsudava autoridade genuína, não uma espécie artificial apoiada em posição,

em tradição ou nas instituições dos líderes religiosos de seu tempo. Mesmo quando Jesus citava a Escritura com a postura de autoridade, ele o fazia somente para os arrogantemente religiosos que alegavam agir de acordo com ela, bem como quando dava instruções àqueles que já tinham aceitado a verdade. João reproduziu as palavras de Jesus, quando disse: "Não falo por minha própria autoridade."

Um estudo completo de todas as palavras ditas por Jesus no Novo Testamento mostrará um padrão definido que deve ter importantes implicações para a nossa pregação atual. Jesus usou dois estilos distintos de comunicação, de acordo com a situação e o auditório. Algumas vezes usou uma abordagem didática dedutiva — porém unicamente quando falava a seus discípulos e a outros crentes. Quando se dirigia ao público, às multidões, sua abordagem era sempre indireta e indutiva.

A bem da clareza, vamos distinguir entre esses dois estilos, designando um como pregação e o outro como ensino. Analisando ambos, o leitor encontra uma extensa relação de diferenças interessantes.

Sua Pregação é Primordialmente Indutiva	Seu Ensino é Primordialmente Dedutivo
1. Para "o povo" — os muitos	1. Para os discípulos — os poucos
2. Às vezes, às multidões — pública	2. Pede pequenos grupos de crescimento — privada
3. Da vida — parábola, experiência, história, analogia, exemplos, Bíblia	3. Da Escritura, texto, base bíblica
4. Baseada na experiência, na vida	4. Com apoio na crença bíblica
5. Refere-se primariamente a ouvintes	5. Refere-se primariamente à verdade
6. Conduz à fé, à Bíblia, a Deus	6. Repousa sobre a fé na Bíblia e em Deus
7. Leva à crença e ao ensino	7. Prepara o crente a exortar indutivamente
8. Acentua os elementos narrativos	8. Acentua o elemento didático
9. Exemplos precedem argumento	9. Exemplos seguem argumento
10. Exemplos antecedem à fé	

11. Requer vários exemplos
12. Indica a probabilidade; racional
13. Apóia-se no bom-senso e na vida
14. Inicia com perguntas dos ouvintes
15. Inicia com interesse dos ouvintes, depois leva a consensos mútuos
16. Convida e chama por atenção e interesse
17. Procura o que se tem em comum e afinidade
18. Procura ganhar respeito e autoridade
19. Leva à base da fé e do ensino
20. Fundamentalmente evangelístico
21. Primariamente para descrentes, jovens
22. Inicia onde o ouvinte está sem fé
23. Para os de fora, sem comprometimento
24. Mais descritivo
25. Publica anúncio
26. Não tem regras rígidas — é racional
27. Provê analogias da história
28. Compara e contrasta a experiência
29. Acentua o concreto
30. Nenhuma autoridade senão a vida, experiência
31. Não reforçado com provas
32. Posição não opositora
33. Ênfase profética em mudança
34. Requer decisão
35. Não permite adiamento
36. Pregador não se detém
37. Pregador consegue conversões à fé
38. Prepara pessoas para receber o ensino
39. Exorta à escolha, à obediência

10. Exemplos seguem a afirmações e a pressupostos
11. Um exemplo pode ser suficiente
12. Supõe concordância, fé, crença
13. Apóia-se na seqüência lógica formal
14. Inicia com respostas, soluções
15. Inicia com conclusões do orador, depois pressiona para a aplicação delas
16. Pode pressupor atenção e interesse dos ouvintes
17. Presume afinidade e fé em comum
18. Pressupõe respeito e autoridade
19. Leva ao serviço e mais pregação
20. Fundamentalmente educacional
21. Primariamente para os fiéis
22. Inicia onde o orador está, com fé
23. Para os de dentro, crentes
24. Mais exortativo
25. Estimula declarações
26. Acentua a lógica, a ordem, a seqüência
27. Apóia-se em ditames lógicos, tradição
28. Segue as conclusões, afirmações, do orador
29. Idéias abstratas são comuns
30. Pressupõe postura autoritativa
31. Apóia-se em provas lógicas, autoridade
32. Posição defensiva, opositora
33. Ênfase sacerdotal no status quo
34. Pressupõe consentimento
35. Ensino requer tempo
36. Professor repete e persevera
37. Professor habilita convertidos a servir
38. Capacita crentes a pregar indutivamente
39. Exorta ao crescimento, maturidade

Pregação e ensino podem caminhar lado a lado, como em Mateus 5.1, 2 e 7.28, 29. Porém, mais tarde, Jesus faz uma distinção, à medida que seu ensino se torna secreto e privativo com pequenos grupos de crentes. Seu ministério de ensino habilita os seguidores dele para sua pregação individual indutiva, perpetuando assim o programa cristão em seqüência contínua permanente — pregação, ensino e serviço.

O estilo de pregação de Jesus mostrado no quadro anterior foi o que causou a inimizade dos escribas e fariseus. O método deles era exatamente o oposto:

Eles	Ele
Tempo pretérito	Tempo presente
Teórico	Prático
Orientado institucionalmente	Individualizado
Explicado através de definição	Explicado através de demonstração, ação
Apoiado na tradição	Apoiado na experiência
Impessoal	Pessoal
Preceitos confiáveis	Relacionamentos confiáveis
Pessoas controladas	Pessoas respeitadas
Conclusões estabelecidas	Evidência antes das conclusões
Programados para um padrão fixo	Individualistas
Rígido	Flexível
Ênfase racionalista	Ênfase relacional
Enfatizavam palavras de outrem	Enfatizava suas próprias palavras e obras

Penso que nós pregadores do século vinte [e já no século vinte e um], precisamos considerar maduramente as diferenças tanto entre a pregação e o ensino de Jesus como também entre sua pregação e a dos líderes religiosos de sua época. Devemos

escolher nosso modelo de autoridade em nossa pregação — Jesus ou os escribas: o timbre legítimo da experiência ou a cantarola repetitiva.

Para o escriba, a Boa Nova não parece nem boa nem nova; é mais um código decrépito de proibições do que um hino vigoroso de libertação. O escriba e sua classe não anuncia, enuncia; não proclama e sim declama; não incita e sim recita; não inflama e sim extingue.

De quem seguiremos o exemplo em nossa pregação? Temos uma escolha a fazer. Se Jesus, com toda sua autoridade, escolheu pregar indutivamente, de forma não adversativa em vez de por mandamento, quem somos nós para nos agarrarmos a afirmações dedutivas autoritárias? Atentemos novamente para seu exemplo como pregador.

Jesus não clama nem insiste por seu lugar ao sol. Ele deixa que suas histórias transmitam sua mensagem, sem fanfarras ou declarações pomposas quando prega ao populacho. Ele não só proclama com certeza indisputada, como também compartilha, guia e anda junto pelo caminho com as pessoas. Ele visa antes liderar do que forçar. Ele acompanha mais do que aborda. Ele aconselha, em vez de confrontar, compelir ou contender.

Ele confia em suas histórias para pastorear suavemente o rebanho em direção ao redil. Ele denuncia os lobos em peles de ovelhas. Ele fustiga o mercenário. O Gentil Pastor adverte contra os ladrões e assaltantes. As ovelhas conhecem sua voz e suas maneiras brandas à medida que as guia para a vida segura e abundante.

Jesus acredita nas pessoas e no processo indutivo de aprendizagem pela experiência, enfatizando a vida simples, aceitando as pessoas com respeito, assumindo o papel de guia, amigo e confidente. Ele não é nenhum autocrata, nenhum chefe pomposo, nenhum proclamador orgulhoso de suas próprias conclusões, nenhum anunciador de decretos pessoais sem a prova calma da experiência.

Jesus partilha com elas o processo. Ele nunca força as pessoas. Não impõe suas proposições. Ele guia mansamente, instrui, ensina, treina as pessoas.

Poderíamos resumir tudo isso dizendo que Jesus respeita seus ouvintes como sendo criados à imagem de Deus. Podemos nós fazer menos do que isso? Se Jesus é nosso exemplo, não deveríamos também acreditar no seu suave método de indução?

Seus inimigos, surpresos, menearam suas cabeças e admitiram, "Nunca um homem falou como este homem".

Talvez seja oportuno tentarmos.

7. Fluxo na Teia

Certa ocasião vi um pregador iniciar seu sermão imitando o gesto de colocar Deus num "carrinho de mão cósmico". Em seguida, levou o carrinho até a borda do universo e, sem cerimônia, empurrou a Deidade da plataforma para o esquecimento com um rápido pontapé.

Conheci um outro que desenvolveu uma nova idéia para conseguir a atenção no começo do sermão, numa sonolenta capela de uma faculdade Quaker. O plano foi amarrar na cintura, sob o paletó, dois coldres e pistolas de brinquedo de seu filho, para surpreender todo o auditório com um gesto grotesco, disparando os revólveres acima das cabeças dos estudantes atordoados.

"Você é um mentiroso", berrou outro ministro enquanto subia os degraus para o púlpito num domingo de manhã. Houve uma pausa dramática enquanto ele esperava que seu rebanho perplexo levantasse a cabeça acima dos bancos. Então, gritou novamente. "Você é um mentiroso!" Parou uma segunda vez antes de perguntar: "Isto lhes lembra Jesus?" Nova pausa. "Bem, isso foi o que ouvi um membro desta igreja dizer num dia desta semana." E nos vinte minutos seguintes, enquanto pregava, a mente de cada homem, mulher e criança no santuário recordava os eventos da semana anterior, tentando imaginar quem o pastor tinha ouvido.

Em um Domingo de Páscoa um pastor de uma pequena sede de comarca pôs um vaso sanitário na capela de sua igreja e "plantou" nele um lírio. A congregação, chocada, chamou o bispo, e o pastor arrependido foi expulso da cidade debaixo de uma xingação eclesiástica — o sistema metodista de revezamento.

O evangelista Billy Sunday destruiu cadeiras, encolerizou-se e investiu contra John Barleycorn; despiu-se para mostrar sua roupa de baixo, pulou para trás do púlpito para ilustrar um ponto do sermão.

Um jovem seminarista extrovertido contou de ter dramatizado a derrubada de uma gigantesca sequóia no meio de seu sermão. Quando a monstruosa árvore com grande estrondo veio abaixo, relatou ele, "a congregação abriu espaço nos bancos para deixá-la cair".

Mas será que não haveria, acaso, meios mais apropriados, menos ultrajantes do que esses para ter os ouvintes envolvidos em nossos sermões?

A meta ardilosa do envolvimento tem inspirado uma farta criatividade no decurso da história da pregação. E talvez nenhuma época como a nossa tenha apresentado tamanho desafio ao pregador que deseja captar e manter a atenção de seus ouvintes.

Falamos anteriormente sobre as exigências e expectativas dos ouvintes contemporâneos. Eles querem começar onde está a ação. São impacientes com a estrutura de ponto por ponto. A televisão e o cinema os condicionaram à ação dramática, conteúdo concreto, mensagem dinâmica, movimento rápido, interesse humano e constante variedade.

Os pregadores de cem anos atrás permitiram-se muitas vezes uma ou duas horas para completar o processo lógico de um sermão. Mas o ouvinte de hoje não suporta ficar de pé (ou sentado) durante todo esse tempo. Para os que se acostumaram com os segmentos de dez a quinze minutos da mídia eletrônica, a fala de vinte a trinta minutos sem comerciais no culto de domingo força o limite de tempo de concentração.

Para o ministro que enfrenta esses problemas, o estilo de usar recursos dramáticos, teatrais para prender a atenção, tais como os que vimos acima, parece extremamente tentador; às vezes, esses extremos podem representar a única esperança de

penetrar na mente da congregação. Embora possam muito bem causar uma impressão duradoura, tais excentricidades podem, no entanto, ofuscar a essência do que se intentou comunicar. Introduções instigantes podem servir para conseguir a atenção; contudo, manter essa atenção e, mais importante do que isso, manter a atenção focalizada na mensagem é um desafio maior. A menos que se disponha de um circo de três arenas alinhadas para ilustrar os pontos principais, a atitude teatral raramente atrairá o público durante todo o sermão. Ela seria mais indicada para uma simples visão panorâmica na introdução.

Como as grandes introduções sensacionais, a indução visa ganhar a atenção de nossos ouvintes. Mas ela espera mais do que despertar os fiéis de seu sono para que o pregador possa falar-lhes por alguns minutos. Como já enfatizamos várias vezes, o intento da indução não é apenas obter a atenção, mas prendê-la de tal modo que as pessoas tomem parte no processo mental da mensagem e permaneçam com o pregador até que ambos, pregador e congregação, cheguem às conclusões do sermão. A indução procura transformar nossas congregações de observadoras em participantes.

Alguns têm tentado assemelhar a pregação indutiva a uma introdução extensa. Mas, na realidade, ela é mais do que isso. A indução pode ser tecida num sermão indutivo e abranger todos os seus aspectos — as partes e o todo.

Num sermão indutivo, do começo ao fim, a atenção e anuência do ouvinte é cortejada por plano — e não exigida por decreto. Não podemos compreender plenamente a pregação indutiva, a menos que compreendamos esse propósito—a estrutura que faz com que o sermão seja indutivo.

Já consideramos extensamente as características da indução e muitas das diferenças entre indução e dedução. Mas seria bom rever alguns desses achados que exercem impacto sobre o plano de um sermão.

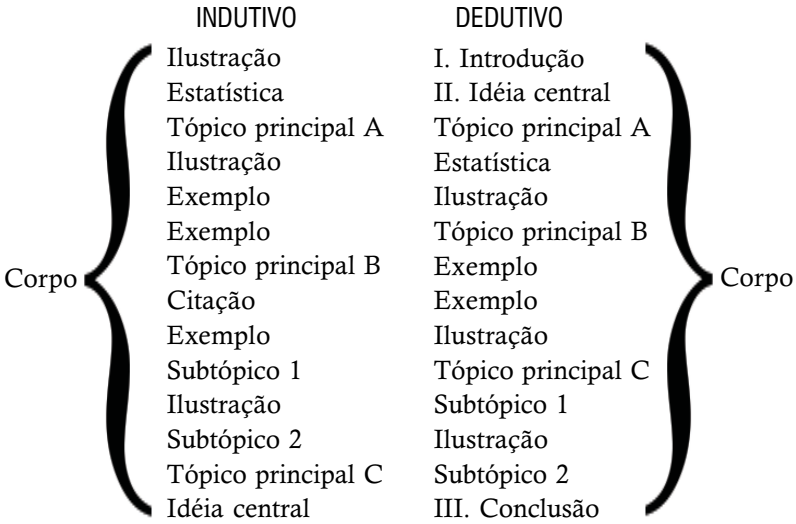
A pregação indutiva inicia com as particularidades—fatos, ilustrações, experiência, exemplos; a dedução começa com afirmações, conclusões, proposições, generalizações ou princípios. A indução constrói com e faz ponte por sobre as particularidades com que iniciou. A dedução define, delimita, reduz, analisa ou defende sua primeira premissa. Os exemplos indutivos precedem e conduzem a asserções; os exemplos dedutivos seguem e dão suporte às asserções já feitas.

Num formato indutivo quaisquer proposições, asserções, declarações ou exortações seguem ou fluem do material ilustrativo no decurso do processo do sermão. Os sermões dedutivos começam com as conclusões do pregador, as quais são o resultado da preparação do sermão — conclusões apresentadas aos ouvintes como itens dados, podendo estes estarem ou não prontos a aceitá-los e a prosseguir a partir deles.

A diferença pode ser resumida deste modo. O pregador dedutivo começa com as verdades e, em seguida, põe-se a prová-las. O pregador indutivo procura ajudar os ouvintes a ver a verdade de tal forma que eles se tornem prontos a aceitar, concordar com a verdade e responder a ela no final do sermão.

De que forma, porém, isso tudo afeta a realização prática de como um sermão é proposto ou delineado? Uma regra geral dos esboços indutivos é esta: um esboço indutivo normalmente inicia com exemplos que servem como evidência cumulativa que leva a algumas subdivisões. Isso contrasta com o esboço dedutivo, que começa com pontos ou divisões seguidas por exemplos e evidência.

Em seu livro Preparing for Platform and Pulpit (Nashville: Abingdon Press, 1968), John E. Baird oferece uma amostra de esboço indutivo. É apresentado abaixo, ao lado de uma estrutura dedutiva típica.



Como se pode ver, a diferença mais flagrante entre estes esboços é a ordem das ilustrações em relação aos tópicos principais que elas sustentam. Mas há ainda outras diferenças.

Muitas vezes, a introdução ao sermão é desnecessária quando a estrutura indutiva começa com material ilustrativo concreto. O exemplo inicial tem a função de uma introdução e também aumenta a evidência cumulativa do processo indutivo.

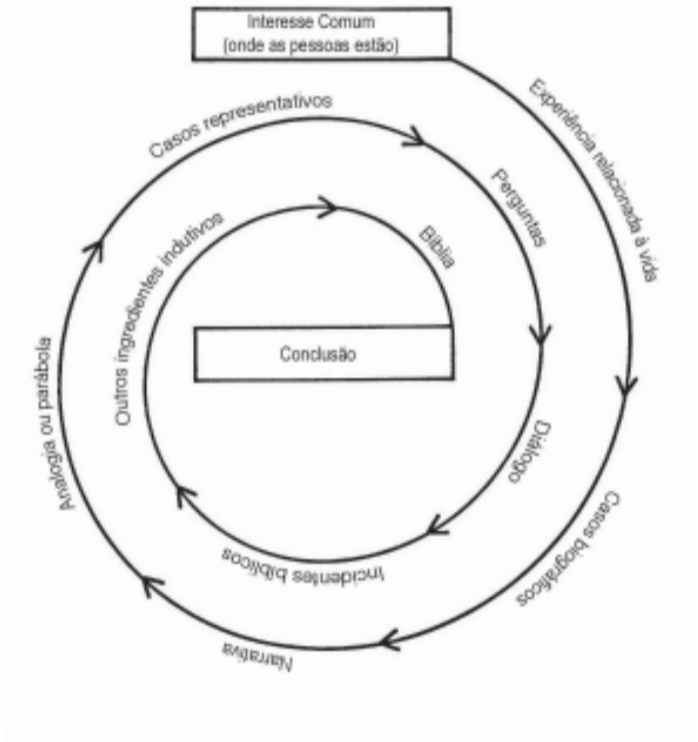
Uma conclusão separada não é necessária geralmente, se o plano leva à idéia central ou ponto básico do sermão. Por exemplo, o movimento indutivo simples consiste de ilustrações que conduzem ao ponto ou idéia central conclusiva desta maneira:

Ilustração A
Ilustração B
Ilustração C
Portanto: Idéia Central e Conclusão

As partes tradicionais do sermão tendem, assim, a fundir-se numa unidade holística em qualquer arranjo indutivo. Um

sermão que se movimenta de modo indutivo mantém o interesse e prende o ouvinte, mas pode não ter mais valor do que uma narrativa, história, parábola ou mesmo anedota. Mas isto não quer dizer que o pregador prega sem um propósito. (Receamos que já existam suficientes pregações sem algum propósito; não é o que estamos defendendo aqui.) Todo sermão indutivo precisa ter um sentido; é a observância disciplinada desta única idéia, deste ponto que dá o foco para a preparação do sermão, sua apresentação e a esperada receptividade. O ponto de um sermão indutivo é o lugar que desejamos que nossos ouvintes atinjam na conclusão do sermão.

Durante anos, tentando explanar essas idéias sobre a indução a meus alunos, tenho usado a imagem de um remoinho para tentar elucidar a idéia de um sermão que atrai os ouvintes a nossa conclusão. Em geral, quando tratamos deste assunto em classe, traçamos um simples esquema gráfico para representar a idéia visualmente.



O ponto de partida de qualquer sermão indutivo, "Interesse Comum" no esquema gráfico, poderia ser uma experiência comum de vida, um problema, uma pergunta, uma necessidade, um conflito ou algum outro ponto de tensão. Mas ele sempre começa onde as pessoas estão e as atrai, por meio de qualquer número ou combinação de ingredientes indutivos, à conclusão que é o foco, centrado na Escritura, de todo o sermão.

O movimento "pontos específicos para o geral" e "evidência que leva à conclusão", que temos destacado aqui, é o princípio básico por trás da estrutura indutiva. Mas há vários outros tipos de indução (que também podem ser chamados argumentos indutivos, processos indutivos de pensamento), os quais podem ser usados num sermão indutivo. Cada um desses tipos de indução pode alcançar a meta de envolvimento congregacional de atrair as pessoas às nossas conclusões. Todos eles satisfazem os requisitos das características da indução que viemos estudando neste livro e as exemplificam. E todos eles se adaptam ao padrão básico do esquema gráfico acima mencionado.

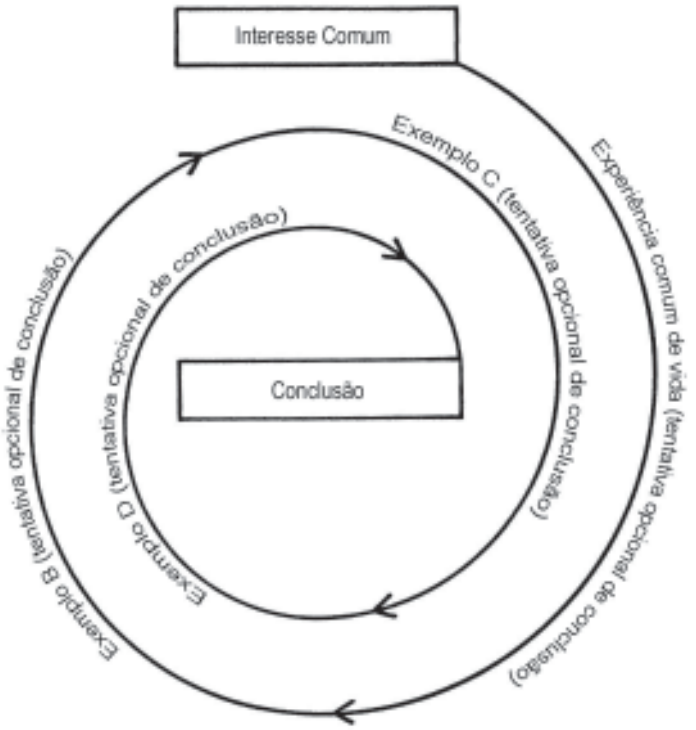
Para ajudar o leitor a compreender as estruturas possíveis de um sermão indutivo, vamos detalhar oito tipos de indução neste e no próximo capítulo, utilizando esboços, esquemas gráficos e comentários.

1. Enumeração. Este talvez seja o mais simples (e certamente o mais direto) tipo de indução. O movimento indutivo do tipo remoinho ganha ímpeto à medida que uma seleção de exemplos representativos se sucedem uns aos outros até chegar à conclusão. Às vezes, podem haver conclusões tentativas ou parciais entre os exemplos. Mas estas também conduzem gradualmente às conclusões do sermão.

Um esboço e esquema gráfico de um sermão que utilize este tipo de indução seriam estes.

ESBOÇO

A. Exemplo relevante de vida
Tentativa opcional de conclusão
B. Exemplo
Tentativa opcional de conclusão
C. Exemplo
Tentativa opcional de conclusão
D. Exemplo
Tentativa opcional de conclusão
Conclusão



Esquema Gráfico de Enumeração Indutiva

O número de exemplos (que inclui anedotas, casos, incidentes bíblicos, referências à experiência e outros ingredientes indutivos, possivelmente até mesmo citações e fatos em resumo, qualquer evidência auxiliar) enumerados neste tipo de indução pode variar, dependendo dos fatores tempo, assunto e, às vezes, auditório.

Quanto mais hostil e indiferente um auditório for à conclusão que visamos, mais e mais curtos devem ser os passos para levá-los a ela. Os exemplos que selecionamos podem incorporar quaisquer e todos os ingredientes indutivos já examinados no capítulo três e podem incluir qualquer combinação de referências históricas, contemporâneas e bíblicas. Um bom método prático de selecionar exemplos é iniciar pelo mais atual, o que esteja mais perto de nosso auditório, e partir daí.

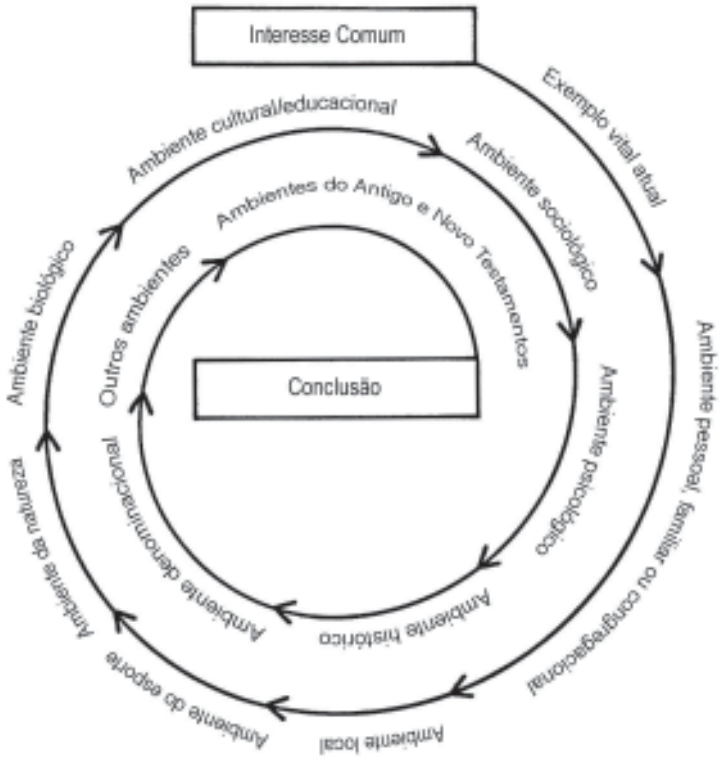
2. Exploração. Uma alternativa mais complexa, uma que usa mais extensa e mais deliberada enumeração, no que respeita a movimento, poderia ser chamada exploração indutiva. Neste tipo de indução, uma seleção mais ampla de exemplos de muitos lados diferentes de um assunto são propositadamente reunidas para oferecer um quadro mais completo.

O processo não é diferente do de um explorador que, avistando uma nova terra, procura navegar em volta dela para saber se é uma ilha ou uma península. Ou de um explorador que fixa os limites fronteiriços de terras, que, ao aproximar-se de um marco, caminha ao seu redor para estabelecer sua extensão e natureza. Os exemplos, os pontos favoráveis dos quais o assunto é visto, podem variar dependendo da matéria em estudo. E, assim como numa simples enumeração, esses exemplos podem ser seguidos pela tentativa opcional de conclusões. Mas o sermão atinge seu ímpeto indutivo quando o pregador caminha totalmente em volta do tópico, explorando e aprendendo pela reunião de exemplos que finalmente o conduzem, e a seus leitores, a uma descoberta e conclusão melhor compreendidas no final do sermão.

Um sermão do tipo exploratório pode ser esboçado e esquematizado tal qual qualquer outro sermão que utilize a enumeração, apenas com mais passos deliberados e abrangentes.

Suponhamos, por exemplo, que você quisesse pregar um sermão sobre o conceito de redenção, com o título "O Deus da

Segunda Chance". Mantendo a idéia exploratória de navegar em volta e a nossa estrutura básica do remoinho, o seguinte esquema pode prover uma melhor compreensão.



Esquema de Exploração Circular

Imagine-se iniciando seu sermão sobre a redenção com uma ilustração que tenha visto no jornal recentemente sobre uma jovem senhora que caiu sobre os trilhos duma congestionada estação do metrô em Nova Iorque, e que foi puxada e salva instantes antes que o trem expresso roncasse pela estação a dentro. Em seguida, você apresenta um ou mais exemplos da experiência pessoal, familiar, da igreja local ou de de alguém cuja

vida, carreira, família ou o que quer seja foi poupada, alguém que teve uma segunda chance. Você pode incluir um relato esportivo ilustrando a idéia da segunda chance.

Um exemplo de alguma criatura no reino natural, em que a mãe arrisca ou mesmo sacrifica sua vida para proteger o filhote, poderia ser um valioso subtópico. Mais material extraído de outras áreas pode então combinar com o conteúdo bíblico para oferecer compreensão adicional à idéia de redenção, até que você seja levado à conclusão que deseja que seus ouvintes alcancem.

Você não precisaria incluir todos os passos mostrados no esquema acima. Nem o formato circular, de remoinho, se restringe aos ambientes da experiência mencionados neste esquema. De fato, o mesmo assunto pode ser tratado num sermão do tipo circular que explore todos os ângulos do assunto da redenção, tentando responder a perguntas jornalísticas (Quem? O quê? Onde? Quando? Por quê? e Como?). Um sermão que se move em torno do assunto, perguntando e tentando responder às perguntas com histórias, ilustrações, citações, textos bíblicos etc. pode apresentar uma ampla visão da redenção. E a idéia básica de um sermão do tipo exploração é a de apresentar uma visão ajustada, organizada do assunto, levando-o à conclusão lógica básica.

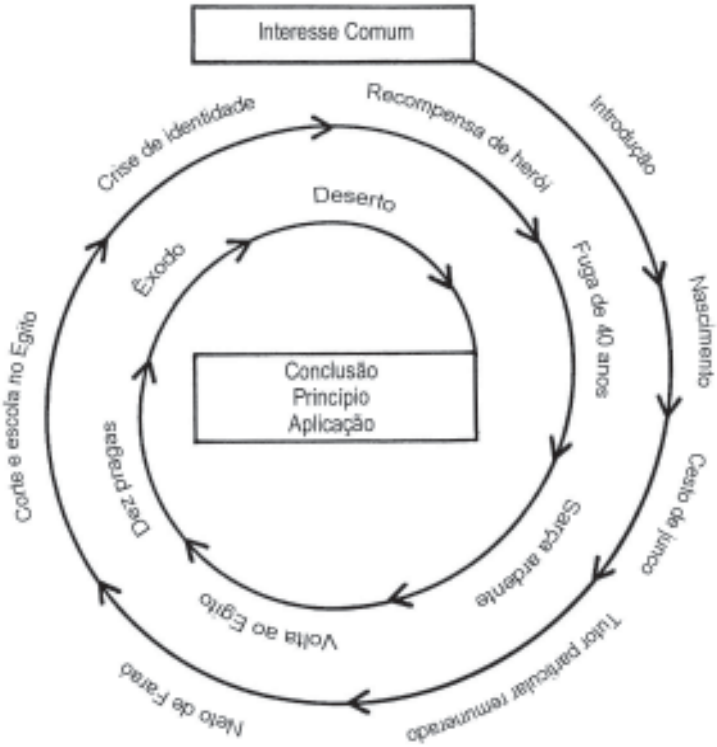
3. Biografia. Apresentado com um estudo de caso, um sermão biográfico sobre a vida de um personagem bíblico pode ser indutivo em seus movimentos. O material factual acumulado pode concentrar o momentum até que ele chegue a uma conclusão que expresse claramente princípios, proposições e aplicações lógicas extraídas do estudo.

Um sermão biográfico indutivo sobre a vida de Moisés poderia ser esboçado e esquematizado assim:

Introdução para obter atenção, interesse, relevância e enfoque

a. Nascimento
b. Cesto de junco
c. Tutor particular remunerado
d. Neto de Faraó
e. Corte e escola no Egito
f. Crise de identidade
g. Recompensa de herói
h. Fuga de 40 anos
i. Sarça ardente
j. Volta ao Egito
k. Dez pragas
l. Êxodo
m. Deserto

Princípio: Redenção. Conclusão: Aplicação.



Mas um sermão biográfico indutivo não seria obrigado a limitar-se a um só personagem bíblico. Não faz muito tempo, meu estimado colega, Dr. Charles Killian pregou um sermão biográfico em três lances, baseado na frase bíblica tão repetida, "o Deus de Abraão, Isaque e Jacó". Esse sermão pode ser esboçado como segue:

Biografia n.º 1
a. Chamado
b. Confiança
c. Pacto
d. Carreira
e. Características
I Abraão

Biografia n.º 2
a. Contente
b. Confiante
c. Coexistência
d. Concessões para Acordo
e. Confuso
II Isaque

Biografia n.º 3
a. Enganador
b. Trapaça
c. Desafiado
d. Enganado
e. Mudado
III Jacó

portanto, IV Conclusão

Cada um dos três casos biográficos poderia formar um modelo de remoinho diferente e separado que pode ser mostrado em nosso esquema básico. Mas para mostrar como as três partes se encaixam num só sermão, seria melhor esquematizá-los de uma perspectiva diferente, tridimensional.



Esquema Biográfico: Biografias Combinadas

Os três casos ressaltam as características de cada homem. Sem enfatizar as diferenças, à medida que as biografias são apresentadas, os contrastes óbvios vão sendo montados até a con-

clusão, explicitada somente no fechamento. A conclusão: Se Deus declara que esses três personagens diferentes são seus, se ele pode ser o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, ele pode ser também nosso Deus. Deste modo, o sermão inclui implicações sobre graça, esperança, favor divino, e uma mensagem particularmente forte sobre o conceito cristão de aceitação. As aplicações são muitas.

Sucede que esse sermão usou três casos biográficos. O número pode variar. E nem todos os casos têm de ser personagens bíblicos para que o sermão seja indutivo ou seja bíblico.

4. Narrativa. Uma estrutura de sermão que se apóia basicamente em relatos históricos pode ser muito indutiva, se o material proposicional for retido até que a história ou histórias cheguem ao objetivo. E a Bíblia contém uma riqueza de histórias que merecem ser recontadas.

Os livros de Ester, Rute e Jonas podem cada qual ser pregados num sermão desse gênero, que deixe alguma mensagem exortativa para a conclusão da história. Grandes eventos históricos da Bíblia oferecem excelente material para um sermão narrativo. O êxodo, a tomada da terra prometida, a queda dos reinos, a natividade, acontecimentos no ministério de Jesus, e a semana da paixão poderiam todos ser desenvolvidos como sermões narrativos.

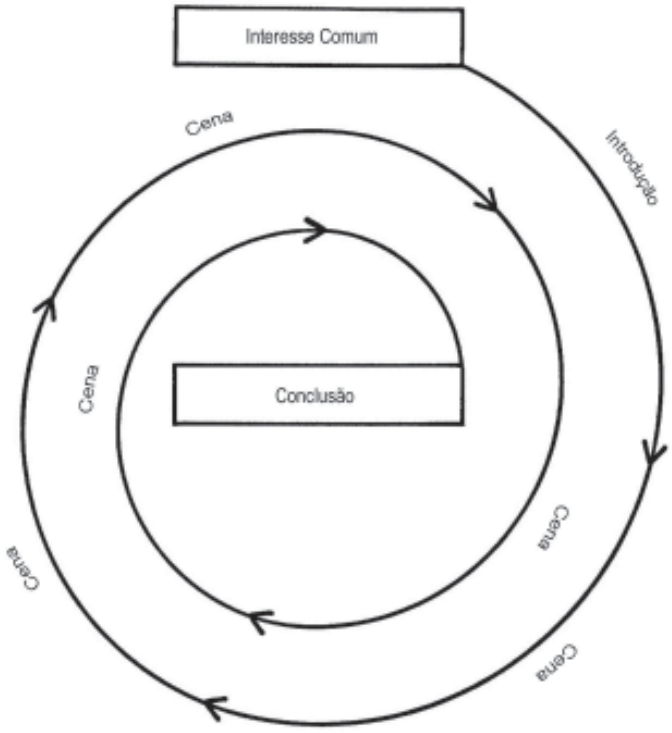
A narrativa pode ser usada para apresentar uma visão geral de largos movimentos dentro da Bíblia. Por exemplo, uma narrativa histórica dos filhos de Israel no Antigo Testamento pode incluir seis cenas (uma narrativa genuína não tem pontos): (1) O exemplo de Abraão; (2) o êxodo; (3) o exílio; (4) quase extinção; (5) extensão e reconstrução; (6) expectativa.

O simples adiamento de algum material proposicional até que ele seja ilustrado na história, ou até a conclusão da pregação, torna indutivo nosso sermão sobre a "História dos Judeus". Entretanto, ele pode ser duplamente indutivo se, após cada cena (ou no final), utilizarmos o ingrediente indutivo da

comparação para comparar a experiência do povo escolhido de Deus com nossa experiência contemporânea.

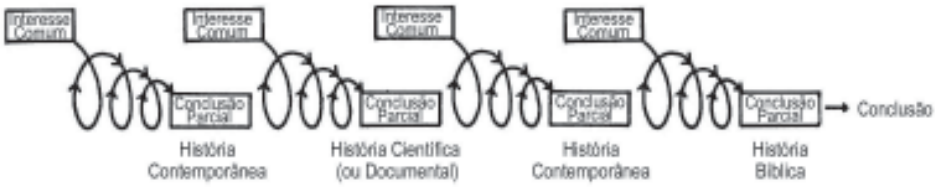
Os exemplos de narrativas mencionados até aqui partiram de idéias simples tiradas de um único relato, que podem compor todo um sermão. Mas, do mesmo modo que a estrutura biográfica que examinamos acima pode incluir mais de uma biografia, assim também o sermão narrativo pode incorporar mais de uma história. E no caso da biografia, nem toda história num sermão narrativo combinado deve ser necessariamente bíblica.

Um sermão simples de uma só narrativa pode ser esboçado como o que se segue. (Um sermão sobre a história de Jonas ou a "A História dos Judeus" poderia adaptar-se a este modelo).



Esquema de Narrativa Simples
(uma história básica)

Um sermão de narrativa combinada — digamos, sobre a providência de Deus — pode associar uma ou mais histórias bíblicas com uma ou mais histórias não-bíblicas para ilustrar diferentes aspectos dessa providência. Os movimentos de remoinhos consecutivos do sermão podem ser refletidos num esquema como este:



Esquema de Narrativa Combinada
(duas ou mais histórias)

Em um sermão narrativo, uma introdução pode ser necessária ou não para montar o palco. Às vezes a cena de abertura é relevante e suficientemente forte para se tornar a área de interesse comum para o sermão. Conclusões parciais opcionais podem ser feitas (preferencialmente depois de cada cena da narrativa simples ou depois de cada história da narrativa combinada). Porém, como em qualquer sermão indutivo, todas as conclusões parciais devem conduzir à conclusão final no fecho do sermão, e todas as tentativas (quer parciais ou finais) devem ser precedidas de material ilustrativo que leve os ouvintes àquele ponto.

Alguns cuidados precisam ser tomados com respeito aos sermões narrativos:

Primeiro, um sermão que se apóia totalmente em narração de história ou histórias talvez seja o tipo de sermão indutivo mais difícil de ser bem sucedido. Para torná-lo efetivo, um pregador necessita de uma imaginação criativa e uma grande ha-

bilidade em contar histórias. Uma vez que contar história é usualmente uma habilidade que se aprende, a maioria dos ministros faria bem em praticar e ganhar confiança em contar uma história como parte de outro tipo de sermão indutivo (como, por exemplo, um elemento de um sermão que utilize a enumeração), antes de arriscar expor um sermão inteiro às suas habilidades de contar história.

Um bom livro sobre a arte de contar histórias seria muito útil a qualquer pessoa desejosa de aprimorar suas habilidades neste sentido. Uma boa prática para os pregadores seria testar cada história de um sermão de acordo com os quatro elementos básicos de qualquer boa narrativa:

1. Começo
2. Sucessão de eventos e conflito
3. Clímax
4. Fim

O segundo cuidado com os sermões narrativos refere-se especificamente ao uso da narrativa bíblica. Mesmo uma história bíblica indutiva bem contada, com asseverações reservadas para a conclusão, pode falhar no envolvimento de certos ouvintes, para quem a Bíblia parece remota e irrelevante para a vida. Por isso, pode ser de grande valia intercalar histórias bíblicas com histórias contemporâneas numa estrutura de narrativa combinada. Usar numa história bíblica uma introdução fortemente integrada à vida é também recomendável.

Outra opção, que pode e deve ser usada em conjunto com as outras duas é incorporar em qualquer história não contemporânea (seja bíblica ou histórica) algumas comparações com a experiência contemporânea. Por exemplo, a escolha de Ester como rainha pode ser comparada a um concurso moderno para eleição de Miss Universo. As dúvidas de Jonas sobre sua ida a Nínive podem ser comparadas à suposta reação do presidente norte-americano Jimmy Carter, quando seus assessores lhe sugeriram que realizasse uma missão diplomática secreta e pes-

soal para visitar o aiatolá Khomeini em Teerã, durante a crise iraniana. A avidez dos filhos de Israel recolhendo o maná no deserto pode ser comparada à chiadeira dos alunos na hora do lanche em qualquer escola secundária.

Numerosas comparações podem ser feitas em relação a histórias da Bíblia para os ouvintes de hoje. Precisamos apenas usar nossa imaginação para melhor envolvê-los.

A narrativa é o quarto tipo de combinação indutiva. Trataremos de mais quatro no capítulo seguinte.

8. Mais Fluxo na Teia

Num mês de fevereiro, durante uma discussão na aula de um curso sobre pregação indutiva, um de meus alunos falou de sua experiência com um sermão que havia pregado na semana anterior sobre o Dia dos Namorados, estabelecendo comparação com o amor de Deus. "Quando preparei meu sermão", disse ele, "vieram-me à mente três principais características do amor de Deus que me parecem análogas ao amor humano. Assim, partindo da idéia do amor humano, encontrei exemplos para ilustrar e unificar os conceitos."

Em seguida, o seminarista expôs este exemplo de seu sermão:

"Na véspera do Dia dos Namorados minha esposa me disse que precisava sair com urgência para fazer pequenas compras na cidade, e me perguntou se queria acompanhá-la.

"'Não. Estou muito ocupado hoje. Tenho ainda muita matéria para estudar', disse eu.

"'Não quer escolher bombons ou flores, ou qualquer outra coisa?', perguntou.

"'Sinto muito, querida. Eu realmente estou sem tempo fechava hoje', respondi, enquanto ela puxava a porta com relutância.

"Quando ela voltou da cidade, depois de um bom tempo, olhou-me nos olhos e disse: 'Nos cinco anos que estamos casados você sempre se lembrou do Dia dos Namorados. Diga-me',

sorriu de modo acusador, 'você já deve ter comprado alguma coisa, não é mesmo?'

"'Sim, querida', eu disse, 'lembrei-me do Dia dos Namorados'.

"Na manhã do Dia dos Namorados confessei o que tinha feito. Disse a minha esposa: 'Comprei um pacote de cartões de Dia dos Namorados baratos, escrevi nelas pequenas mensagens, e as escondi por toda a casa. Você vai achar aqui e ali meus cartõezinhos de amor durante semanas inteiras.'

"Nesse ponto do sermão", relatou o aluno aos colegas, "minha bem comportada congregação prorrompeu em aplausos espontâneos, a primeira vez que isso aconteceu na igreja, até onde eu sei. Então fui direto ao ponto aonde queria chegar, isto é, antes mesmo que saibamos como, o amor de Deus fez, cuidadosa e amorosamente, todas as provisões para nós.

"Depois de observar como a indução atraiu meu povo para o sermão, fiquei impressionado com a técnica indutiva. Minha esposa também ficou entusiasmada."

Uma analogia como a que meu aluno usou poderia perfeitamente ser um meio de enfocar o sermão sobre um único ponto, ou poderia ser o quinto dos oito arranjos indutivos básicos e formar a estrutura de um sermão completo.

5. Analogia. Ao examinarmos a Escritura, podemos descobrir que Deus faz uso de quatro tipos de analogia: relacional (pai-filho, noiva-noivo, pastor-ovelha); comparativa (cachorros, porcos, lobos, tesouro); espacial (mais alto, mais profundo); e funcional (fruto, paredes, corpo, cabeça, porta, raízes, sal, luz).

Mas como poderia a analogia ser usada na estrutura de um sermão inteiro?

Uma resposta pode ser obtida no exemplo de um sermão expositivo baseado no Salmo 1 — um sermão que expande a analogia bíblica de uma vida de retidão comparada a uma ár-

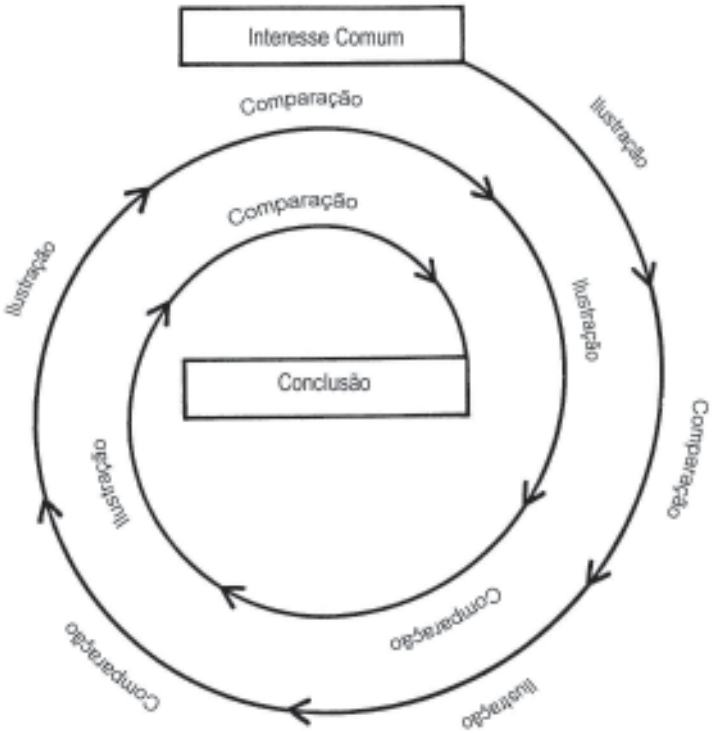
vore. Você pode iniciar o sermão rapidamente com a pergunta em sua mente (ou dirigida à congregação, se o desejar): A que se assemelha de fato a vida cristã? Isto pode criar o interesse comum para o sermão.

Você pode relatar o caso de um consagrado cristão que se afastou da comunidade que o abrigava e teve uma reviravolta negativa em sua vida. No final desta ilustração você pode chegar à conclusão parcial de que a vida cristã precisa ser nutrida.

Você pode continuar com uma série de ilustrações adicionais (anedotas, citações, fatos, exemplos bíblicos, textos bíblicos ou outra qualquer) que o levem a outras conclusões parciais. A vida cristã é como uma árvore em que: o crescimento deve ser contínuo; como a árvore fornece oxigênio, a vida cristã deve também constituir-se num processo de doação; ela se torna cada vez mais estável à medida que cresce; ela recebe constantemente; ela provê abrigo e conforto aos que a rodeiam; ela reproduz. Muitas são as possíveis conclusões parciais. Mas cada uma precisa ser ilustrada antes de ser afirmada, se o sermão pretende manter seu movimento indutivo.

Depois que várias conclusões parciais foram feitas, o sermão pode concluir reunindo todas as conclusões parciais e respondendo à pergunta: A que se assemelha a vida cristã? A vida cristã é como uma árvore. E as comparações poderão ser reiteradas no fechamento.

Esta mesma espécie de movimento indutivo pode ser usada para muitas das analogias básicas que Deus usa através da Bíblia. Como Deus é luz? Que significa para nós ser o corpo de Cristo. De que maneira são os cristãos como o sal? De que modo Deus é um pastor ou um pai? A lista poderia continuar. Esquematizadas, as analogias pareceriam algo como o que segue:



Sermão Analógico

Como observamos no estudo da analogia no Capítulo 3, há riscos em estender demais as analogias. Lembremo-nos da opinião de Lutero de que "as analogias de Orígenes não servem para coisa alguma". Por essa razão, quando as analogias são usadas como a mensagem primária do sermão, devemos colocar-nos a salvo limitando-nos às analogias que Deus utiliza em sua Palavra. Já são mais do que o necessário para nossa escolha.

No entanto, existe outro meio de usar a analogia como estrutura básica de um sermão, sem fazer dessa analogia a mensagem primária — usando-a unicamente para a compreensão da mensagem. Por exemplo, sermões sobre "As Sete Chaves do

Reino", "O Alicerce de Quatro Lados de nossa Fé", ou semelhantes, usam a analogia para tornar a mensagem a respeito mais concreta. Tais sermões podem ser muito indutivos se utilizarem os ingredientes indutivos e postergarem as asserções para entrarem depois do seu material ilustrativo.

6. Relação Causal. Qualquer sermão que examine ou busque uma causa ou efeito pode ser adaptado a uma estrutura indutiva. E em nossos tempos pragmáticos e questionadores, o recurso causa-efeito contém um real poder de envolver nossas congregações.

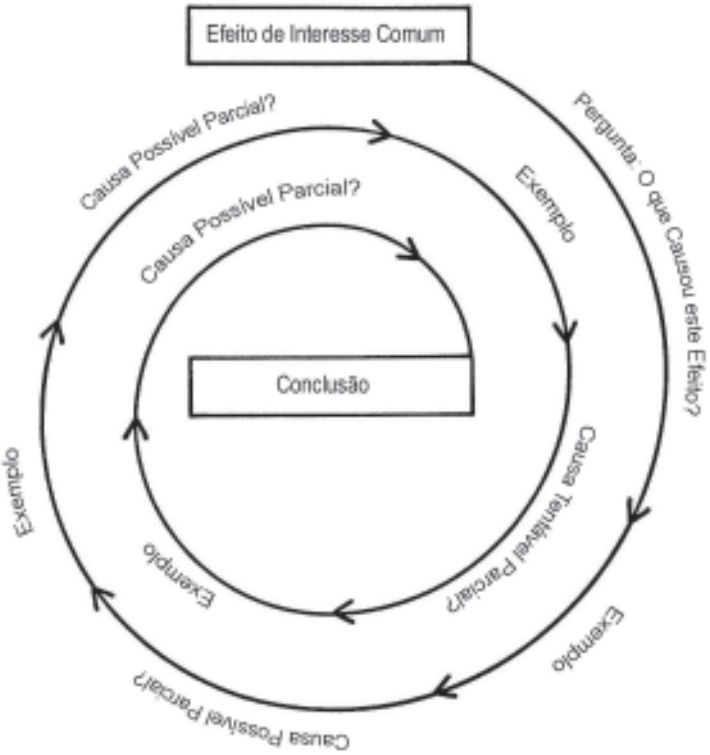
Há duas abordagens básicas no sermão que utiliza a relação causal. Uma começa na área de interesse comum com o efeito aparente e pergunta: Qual a causa ou quais as causas que produzem este efeito? Todo o sermão torna-se uma busca de razões que não são afirmadas até sua conclusão.

Por exemplo, você pode pregar um sólido sermão indutivo usando a relação causal numa mensagem fúnebre em honra de um cristão exemplar de sua igreja. Pode iniciar com uma ilustração ou um resumo do caráter do admirável cristão (o efeito). Em seguida, você pode criar o ambiente para a procura das causas levando a entender ou realmente fazendo a pergunta: "Como podemos explicar que _____ _____ se tornou o homem que conhecemos, respeitado e amado?" Você pode, então, examinar alguns dos ingredientes potenciais ou causas que construíram a vida desse homem. Um caminho seria ilustrar os diferentes frutos do Espírito que ele exemplificou e depois concluir com a afirmação de que o tipo de maturidade cristã de _____ _____ resultou de um cuidadoso cultivo desses frutos do Espírito. Tal sermão poderá ser um desafio à maturidade cristã de todos os presentes ao ato.

Ou, em vez de usar os frutos do Espírito, você ilustraria a dedicação do homem à família, à sua profissão, a outras pessoas, a seu Senhor e, então, concluiria com a proposição de que

uma vida cristã significativa resulta de uma vida equilibrada abrangendo todas essas áreas.

Um sermão indutivo como este, fazendo uso de sua relação causal, pode ser esboçado como segue:



Sermão Efeito-Causa

Para que este tipo de sermão seja efetivamente indutivo, seja uma busca real, a introdução das causas parciais deve ser mais ilustrativa do que declarada. Esta é a razão do ponto de interrogação após "causa parcial" no esquema gráfico. Você pode desejar tirar conclusões parciais após examinar cada causa potencial, porém qualquer afirmação dogmática sobre a última

causa deve ser adiada até a conclusão. A busca da causa deve continuar até perto do fim.

Para permitir uma compreensão adicional desta ligação "efeito-causa" à relação causal, deve ficar claro que o efeito que você emprega ao começar não precisa ser o da vida de uma pessoa. Pode ser um conceito tal como "a vida de um cristão amadurecido" apresentado em relação à vida de modo geral. Deste ponto você prossegue com uma pergunta e uma busca das causas, tal como vimos no exemplo do sermão de ofício fúnebre.

A segunda relação causal básica num sermão iniciaria com as causas e a pergunta: Qual seria o efeito? Esta abordagem presta-se melhor a sermões de natureza preditiva ou profética.

Por exemplo, se você deseja pregar um sermão sobre a responsabilidade cristã num mundo de fome e necessidade, poderia usar o modelo "causa-efeito", que se desenvolveria como segue. Você pode iniciar com uma extensa introdução apresentando o status quo. Suponhamos que você tenha reunido uma variedade de histórias, citações e fatos, todos ilustrativos de quão materialista a nossa sociedade é e quão ricos somos materialmente, comparados com ....

Uma vez pintado o presente quadro, ele se torna o ponto inicial do sermão. Em seguida você pergunta: Que implicações terá isto para o futuro? Que efeito pode ser entrevisto como resultado destas causas? Então você começa a fazer uma projeção lógica das implicações usando exemplos históricos, experiência pessoal, incidentes bíblicos e referências bíblicas. Apresentado este material, com ou sem conclusões parciais-tentativas, você chega ao último efeito e à conclusão, que é neste caso a seguinte: Deus nos concedeu abundância de oportunidades, e nós seremos certamente julgados um dia pelo uso que fizemos dos recursos dele.

A diferença entre as abordagens "efeito-causa" e "de-causa-a-efeito" pode ser resumida de modo simples. Ambas começam

com o presente relacionado à vida, em forma verdadeiramente indutiva. O esquema "efeito-causa" inicia com a vida atual como efeito e a pergunta: O que causou isto? E o esquema "causa-efeito" inicia com a vida atual como causa e a pergunta: Aonde isto levará, que efeito resultará?

Ambos são indutivos no sentido que são uma busca de uma resposta a ser alcançada no fim do sermão. E ambos são estruturas efetivas tipo remoinho que envolvem os ouvintes numa busca mútua em companhia do pregador.

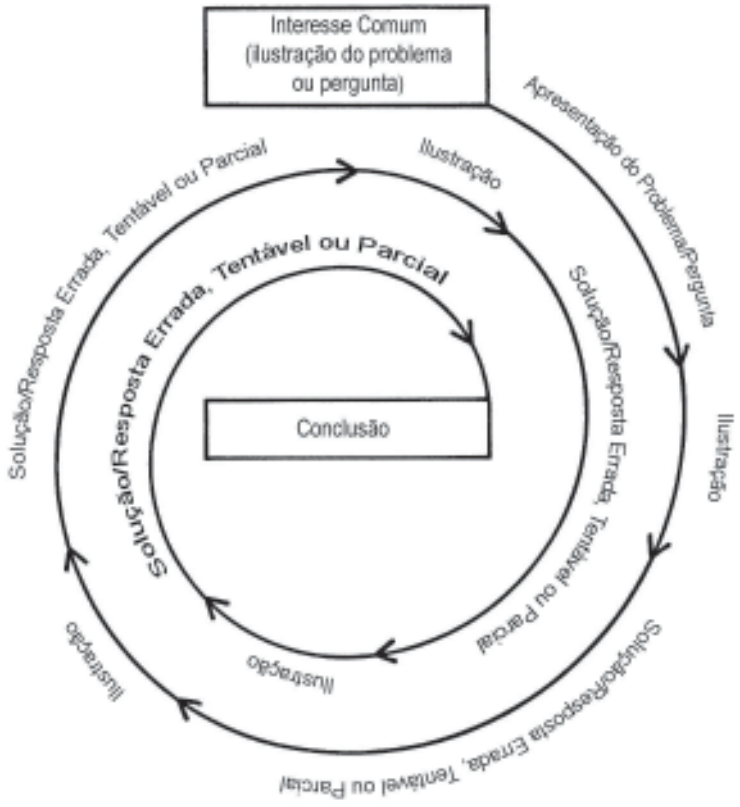
7. Solução de Problema ou Pergunta e Resposta. Ambas estas expressões se adaptam a um tipo básico de estrutura de sermão indutivo. Portanto, pertencem à mesma categoria.

A solução de problemas do estilo John Dewey tornou-se um formato popular durante os anos 1940 e 1950. Porém seu ponto fraco está no fato de que, em lugar de autêntica indução, ele não leva necessariamente a uma firme conclusão. Freqüentemente esse tipo de sermão apontava somente para a probabilidade. Como resultado tínhamos uma leva de sermões precipitados e frouxos que nunca diziam muito do que quer que fosse. Não é o que está sendo proposto aqui.

Para pegar o jeito do tipo de indução de problema à sua solução, suponha que você quisesse pregar um sermão abordando o problema do sofrimento humano. Poderia começar com um exemplo sobre a vida bem próxima de sua congregação — digamos um acidente fatal em sua comunidade. Tal ilustração pode propor a questão/problema: Por que Deus permite o sofrimento? Você, então, utiliza material ilustrativo adicional (curtos relatos, citações, incidentes ou versículos da Escritura, etc.) para abrir caminho a algumas soluções/respostas parciais ou previamente tentadas. Você poderá pretender montar o centro do sermão em torno do Livro de Jó, usando exemplos contemporâneos e comparações para confrontar com as respostas que os amigos de Jó lhe deram. Enquanto você não concluir a apre-

sentação da evidência não chegará à conclusão final. Em vista do assunto compreendido nesse exemplo, você não será capaz de chegar a qualquer solução/resposta simples à questão/problema; mas na conclusão poderá enfatizar a resposta que Deus deu a Jó.

Tal sermão de solução de problema ou pergunta-resposta pode encaixar-se em nosso esquema básico indutivo do tipo remoinho; algo como isto:



Sermão Solução de Problema ou Pergunta-Resposta

Qualquer sermão que procure responder a uma única pergunta ou resolver um único problema pode facilmente adaptar-se a este tipo de estrutura indutiva. Deus responde à oração? O problema do mal. Como harmonizar a soberania de Deus e a escolha do homem? Tais sermões muito naturalmente iniciam onde as pessoas estão, na "área de interesse comum", e exigem por tratamento indutivo; a busca de compreensão automaticamente assume um sentido indutivo e de empenho, se no sermão o pregador puder manter suas respostas em xeque até que as pessoas também cheguem a elas por meio de material ilustrativo dele.

Tal como em tipos anteriores de movimento indutivo, há variações na abordagem da pergunta única e do problema único. Você pode pregar um sermão bem indutivo usando uma combinação de problemas ou perguntas, cada qual levando a suas próprias conclusões.

Para encontrar um exemplo de sermão de múltiplas perguntas-respostas (um sermão sobre o sétimo pedido da oração do Senhor, "Livra-nos"), veja o Apêndice 1. Ali você terá o texto completo de um sermão deste autor, bem como seu esboço e esquema gráfico.

8 Eliminação. Este tipo de indução relaciona-se de certa forma com a idéia de solução de problema mencionada acima. Aqui o movimento indutivo vem depois que se propõe um problema ou pergunta no início do sermão. O restante da mensagem é uma verificação de respostas erradas, inadequadas ou incompletas em relação à questão original. Por fim, indutivamente, pelo processo de eliminação, o sermão chega à conclusão que o pregador deseja comunicar.

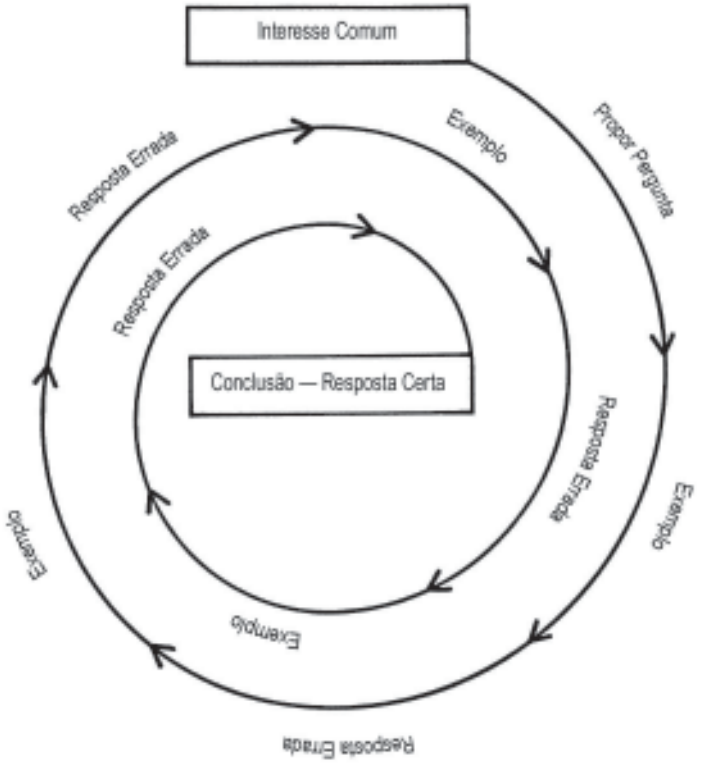
O sermão que compõe o Livro de Eclesiastes é um bom exemplo deste tipo de estrutura indutiva. Talvez você queira rever o Capítulo 5, em que o Eclesiastes é esboçado.

Outro exemplo poderia ser um sermão sobre a perfeição cristã, assim desenvolvido:

Você começa na "área de interesse comum" com um exemplo que se refira à vida e que proponha ou pelo menos conduza à pergunta que dá direção à mensagem: Que é perfeição cristã? Ou, Como é possível a perfeição cristã? Em seguida, usando material ilustrativo adicional (curtos relatos, citações, incidentes bíblicos, referências bíblicas, etc.) você apresenta e verifica caso a caso uma série de coisas que a perfeição cristã não é. Depois de eliminar todos ou pelo menos os conceitos errôneos mais comuns, você finalmente chega a sua conclusão, a qual, em bom estilo indutivo, deve ser ilustrada antes de ser afirmada.

Esboçado e esquematizado, o sermão poderia assemelhar-se ao seguinte:

Exemplo de vida
Pergunta ou problema:
O que é perfeição cristã?
Perfeição não-angelical
Perfeição não-adâmica
Corpo imperfeito
Conhecimento imperfeito
Desempenho imperfeito
Julgamento imperfeito
Relações imperfeitas
Mas:
Exemplo — amor perfeito
Exemplo — motivos perfeitos
Exemplo — atitudes perfeitas



Sermão por Eliminação

A exposição dos oito tipos básicos de indução, neste capítulo e no anterior, ilustra como cada tipo pode ser usado através da estrutura de um sermão completo. Mas as possibilidades de variação em sermão de estrutura indutiva certamente não se limitamm aos esboços e esquemas gráficos apresentados aqui; estes oito tipos básicos de movimento indutivo podem ser ajustados e adaptados um número infinito de vezes.

Tipos diferentes de indução podem também ser usados dentro do mesmo sermão para prover movimento indutivo a diferentes partes da mensagem.

Outra variável poderia ser o grau de indução empregado. Um sermão pode usar (1) uma introdução indutiva; (2) um estudo indutivo da Bíblia; (3) um arranjo indutivo de uma ou mais partes do sermão; (4) um argumento indutivo partindo das particularidades para a generalização, ou (5) uma combinação de 1-4, naquilo que seria um sermão totalmente indutivo. Embora qualquer uso da indução aumente as chances de envolvimento dos ouvintes, continuo convencido de que, quanto mais extensa a indução, mais envolvimento resultará.

Uma variedade potencialmente mais ampla de estruturas indutivas nos sermões torna-se aparente se introduzirmos um ou mais desses oito tipos de indução em alguns esboços ou aproximações da homilética tradicional. As seguintes estruturas tradicionais de sermão podem ser adaptadas facilmente ou alteradas para utilizar a indução: escada, caça, contraste, antítese, cabo, ratoeira, dialética hegeliana, seqüência motivacional, resposta-sim, enrosco de arame farpado, e expositivo direto (Veja no Apêndice 4 sugestões sobre como estas e outras estruturas de sermão podem tornar-se indutivas).

Como já dissemos repetidas vezes no decurso deste livro, a força da indução, seus meios de envolver o ouvinte — de fato a real medida da verdadeira indução — é que ela não começa informando o ponto principal da mensagem. Mas os exemplos e a evidência dentro do sermão gradualmente arrastam os ouvintes para o ponto conclusivo. Por isso, qualquer estrutura de sermão ou esboço que atenda a este requerimento é indutiva e aumenta a participação do ouvinte.

Uma importante questão estrutural que temos demonstrado através de exemplo, mas que de fato não tratamos especificamente em nossa exposição sobre os possíveis arranjos é esta: Onde e como um texto da Escritura se adapta a um sermão indutivo?

Em seu livro The Biblical Preacher's Workshop, Dwight E. Stevenson sugere o uso da indução para sermões doutrinários

que investigam a verdade. Diz ele que o sermão deve mover-se indutivamente por meio do uso de analogia e exemplo até o clímax do sermão, o qual deve ser a declaração conclusiva do texto bíblico. Ele compara a indução a um discurso de nomeação que conclui por revelar publicamente o texto, no centro do palco em toda sua glória, sob a intensa luz dos holofotes. Tal movimento indutivo em direção ao texto pode ser "autêntica pregação bíblica", diz ele.

Craddock discorda da descrição de uma pregação indutiva conduzir ao texto. Ele considera que o texto pode ser incorporado mais cedo num sermão indutivo. E argumenta que a narrativa bíblica, a biografia e a história no sermão podem ser muito indutivos.

Por aquilo que vimos neste capítulo e no anterior, ambos podem estar certos. A disposição e quantidade de material bíblico pode variar de um sermão indutivo para outro — dependendo do assunto, composição do auditório e tipo da estrutura indutiva usada.

Mas, quer o texto seja apresentado no momento inicial do sermão ou na conclusão, a Bíblia deve e precisa ser o fundamento da autoridade para o sermão inteiro, toda vez que nos levantamos para pregar. Este papel bíblico é tão crucial, e sua autoridade tão vital a qualquer coisa que planejamos pregar, que examinaremos esta questão mais extensamente no próximo capítulo.

9. Uma Combinação Imbatível

Quando penso em dogmatismo no púlpito, lembro-me de alguns incidentes que já encontrei. O primeiro vem de um professor amigo meu que leciona num seminário conhecido em todo o mundo como um sólido centro evangélico de treinamento.

Durante uma discussão em classe sobre pregação, meu amigo professor notou uma crescente agitação nos movimentos e na face de um estudante inquieto. Terminada a hora, esse jovem pregador, com o semblante enrubescido, atirou-se em direção à mesa do professor. "Você está errado!" exclamou inopinadamente. "De modo algum isso é assim. Tenho visto boas pregações quando volto para casa e sei como é! Vocês estão todos errados! Disseram-me que eu tinha de combater a heresia aqui! E eles estavam certos!" Com essa explosão saiu abruptamente da sala de aula, deixando o professor atônito e boquiaberto.

Decorrido um mês daquela explosão, o seminarista dividiu sua pequena congregação rural e relatou com orgulho aos amigos nos corredores do seminário: "Foi a terceira vez que tive de me levantar e tomar posição. Depois de três divisões na igreja as pessoas têm de acreditar em mim quando digo que não sou complacente. Ou eles endireitam e fazem o que eu digo ou eu os ponho para fora. Não é hora de pregador ficar indeciso ou em cima do muro."

Eu me arrepio toda vez que penso naquele jovem pregador e nos pobres membros de suas congregações. Posso facilmente imaginar o tipo de sermão que o dogmático jovem pregava.

Não tenho que imaginar nada sobre o próximo exemplo. Recordo-me claramente de cada palavra da mensagem — o sermão mais curto que tinha ouvido até então. O deão de um rigoroso pequeno instituto bíblico pregou-o com ardente intensidade num dos cultos regulares na capela da escola. Este administrador caminhou até o púlpito, quando foi apresentado. De pé por alguns momentos, observou com ar austero o auditório de estudantes. Então, repentinamente, bateu com o punho no púlpito e vociferou suas seis palavras candentes. "DEUS ODEIA O PECADO DO AGARRAMENTO!" Fez uma pausa dramática e em seguida dispensou a assembléia de modo abrupto. Chocados, os alunos deixaram o auditório, entre risadinhas furtivas, com mais uma camada de culpa sobre a cabeça e trinta minutos extras em seu dia.

Não surpreende que a atitude dogmática do obstinado seminarista ou o dogmatismo destemperado do severo deão lhes tenha custado qualquer esperança de eficácia máxima. Esses homens, afinal de contas, representam extremos.

Contudo, questiono-me. Haveria mais desse estilo dogmático na maioria de nós, na maioria de nossas pregações, do que estamos dispostos a admitir? Quantos milhões dentro (ou fora) de nossos santuários em cada domingo deixam de responder ao evangelho fundamentalmente porque não estão preparados para aceitar nossas declarações iniciais: "Este é o caminho", ou até mesmo: "Isto é o que Deus diz!"

Penso em algumas pessoas que conheci.

A caminho de um jogo de beisebol de meninos da Little League, parei o carro e ofereci carona a um velho com cabeleira branca esvoaçante, barba comprida, pés descalços, usando um macacão com peitilho e alças nos ombros. Enquanto se acomodava no banco, cuidadosamente ajeitou um grande bastão a seu lado. "Ele me ajuda contra os meninos malcriados e os cães perigosos", explicou. Disse-me que estava a caminho da próxi-

ma cidade para ver uma exposição de cavalos, mas que meu destino até o estádio lhe servia muito bem. Ele teria que ir a um ponto bem mais distante da estrada.

À medida que conversávamos, eu o escutava esperando o momento oportuno para dar-lhe meu testemunho. Quando surgiu a brecha, comecei minha abordagem. Entretanto, logo que ele percebeu o caminho de minhas palavras, interrompeu-me com uma torrente de palavras profanas. A explosão era apenas indiretamente dirigida para mim. Seu alvo principal eram os programas cristãos pelo rádio, e um locutor em particular, que ele vilipendiou com veemência. O velho disse não acreditar nessa conversa fiada de que uma pessoa precisa ser mudada. E acrescentou com orgulho: "Pertenço à Primeira Igreja em _____ (e citou uma cidade não muito distante). Não temos de suportar esse tipo de absurdo lá."

Eu contrasto a lembrança daquele velho com outro homem que conheci há vários anos. João era tão cônscio das implicações morais que recusava beber um refrigerante em garrafa ou lata de receio que os jovens pudessem vê-lo e pensar que ele estivesse bebendo cerveja. Nunca o ouvi usar exclamações como "Deus me livre!", "Ai Senhor!" ou "Nossa!". Ele dedicava seu tempo livre visitando e servindo regularmente pessoas da sua cidade que não podiam mais sair de casa. Era um respeitado homem de negócios, conhecido e amado por toda a comunidade por seu interesse e serviço em favor dos semelhantes.

Durante vinte e cinco anos este devotado homem de família, com nove filhos, freqüentava regularmente a igreja. Apesar disso, numerosas vezes observei que ele resistia a convites para aceitar a Cristo. Seu queixo tremia, as juntas dos dedos embranqueciam quando ele segurava o hinário ou o encosto do banco à sua frente. Ele continuamente se recusava a tomar sua própria decisão de abraçar a fé.

Foi somente quando ficou estendido num leito de hospital, consumido pelo câncer, que ele finalmente entregou sua vida a

Deus. Fui visitá-lo quando estava morrendo. Olhou-me por entre as lágrimas para lamentar: "Se eu soubesse anos atrás quanto é melhor estar dentro olhando para fora do que estar fora olhando para dentro..."

Certa vez eu estava num pátio conversando com um senhor, um pai de cinqüenta anos, que me disse possuir finalmente suficiente dinheiro, graças a sua oficina de máquinas, bem como algumas propriedades, para poder aposentar-se e viver num clima mais quente. Por muitos anos ele trabalhou dez a doze horas por dia, seis ou sete dias da semana, com um alvo em mente — aposentar-se cedo. Não tinha tempo para a igreja e pouco para sua família. Seus sonhos materialistas o absorveram. Quando falamos de questões espirituais, ele disse com tristeza: "Você pensa que quero morrer e ir para o inferno? Quero ir para o céu, do mesmo modo que as pessoas que você já encontrou, mas digo-lhe a verdade: nunca encontrei alguém cuja vida tenha se transformado por algum dramático novo nascimento."

Nos anos que se seguiram à aposentadoria desse homem e sua morte súbita no sul, tenho muitas vezes pensado em como alcançar tais pessoas — os que são tão iludidos pelo materialismo que não sentem que Deus pode fazer algo por eles. Tenho pensado em meu amigo tão ético e fico intrigado: Como podemos ganhar aqueles que imaginam que são suficientemente bons a seus próprios olhos? Ou os que se sentam todos os domingos em nossas congregações e ainda se recusam a aceitar? Penso também no velho caronista e me pergunto: Como podemos alcançar os que estão amargurados com o evangelho por anos de experiência e preconceito?

Por certo não basta dar suporte a nossas mensagens apenas aumentando a freqüência ou o volume de nossos "assim diz o Senhor". O dogmatismo quase sempre falha com tais pessoas.

Peter Berger, em seu livro The Precarious Vision [A Visão Precária] (Garden City, NY: Doubleday, 1961, p. 184), chegou

ao ponto de dizer: "A afirmação de autoridade religiosa, introduzida num diálogo — embora com polidez — é um porrete escondido em baixo da mesa. A afirmação de autoridade sempre coloca a questão em termos tais que a coerção substitui a comunicação."

Não estou pretendendo deixar implícito que devemos pregar sem nenhuma real autoridade. É absolutamente essencial que o que pregamos seja firmemente ancorado na autoridade da Palavra de Deus (como veremos no correr deste capítulo). Devemos, porém, admitir a opinião de Berger. Há multidões de indivíduos em nossa era que reagem contra nossos mais embasados e razoáveis apelos em favor da tradição, instituição e mesmo revelação de Deus como se fossem ameaças autoritárias nefastas.

À vista disso, como podemos pregar a poderosa mensagem da verdade evangélica sem que eles sintam que estamos agitando o chicote da autoridade de cima de nossos púlpitos? Como podemos romper as barreiras da satisfação, da resistência e da hostilidade para levar os ouvintes a perceber sua necessidade de mudança ou de crescimento? Como removê-los da "área de interesse comum" para as boas novas?

Talvez o início de uma resposta seja encontrada em outra experiência pastoral que tive visitando um casal com filhos crescidos. No curso de nossa conversação a esposa falou da infelicidade e vazio que ambos sentiam em sua meia-idade, dizendo: "É um inferno continuar vivendo desta maneira."

O marido deveria submeter-se a uma cirurgia dali a dois dias, e eu visitei-o no hospital todos os dias durante uma semana. Continuamos a falar de sua infelicidade, e falei-lhe do evangelho. No dia anterior a sua alta, disse-lhe finalmente: "Você sabe, você pode voltar para casa amanhã como cristão."

Esperou um instante e acenou com a cabeça. "Sim, Pastor", disse, "mas é preciso querer!"

Foi para casa no dia seguinte sem tomar a decisão. Poucos anos mais tarde soube que tinha morrido num acidente de carro na Califórnia. Não estou certo de que ele tenha aceitado Cristo.

Mas suas palavras "é preciso querer" ajudaram-me a cristalizar uma lição que aprendi em anos de experiência com muitas outras pessoas que recusaram ou foram relutantes em aceitar a mensagem do evangelho. A lição é a seguinte: Nunca convencemos os outros com nossa pregação; podemos somente ajudá-los a convencer a si mesmos. Um velho ditado expressa uma idéia semelhante: "Um homem que contra sua vontade é convencido, continua mantendo a mesma opinião que tinha tido."

Antes de seguir adiante devo tornar claro que não estou tentando excluir o Espírito Santo de fazer sua parte em qualquer processo de decisão. Mas Ele também não força a vontade humana; há um limite que Deus impôs a si mesmo desde o princípio. Com o propósito de fazer a lição mais completa teologicamente, talvez devamos reiterá-la desta forma: Nunca convencemos outros com nossa pregação; podemos apenas ajudar o Espírito Santo a ajudá-los a convencer a si mesmos.

O melhor meio que conheço para fazê-lo é envolver nossos ouvintes na parte do processo de pregação de estar pensando e resolvendo. Para muitos, isto requer uma abordagem indutiva.

Apesar da preocupante falha da igreja e de nossa pregação para atingir milhões de pessoas perdidas e necessitadas, a despeito do declinante comparecimento à igreja, e apesar da inegável epidemia de desinteresse, , a maioria dos pregadores tem sido lenta em aceitar a pregação indutiva como uma estratégia viável de comunicar o evangelho.

Parte de sua relutância, sem dúvida, decorre da falta de compreensão do que seja a pregação indutiva, como ela funciona e o que ela pode realizar. Esta é a razão por que nos esten-

demos até aqui neste livro para lançar os passos e fundamentos da estrutura indutiva na pregação. Há necessidade de se construir uma compreensão básica.

Contudo, estou certo de que alguns que chegaram até aqui estão compreendendo o conceito da pregação indutiva de uma nova forma, mas estão, ainda, indecisos sobre adotá-la como método básico válido para o ministério da pregação.

Através dos anos tive tanto alunos como colegas que levantaram uma série de preocupações. Por isso, gostaria de desfazer aqui as mais comuns.

"Não seria a indução um tanto desonesta? Você não estaria manipulando seu auditório quando não diz no princípio aonde quer chegar?"

"Não é verdade que a ênfase da indução no uso do bom senso na comunicação deixa de levar em conta o intelecto e o intelectual?"

As três preocupações seguintes estão em geral intimamente relacionadas na mente do questionador.

"A indução não se mostra suficientemente forte para mim. Ela parece, antes, afagar e tolerar os ouvintes em seus pecados. Deus chama pregadores para serem fortes e enérgicos. As pessoas hoje precisam de uma saudável dose de sólida doutrina bíblica. Não devemos nos tornar frouxos acomodadores."

"Com ênfase tão pesada sobre o contemporâneo e o material relacionado à vida, você não corre o perigo de basear sua autoridade na experiência humana e não na Palavra de Deus?"

"A indução de fato não parece ser suficientemente bíblica. É certo que devemos relacionar nossos sermões à vida real das pessoas, porém não às custas de uma exposição equilibrada da Escritura."

Basicamente, este capítulo é minha resposta a tais questões. E estou seguro de que, após ter lido os sete capítulos precedentes,

muitos leitores anteciparão parte desta resposta. No entanto, muito do que é dito no restante deste capítulo pode vir como um pouco de surpresa, pois poderá parecer um drástico retorno.

Primeiro, uma resposta baseada num rápido retrospecto das questões acima:

"A indução não é manipuladora? Não é fato que ela não leva em conta o intelecto?" A estas duas preocupações tenho a dizer o seguinte: Uma das principais características da pregação indutiva é a atitude de honestidade e transparência. Ela investiga/examina, em vez de usar/aproveitar-se de. Em lugar de fazer pressão, ela permite a interação e envolve o intelecto do ouvinte a cada passo. Ela não pede ao ouvinte que compre as suposições para si próprios, sem primeiro exibir a evidência. Quanto a ser enganosa, não consideramos as parábolas de Jesus enganosas só porque seus ouvintes não percebiam aonde os levava até que ele chegasse ao fim de suas histórias.

"A indução não é suficientemente forte!" A esta queixa responderei com uma série de proposições já tratadas. Primeiro, simplesmente não existe evidência para mostrar que usar força realmente convence alguém de alguma coisa — a menos que você esteja falando de lavagem cerebral. A indução pode e deve conduzir a sólidos princípios, asseveração e doutrina; ela apenas não começa com eles. Ela conduz à descoberta da verdade em vez de fazer propaganda. A abordagem indutiva respeita os ouvintes como indivíduos e, assim fazendo, obtém a concordância e credibilidade para pouco mais adiante firmar uma posição forte. Não é necessário que haja qualquer transigência em esperar para alcançar o propósito até que o maior número de pessoas estejam desejosas e prontas para aceitá-lo. Naturalmente, há um risco no sermão indutivo, que o pregador não consiga chegar a quaisquer conclusões fortes ou não consiga comunicar claramente nemhuma mensagem doutrinária básica. Porém,

este é um problema que diz respeito ao pregador, não ao processo indutivo. O método dedutivo tampouco impede a possibilidade de pregação insossa — como milhões poderiam testificar a cada semana.

"Mas a indução não é mesmo suficientemente bíblica. Baseia-se mais na experiência humana do que na Palavra de Deus." Em resposta a isso, reapresento uma série de pontos resumidos de capítulos anteriores.

Com a evidência apresentada nos capítulos cinco e seis, a indução parece estar bem mais perto do modelo de comunicação apresentado pela Bíblia como um todo e pelos pregadores dentro dela, do que acontece com a maioria da pregação dedutiva praticada durante séculos. O método de Jesus era indiscutivelmente indutivo e incompatível com nosso ensino e estrutura homilética tradicional. Se há dúvida acerca da quantidade de conteúdo bíblico ou oportunidade de exposição dentro da pregação indutiva, os esboços de vários sermões de estrutura indutiva do capítulo sete exibiram ampla oportunidade para tantas referências e exposições da Escritura quanto o tempo e o intento do sermão podem permitir.

Com respeito à questão da "autoridade", desejo fazer alguns comentários adicionais. Embora não pretenda equiparar a experiência humana contemporânea com a própria Escritura como fonte de autoridade para nossos sermões, o fato é que a Bíblia que Deus inspirou e consagrou como sua própria Palavra é um registro da experiência humana com ele. Relatos da experiência humana podem e devem fazer em nossos sermões o que eles fazem na Bíblia, isto é, introduzir, ilustrar, preparar as pessoas e conduzi-las até a suprema verdade e autoridade de Deus. Por sua atitude e ênfase, o pregador pode e deve sempre tornar claro que é sobre a verdade divina que o sermão fala. É a Palavra de Deus que é testada por e aplicada à experiência humana. A experiência é o instrumento, não a autoridade da teologia.

Repetindo, este é o papel do pregador, quer ele decida pregar dedutiva ou indutivamente.

Embora tenha procurado reduzir as críticas acima voltando aos argumentos apresentados até aqui, embora pense que a maioria dessas objeções poderiam ser levantadas sobre a pregação dedutiva tradicional, e embora esteja convencido de que esses riscos podem ser evitados, eu admito que a pregação indutiva pode apresentar alguns riscos singulares nas áreas criticadas.

Portanto, aqui vamos continuando no caminho que à primeira vista parece contradizer tudo quanto temos feito, dito e visto até agora neste livro.

Temos mostrado os contrastes entre a indução e a dedução em esquemas como este que indicam suas características potencialmente divergentes, como segue:

Lista de Contrastes

INDUTIVO	DEDUTIVO
Acumulativo	Assertivo
Alcança autoridade	Pressupõe autoridade
Faz perguntas	Informa as respostas
Reúne fatos	Declara conceitos como fatos
Constrói sobre fatos para achar causas	Amarra fatos em categorias
Construtivo	Constritivo
Criativo	Cognitivo
Adia as afirmações	Comunica as respostas
Diagnostica as razões	Defende a razão
Descobre as causas	Afirma as conclusões
Expande	Contrai
Explora, expõe	Explica, exorta
Flexível, elástico	Sólido, estático
Intuitivo	Intelectual
Convida à participação	Impõe princípios
Envolve os ouvintes na pergunta	Fornece as respostas
Aberto	Fechado
Profético	Sacerdotal

Prático	Prescritivo
Progressista	Protetor
Racional	Arrazoado
Relata	Restringe
Ênfase relacional	Ênfase racional
Procura causas, conceitos, conclusões	Afirma efeitos, conclusões
Busca razões, evidências, princípios	Expõe resultados, provas

Na tentativa de expor e construir um caso para o método de indução — menos familiar —, admitimos ter oferecido conscientemente uma visão desproporcional. Procedemos como se tudo que existe sobre dedução fosse perigosamente errado. Não é assim. De fato, qualquer uma das características dedutivas no esquema acima pode ser um fator muito positivo na pregação — desde que consideradas a situação certa e a preparação adequada.

Permitam-me acrescentar que durante anos venho estimulando jovens ministros a combinar os recursos da indução e da dedução em seus sermões. Digo que "nenhum evangélico pode ficar satisfeito pregando somente pelo método indutivo. O pregador do evangelho tem a verdade em tão alta estima que deve declarar a mensagem de Deus dedutivamente depois de expô-la indutivamente".

É grande demais o número de pregadores que são como cães de caça ineficazes; eles farejam uma pista da verdade mas param repentinamente sem acuar a presa. O ponto de interrogação não é a última palavra do processo indutivo. A indução leva a conclusões e além delas!

Por tentativa e erro em nossa vida diária empregamos o processo indutivo para encontrar soluções que funcionem, em seguida implementamos nossos resultados em nosso viver de amanhã. Hoje descobrimos. Amanhã incorporamos, aplicamos, amplificamos e nos pronunciamos a favor. Em eletrônica, espaço, biologia, computadores e outras áreas, primeiro descobrimos, depois declaramos. A indução conduz muito naturalmente à dedução.

Nossa pregação deve incluir declaração, proclamação, persuasão, compartilhamento. A verdadeira pregação eficaz indutiva vai da busca à descoberta e, a seguir, exige a defesa e a persuasão. A seqüência completa é sensata, científica e biblicamente perfeita.

Como já tivemos oportunidade de ver, a Bíblia geralmente apresenta o concreto antes do abstrato, as condições antes da regra. Mas decretos e dogma podem ser facilmente encontrados seguindo perguntas indutivas, experiências, exemplos e casos.

Contrário à opinião geral, Paulo envolve o povo indutivamente em suas epístolas. Ele se refere à experiência, dá testemunho, faz perguntas, examina, cita exemplos, usa biografia, analogias, parábolas, comparações e contrastes. Por exemplo, na epístola aos gálatas ele lhes dirige dezoito perguntas; narra sua própria vida; alegoriza Abraão, o pacto e as duas esposas do patriarca; compara com símiles e metáforas, à medida que leva a conclusões indutivas sobre Cristo, a liberdade e o evangelho.

Mesmo quando escreve aos "santos" em Éfeso, Paulo se refere insistentemente à experiência: "vós", "eu", "ele" e "nós" — lembre-se! Ele recorre à analogia: estrangeiros, muros, pactos, hóspedes, cidadãos, pedra angular, fundação, templo, herdeiros, velho homem, novo homem, etc. Treze vezes se refere à analogia do corpo. Embora não faça uso de perguntas indutivas aqui, ele envolve o povo em sua indução analógica.

Paulo usa setenta e cinco perguntas nos primeiros capítulos de Romanos para envolver o povo indutivamente. Tais perguntas geram as respostas dele. As exortações parecem suavizadas ao entrarem nessas respostas. Com base nos pormenores dos capítulos 1-11, Paulo chega à conclusão: "Portanto, meus irmãos, por causa da grande misericórdia divina, peço que vocês se ofereçam completamente a Deus" (Rm 12.1, BLH).

Quatro perguntas, apenas, aparecem nos cinco capítulos finais da epístola aos Romanos. Ele dialogou por meio de per-

guntas até conseguir que os romanos se envolvessem cooperativamente nas conclusões indutivas; a seguir, sem nenhuma evasiva, apresenta as asserções de seu evangelho aplicando a verdade à vida diária de uma forma dedutiva proposicional. Somente após onze capítulos procurando obter autoridade é que ele se arroga o direito de fazer sua proclamação dedutivamente. Cita exemplos, pormenores e casos humanos; dá testemunho, pergunta e responde. Mas reserva suas exortações e afirmações mais eloqüentes para depois estabelecer firmemente sua autoridade nos capítulos anteriores.

O exemplo de Jesus é evidência adicional em favor de uma exposição indutiva/dedutiva equilibrada em nossa pregação.

Para as multidões sua mensagem é como uma "teologia missionária" numa terra estranha. De início, Jesus não impõe nem exige, e, sim, usa indução e diplomacia para suscitar boa vontade, concordância, aceitação e autoridade cumulada. Ele não assume a autoridade no começo; pelo contrário, procura conseguir primeiro a aceitação.

Quando fala a seus leais seguidores Ele parece mais impositivo. Toma por certo já ter concordância, autoridade e interesse comum.

Durante anos observei essas diferenças, porém só em anos recentes identifiquei nisso um processo contínuo. Jesus principia sua mensagem encarnada no ponto zero — onde as pessoas estão. Seus discípulos, porém, tinham caminhado parte do caminho — aceitaram os princípios da fé que amadureceram desde os primeiros sermões do Mestre ao povo. Juntos, sua pregação e seu ensino se associam para completar um processo que vai de pormenores indutivos de um princípio até sua afirmação e aplicação dedutiva prática — um processo contínuo, da descoberta por indução à declaração por dedução.

Há anos esquematizei três processos: (1) indutivo, (2) dedutivo e (3) indutivo-dedutivo combinados. Mas visualizei a com-

binação como uma união de dois processos bem distintos, quando de fato indução e dedução são partes igualmente vitais de um processo que poderíamos chamar de indução círculo fechado. Como o ensino de Jesus a seus seguidores, este processo inclui a afirmação dedutiva e a aplicação do princípio descoberto exposto pela indução precedente.

Permita-me tentar esclarecer o que estou dizendo usando uma simples imagem. Até este ponto de nossa exposição temos considerado a dedução a parte visível de uma árvore, começando pelo tronco (a verdade geral) e espalhando-se em ramos (aplicações menores). Temos apresentado a indução como o conjunto de raízes da árvore, iniciando com as tenras raízes (exemplos específicos e evidência) que gradualmente se juntam a raízes maiores e finalmente convergem no tronco (a verdade geral). Tomadas separadamente, a estrutura da raiz e a estrutura de uma árvore parecem opor-se. Uma busca e acumula o sustento, enquanto a outra o espalha e distribui. Na realidade, porém, ambos são metades igualmente necessárias do todo. O conjunto de raízes seria inútil sem os ramos. O conjunto de ramos não poderia sobreviver sem as raízes.

Assim ocorre com a indução e a dedução no processo global do sermão. Os dois métodos se encaixam. Um complementa e prepara para o outro. Onde cessa a indução, começa a dedução. A indução descobre novo conhecimento; a dedução o esclarece. A indução reúne os fatos particulares; a dedução expõe os conceitos gerais resultantes.

Para usar uma analogia diferente, o exemplo de Jesus parece dizer-nos que a pregação, como uma ponte, necessita de dois suportes. A pregação efetiva serve como uma aventura cooperativa entre Deus e o homem, um pilar fundamentado na verdade eterna e o outro arraigado na experiência humana.



A-Ponte-dos-Dois-Pilares para a Pregação

Jesus enfatiza o que o Cristianismo tradicional tem às vezes repetido só baixinho ou em surdina. Ele nos traz à memória uma verdade que facilmente esquecemos: ambas e é mais eficaz. Ou um ou outro às vezes, pode ser, mas muitas vezes ambos e.

A pregação precisa tanto de ontem como de hoje. A Bíblia permanece como base sólida, e as afinidades de hoje mantêm o sermão vital, vigoroso, relevante.

A pregação deve apresentar Deus e sua verdade eterna. Mas a necessidade humana, a experiência e a relevância também constituem fatores cruciais do sermão. Sem a verdade eterna de Deus e a tradição da história, faltará a forte segurança. Sem a dimensão humana contemporânea, o que vale isso tudo hoje? Qual o interesse? Qual o sentido?

Passos Combinados

O sermão indutivo "círculo fechado" poderia ser dividido nos doze passos seguintes. Os nove primeiros refletem a concentração indutiva deste livro até aqui. Os três últimos passos, no entanto, igualmente importantes, em geral requerem desenvolvimento dedutivo.

1. Aceitar os ouvintes com respeito
2. Alinhar-se às necessidades do ouvinte
3. Abordar com perguntas-chave
4. Despertar a atenção
5. Agrupar exemplos representativos
6. Apurar suposições
7. Avaliar afirmações
8. Assumir autoridade

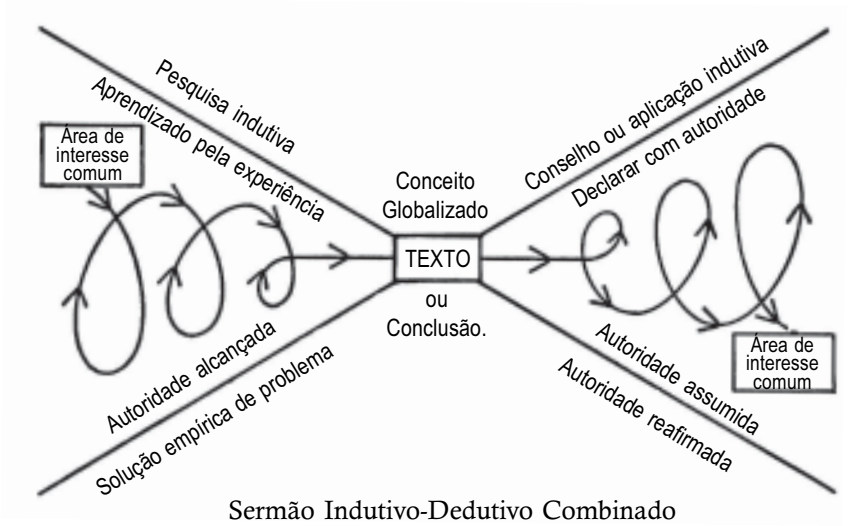
} Basicamente Indutivos

9. Aceitar conclusões
10. Aplicar à vida pessoal
11. Aconselhar por experiência e revelação
12. Asseverar, defender, recomendar

} Basicamente Dedutivos

Quando nos pomos a pensar em termos de um sermão indutivo "círculo fechado", observamos novas implicações nos modelos indutivos tipo remoinho dos Capítulos Sete e Oito.

O que queremos dizer agora é que aqueles esquemas gráficos representam, na realidade, apenas a primeira parte da abordagem indutiva-dedutiva combinada. A abordagem "círculo fechado" seria melhor esquematizada desta forma:



Sermão Indutivo-Dedutivo Combinado

Qualquer uma das estruturas indutivas dos Capítulos Sete e Oito poderia ser inserida no lado esquerdo desta estrutura combinada. E qualquer esboço dedutivo tradicional poderia ser inserido no lado direito deste esquema.

Você há de notar que um sermão "círculo fechado" não só começa na "área de interesse comum", onde estão as pessoas; ele também termina na "área de interesse comum". Seja o foco final de um sermão um convite, aplicação ou desafio, as implicações precisam retornar à vida diária das pessoas. A mensagem tem de atingi-las e movê-las onde elas estão.

A colocação do texto no meio do esquema gráfico não significa que tenhamos de evitar a Escritura até que o sermão atinja aquele ponto. Se você se lembra das várias estruturas indutivas esquematizadas no capítulo anterior, visualizará muitos possíveis meios de incorporar o conteúdo bíblico a um fluxo indutivo. Você pode até introduzir e usar o texto do sermão mais cedo, no lado indutivo do processo. Mas qualquer uso da Escritura no fluxo indutivo do sermão é primordialmente ilustrativo, é evidência apresentada para atingir a conclusão global no

ponto central do esquema. Àquela altura, a autoridade deverá ter sido alcançada e poderá ser exercida em todo o restante do sermão. Uma vez que os ouvintes e o pregador tenham atingido juntos o ponto central, o texto pode ser afirmado com autoridade e as aplicações e declarações podem, a partir daí, desenvolver-se dedutivamente.

Você poderá concluir deste esquema de estrutura combinada que a porção indutiva do sermão exerce a mesma função de uma introdução numa estrutura homilética tradicional. Contudo, isso só é verdade em parte.

A indução introduz, mas visa fazer muito mais do que meramente introduzir, assim como as parábolas de Jesus fazem mais do que despertar interesse. Elas encorajam o envolvimento. Comunicam a verdade. Adiam as asserções. Concentram a atenção. Envolvem. Mas também instruem.

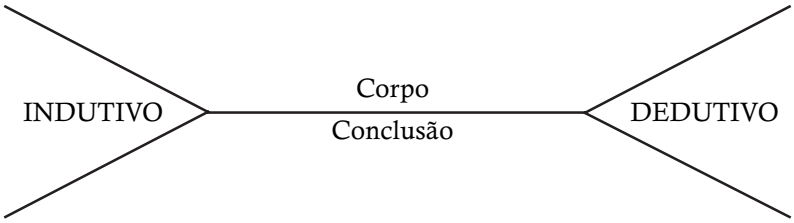
Jesus usa parábolas e exemplos humanos como materiais do processo. Estas ajudam a penetrar a consciência, as configurações de pensamento, o comportamento e os hábitos, a vida dos ouvintes. Para Jesus, as parábolas e outros ingredientes indutivos se tornam parte do processo de comunicação planejado. Assim, nossos sermões precisam de material processual para fazer com que as pessoas "entrem" no sermão em si.

Alguns pregadores se satisfazem só com material de conteúdo. Para eles tudo o que importa é a verdade. Jesus não. Já para Ele valem tanto o processo como o conteúdo. Ele mesmo deve envolver e informar as pessoas. Ele planeja para que ambos, envolvimento e instrução, resultem de sua pregação. Se desejamos ambos os resultados a partir de nossa pregação, a abordagem indutiva "círculo fechado" oferece a melhor combinação.

Os dois lados de um sermão que reúna a indução e a dedução podem entrosar-se para atender as necessidades e compromissos dos ouvintes. Por exemplo, um sermão para jovens

requer mais indução do que um estudo da fé dirigido aos crentes idosos. Por outro lado, os veteranos ficarão contentes com alguns exemplos antes do ensino dedutivo. Algumas situações podem exigir uma divisão meio a meio; mas na maioria das ocasiões requererá que a quantidade de tempo e conteúdo distribuída para cada parte seja adaptada para atender os ouvintes.

Qualquer que seja a extensão das duas partes, a estrutura tipo remoinho entrada-saída deveria sempre assemelhar-se a uma ampulheta horizontal — fluindo indutivamente para a conclusão e, a seguir, movendo-se dedutivamente para a aplicação e declaração:



Mas uma valiosa variação na estrutura combinada pode ser o uso de abordagem com múltiplas ampulhetas dentro do mesmo sermão com o fim de revelar e, em seguida, aplicar uma série de ensinos. Isto poderia mostrar-se particularmente eficiente para comunicar uma dose substancial de ensino dedutivo dividindo o sermão em séries bem reguladas de doses menores. Tal sermão poderia ser assim esquematizado:



Poderão ocorrer situações nas quais você imagine que seu auditório esteja tão relutante ou despreparada para aceitar sua premissa básica ou em que você sinta que as implicações da verdade revelada indutivamente são tão claras que você pode interromper o sermão e esperar que o Espírito Santo conduza os ouvintes além desse ponto. No entanto, em via de regra, a pregação indutiva eficaz "círculo fechado" precisa também incorporar a dedução.

Quando isso acontece, todas as preocupações suscitadas no início deste capítulo podem facilmente ser eliminadas. O fato é que na "metade" dedutiva do sermão "círculo fechado" o pregador pode ser convincente. É aqui que ele pode reenfatizar a autoridade da Palavra de Deus como base da mensagem. É neste ponto que o pregador pode melhor incluir a exegese e qualquer exposição versículo por versículo.

Eis uma amostra de um esboço de sermão que pode se amoldar à estrutura combinada básica esquematizada acima:

Vale a Pena Orar?

A. Exemplos Atuais:
   a. Respostas específicas e recentes a orações na vida pessoal, familiar ou da igreja local.
   b. Respostas específicas e recentes a orações na na igreja nacional, denominacional ou mundial.
   B. Exemplos do Novo Testamento:
   a. Paulo orou na tempestade — tripulação e passageiros resgatados.
   b. Pedro libertado da prisão — encontro surpreendente.
   c. Jesus orou — Lázaro levantou-se, 5.000 alimentados, e outros fatos semelhantes.

C. Exemplos do Antigo Testamento:
   a. Daniel na cova dos leões.
   b. Ana ora para ter um filho.
   c. Moisés orou — pragas, êxodo.
   d. Abraão — no monte Moriá, em sua vida

} Todos estes suportes indutivos servem como evidência para levar ao conceito e ao texto. São abordados ligeiramente, alguns em uma ou duas sentenças. (10-15 minutos)

CONCEITO: A vida e a Bíblia mostram-nos muitos exemplos — Deus responde às orações.

TEXTOS: "Orai sem cessar."
"Os homens devem sempre orar e não desfalecer."
"Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo."

I Motivos para orar
II Requisitos para orar
III Resultados da oração

Conclusão: Aplicação e Desafio a Orar

} Pode incluir subtemas, mais exemplos e quaisquer outros ingredientes comuns a sermões dedutivos típicos. (10-15 minutos)

Qualquer sermão, seja qual for o assunto e o propósito — evangelístico, doutrinário ou expositivo básico — pode e deve incorporar uma abordagem combinada, se o objetivo é alcançar o máximo de eficácia e envolvimento. Como diz Merrill F. Unger em Principles of Expository Preaching (Grand Rapids, Zondervan, 1955):

"Em se tratando da Escritura, nenhuma premissa deve jamais ser usada no raciocínio dedutivo que não possa ser sustentada por uma correta indução. A questão não é saber se o método indutivo deve ser cultivado menos, mas como... o método dedutivo pode ser empregado para suplementar [a indução]."

Unger, como a maior parte dos pregadores e quase todos os escritores homiléticos, acentua a dedução muito mais do que o lado indutivo da pregação. Não obstante, ele claramente reconhece a necessidade da indução para uma pregação equilibrada e eficaz. Esse equilíbrio requer tanto os ingredientes indutivos como o processo indutivo que temos exposto neste livro.

Para D. L. Moody e muitos outros grandes arrebanhadores de multidões, esta estrutura combinada se tornou um eficiente modelo de pregação. Moody levava seus ouvintes de forma consistente ao envolvimento pessoal por meio de suas anedotas e

narrativas ligadas à experiência. Daí, quando estavam prontos para aceitar seus preceitos, proclamava as profundas e inabaláveis convicções de sua fé fundamentalista.

Muitos pregadores da atualidade também tiveram sucesso com a abordagem combinada.

Billy Graham muitas vezes golpeia com a mão o Livro Sagrado ao bradar: "A Bíblia diz..." Mas ele se refere repetidamente a exemplos humanos, experiência de vida e conteúdo narrativo.

Leighton Ford, cunhado de Graham, associa indução e proclamação a uma boa intuição. Ele fez um significativo estudo sobre a eficácia da pregação e os princípios da comunicação. Por exemplo, retornando com a família de uma prolongada comemoração do Dia de Ação de Graças, ouvimos pelo rádio um memorável sermão de Ford, "Designado ou Encarregado?" Ele inicia com uma arremetida indutiva forte e pessoal: "Ela mora em Nova Orleans."

Jay Kesler, presidente da Mocidade para Cristo e extremamente eficaz como pregador para jovens, combina indução com proclamação com tanta habilidade como tem qualquer pregador que se destaca hoje. Ele mantém milhares de adolescentes fascinados quando lhes expõe com dramáticos detalhes as experiências da juventude que conhece. Depois de dar-lhes exemplos de vida, entrega-lhes o evangelho diretamente, sem rodeios.

Louis Hadley Evans, Sr., por muito tempo líder presbiteriano, incorpora muito conteúdo indutivo em seus sermões populares. O formato dele tanto pode ser dedutivo como indutivo.

Leslie Weatherhead, orador metodista inglês, arquiteta sermões genuinamente indutivos. Por exemplo, seu sermão "A Coisa Real" começa com uma mesa de elefante de ébano [madeira negra], fala de jóias do "primitivo período de Woolworth" [estilo "Lojas Americanas"], e após envolver seus ouvintes com experiências comuns, volta-se para Jesus, o evangelho e nossa fé cristã compartilhada.

Donald Soper, pregador de praça pública britânico, compreende mais do que ninguém a necessidade de interesse e envolvimento. As demandas das ruas têm proporcionado discernimentos e uso indutivos.

Cada vez mais, pregadores católicos se identificam com a experiência comum em seus sermões de abordagem mais indutiva.

Clement Welch e outros da Faculdade Episcopal de Pregadores, na cidade de Washington D.C., têm promovido seminários sobre pregação indutiva, visando estimular pregadores a envolver seus ouvintes via a indução.

Muitos pregadores batistas eficientes abandonaram seus pesados sermões doutrinários dedutivos em favor de uma tônica indutiva sobre a experiência até conseguirem o envolvimento de seus ouvintes. Agora proclamam. Agora declaram. Agora asseveram. Agora "pregam".[1]

Os mais notáveis pregadores em quase todas as gerações tropeçaram nesta imbatível combinação. O Apêndice 3 menciona muitos outros exemplos de pregadores bem sucedidos que, ao longo da história cristã, associaram a indução com sua declaração dedutiva do evangelho.

Assim como a indução "círculo fechado", o processo de sermão combinando indução e dedução responde às perguntas sobre a indução formuladas no início deste capítulo, e desta forma ele também corrige as dúvidas que este livro levantou acerca da dedução. O seguinte esboço esclarece:

---

1 O Dr. Glen Stassen, professor do Seminário Batista do Sul em Louisville, conta como os metodistas salvaram os batistas. Diz ele que nos dias de George Whitefield a pregação batista era dedutiva, seca, pesada e doutrinária. O número de convertidos e membros declinava. A pregação renovadora de Wesley instigou os pregadores batistas a salientar a experiência em seus sermões, e a ruína dos batistas em declínio foi evitada pela pregação sobre a experiência e a doutrina.

Processo de Pregação Dedutiva Corrigido

Objeções à Dedução Sozinha:	Soluções Propostas pela Combinação com a Indução:
1. Começa com: a. generalizações do pregador b. afirmações do pregador c. conclusões (proposições) do pregador.	1. a. Começa com pormenores que levam a conclusões. b. Busca conclusões cooperativas e conceitos globalizados. c. Adia afirmações até que a concordância seja conseguida.
2. Começa onde o orador está — nem sempre onde está o ouvinte.	2. Começa onde o ouvinte está — não exatamente onde o orador está.
3. Tende por sua natureza ser subjetivo e preconceituoso.	3. Deixa que os fatos, pormenores e a própria vida falem.
4. Às vezes dá conselho injustificado e não desejado antes de estabelecer qualquer área de interesse comum.	4. Guarda o conselho, exortação e proclamação até que o ouvinte tenha alcançado por indução os conceitos cooperativos que levam às conclusões mútuas.
5. É autoritário.	5. Obtém autoridade. Não assume autoridade prematuramente.
6. Assume a postura de um adversário, seja defensiva ou agressivamente.	6. Procede de uma posição não adversária. Compartilha a experiência e o processo.
7. Destaca o exercício racional em vez da experiência relacional.	7. Enfatiza a experiência relacional — não o exercício racional isolado.
8. Tende a ser irrelevante, remoto e impessoal.	8. Refere-se à vida e à experiência. Partilha os exemplos humanos.
9. Pode não mostrar respeito pelos ouvintes ou suas opiniões.	9. Respeita os ouvintes e suas opiniões.
10. Centrado no assunto e não na pessoa.	10. Salienta as necessidades dos ouvintes e leva o sermão a servir aos interesses mais importantes dos ouvintes.
11. Tende a manter um formato, estrutura e conteúdo fixos.	11. Adapta exemplos representativos, experiências variadas e conteúdo selecionado para atender às necessidades dos ouvintes.

Os pregadores de hoje estão divididos, não por cavalos que arrancam em direções opostas, mas por forças conflitantes dentro do papel do ministério. Eles têm uma mensagem extremamente exigente para compartilhar com seu povo, o qual resiste a apelos externos que demandam do seu tempo e sua vida. Eles têm uma mensagem de absolutos morais para pregar às pessoas que crêem que cada qual tem o direito de fazer sua própria coisa, desde que não prejudiquem os direitos dos outros. Eles têm uma mensagem de verdade eterna para pregar ao povo que é absorvido por questões materiais. Em resumo, as preocupações e exigências de nossos ouvintes estão muitas vezes em conflito direto com o próprio sentido pessoal da vocação, missão e urgência de um pregador.

Como mudar nosso povo do lugar onde ele está para o lugar onde Deus quer que ele esteja? Como podemos envolvê-lo em nossos sermões e no crescimento cristão?

O processo indutivo "círculo fechado" parece ser uma promissora resposta.

Este formato oferece um meio de combinar a busca e a vitória em nossos sermões — a predisposição para a procura e a salvação. Ele nos possibilitará respeitar nossos ouvintes e também nosso Pai celestial. Ele promete unir nossa compaixão e nossa confiança no mesmo sermão. Começa onde o povo está, mas conduz à verdade divina.

The World Book (Enciclopédia) diz em seu verbete "Método Indutivo": "Combinando indução e dedução a ciência unifica teoria e prática." Realmente, não é esta a meta de todo pregador, de todo sermão? Quando — e somente quando — pudermos unificar a "teoria" da verdade eterna de Deus e a "prática" da vida diária de nosso povo, cumpriremos nosso alto chamado como pregadores. E quando isto acontecer, poderemos saber com certeza que nossos ouvintes serão envolvidos.

10. No Gabinete de Estudos

Recordo-me perfeitamente de um grande encontro de pastores a que compareci como jovem estudante para o ministério. Durante um intervalo entre sessões fui a uma sala lotada de homens, onde tive oportunidade de ouvir uma conversação entre um pregador conhecido nacionalmente e um outro cavalheiro. O importante pregador se jactava de ter vendido todos os seus livros porque dispunha de sermões suficientes para o resto de seu ministério (ele estava, então, na faixa dos quarenta anos).

Um tanto desiludido pela revelação, mas possuído do idealismo e afoiteza da juventude, não pude deixar de reagir. Quando terminei de enxugar as mãos disse alto bastante para ser ouvido por todos na sala de estar: "Isso me soa como alguém que morreu no topo da carreira." Em seguida virei as costas e saí.

Cerca de quarenta anos se passaram, por isso espero que tenha me abrandado um pouco. Porém muitas das atitudes que tenho visto e ouvido sobre a preparação de sermões desde aquele episódio ainda me perturbam.

Conheci um jovem pastor no início de meu ministério que me contou que ficava acordado a noite toda de sábado para domingo. Às vezes, já de madrugada, dormia no sofá cerca de uma hora. Ele lamentava seu hábito de preparação de última hora. Confessou que isso era uma praga na vida de sua família. "Mas eu tenho de sofrer essa pressão. Não consigo preparar meu sermão de qualquer outra forma."

Recentemente, após um seminário sobre pregação, um pastor aproximou-se de mim e confidenciou sua contínua luta para

encontrar tempo para a preparação de sermões. Ele tinha acabado de mudar para uma nova paróquia, que tinha uma ampla variedade de trabalhos externos e programas comunitários que esperavam que ele supervisionasse. As tarefas administrativas mantinham-no tão ocupado que ele simplesmente não podia preparar seus sermões como achava que devia. Quando expressou sua frustração diante de uns dois ministros de sua denominação, eles não lhe deram atenção. Na realidade, um deles lhe disse: "Preparar não é nenhum problema. Apenas desligue sua tevê às 10 horas na noite de sábado e dedique uma hora antes de se deitar esboçando seu sermão. É o que eu faço."

Infelizmente essa espécie de atitude predomina demais. Não é sem motivo que um grande editor evangélico publicou, há poucos anos, um livro com um título algo engenhoso, Ofertas Especiais de Sábado à Noite. Trata-se de uma compilação de mais de 200 idéias para sermão sobre uma ampla variedade de textos e tópicos — esboços que podem ser recheados e enriquecidos para se converterem em bons sermões na noite anterior à sua pregação.

E, depois, temos o caso de um pastor de uma grande igreja da cidade, um pregador conhecido em toda sua conceituada denominação como um reformador, uma voz profética e um evangélico intransigente. Dirigindo seu carro para a igreja com sua esposa nas manhãs de domingo ele dizia com freqüência: "Acho que vou pregar sobre o perdão (ou graça, pecado, regeneração ou qualquer coisa) esta manhã, querida. Você pode encontrar um texto para mim? Sua esposa se punha a virar as páginas da Bíblia ali no carro e ele já conseguia seu texto antes do momento em que entravam no estacionamento da igreja.

Preparação. Em que medida ela é crucial à nossa pregação?

Uma pesquisa recente revelou que os pastores que consagram vinte horas ou mais a seu sermão dominical pregam a centenas de pessoas a mais a cada semana do que aqueles que

dedicam cinco horas ou menos à preparação. Você pode argumentar sobre qual seja a causa e qual o efeito, mas a correlação entre o tempo de estudo e o tamanho da congregação que ouve deve significar alguma coisa para todos nós.

Um famoso pregador adquiriu habilidade no púlpito gastando uma hora de preparação para cada cem palavras que escreveu em seu sermão. Outro que trabalhava sessenta horas em cada sermão pregou durante cinqüenta e dois anos numa florescente igreja. Contudo, tempo demais de preparação cria outros problemas para a família do pregador, bem como para sua congregação. Jonathan Edwards se enclausurava com tanta freqüência em seu gabinete que seus pastoreados reclamavam por nunca vê-lo. Apesar de suas eficazes pregações, foi solicitado a deixar a Igreja de Northampton depois de quase um quarto de século de ministério. Apenas vinte e três dos mais de duzentos membros homens votaram por sua permanência.

Dois séculos se passaram desde então, mas o conflito continua. A pregação eficaz requer longa preparação. Porém outras solicitações — familiares, pessoais e pastorais — reduzem nosso tempo de estudo.

O conflito é freqüentemente refletido quando um leigo diz: "Nosso ministro é um ótimo pastor, mas não é grande coisa como pregador." Ou a outra face da moeda: "Seus sermões são tremendos a cada domingo; só gostaríamos que ele estivesse mais disponível durante a semana." Muitas vezes ouvi pessoas analisando seus ministros de duas formas — como pastor e como pregador. Com freqüência igual já conversei com ministros que tentam competir com o que seriam expectativas impossíveis de seu povo, decidindo concentrar energias ou numa metade de sua atividade ou na outra. Dizem eles: "Vejo meu papel como pregador, por isso deixo o trabalho pastoral para outros de minha equipe." Ou: "Em primeiro lugar, sou um pastor. Descubro que

quando faço isso bem, as pessoas não necessitam ou não esperam muito de minha pregação."

A especialização é uma das maiores tendências de nossa era. E nas igrejas com múltipla assessoria ela pode ser, às vezes, a resposta para o problema de tempo do pregador/pastor. Mas o que acontece quando você se vê forçado a fazer a escolha? Qual é mais importante? Minha experiência e dois mil anos de história da igreja me dizem que uma congregação necessita de ambos.

Então, como equilibrar as exigências do púlpito e da paróquia? Neste nosso mundo que se movimenta em ritmo de foguete espacial, com problemas humanos tão complicados e trágicos, nós nos desesperamos ante nossa própria insuficiência para ajudar. Como acharmos tempo e energia para pastorear e também pregar ao nosso povo?

Desconfio que este é um conflito do qual jamais escaparemos. Não há respostas fáceis.

Mas podemos, talvez, suavizar um pouco a pressão se tentarmos alterar nossas atitudes em relação às duas metades de nossa responsabilidade como ministros. Que tal se olhássemos nossos deveres pastorais não como uma interferência em nosso tempo de preparação de sermões, mas como uma parte essencial dessa preparação?

Por que tantos pastores são capazes de ajudar pessoas em crises toda semana e parecem tão ineficazes no púlpito? Como podem eles ser tão expeditos e animados de segunda a sábado e ser tão apagados nas manhãs de domingo?

Parte do problema é esta dicotomia artificial que criamos em nossos serviços entre nossos deveres pastorais e de pregadores. Que tal se pudéssemos fazer de cada dever pastoral — cada sessão de aconselhamento, cada chamado pastoral, cada visita a hospital, cada contato com membro da igreja — uma parte integral de nossa preparação de sermão?

Podemos fazer isso. De fato, se desejamos pregar indutivamente e envolver as pessoas em nossa pregação, temos que fazer isso.

Já dissemos neste livro que um dos pontos básicos da pregação indutiva é iniciar o sermão onde as pessoas estão. Como, porém, sabermos onde é esse lugar?

Craddock menciona uma chave para se estar em sintonia com a vida quando diz: "A batalha pode ser travada com algum sucesso simplesmente por permanecer vivo. Isto significa que o pregador não se sujeita a tornar-se somente um negociante nesses artigos que permitem que outros vivam; ele próprio vive. Ele não apenas anuncia os hinos, ele canta; ele não apenas dirige em oração, ele ora. Se as imagens de seus sermões vão mesmo ser reais, ele deve ver a vida como real — não como uma ilustração de acordo com o Ponto Dois."

Além de utilizar e referir-nos à nossa própria vida e às nossas próprias experiências na preparação e pregação ao povo, um meio igualmente necessário de pôr-nos a par da vida real é aprender com a experiência da vida do povo a que servimos e usar essa experiência. O contato pastoral poderá ser o filão principal do qual exploramos inestimáveis recursos para envolver nosso povo em nossos sermões.

Mas como extraímos da matéria-prima da vida a experiência para o produto acabado de um sermão indutivo "círculo fechado"? Esta é a pergunta que tentaremos responder à medida que o restante deste capítulo detalha os estágios progressivos da preparação do sermão indutivo.

Antes de iniciarmos, desejo reconhecer que a maior parte do que é dito aqui sobre preparação está centrada no primeiro lado, a porção indutiva, da estrutura de sermão combinado apresentado no Capítulo Oito. A preparação da fase dedutiva de um sermão — exposição bíblica, exegese e hermenêutica — já foi analisada e amplificada em milhares de livros sobre a pre-

gação. Por conseguinte, o foco necessário aqui é sobre a preparação do processo indutivo que fará com que o povo se envolva no sermão, antes da porção dedutiva do empenho "círculo fechado".

Contatos — Estágio Um da Preparação do Sermão Indutivo

O contato com pessoas não só fornecerá a matéria-prima para ilustrar e condimentar nossos sermões, como a interação pastoral com a experiência da vida diária dessas pessoas muitas vezes nos ajudará a revelar os problemas sobre os quais precisamos pregar. São as emoções com que vemos nossos ouvintes se debatendo, as crises que tentamos ajudá-los a atravessar que devem ser o ponto de partida para conseguirmos o envolvimento de nossos ouvintes em nossas mensagens dominicais.

Cada contato, cada membro de nossa congregação oferece uma contribuição potencial para nossa pregação. Certamente conhecemos alguns membros de nossas igrejas que não têm qualquer preocupação neste mundo, mas esses são os que não conhecemos muito bem, não é verdade? Quando chegamos realmente a conhecer as pessoas, descobrimos que todos têm alguma mágoa, alguma necessidade, algum problema.

Nossos deveres pastorais adquirem uma dimensão totalmente nova quando os visualizamos como meios de chegar às necessidades de nosso povo, como pesquisa para os sermões que virão. Assim, eles não se tornam obstáculos a nossa pregação e, sim, oportunidades para estudarmos e nos prepararmos para nossos sermões.

Consideremos uma semana imaginária de contatos pastorais. (Tomaremos por base esses exemplos no decorrer deste capítulo, à medida que examinarmos os vários passos da preparação do sermão indutivo.)

No início da semana visito um casal de idosos — membros da igreja de muitos e muitos anos. A esposa sofreu uma queda recentemente e está confinada ao leito. Quero orar com eles e expressar a preocupação de nossa congregação. Mas, no decurso de minha visita, descubro que esse casal não está tão preocupado com a saúde (ela está se recuperando bem), como com o custo de suas necessidades diárias. Vivendo de uma renda fixa, a inflação vai comendo suas magras economias numa proporção que parece apavorante.

Após uma reunião do conselho da igreja numa quarta-feira à noite ouço dois membros comentando os custos elevados da universidade. Um deles diz: "Sempre quis que minha filha estudasse numa escola cristã. Mas parece que tudo que podemos despender no próximo outono só dará para a universidade estadual."

Na quinta-feira vejo meu vizinho no jardim da frente da casa e paro para conversar. Ele me diz que espera que o sistema escolar do município não elimine o programa especial de educação em que ele ensina, quando a Junta de Educação se reunir no próximo mês.

À tarde visito um casal de pais jovens no hospital em que seu bebê prematuro está sendo mantido há três semanas. O pai está dividido entre seu novo amor por seu bebê e a sufocante conta do hospital, que já ultrapassa quarenta mil dólares. O casal não tem plano de saúde.

À noite vou ver outro casal jovem com três garotos. Esse casal esteve em nossa igreja nos dois últimos domingos. São novos na cidade. Mostram-se um tanto embaraçados por causa de seu pequeno apartamento de dois dormitórios. Durante a conversa eles lamentam a crise no mercado habitacional e dizem que estão sem esperança de algum dia possuir seu próprio lugar para viver.

Na sexta entrego três sacolas de mantimentos pagos pelo fundo de beneficência da igreja para uma jovem mãe com gêmeos de um ano, cujo pai os abandonou há um mês.

No sábado minha esposa volta de umas compras no armazém aflita porque a conta ultrapassou cem dólares e a única carne que pôde comprar foi um pacote de hambúrguer.

Até o fim da semana, as experiências reunidas em meus deveres ministeriais mostraram-me uma preocupação comum em minha comunidade e congregação: ansiedade em razão das pressões financeiras. Meu contato com a vida através de meus deveres pastorais ajudou-me a identificar uma necessidade, uma área em que sinto que o povo está procurando ajuda.

Uma vez que tenho uma necessidade potencial identificada, procuro medir o tamanho do problema. Baseado no que leio, o que vejo nos veículos de informação e o que continuo a observar ao meu redor, pergunto: Isso é bastante sério ou suficientemente universal para assegurar a resposta a um sermão? Quando decido que a resposta é positiva, faço outra pergunta: É sobre isso que Deus deseja que eu pregue? Após considerar tudo com cuidado e oração, concluo que sim. Então ponho-me a planejar a pregação sobre essa premente necessidade no futuro imediato.

A esta altura não estou, porém, seguro de todas as coisas que preciso dizer, ou de todas as coisas que Deus tem a dizer em sua Palavra sobre o assunto. O povo precisa de encorajamento, mas sei que devo tomar cuidado para não ser muito simplista. Quero lembrar-lhes o cuidado e a capacidade de Deus para ajudar, mas não quero condenar ou dar pouca importância às reais e compreensíveis sensações de medo e frustração diante do pesadelo econômico. Sei que o sermão será um grande desafio para mim.

Antes de partir para o próximo estágio da preparação do sermão, devo tornar claro que não estou dizendo que a idéia

para cada sermão virá ou deverá vir de nosso contato com a experiência do povo. Às vezes um sermão pode resultar de um pensamento que tenhamos lido em nossas devoções ou de uma verdade que descobrimos num estudo aprofundado das Escrituras. A fase de exposição da preparação envolve tanto a exposição à vida contemporânea como a exposição à Palavra de Deus; trata-se de outro caso em que temos de recordar o princípio do tanto... como mencionado antes. Tenho enfatizado o potencial que podemos encontrar em nossa exposição à vida atual porque esta tem sido freqüentemente descuidada nos textos homiléticos e nas aulas sobre pregação de nossos seminários. Se queremos a orientação de Deus em nossa pregação, precisamos ser tão sensíveis à sua voz quando saímos para nossos deveres pastorais, quanto somos quando fechamos a porta de nosso gabinete de estudo.

Coleta de Dados — Estágio Dois da Preparação do Sermão Indutivo

Uma vez que meus contatos me convenceram da necessidade e tenho um caminho tentativo, estou pronto para começar a pensar no que será colocado no sermão.

Considerando que a parte indutiva da pregação inicia com a experiência e (como vimos nos Capítulos Sete e Oito) os exemplos precedem a argumentação, um sermão indutivo requer mais material ilustrativo do que um sermão dedutivo. Quando saliento este ponto em aula ou em seminários sobre pregação, vejo a preocupação estampada no rosto de meus alunos. Invariavelmente, uma das primeiras perguntas nos seminários sobre pregação é: "Onde posso obter todas essas ilustrações?"

De onde vêm as histórias narrativas, as parábolas, os casos de estudo, as analogias, o diálogo, as experiências pessoais e os outros ingredientes indutivos? Onde conseguimos os blocos de

construção para montar a estrutura indutiva que vimos em capítulos anteriores?

Não seria formidável se cada gabinete de estudo de pastor viesse equipado com um computador divinamente programado, que pudesse emitir uma resma de matéria-prima para sermão sobre qualquer tópico nele armazenado? Muito artificial? Creio que não. A mente humana ainda faz coisas com que a IBM apenas sonha. Cada pastor tem um banco na memória repleto de material potencial para sermão. Material exclusivo, relevante, novo. A manobra é desarrolhar a fonte supridora. Como isto pode ser feito?

Ativar a Memória Pessoal com um Bombardeio de Idéias. Precisamos adquirir esta habilidade. Talvez a tenhamos evitado porque ela soa um tanto freudiana para nós, mas a livre associação de idéias pode desvendar uma abundância de material do tesouro de nossa memória. (Em sessenta anos o cérebro humano transfere 200 bilhões de bits à memória visual e à outra memória). Se você nunca tentou isso, eis um meio de começar: Pegue uma grande folha de papel em branco e escreva o assunto ou necessidade no alto da folha — digamos que seja nosso sermão sobre a pressão financeira, a ansiedade e a provisão de Deus. Em seguida, deixe que sua mente se solte e escreva tudo quanto você pensar sobre tudo aquilo que esteja remotamente relacionado com o tópico: anedotas, citações, experiências, fatos, perguntas. Não analise nem selecione ainda — apenas escreva.

Talvez você queira começar com as experiências pastorais da semana passada. Mas não pare por aí. Pense na sua vida pessoal, sua própria experiência, história, biografia, literatura, pessoas que você conheceu ou viu, sua família, suas viagens, sua igreja. Mais adiante você deverá ir especificamente à Bíblia, mas se passagens, versículos ou personagens bíblicos acorrerem à sua mente agora, escreva tudo. Quando tiver explorado sua

mente até a exaustão, poderá desejar escolher alguma coisa que escreveu e começar outra folha de associação livre.

Para dar uma idéia de onde isto pode levá-lo, realizei este exercício uma noite sobre nosso assunto da pressão financeira, ansiedade e provisão divina. Uma das primeira coisas que estalou em minha mente foi o versículo: "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus cada uma de vossas necessidades" (Fp 4.19). Comecei por aí. Pensei no pronome pessoal "meu" este liberou uma avalanche de vívidas experiências e sentimentos pessoais.

> Meu cachorro, meu lugar na mesa, meu pai ficando cego, minha cama, minha bicicleta de cinqüenta centavos, meu professor, meu primeiro terno, minha casa em chamas, minha namorada, meu irmão, a curva do ribeirão onde eu nadava, meu medico, meu pastor, minha conversão, minha igreja, meu chamado, meu casamento, minha esposa, meu emprego, minha alegria, meu bebê, meu menino, meus filhos, minha família, minhas férias, a morte de minha mãe, meu fardo, meu livro, meu amigo, meus sermões — minha vida toda passa em revista.

Lembro-me de que Lutero insistia que a religião genuína consiste de pronomes.

Considero a idéia "possessão permanente" e ela realça em meu pensamento as bênçãos relacionais, espirituais, culturais e mentais, que nunca falham quando os valores fiscais e físicos murcham. O inventário do meu ativo mantém o foco sobre valores verdadeiros.

Os ativos da Bíblia que entram incluem a observação do salmista, "Fui moço e agora sou velho, mas nunca vi desamparado o justo nem sua semente a mendigar o pão"; o Salmo 23; a promessa de Malaquias das janelas do céu abertas; Jesus — "Buscai primeiramente... e todas estas coisas...", alimentan-

do as multidões, pagando tributos, "Que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro"; o rico insensato; Abraão e Ló; a avidez de Acã; a prata de Judas; "o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça". E mais exemplos bíblicos misturados com outras idéias.

Os exemplos da vida incluem: o cinto apertado da Grande Depressão. Meu pai tinha uma renda de vinte e seis centavos durante quatro meses com uma família de seis pessoas. Estudantes de seminário necessitados — um com um filho que disse: "Papá, olha, o dinheiro está chegando até mais depressa do que nós estamos orando por ele." Outro estudante enfrentando uma crise financeira encontrou um cheque de dois mil dólares em sua caixa de correio do seminário. Um caso que um plantador de laranjeiras me contou sobre um furacão na Flórida que se desfez no último minuto. Mais exemplos e nomes de muitos homens e mulheres que pensaram que podiam escrever o começo meio e o fim do livro de Jó.

Fui para a cama à noite depois de escrever esta avalanche de exemplos gráficos, satisfeito porque dispunha de uma pletora de idéias irrigando um sermão sobre a provisão divina. Na manhã seguinte, antes de clarear o dia, acordei com uma persistente procissão de mais exemplos, tanto da vida como da Bíblia, que clamavam para entrar no sermão. Exemplos da história e da literatura vieram-me mais tarde.

Estou maravilhado pelo frescor, vividez, variedade, detalhe gráfico e emoções que este simples exercício de rememoração desencadeou. Em mais de quarenta anos de ministério, tinha usado apenas umas duas dessas duas dúzias de exemplos de vida que me vieram como resultado de minhas lucubrações sobre esse tópico.

Recentemente, um de meus filhos participou da mesma técnica comigo — uma variação e talvez um aperfeiçoamento no processo da listagem que eu sempre usei. Em vez de colocar

o tópico no alto da folha, você o coloca no meio dentro de um pequeno círculo. Quando você pensa numa idéia relacionada, você desenha uma linha, como se fosse um raio de bicicleta, a partir do centro, e escreve a idéia dentro de outro círculo. A segunda idéia pode suscitar dois ou três pensamentos relacionados; se isto ocorrer, você risca mais raios a partir do segundo círculo e inclui os pensamentos mais recentes. Então, você volta à idéia principal e parte de lá para um bombardeio de idéias de novo. Depois de algum tempo seu papel deverá assemelhar-se a este:



Talvez você deseje até mesmo centrar algumas de suas idéias secundárias em folhas separadas e fazer bombardeio de idéias em torno delas.

Como sucedeu na listagem que vimos, você quer escrever cada coisa que vem à mente. Mas há pelo menos duas vantagens desta técnica mais recente. Primeiro, o esquema visual ajuda seu pensamento a viajar em diferentes direções. Segundo, idéias relacionadas podem ser facilmente agrupadas à medida que você prossegue, não importando a ordem que você lhes dá. A organização num esboço mais linear pode ser feita facilmente mais tarde.

A maior parte das coisas que escrevo nas sessões de meu exercício mental nunca sairão de meu gabinete. Talvez somente um décimo ou menos encontrará seu espaço no sermão.

Sei que terei de tomar cuidado para não me perder numa viagem enfadonha pela alameda de minha própria memória. Terei, no final, de peneirar aqueles exemplos, experiências, ilustrações e ingredientes que meus ouvintes compreenderão melhor e aos quais se relacionem. Mas esse processo seletivo vem depois na preparação. Neste estágio quero quantidade tanto quanto qualidade.

Mesmo aqueles pensamentos e anedotas que acabarão na cesta de papel de meu escritório servem a um propósito, porque a intensa agitação mental faz mais do que prover material utilizável. Por exemplo, como professor de seminário já fiquei isolado de alguns aspectos da atividade de mercado há mais de vinte anos. Nestes anos tive emprego estável, direito de estabilidade no emprego, e aparente segurança. Mas a agitação mental em bombardeio de idéias sobre este tópico suscitou processos de pensamento e aumentou as sensitividades necessárias para pregar um sermão que oferecerá mais do que pronunciamentos do tipo Poliana a uma congregação que pode incluir membros que sofrem a agonia do desemprego. A agitação mental impele as bombas de nossos corações, mentes e espíritos.

Examinar a Escritura. A coleta de dados não termina com nosso pequeno exercício de associação com papel e lápis. Em seguida precisamos olhar novamente a Palavra.

Nos Capítulos Sete e Oito falamos sobre o uso de material bíblico como parte do lado indutivo do processo de pregação "círculo fechado". Este é o ponto no processo de preparação em que olhamos para esse material da Escritura — fatos bíblicos, personagens e analogias. É provável que devamos começar com aqueles que vieram à mente durante o processo de coleta de idéias por associação mental. Podemos, às vezes, desejar fazer

algum estudo expositivo ou exegético neste estágio, mas em sua maioria isso será feito em outros estágios. Aqui estamos mais preocupados em ajuntar uma massa útil de material bíblico. Por isso, devemos conduzir um estudo tópico e buscar contribuição bíblica adicional relevante a esse nosso tópico. Talvez queiramos fazer uma lista de palavras correlacionadas e verificar aonde nos levará uma concordância.

Reconheço que esta última sugestão é detestável a muitos homiléticos, porém uma concordância tópica é mais uma ferramenta útil na preparação. Certamente não é substituta para uma exegese correta. Contudo, se formos cuidadosos em não utilizar passagens fora do contexto, não há razão para temermos levar uma necessidade ou problema à Bíblia para tentarmos descobrir o que Deus tem a nos dizer.

Talvez seja este um bom momento para um curto comentário paralelo a fim de dizer que as sugestões para a preparação apresentadas até aqui, neste capítulo, podem exigir uma pequena adaptação se você está pregando com o propósito de seguir por um livro da Bíblia ou se está preparando uma série de sermões sobre uma passagem da Escritura, como por exemplo a Oração do Senhor.

Isso porque o meio mais fácil de ser verdadeiramente indutivo em sua pregação é começar com uma necessidade do público e submeter essa necessidade à Escritura para obter auxílio e resposta de Deus. As estruturas indutivas de que temos falado naturalmente começam com os pormenores, os problemas e as perguntas que levam às conclusões bíblicas e sua aplicação.

Já é mais difícil pregar com um espírito indutivo de mútua exploração quando toda a congregação sabe que seu sermão vai continuar no capítulo ou versículo onde você parou na semana anterior. Mas isso pode ser feito.

O caminho mais simples para fazer isso seria começar com seu cuidadoso estudo da passagem. Então, você precisa pergun-

tar a si mesmo: "Qual o problema que meu povo enfrenta, que necessidade ele tem, que problema está enfrentando, que pergunta ele faz que esta passagem aborda?" Você precisa depender grandemente da orientação de Deus por percepção aqui, como também quando faz uma segunda pergunta: "Qual é a verdade que Deus tem aqui nesta passagem para ajudar meus ouvintes com seu problema, necessidade ou dúvida?" A resposta a essa segunda pergunta pode tornar-se a conclusão, o conceito global que você deseja que eles atinjam junto com você no final da parte indutiva do sermão "círculo fechado". Esta é a verdade que você constrói e aplica no lado dedutivo do sermão. A resposta à primeira pergunta — o problema, necessidade ou dúvida que seu público enfrenta — ajuda a estabelecer a direção de sua indagação que o levará, e a eles, à verdade através do processo indutivo do sermão.

Uma vez feitas essas perguntas sobre uma passagem, você está pronto para cogitar sobre as exposições que você tiver e coletar o material para o sermão exatamente da forma que já sugerimos. A própria consulta às Escrituras é um bom processo; apesar de você já conhecer seu texto, pode obter um quadro mais amplo e talvez encontrar material de apoio indutivo adicional para aumentar o conteúdo bíblico do sermão.

Estou convencido de que é possível pregar um sermão indutivo "círculo fechado" sobre qualquer passagem, qualquer ensino ou verdade bíblica, qualquer doutrina sobre a qual você queira ou deva pregar. O que se requer são ingredientes indutivos e uma estrutura indutiva com asserções adiadas e exemplos que antecedam a todos os argumentos e declarações.

Escaneamento do Campo. Realizada nossa sessão de bombardeio de idéias e consultada a Escritura sobre o material potencial a incluir em nosso sermão, há ainda um passo no estágio da coleta na preparação. É aqui onde levamos nossa preparação para além de nossa própria experiência e opinião.

Pesquisamos tanto o passado como o presente na busca de material correlato. O que tem sido feito e dito? O que está agora sendo feito e dito sobre o assunto que estamos pregando?

Karl Barth, o fundamentalista homilético, costumava dizer que preparava seus sermões com a Bíblia num joelho e um jornal no outro. É um modelo que devemos ter em mente ao preparar o sermão. Um jornal deve ser uma necessidade para nós, mas não é o suficiente. Esquadrinhar ou desbravar o campo pode bem significar despender meio dia na biblioteca pública, verificando guias periódicos e fichários. Ou pode requerer uma busca em sua biblioteca pastoral para ver o que outros pregadores têm pregado, o que os escritores cristãos têm escrito.

Há uma explosão de informações acontecendo atualmente na área que o pessoal dos computadores chama de inteligência artificial. Os bancos de dados eletrônicos oferecem incrível potencial para ilustrações de sermão. Hoje, nos Estados Unidos, por pequenas somas por hora, tem-se acesso a informações instantâneas do que acontece no mundo. No futuro próximo este serviço estará implantado mundialmente, sem necessidade de que o interessado saia de casa.

Ouvi recentemente um estudioso de homilética dizer a um grupo de ministros: "Vocês não podem pregar eficazmente hoje sem ver televisão." Quando você se dá conta de que a tevê fica ligada, em média, cerca de cinqüenta horas por semana nos lares, você tem de admitir que ele está certo. Ela se tornou de tal forma parte da vida norte-americana e de muitos outros países, que não mais podemos nos permitir desconsiderar o que ela está dizendo ao nosso povo quando preparamos nossas contra-mensagens para o trabalho dominical.

Mas nem todo o escaneamento do campo deve se deter nos veículos de comunicação em massa. Barth adotou também a prática regular de pregar em prisões locais para lembrar a si mesmo as reais necessidades do povo. Talvez devamos visitar

as agências de emprego ou conversar com o gerente de empréstimos de nosso banco como preparação de nosso sermão sobre pressões financeiras. Experiência de primeira mão ou entrevistas pessoais podem acrescentar real profundidade e interesse a sermões sobre muitos tópicos. Só precisamos pensar nas oportunidades criativas.

Outro meio de alargar a quantidade de dados para subsidiar nossos sermões seria adotar o hábito de conversar com alguém de nossa congregação de antemão sobre suas experiências. Soube de um ministro que tentava incorporar toda semana um exemplo, anedota ou ilustração sugerida por um membro de sua congregação, e dar-lhe os créditos devidos.

Pensemos no envolvimento maior que obteríamos em nosso sermão cada semana, se disséssemos: "João Parreira contou-me que se mudou para esta comunidade há dez anos sem ter um emprego e sem saber o que iria fazer..." Ou: "foi durante esta semana passada que D. Arlinda me falou a respeito de um homem que conheceu nesta comunidade, cuja esposa o abandonou deixando-o com três crianças pequenas. Ele não sabe como vai cuidar dos pequenos, porque não dispõe de recursos para pagar uma creche..."

No transcurso normal de nosso contato pastoral, podemos mencionar às pessoas o assunto de nossos próximos sermões e pedir exemplos de sua experiência. Não precisamos utilizar cada sugestão ou entrar em longas considerações no púlpito. Que manancial de exemplos e ilustrações! Nosso povo gosta de fazer isso. E isso nos garante o envolvimento.

O estágio da coleta de informações é crucial na preparação de um sermão eficaz. Requer criatividade e esforço. Requer oração; precisamos pedir a Deus que abra nossos olhos e nossa mente para o material mais consistente e mais pertinente. E isso requer tempo. Em alguns tópicos podemos esperar trabalhar e planejar uma hora ou duas de cada vez durante meses.

Mas a abordagem tríplice — bombardeio de idéias, exame da Bíblia e escaneamento do campo — deve nos proporcionar uma profusão de material para qualquer tópico de sermão. A parte mais difícil será decidir qual o material que teremos de deixar de fora.

Enfoque — Estágio Três da Preparação do Sermão Indutivo

Ouvi recentemente a história de um jovem filho de certo ministro que um dia entrou no gabinete do pai e o encontrou rabiscando furiosamente em sua escrivaninha. "O que você está fazendo, papai", perguntou.

Seu pai mal levantou a cabeça para olhar e respondeu: "Estou tentando terminar o sermão antes do jantar."

"Como você sabe o que vai dizer em seu sermão?", perguntou o garotinho do jardim da infância, colocando-se ao lado do pai.

"Deus me diz", disse o ministro, sem parar de escrever.

O menino olhou o papel em frente de seu pai por um momento antes de perguntar: "Então, por que você risca algumas palavras?"

Este é o estágio da preparação do sermão em que devemos começar a riscar palavras. Este é o ponto em que peneiramos o conglomerado de idéias, ilustrações, textos e tudo mais que coletamos, e começamos a estreitar e refinar nosso foco, procurando um tema unificador ou um fio que tem seu caminho através da meada emaranhada.

Ainda que comecemos nossa preparação com um texto e uma verdade predeterminada a ser anunciada ao nosso público, este é o ponto em que decidimos exatamente como vamos chegar indutivamente àquela verdade como conclusão global e como vamos declarar aquela verdade quando chegarmos a ela.

Em resumo, este é o ponto em que finalmente respondemos à pergunta: O que realmente tenho a dizer neste sermão?

Não existe um simples manual que dê o roteiro passo-a-passo para encontrar a chave, a verdade central, o conceito global que deve ser o coração de qualquer sermão indutivo. Nosso próprio raciocínio e sensibilidade desempenham um papel importante ao revermos os ingredientes coletados e procurarmos o material mais relevante, a abordagem mais efetiva, a mensagem mais valiosa para nosso povo.

Às vezes é proveitoso discutir o assunto de um sermão com alguém — a esposa, um amigo ou colega. E mais, reiterando a importância da orientação divina em outros estágios da preparação, este é, talvez, o ponto em que devemos orar mais e nos abrir para a inspiração e direção de Deus.

Muitas vezes considero proveitoso pensar no enfoque como um processo progressivo de estreitamento. Por exemplo, na coleta do material sobre o assunto da pressão financeira e ansiedade uma das passagens da Escritura que me pareceu mais oportuna foi o Salmo 23. Havia meditado sobre ele e escrito uma série de conceitos. Minha lista era esta:

O Senhor	Fé, fidelidade	Provisão	Disciplina—"vara"
Pastor	Tribulação	Mal	Apoio — "cajado"
Satisfação	Sofrimento	Companheirismo	Paz
Suprimento	Dependência	Contentamento	Proteção
Necessidades, desejos	Consolo	Coragem	Confiança
Lutas	Livramento	Sucesso	Eternidade
Pessoal — "meu"	Permanência	Justiça	Temor
Segurança	Abundância	Orientação	Seguí-lo

Obviamente, um único sermão não tem possibilidade de focar todos estes conceitos; por isso, tive de encolher um pouco

mais o sermão. Pude combinar dois conceitos — o de "Senhor" e "pastor". Mas o que desejo e preciso dizer sobre "O Senhor é meu pastor" que se ligará à necessidade, ante a pressão financeira e a ansiedade?

Às vezes o processo de estreitamento do foco não termina num ponto utilizável, e você tem de voltar novamente à grande massa de material. Outras vezes, como faço aqui, você estreita o foco, expande-o um pouco novamente e encontra um novo foco mais nítido.

Quando cheguei à idéia "o Senhor é meu pastor", procurei pensar em meios que pudessem ajustar-se ao nosso tópico de sermão sobre preocupações financeiras. E num feitio bem ministerial alarguei um pouco minhas idéias com uma lista de conceitos por aliteração. Pensei na pessoa de Deus, sua providência, sua proteção, sua paz, sua presença. A palavra profusão veio à mente, bem como permanente, prático, pessoal e participativo.

Olhando esta lista novamente refinada, a idéia de providência me pareceu a mais promissora. Senti com segurança que um sermão sobre o prover de Deus poderia ser uma valiosa resposta à necessidade que eu queria satisfazer. Alguns dos outros conceitos poderiam funcionar, mas este realmente pareceu aproximar-se mais do ponto, ser mais específico.

Porém mesmo depois de encontrarmos a idéia-chave para nosso sermão, podemos levá-la a um foco mais nítido. Visto que um sermão indutivo não inicia com uma asserção ou conclusão, mas como uma busca, uma indagação mútua do pregador e da congregação, o processo da focalização, da refinação, é ajudado quando pegamos a principal arremetida de nossa mensagem, a chave, a idéia fundamental, o conceito globalizado que queremos transmitir ao nosso povo, e fazemos uma pergunta-chave que é respondida por nossa idéia-chave. É mais ou menos como um certo programa famoso da televisão, Jeopardy ["Risco"], em

que os participantes recebiam somente as respostas e eram desafiados a formularem as perguntas correspondentes.

Nossa meta é propor uma pergunta da qual nossos ouvintes desejarão ouvir a resposta, uma pergunta cuja resposta eles se sentem realmente estimulados a conhecer. Por exemplo, podemos refinar nosso sermão sobre a idéia-chave da providência de Deus com a seguinte pergunta-chave: Deus provê hoje? Às vezes a pergunta-chave pode ficar mais aguçada pelo acréscimo de um ponto intrigante — um toque de ceticismo que admite a dúvida que alguns ouvintes possam abrigar: Deus realmente provê hoje?

Todo sermão indutivo deve começar com uma pergunta-chave abrangente. Isto ajuda a estabelecer a área de interesse comum da qual procedem o pregador e os ouvintes. Essa pergunta pode, na verdade, ser formulada no próprio sermão ou pode apenas ser deixada implícita. De qualquer modo, uma pergunta-chave ajuda a focalizar o sermão dando-lhe direção, ao estruturar o sermão inteiro em direção a uma busca pela resposta.

Focalizado um sermão o suficiente para encontrarmos a pergunta-chave, precisamos repensar e afiar nossa resposta básica à pergunta. Temos uma resposta razoável, acreditável? Chegamos realmente a uma conclusão global que pode levar à aplicação dedutiva? Existe algum aspecto da pergunta ao qual não estamos preparados para responder, e que pode suscitar dúvidas, ou sobre o qual não temos suficiente informação ou evidência? Poderemos ter necessidade de refazer a pergunta ou fazer mais estudo dirigido da Escritura, pensando um pouco mais em nossa resposta. Neste estágio, talvez, seja bom compartilhar nossa pergunta-chave e conclusão global com alguém que procure sugerir acréscimos ou apontar fraquezas latentes. Freqüentemente nossos sermões podem ser melhorados se forem refinados, ao menos pelo ponto de vista de mais uma pessoa. Podemos estar tão próximos de nosso material que muitas vezes não

ouvimos o que estamos dizendo. No entanto, uma simples reação de alguém pode revelar uma brecha ou indicar com precisão um ponto forte que devemos ressaltar.

Além de descobrir aonde Deus quer que levemos nosso povo por meio do sermão, outra importante meta do estágio de enfoque da preparação é saber onde nosso povo está para que comecemos ali o sermão. Henry Ward Beecher muito cedo em seu ministério descobriu esta necessidade, que ele chamava de "visar o alvo". Dois anos e meio depois que iniciou um medíocre ministério em Indiana, ficou desanimado diante dos magros resultados de seu trabalho. Por isso estudou os métodos usados pelos apóstolos no livro de Atos e decidiu seguir seu exemplo de adaptar sua mensagem a seus ouvintes. Em seguida, identificou cerca de quarenta traços característicos de seu rebanho e passou, no sermão seguinte, a usar toda sua atenção pessoal, todo seu apelo lógico e emocional para trabalhar sobre aqueles fatos estabelecidos: "Todos nós sabemos"..." "Todos nós sabemos isso..." "Todos nós sabemos aquilo..."

Descrevendo os resultados daquela histórica mensagem, Beecher disse: "... dezessete homens foram despertados por aquele sermão. Nunca me senti tão vitorioso em minha vida. Chorei durante toda a volta para casa. E disse a mim mesmo: 'Agora sei como pregar. Aprendi a visar o alvo.'" Aquele foi o começo de um ministério transformado que fez de Beecher um dos mais influentes pregadores de sua época.

Enfocar é o ponto da preparação em que localizamos as perguntas que nosso público está fazendo e escolhemos as respostas que vamos tentar transmitir. O tempo dedicado ao enfoque pode ampliar o alcance e aumentar o impacto de nossos sermões. Às vezes, faz a diferença entre uma espingarda carregada de chumbinho para matar passarinhos e um rifle para caça pesada.

Este é o momento em que visamos o alvo.

Construção — Estágio Quatro da Preparação do Sermão Indutivo

Uma vez encontrados nosso foco e direção, estamos prontos para começar a construir o sermão utilizando os blocos de construção que coletamos no Estágio Dois. Portanto, aqui, como no estágio da focalização, precisamos cavoucar de novo atrás de todo o material.

A tarefa inicial na construção é, na realidade, selecionar. Escolhemos as experiências mais pertinentes, as lembranças mais associadas ao assunto, os exemplos mais exatos (bíblicos ou da vida contemporânea) para se enquadrarem no foco do sermão. Estamos procurando agora material ilustrativo que tanto faça a pergunta-chave como leve as pessoas que nos ouvem à nossa conclusão.

Podemos não utilizar cada exemplo que selecionamos, a esta altura. E podemos descobrir, antes de completar a construção do sermão, que precisamos voltar ao estágio da coleta para, com um pouco mais de bombardeio mental, preencher os vazios. Mas uma vez selecionado o que consideramos que sejam exemplos mais representativos e realistas, estamos preparados para iniciar o verdadeiro esboço do sermão.

Como os Capítulos Sete e Oito trataram extensamente da estrutura dos sermões indutivos, temos apenas de resumir aqui o restante do estágio da construção na preparação. Este é o momento em que decidimos como vamos determinar e apresentar nosso argumento, que material indutivo incluir e aonde chegar em termos de forma, movimento e fluxo do sermão.

Destacamos em nossos capítulos sobre a estrutura, que a meta da porção indutiva de um sermão é trazer todos os nossos ouvintes conosco até que eles cheguem à mesma conclusão bíblica a que chegamos. Em relação ao nosso sermão-exemplo sobre preocupações financeiras, a conclusão poderia ser: Sim, Deus realmente provê para nós hoje.

Estar seguros de que as pessoas cheguem aonde desejamos que estejam, de que alcancem nosso conceito global, de que crêem e aceitam aquela conclusão e, estão, assim, prontos para que lhes possamos declarar, complementar, reafirmar e aplicar essa mensagem dedutivamente — este é o resultado da seleção e do arranjo sensitivos daquilo que desejamos dizer e como desejamos dizê-lo.

Isso é o que acontece no estágio da construção da preparação.

Revisão — Estágio Cinco da Preparação do Sermão Indutivo

Mesmo depois que a parte indutiva do sermão está construída, há um último estágio no processo indutivo da preparação: a revisão. Este é o estágio em que olhamos o que planejamos falar e o comparamos com uma lista de pontos (ver Apêndice 2), a saber:

Atitudes indutivas
Processo indutivo
Ingredientes indutivos
Ilustrações indutivas
Ordem indutiva
Movimento indutivo

É neste momento que devemos honestamente fazer-nos perguntas como estas:

O sermão começa onde o povo está — com suas necessidades, problemas, dúvidas e perguntas?
Ele começa muito forte, muito rápido?
Ele faz uma pergunta que o povo está fazendo?

Ele provoca interesse apelando aos sentidos, sentimentos, emoções?
Ele inclui uma variedade de elementos indutivos para envolver o povo?
Ele tem um foco?
Ele é realista? Relaciona-se com a vida? É bíblico?
A estrutura leva logicamente à conclusão global?
A conclusão global responde à pergunta-chave?
Ele prepara o caminho para qualquer dedução posterior?

Se pudermos responder sim a todas estas perguntas, a parte indutiva de nosso sermão estará pronta para ser pregada. Do contrário, deveremos trabalhar um pouco mais até que possamos.

De certo modo este capítulo sobre a preparação foi dividido em cinco partes artificiais ou estágios. Embora todos os cinco estágios sejam necessários para um eficiente sermão indutivo, eles não podem ser perfeitamente divididos ou nem mesmo perfeitamente ordenados como estágios 1, 2, 3, 4 e 5. Não podemos programar nossas mentes tão humanas para que fiquem bem em cima dos trilhos. Estamos, na realidade, coletando no estágio em que expomos. Estamos focalizando e, talvez, até construindo algo do que queremos dizer, mesmo quando estamos coletando. E deveríamos fazer a nós mesmos as perguntas da revisão, que vimos há pouco, durante todo o processo de preparação.

A preparação para a parte dedutiva do sermão poderia ser considerada como um sexto estágio; porém, o omitimos aqui por duas razões. Primeiro, como dissemos no início do capítulo, porque você pode encontrar caminhões de livros sobre como preparar um sermão dedutivo. Segundo, porque a preparação das partes indutiva e dedutiva do sermão se sobrepõe consideravelmente. A compilação final da porção dedutiva não pode ser de modo algum um estágio completamente à parte. Muito do material usado na segunda "metade" de um sermão "círcu-

lo fechado" pode advir da pesquisa e do trabalho realizado na preparação do lado indutivo. O material ilustrativo não utilizado na primeira parte pode ser aproveitado na segunda. Às vezes os mesmos pontos declarados no lado dedutivo serão meramente uma reafirmação ou uma nova ênfase daqueles feitos pela indução na primeira parte do sermão.

Todo e qualquer estudo exegético feito nos estágios da preparação indutiva preparam e fortalecem qualquer estudo adicional feito especificamente para o lado dedutivo do sermão.

Portanto, o que foi apresentado aqui neste capítulo não tem a intenção de ser instruções restritivas, de passo a passo, e sim um guia geral para a preparação de uma abordagem indutiva "círculo fechado".

A Preparação. Até que ponto ela é decisiva para nossa pregação?

Permitam-me responder a isto com a história de um ministro que queria ser tão sensível à orientação de Deus em sua pregação que adotou o hábito de preparar apenas a primeira metade de cada sermão. Desta maneira, raciocinou ele, permitiria que Deus lhe mostrasse aonde ir e o que dizer durante a segunda metade.

Um dia ele estava falando de sua estratégia com um dos leigos de sua congregação. O homem ouviu o pregador, pensou por um momento e disse: "Então, creio que devo me congratular com o senhor, reverendo. Sua metade do sermão é invariavelmente melhor que a de Deus."

Deus pode certamente nos inspirar em qualquer estágio do processo do sermão, e devemos estar abertos à sua direção em todo o tempo. Porém a maioria de nós ficaria em situação melhor confiando na direção divina tanto no escritório quanto no púlpito.

11. Atrás do Púlpito

Há mais de vinte anos já sou freqüentador assíduo dos cultos religiosos voluntários do seminário. Procuro usar da oportunidade como sendo um laboratório objetivo para estudar a pregação. Muitas vezes é um estudo fascinante e revelador.

Recordo-me do dia em que o estadista missionário E. Stanley Jones veio pregar. Jovens seminaristas aglomeravam-se nos bancos e subiam à galeria para ouvi-lo. Sua voz vacilava e falhava devido à idade. Sua figura parecia frágil e sem imponência, fisicamente. Não obstante, durante todo o tempo de seu sermão, ele manteve seus ouvintes arrebatados.

Observando rapidamente aqueles que estavam sentados à minha frente, constatei que o deslocamento corpóreo se reduzia a uns dez movimentos por minuto por grupo de cem pessoas. Toda agitação e aparentemente toda respiração parava ante um momento dramático no decurso de uma história que ele contava para ressaltar um ponto. Sua quieta intensidade fez dele uma tocha humana de baixa combustão iluminando as passagens em torno do tesouro escondido — a riqueza e poder de sua mensagem sobre o sentido da vida cristã. Seu envolvimento pessoal, sua paixão para revelar aquela mensagem e seu desejo de ser claro, pessoal e útil transpareciam e detinham centenas de ouvintes encantados na palma da mão.

Mais tarde naquela mesma semana, um ministro jubilado falou na mesma capela. Cronometrei seu cansado e penoso ritmo de sessenta e seis palavras por minuto. Sua falha em envolver o auditório tornou-se muito evidente através de olhares

furtivos em direção à porta, ombros irrequietos, pés arrastando, espreguiçamento, posição irrequieta nos bancos, inclinação da cabeça e muitos outros movimentos, enquanto os ouvintes tentavam bocejar com a boca fechada. Calculei mais de duzentos movimentos por minuto em cada cem pessoas.

Depois de me sentar para ouvir cerca de dois mil sermões e ouvir outros vinte mil sermões ou palestras de meus alunos, durante o tempo em que dava aulas no seminário, cheguei à conclusão de que o sucesso na conquista do envolvimento do ouvinte muitas vezes independe do assunto, do local ou das credenciais do orador. Um orador pode compendiar todas as coisas positivas de que falamos neste livro — um espírito de servo, uma compreensão para com seu auditório e seu desvelo para com ele ou até mesmo um sermão de estrutura indutiva — e ainda assim falhar em realmente envolver seus ouvintes na mensagem.

Um pregador pode cuidadosa e conscienciosamente preparar um sermão, como sugerido no Capítulo Nove; seu propósito, seu conteúdo e sua estrutura podem refletir seu genuíno desejo de envolver seu auditório, e apesar disso falhar em sua meta, se a apresentação não complementar o resto de seu esforço.

A apresentação pode fazer uma diferença tão grande como a diferença na reação da capela a Stanley Jones e ao pobre pregador que o seguiu. O jeito de apresentar a mensagem pode amplificar a efetividade de tudo mais de que temos falado, ou pode negar muito dessa eficácia.

Ser direto

Este é o primeiro dos três principais aspectos da apresentação, o qual traz grandes implicações para nós, se queremos envolver as pessoas em nossa pregação. Como tantas outras

coisas sobre as quais falamos neste livro, ser direto na pregação deve ter suas raízes na atitude íntima do pregador. Para ser direto, o pregador deve desejar ajudar de modo prático, compartilhando como testemunha afetuosa e não como advogado de acusação. Desta forma, a mensagem torna-se um testemunho em lugar de um dogma declarado defensivamente.

Ser direto visualmente veio a ter nova significação em nossa era da tela. Adquiriu maior importância para os pregadores porque os membros de nossas congregações são programados pela televisão e pelo cinema a estabelecer paralelo com a vivacidade e personalidade expressas nos rostos e olhos dos atores profissionais. Muitos deles, por puro hábito, julgarão tanto nossa personalidade como o conteúdo de nossa mensagem na base do contato visual.

A História conta que Bourdaloue, o famoso pregador francês da corte de Luís XlV, raramente levantava seus olhos das páginas manuscritas. Em outras ocasiões, pregava sermões inteiros com os olhos fechados, a fim de não ser distraído pela congregação. Charles Wesley, quando já velho, às vezes também pregava com os olhos fechados.

Infelizmente nem todos os exemplos são registrados nos livros. Certa vez observei um ministro fazendo um apelo reavivalista durante dez minutos no meio de seu sermão sem ao menos lançar um rápido olhar para a congregação. Posteriormente ele explicou: "Às vezes, as pessoas me incomodam durante a pregação; por isso, simplesmente fecho os olhos e continuo o sermão." Que contraste com Agostinho, que, às vezes, mudava seu sermão no meio do percurso quando seus olhos observadores lhe diziam que a reação dos ouvintes indicava a necessidade de uma abordagem diferente.

Contudo, a postura visual indireta é muito mais comum do que "apagar" o auditório fechando os olhos. Tenho visto alguns pregadores que dão a impressão de estar lendo seu sermão

no teto do santuário. Outros parecem mirar regiões distantes ou fixar meticulosamente o olhar em espaços vazios dos bancos entre os ouvintes. Mais comum ainda é observar pregadores que parecem estar cortando rente o cabelo dos ouvintes com seus olhos, fixando o olhar dez ou quinze centímetros acima de suas cabeças.

Tenho ouvido pessoas insistirem que a Bíblia deve ser lida sem levantar os olhos, para que a Palavra pareça mais sagrada sem o contato do olhar humano. Mas a evidência não apóia essa tese. Por que estimular a congregação a desviar a atenção da leitura, deixando de estabelecer com ela o contato visual?

O contato visual é muito mais do que pequeninas regras homiléticas de somenos importância ou apenas mais um conceito de oratória elementar que os professores martelam na cabeça dos tímidos calouros da faculdade. É preciso mais do que palavras para transmitir interesse pessoal, cooperação, comunicação e coragem. A simpatia deve fluir ao ouvinte através do cruzamento de linhas visuais. Não podemos demonstrar genuíno interesse ou esperar envolver nossos ouvintes em nossa pregação, se não reconhecermos sua presença. E não o conseguiremos se não olharmos para eles.

Mas a postura visual direta é somente parte do problema. A postura vocal deve constituir outra preocupação.

Muitos ministros submetem seus ouvintes a sons estranhos ou sobrenaturais — uma espécie de cantarola, que alterna palavras e música, e que infestou os púlpitos desde que o cantochão se tornou moda na Idade Média. Pastores há que, não ousando cantar, erguem a bandeira a meio-pau e pregam quase a meia-voz num sussurro quase inaudível. Outros ainda expõem sua doutrina através do nariz num ensaiado tom anasalado.

Todos esses efeitos oratórios artificiais interferem no objetivo de envolver os ouvintes, fazendo com que a mensagem pareça remota, impessoal e forçada. Hoje, quando a naturalidade poli-

da das estrelas da mídia televisiva muitas vezes parece mais real do que a própria realidade, quaisquer sons dissonantes que ecoem em nossos santuários podem ser interpretados como pomposos, irrelevantes ou, talvez, até bisonhos. Na melhor das hipóteses, nossa santa oratória será considerada desnatural; e, numa hipótese pior, alguns ouvintes poderão olhar-nos com suspeita, perguntando-se se não estamos enganosamente estendendo sobre eles a sombra de uma personalidade limitada.

Qual o remédio para o falar ministerial em um só tom e outros sintomas da postura vocal imprópria? Muitos textos bons ensinam os pontos básicos da postura da voz e do tom. Mas eu falo a jovens candidatos ao ministério que outra cura é preparar os sermões para o povo, e não sobre o assunto. Depois que o sermão estiver completamente preparado, devem repensá-lo, tendo em mente a congregação. Então, quando subirem ao púlpito, falem aos ouvintes como a indivíduos que precisam ser ajudados e não como a um grupo que vocês desejam impressionar. Se começarem de forma franca e honesta como se estivessem conversando sobre algo que os entusiasma, o tom será direto e a mensagem produzirá sua própria impressão.

A correção corporal também desempenha papel importante na postura. Se pretendemos envolver todas as pessoas, não podemos encarar, fazer gestos ou pregar somente para metade da igreja, esteja o nosso ponto de enfoque preferido na parte da frente ou atrás, à direita ou à esquerda. É fácil deixar-se levar por esses hábitos, como tenho notado repetidas vezes na observação de pregadores que dirigem reiteradamente suas palavras a um segmento favorito do auditório.

A postura direta requer que as palavras e a linguagem corporal combinem. Um nariz levantado três centímetros mais acima do natural pode dizer tudo — mesmo durante um maravilhoso sermão sobre a humildade. As apropriadas e inconfundíveis palavras "eu te amo" perdem seu calor e credibilidade se forem ditas com punho cerrado ou testa franzida.

Uma das mais divertidas lembranças dos meus anos de professor no seminário foi a de um estudante pregador debruçado sobre seu manuscrito, lendo com grande intensidade enquanto suas mãos gesticulavam febrilmente para cima e para trás de sua cabeça inclinada. Este resultado incrivelmente desajeitado não impressionou nada; suas palavras e ações pareciam completamente desconexas, sem sem que fossem dirigidas àqueles de nós que estávamos no auditório.

Mas a postura ser direta não é coisa afetada apenas por aquilo que fazemos quando falamos. Ela é geralmente produto daquilo que dizemos. Tentativas de verbosidade diplomática muitas vezes perdem seu vigor no processo. Dizer: "Poder-se-ia enfim, desejar..." simplesmente não comunica tão bem como a frase mais objetiva "Eu espero..."; "Alguém poderá questionar a viabilidade..." não é tão enfático como "Você poderá perguntar..."

O segredo de ser direto no vocabulário não é realmente nenhum segredo; é tão fundamental como a escolha de palavras simples, diretas e comuns. Mas há dois grandes perigos que os pregadores devem evitar.

A primeira área-problema é a do intelectualismo fácil. "McLuhanismos" oferecem um doloroso exemplo deste perigo. Podemos em nossa pregação copiar ou desdobrar os raciocínios redundantes ou remediáveis do renomado redator, cujos livros sobre comunicação se referem a idéias como "reconceitualização", "experiência retiniana" e "experiência digital", em lugar de dizer "lembre-se", "veja" e "sinta". Poderemos perder o significado e os ouvintes no transcurso de nossas afirmações polissilábicas.

A segunda área de perigo é uma contra a qual John Wesley nos adverte — o jargão profissional na congregação eclesiástica. Devemos estar alertas contra os clichês, terminologia e slogans cristãos. Muito do que se diz nos púlpitos evangélicos

está de tal forma atado ao "cristianês" tradicional que o homem ou mulher do outro ambiente tem tanta dificuldade em decifrar o sentido de nossas palavras como você e eu temos de compreender as palestras científicas lidas numa convenção de físicos nucleares.

Se pretendemos ser diretos em nossa mensagem, devemos ser simples, vívidos e claros. Pregamos uma mensagem urgente para nossos dias. A urgência clama por clareza, e a clareza brilha como a qualidade mais importante da postura direta.

Muito antes de subirmos ao púlpito devemos orar por um sentimento que faça singela nossa mensagem. E, então, podemos conferir e ajustar nossa escolha de palavras com as seguintes diretrizes para que possamos assumir a postura ideal.

(1) Use com precisão a palavra "certa". Diga "é oval", e não "é mais ou menos redondo".

(2) Use palavras específicas, não genéricas. Diga "cavalo malhado", e não apenas "cavalo". Diga "casebre", "mansão", "barracão", e não apenas "construção".

(3) Use palavras descritivas. Diga "O vento assobiava e arranhava a quina da casa", e não "O vento soprava forte."

(4) Use verbos de ação. Diga "Ele escapuliu", "deu o fora", e não "saiu".

(5) Use palavras curtas, eficazes. Diga "morte", e não "passamento"; "perto de", e não "contíguo a".

(6) Use palavras encontradas no vocabulário de conversação de seus ouvintes. Diga "grupo misto", e não "assembléia heterogênea". Diga "aumentado", e não "expandido"; "Gosto de você", e não "Tenho você em alta estima".

(7) Use palavras que imitem os sons naturais. Diga "tamborilar", "maciez", "sussurro", "baque".

(8) Use palavras com sentido significativo atual. Diga "casa", e não "residência"; "contador", e não "guarda-livros".

(9) Evite clichês, jargão pastoral, linguagem do comércio e velhas frases extravagantes.

Se pesarmos cuidadosa e consistentemente nossas palavras de acordo com estas normas, nossos sermões terão um impacto extra de relevância. Nossa postura direta será grandemente realçada.

Há mais um caminho simples para melhorar a postura em nossa pregação, que é o uso do discurso direto. Alguns escritores recentes que tratam da pregação advertiram contra os ministros que fazem uso excessivo de "você" e "eu". Mas preferi acabar concordando com H. H. Farmer, escritor inglês sobre o assunto, que diz ser impossível pregar com base no Novo Testamento sem chegar ao "você", de aplicação pessoal direta.

Já vimos no Capítulo Seis como Jesus confiava no discurso direto, perguntas e diálogo com seu auditório. "Você" ou "seu" (de você) é ou afirmado ou deixado implícito 221 vezes no Sermão do Monte. Um estudo adicional das epístolas do Novo Testamento mostra repetidas concentrações de "você" no discurso direto. Os autores das epístolas usaram consistentemente a técnica do discurso direto para estabelecer um interesse comum nas partes iniciais de suas cartas e aplicar sua mensagem nos versículos finais.

O discurso direto é uma das características mais comuns dos sermões bíblicos. No entanto, tão freqüentemente ele é negligenciado como meio de obter envolvimento na pregação atual.

Estilo Verbal

Um segundo aspecto importante da apresentação — o estilo verbal — é quase esquecido na maior parte dos livros sobre pregação. Em contraposição, muitos de meus alunos manifestam mais excitação e gratificação pelo nosso estudo desse estilo oral do que qualquer outro aspecto de meus cursos sobre pregação.

Estudos mostram que em toda sua comunicação uma pessoa comum fala 95 por cento ou mais e escreve somente 5 por cento ou menos. Entretanto, durante todos os nossos anos de educação formal somos treinados quase que exclusivamente para a comunicação por meio da escrita em vez de para a composição verbal preponderante que nossa vida diária requer. Há uma diferença bem definida entre a linguagem de nossa existência diária e a enorme quantidade de trabalhos escritos em cursos de composição em numerosas escolas. Poucos demais são os pregadores, entretanto, que parecem compreender essa diferença ou aplicar os princípios do estilo oral em sua tarefa de comunicar as boas novas a seu povo.

O sermão precisa ser mais do que um tema religioso vocalizado, apresentado a uma congregação confortavelmente sentada. Num sermão, como em qualquer comunicação, o sentido é comunicado através da linguagem, voz e ação. E todo sermão, por ser transmitido verbalmente, pode ser fortalecido com uma infusão de estilo natural.

Tanto a comunicação falada quanto a escrita exigem clareza, energia e interesse; estas são as três grandes metas de um ou outro modo de comunicação. Mas um objetivo adicional da escrita é a permanência. A busca da fala, por outro lado, é a percepção imediata e uma resposta imediata.

A escrita e a leitura são usualmente atividades solitárias, porém, por sua própria natureza, falar e ouvir são sociais. A linguagem escrita representa a conseqüência do pensamento, ao passo que a linguagem falada representa o pensamento-ocorrendo. A palavra falada existe somente no momento da prolação, mas a linguagem escrita é congelada, fixa. Falar é dirigir-se a um auditório específico, num momento específico, numa ocasião específica, porém, escrever é dirigir-se a leitores invisíveis e, às vezes, desconhecidos. A relação orador-ouvinte é quase sempre imediata e confinada, enquanto o contato escritor-leitor é distan-

ciado no tempo e no espaço. A resposta do ouvinte é simultânea; a resposta do leitor é raramente comunicada ao autor.

Assim, a despeito de alguma superposição e de alguma similaridade, são muitas as diferenças entre os dois tipos de comunicação. E essas diferenças exigem estilos muito diferentes para que a comunicação seja mais eficaz.

Todos nós estudamos estilo de redação em todos os cursos de Redação, Gramática e Literatura. Por isso, não há razão para relembrarmos isso aqui. Quais são, porém, as características distintivas do estilo falado?

O estilo verbal ou falado deve ser instantaneamente inteligível. Ele tem mais vividez. Tem mais palavras sensoriais do que abstratas, mais palavras específicas do que gerais. Mais variedade, tanto em sentenças longas como curtas. O estilo verbal na pregação tem mais suspense e clímax, mais conectivos para acentuar as sentenças e juntar frases e cláusulas. Tem mais repetição e reafirmação, mais energia e movimento. Tem mais elementos objetivos de vivacidade, tais como discurso direto, analogia, alusões, figuras de linguagem, mais pronomes pessoais, mais verbos robustos, mais confiança em substantivos fortes. O estilo verbal usa mais ilustrações, mais comparação e contraste, mais linguagem figurada, mais perguntas, mais elementos pessoais de comunicação. É mais informal, mais pessoal, mais direto, mais conversacional. Com respeito à ordem, tem mais clímax.

O estilo verbal tem mais impetuosidade e franqueza. Utiliza muitas cláusulas principais e poucas cláusulas dependentes. O estilo falado tem ritmo e maciez mais pronunciados, mais voz ativa e menos voz passiva. Tem mais tempo presente do que passado ou futuro.

Os termos curtos e comuns [anglo-saxões no inglês], que formam a linguagem vívida, vital e simples da infância e juventude, conferem força e eficácia a um estilo verbal. As formas latinizadas que acumulamos ao longo da educação formal

freqüentemente sobrecarregam a fala, ao passo que a linguagem "menos intelectual", "menos sofisticada" comunica mais facilmente, mais vigorosamente, mais completamente aos ouvintes de hoje.

Numa experiência realizada com dois mil estudantes, aproximadamente dez por cento mais de informação foi relatada quando os discursos incorporaram vários elementos do estilo verbal. A potência adicional do estilo oral sobre o não-verbal manteve-se inalterada através do teste, quer os ouvintes tivessem ouvido um ou outro de dois oradores envolvidos, quer tenham ouvido o próprio orador ao vivo ou uma gravação.

O estilo oral oferece a chance mais forte para que nossa pregação alcance a tríplice meta já mencionada — clareza, energia e interesse. Um único elemento do estilo verbal isoladamente não pode garantir esses resultados em nossa pregação. Mas uma combinação desses elementos pode fazer uma extraordinária diferença na sua efetividade.

Um bom meio de compreender isso é considerar os seguintes esquemas. O primeiro divide o estilo em suas três metas e alinha os principais fatores que enfatizam cada meta — clareza, energia e interesse.

ESTILO

Clareza:	Energia:	Interesse:
idéias	palavras concretas	imagens sensoriais
palavras	palavras específicas	figuras: imagens percebidas pelos sentidos
sentenças	palavras descritivas	variedade
exemplos	equilíbrio da sentença	conflito/suspense
seqüência	repetição	ritmo
transições	discurso direto	vitalidade
postura direta	pronomes pessoais	vivacidade
	verbos	comparação/ contraste

O segundo esquema (abaixo) mostra as diferenças entre o estilo oral e o estilo escrito, citando o uso comparativo desses subfatores que formam a essência do estilo.

ESTILO ORAL

mais ilustrações	mais ritmo
mais suspense	mais perguntas
mais pronomes pessoais	mais energia
mais franqueza	mais vivacidade
mais comparação/contraste	mais movimento
mais discurso direto	mais referências pessoais
mais termos curtos, comuns	menos termos latinos, rebuscados
mais vivacidade	mais suavidade
mais clímax	mais direto
mais voz ativa	menos voz passiva
mais repetição	mais variedade
mais contrações	mais conectivos
mais verbos	mais simplicidade
	ordem em clímax

Temos falado ao longo deste livro sobre a importância da experiência como um dos elementos de uma abordagem indutiva; explicamos como ela é a base sobre a qual construímos o envolvimento indutivo. A experiência é também uma meta de nossa pregação; queremos que nosso povo não apenas prove o evangelho que pregamos, mas que prove o processo indutivo conosco quando pregamos. Segue-se, assim, que o orador que pode reconstruir a experiência vividamente pode comunicar-se melhor com o povo. A tarefa de um pregador, portanto — especialmente um pregador indutivo —, é esclarecer e intensificar a experiência, para torná-la pictórica/descritiva. E uma das ferramentas mais fortes para a tarefa é o estilo oral.

Observe novamente o último quadro. Considere uma amostragem dos fatores listados e como eles podem ser incorporados em seu próximo sermão.

Comparação. A clareza e a intensidade de uma experiência podem ser aumentadas comparando-a com outra experiência. Pode haver uma semelhança de atributo — "brilhante como uma moeda novinha"; semelhança de um traço ou comportamento — "feroz como um urso ferido"; ou semelhança de função — "a poça d'água piscava como um olho toda vez que um pingo de chuva caía nela".

Solidez. Uma experiência pode ser tornada mais descritiva pela solidez, se a experiência for narrada e descrita com abundantes detalhes concretos. Há níveis de solidez em verbos, bem como em substantivos. Por exemplo, o verbo ir pode ser projetar-se, dirigir-se, dar uma chegada, mover-se etc. O substantivo vegetação pode ser muito mais concreto e específico — arbusto, mangueira, sucupira, serrado, parreira, etc.

O ambiente e experiência dos ouvintes determinarão o grau de solidez que o orador utiliza. Por exemplo, uma vaca é uma vaca e chave de boca é chave de boca para a maioria dos ouvintes, mas, falando a fazendeiros, uma vaca pode ser bem mais concreta — holandesa, malhada, preta, leiteira etc. Ou, falando a um serralheiro, uma chave de boca pode ser reta, curva, de meia polegada, cabo longo, etc.

A clareza e intensidade de uma experiência são, além disso, aumentadas quando narradas e descritas em termos familiares. Observem as palavras com apenas uma sílaba no Sermão do Monte ["céu", "luz", "sal", "dá"...]. Embora as palavras mais curtas não sejam sempre as mais potentes, é de bom senso usar palavras tão claras para a mente dos ouvintes, que elas não precisem de explicação.

Se você duvidar da suficiência das palavras curtas, veja o que um analista de literatura [inglesa e norte-americana] achou.

Em sua obra Creative Writing for Advanced College Classes, George C. Williams relata que 70-78 por cento das palavras usadas por muitos autores são de uma sílaba. Ele cita Somerset Maugham, Sinclair Lewis, Robert Louis Stevenson, Charles Dickens e outros. Se escritores dessa estatura podem confinar-se à simplicidade, não devemos ter receio de censurar alguns praticantes da verbosidade polissilábica em nossos sermões de cada semana. O que podemos perder em sofisticação intelectual será mais do que compensado em sentido e impacto.

A natureza gráfica de uma experiência também pode ser intensificada quando essa experiência é narrada e descrita em palavras multi-sensoriais. Por exemplo, verbos como "esguichar", "soluçar" e "desbastar" despertam fortes sensações de visão, som e movimento. Adjetivos como "nevado", "plúmbeo", "cru", "flamejante" sugerem pelo menos duas idéias cada um. A palavra "plúmbeo", por exemplo, lembra a cor-de-chumbo e objeto pesado. "Flamejante" cria a imagem visual de chamas e a sensação tátil de calor etc. Apelando a uma orquestração de sentidos, tais palavras envolvem os ouvintes numa combinação de idéias.

Como exemplo de um sermão atual de estilo verbal que procura incorporar comparações, solidez, palavras sensoriais simples e multi-sensoriais (como também vários outros subfatores do esquema do estilo verbal), dirija-se ao Apêndice 1 e o sermão "Jesus Chora Através de Nós?" Um exemplo bíblico de sermões que incorporam numerosos subfatores de estilo verbal são os sermões de Jesus.

Primeiro, reconsideremos o Sermão do Monte. Mencionamos já o uso que Jesus faz do discurso direto (221 vezes "vós"/"tu", ou "vosso"/"teu") e perguntas (dezenove) neste sermão de dezoito minutos, além de suas palavras simples de uma sílaba. Mas Jesus também usa 404 verbos para transmitir energia a sua mensagem de 2.320 palavras. Ele inclui 320 pronomes. Cita

vinte contrastes claros e muitas comparações e ilustrações. Ele faz extenso uso de conectivos: "que" (vinte e uma vezes); "para" (vinte e quatro vezes); "portanto" (treze vezes); "mas" (oito vezes); "em" (cinqüenta e nove vezes); e outras palavras, como "não", "nem", "nenhum" (setenta vezes). A repetição é outro de seus recursos técnicos: "céu" (dezoito vezes); "pai" (dezessete vezes); "eu porém vos digo" (catorze vezes); "reino" (oito vezes); "ouvistes" (seis vezes).

O estilo verbal de Jesus é evidente nos registros de todo o evangelho. O relato de Marcos sobre os solos, na parábola do semeador, assinala:

106 palavras
6 sentenças
18 palavras por sentença
25 verbos
21 advérbios
20 substantivos
16 conjunções
12 pronomes
4 adjetivos
3 preposições

Essa parábola dos tipos de solo pode ser condensada em doze palavras simples — seis verbos e seis substantivos:

semeador semeou, semente caiu,
pássaros comeram, sol queimou,
espinhos abafaram, solo produziu.

Uma comparação de trinta parábolas, quinze em Mateus e quinze em Lucas, indica que os relatos de Mateus têm um pouco mais de força verbal. Mas ambos os registros mostram

sentenças com a média de oito palavras e meia; são dois e meio substantivos por sentença (13,5 por cento); três e meio ou quatro verbos por sentença (19,2 e 21,4 por cento). Isto significa que uma em cinco palavras de Jesus é um verbo. Seus adjetivos representam menos de um por sentença ou cerca de 5 por cento do total de palavras em suas parábolas. Em Lucas, sua parábola sobre o vizinho egoísta contém um total surpreendente de quarenta e dois pronomes em nove versículos.

Jesus é um modelo consistente do estilo verbal na pregação. Recomendo enfaticamente a meus alunos que estudem sua técnica para compreenderem melhor os elementos do estilo verbal.

Há outro exercício que uso em minhas aulas que provou ser bastante eficaz para ajudar os alunos a entenderem os fundamentos e experimentar a sutileza do estilo verbal. Após examinarmos os fatores que compõem o estilo verbal, peço a eles que escrevam uma de suas mais vívidas experiências ou lembranças pessoais. Sua tarefa é fazer essa experiência tão descritiva quanto possível, utilizando a lista de subfatores do estilo verbal. A meta final é transmitir essa experiência de uma maneira e em palavras que permitam aos outros ver, ouvir e sentir a mesma experiência em suas mentes.

Sugiro a qualquer pregador interessado em compreender o estilo verbal que tente este exercício. Ele é em geral tão divertido quanto instrutivo. E uma vez que você o tenha experimentado usando sua experiência pessoal, poderá voltar e olhar um ou dois de seus sermões recentes para revisar frases e substituir palavras que possam ajudar seus ouvintes a ver, ouvir e sentir o que você pregou.

Se sua experiência for como a minha e a de milhares de meus alunos, você descobrirá um novo poder e eficácia em sua apresentação, ao adotar um estilo mais verbal. Você o achará um meio simples, porém valioso de aumentar o envolvimento de seu povo em sua pregação.

Apresentação do Sermão

O terceiro e último aspecto mais importante da apresentação que causa impacto sobre o envolvimento potencial de nossos ouvintes é a "entrega" da mensagem. Postura e estilo oral constituem certamente uma parte disso, mas a apresentação é mais do que isso. É o processo pelo qual o resultado de nossa apresentação — todo nosso plano, pensamento, estudo e oração — é realmente comunicado a nossas congregações. Quando tudo o mais tiver sido dito e feito, nossa entrega é como é dito e feito.

A importância da apresentação na efetividade da pregação dificilmente pode ser enfatizada demais. É o que nosso povo vê. Os que vêm à igreja nunca realmente consideram as horas de preparação no gabinete pastoral. Para eles, o que é dito e feito naqueles poucos minutos em que estamos atrás do púlpito é o sermão. E seu sucesso ou fracasso pode depender da apresentação.

Leitura de manuscrito, ou pregação feita sem preparação prévia são os dois tipos mais comuns de apresentação, mas variações de ambos cobrem todo o espectro da pregação. De um lado, um manuscrito bem preparado pode ser tão bem ensaiado que é apresentado totalmente de memória. No outro extremo, um sermão oral pode ser preparado tão superficialmente que se torna virtualmente um improviso.

Não há muito o que explicar sobre o que significa manuscrito lido; o termo é auto-explicativo. Contudo, parece haver muita confusão sobre a apresentação extemporâneo, ou sem preparo prévio. Mesmo nas Preleções sobre Pregação de Lyman Beecher dadas anualmente em Yale, alguns preletores depreciam o discurso oral como uma tentativa momentânea mal preparada. Esses críticos confundem fala oral com improviso. Os dois não devem ser a mesma coisa.

A verdade é que a pregação oral eficaz requer um grau de preparação além da pregação lida. Ela exige que um ministro se torne tão bem preparado, tão familiarizado com seu material que seja capaz de transmitir sua mensagem sincera a seu povo sem ter que lê-la palavra por palavra.

Muitos estudos objetivos têm testado as reações do ouvinte à leitura de manuscritos versus discurso oral com somente apontamentos para referência. Testes anteriores revelaram que os ouvintes retêm aproximadamente 36 por cento mais do conteúdo quando a mensagem é entregue via pregação oral espontânea. Testes adicionais encontraram reações do auditório mais simpáticas e mais atentas quando os oradores usaram a apresentação sem o papel em vez da leitura do manuscrito.

Não pretendo ir tão longe como afirmar que um pregador não pode apresentar um sermão eficaz ou não pode envolver seus ouvintes usando um manuscrito lido. Por dezoito anos acompanhei o ministério semanal do Dr. David Seamands, que é consistentemente, semana após semana, ano após ano, um pregador excepcional, eficaz, criterioso e fascinante. Ele é tão bem preparado, sua apresentação tão natural que às vezes poucos de seus leitores percebem que ele está apresentando sua mensagem virtualmente palavra por palavra como está escrita em seu manuscrito.

Portanto, a pregação lida pode ser feita e bem feita. Mas, para cada pregador que tenho visto alcançar êxito nesta prática, tenho testemunhado uma centena deles tão presos a seus manuscritos que boa parte de seus ouvintes se recolhe a suas fantasias diurnas ou cochila na tentativa de escapar da enfadonha prosa do pregador deles.

Mas não são somente os ouvintes que têm expressado opiniões sobre o método de apresentação. George A. Buttrick, pastor presbiteriano de origem inglesa, autor, professor de homilética e preletor de Harvard, Yale, Union, Vanderbilt,

Garrett e Seminário Batista do Sul, argumentou: "Na maioria das igrejas um manuscrito, mesmo lido dramaticamente, constitui uma barreira entre o pregador e as pessoas." Henry Ward Beecher, que pregava a multidões em auditórios lotados durante quase quarenta anos na Plymouth Church, no Brooklyn, disse uma vez: "Um sermão escrito é adequado para estender-se como uma mão enluvada; um sermão não escrito estende a palma aquecida e avermelhada, descoberta para o tato."

Ninguém menos do que João Calvino — embora erudito em todos os seus critérios — foi um firme defensor da pregação espontânea. Na realidade, ele foi tão longe a ponto de declarar que o Espírito de Deus poderia ser derramado somente em pregações orais. A imagem que alguns não-calvinistas têm de Calvino — frio, monótono, perdido em seus manuscritos, pedante — não é nada correta. Ele sempre falou espontaneamente, totalmente sem manuscrito. Muitos de seus sermões foram proferidos sem ao menos uma preparação específica — improvisados. E alguns deles refletem isso. Mas, antes de o julgarmos tão asperamente por isso, devemos admitir que seu contínuo estudo geral freqüentemente lhe serviu como preparação durante os anos em que ele pregou quase diariamente.

Seria mera coincidência que os maiores reavivamentos e crescimento da igreja ocorreram usualmente em períodos da história em que a pregação espontânea era um aspecto vital na cena religiosa? Durante séculos, na Inglaterra e no continente europeu, o culto cristão se distinguiu pela leitura de manuscritos, em lugar da pregação de sermões. Entretanto, o grande despertamento evangélico surgiu dos estilos vigorosos e extemporâneos de homens como Wesley, Whitefield, Fletcher, Coke, Nelson e outros como eles. Quanto mérito pelo Grande Despertamento e pelo crescimento subseqüente de Batistas, Metodistas e Presbiterianos cabe à pregação oral, tão diferente do caminho usual da tradição litúrgica? Poderia haver semelhantes razões

em nossos dias para o declínio das denominações históricas e o recente crescimento notável dos grupos fundamentalistas e pentescostais? Estas são perguntas interessantes e difíceis de responder.

Mas um historiador da igreja, mais de cem anos mais próximo do Grande Despertamento do que estamos, pode ter fornecido uma pista quando escreveu o que segue sobre os antigos pregadores metodistas:

"Eles pregavam fervorosa e diretamente. Puseram de lado aquele modo enfadonho, frio, pesado e sem vida de apresentação, que de longa data havia tornado os sermões um verdadeiro provérbio pela monotonia. Proclamavam com fé as palavras de fé, e com vida a história da vida" (John C. Ryle, The Christian Leaders of the Last Century, Londres: T. Nelson and Sons, 1869).

A despeito do testemunho dos testes e da história, alguns ministros se apegam ao hábito do manuscrito com o argumento de que um sermão escrito terá valor duradouro. Todavia, as qualidades duradouras de sermões manuscritos são de pequena ou nenhuma conseqüência para a maior parte das congregações e dos pregadores. Quem lê sermões impressos dos séculos passados ou mesmo de décadas recentes? Unicamente as classes de pregação dos seminários. Uns poucos pregadores lêem revistas sobre sermões. E quem mais lê? Quase ninguém lê sermões, porém milhões os ouvem todas as semanas.

Uma vez que os sermões são sempre ouvidos e quase nunca lidos, parece lógico que devamos dedicar mais preocupação com respeito a como dizemos o que temos a dizer, do que como escrevemos o que desejamos dizer. Se estamos preocupados quanto à permanência de um sermão em particular, faremos bem em seguir o conselho de Agostinho, que sugeriu que se escrevesse os sermões somente depois de pregados. Ou poderíamos facilmente utilizar uma opção que não era disponível a Agostinho e simplesmente transcrever a gravação do sermão.

Porém, tal preocupação quanto ao valor da duração de um manuscrito não é a única razão por que tantos se descuidam do estilo oral mais espontâneo. A causa básica é, mais freqüentemente, uma mistura de falta de familiaridade e, talvez, um pouco de insegurança em falar de improviso. Pode ser uma questão de fé para um ministro enfrentar uma congregação sem o habitual manuscrito ou numerosas anotações. Mas Broadus estimulava tal mudança, aconselhando: "Mergulhe de cabeça nisso, com os joelhos tremendo e tudo mais." Spurgeon animava os jovens pregadores a desenvolverem a liberdade oratória a todo custo e, depois, passar a usá-la regularmente, sempre se lembrando de que as habilidades podem ser perdidas, tanto quanto podem ser aprendidas.

É possível mudar. Muitos ministros mudam de uma prática para outra sem realmente deliberar isso, à medida que ganham confiança e experiência no púlpito. Outros, após longos anos de cuidadosos manuscritos, foram se desacostumando dessa praxe, passaram para o esboço, e finalmente, para a pregação sem absolutamente nenhuma anotação.

A simples menção das palavras "sem apontamentos" é o bastante para provocar em alguns pregadores um ataque de joelhos se batendo que podem ser ouvidos desde a galeria do coro até ao vestíbulo do templo. Porém, as citações mais compridas, as estatísticas mais complicadas e os detalhes mais abundantes, tornados possíveis pelas anotações, geralmente têm pequena ou nenhuma relação com a eficácia do sermão. Estatísticas aproximadas, citações curtas e indeléveis, bem como detalhes esboçados de memória servem ao mesmo propósito, sem apresentar nenhuma das desvantagens da leitura de dados elaborados e citações longas e áridas.

Mas, usando ou não as anotações, um estilo extemporâneo de mensagem é sua melhor opção para transmitir vida e fé através de sua pregação.

Na realidade, se nossos ouvintes têm de escolher entre um leitor de manuscritos, que aderiu às complexidades retóricas das análises de discursos feitas por Kenneth Burke, e o pregador que seguiu os lugares comuns às vezes superficiais do crasso pragmatismo de Dale Carnegie em Um Meio Rápido e Fácil de Aprender a Falar em Público, teríamos uma esmagadora maioria a favor deste último. Porque há muito mais do que rasa superficialidade no conselho de Carnegie para: "falar algo (1) sobre o qual você recebeu o direito de falar devido a seu estudo e experiência; (2) que o está empolgando; e (3) que você está ansioso para transmitir a seus ouvintes."

As sugestões de Carnegie são simples. Diz ele: faça anotações breves das coisas interessantes que deseja mencionar; não redija suas falas; nunca memorize uma fala palavra por palavra; recheie sua fala com ilustrações e exemplos; conheça sobre seu assunto o equivalente a quarenta vezes o que você expõe; ensaie sua fala conversando com amigos; em vez de ficar angustiado acerca de sua palestra, mantenha-se ocupado com as causas que a produzem ("Se sua atitude é correta — sua fala será assim"); e não imite outras pessoas — seja você mesmo.

Estou certo de que estas regras básicas inspiraram muitos palavrórios descuidados e fúteis. Mas também sei que ouvimos milhares de sermões que poderiam ser fácil e grandemente melhorados, se os pregadores tivessem observado ao menos duas ou três delas.

Naturalmente, a pregação espontânea tem seus riscos. Spurgeon, que recomendava fortemente esta prática, também advertiu os que tentavam improvisar: "Tenha cuidado para que sua língua não corra mais que seu cérebro. Evite uma fluência débil, um prosaísmo tagarela, uma facilidade para dizer nada. Meus irmãos, é um talento horrível esse de ser capaz de dizer nada por um longo período de tempo. (...) Um absurdo alongado... (é) o escândalo e a vergonha da improvisação. Mesmo quando os sentimentos de nenhum valor são belamente expres-

sos e cuidadosamente fraseados, qual é a utilidade deles? Do nada vem nada. O discurso improvisado sem estudo é uma nuvem sem chuva, um poço sem água, um presente fatal, injurioso tanto para o seu possuidor como para o rebanho dele."

Isso praticamente resume os perigos. São numerosos demais os sermões improvisados que não revelam profundidade, nem urgência, nem enfoque. Mas essas armadilhas podem ser facilmente evitadas por meio de preparação adequada. Por isso, não são motivo suficiente para diminuir o valor de todo um método de pregação — especialmente quando esse método tem tantas vantagens a recomendá-lo.

Um valor preponderante da pregação espontânea (sem manuscrito) é sua naturalidade. Ela exprime melhor o caráter e a atitude do pregador, como já expusemos. É mais convincente porque transmite a sinceridade do pregador. Se tencionamos envolver nossos ouvintes em nossa mensagem, eles têm que ver que temos urgência. Podemos ficar mais preocupados com tropeços verbais do que com uma aparente frieza de coração. Devemos cuidar da gramática e da estrutura da frase, mas não às expensas do fervor.

Uma mensagem espontânea abre espaço para a emoção e o envolvimento pessoal do pregador. E é muito mais fácil envolver o público em nossos sermões, se ele sentir que estamos envolvidos.

A pregação espontânea (sem manuscrito) é centrada na idéia, em vez de na palavra. A meta não é a retórica precisa e polida para brilhar, mas idéias temperadas para queimar profundamente. Sua flexibilidade permite ao pregador adaptar-se e ajustar um sermão à reação do auditório, mesmo com a pregação em curso. E existe a vantagem adicional de que um sermão improvisado é mais fácil de revisar para outra ocasião.

Outra vantagem da mensagem espontânea (sem manuscrito), a razão maior de dedicarmos tanto tempo ao assunto neste

livro, é que ela é ideal para ser adaptável às exigências da pregação indutiva. Uma abordagem indutiva não requer uma lógica estrita, palavra por palavra; a preocupação é em favor de um fluxo razoável, e não de uma ordem cuidadosa de premissas maiores e menores. A narrativa, os exemplos humanos e o movimento indutivo são mais fáceis de lembrar e, assim, facilmente apresentados de improviso.

Qualquer abordagem indutiva à comunicação pode ser grandemente complementada por mensagem espontânea, porque este estilo de pregação cria uma sensação de um processo presente e contínuo. A pregação espontânea está pensando na presença do auditório, o que evidencia o envolvimento de um pregador com seus ouvintes e, ao mesmo tempo, estimula o envolvimento deles com ele no processo do pensamento de seu sermão indutivo.

Já ouvi sermões demais aparentemente nascidos de uma escolha que os pregadores imaginaram que tinham de fazer — uma escolha entre apresentar um grande sermão e alcançar grandes resultados. Não deve existir tal escolha. Nenhum pregador jamais pregará um grande sermão, a menos que se proponha a alcançar grandes resultados.

Jamais devemos pretender ser eloqüentes. Devemos, sim, pretender comunicar. Devemos pregar não visando o efeito, mas a eficácia. Para ser eficazes, devemos envolver nossos ouvintes. E, como dissemos antes, o envolvimento é a força da indução.

Uma apresentação que combine os elementos de direção retilínea, estilo oral e mensagem de improviso só torna nossa meta de envolvimento tanto mais fácil de alcançar.

12. O Fim a que Nossos Meios Levam

Doze mil jovens de muitos estados se reúnem num fim de semana de maio para participar de um festival de música cristã contemporânea. O anfiteatro coberto de relva natural estende-se para fora e para cima, a partir de um palco improvisado, de alta voltagem, até às cercas de fazenda a uns trezentos e cinqüenta metros dali. Cobertores e lonas demarcam os espaços temporários de centenas de variados grupos ajuntados para apreciar a música, com seus cachorros-quentes e lanches como refeições.

As bordas da multidão agitam-se um pouco após cada número dos artistas cristãos. Bolas e discos plásticos periodicamente enchem o ar. Há uma liberdade amistosa, um constante fluxo e refluxo na massa reunida.

Uma das bandas termina sua música, cujos revérberos vão diminuindo aos poucos. Então, uma voz estrondosa anuncia ao microfone: "E agora um dos principais oradores jovens da América. Aqui está ele. Para ele um grande aplauso..."

O orador aproxima-se do microfone, tira do bolso seu Novo Testamento e diz: "Permitam-me que leia uns poucos versículos da Bíblia."

Num instante, o movimento de fluxo e refluxo da multidão se transforma numa onda de maré, quando mil jovens ficam de pé e abrem caminho para fora da multidão. Três vezes o orador ocupa o microfone nesse dia. Três vezes ele começa com a leitura da Bíblia. E por causa de uma formalidade protestante,

três mil ouvintes potenciais reagem escapando de suas palavras de abertura.

No entanto, esse orador conhece os jovens. Toda vez que ele fala, prende dez mil deles no lugar onde estão pelos vinte minutos de duração de sua fala. Sua mensagem focaliza a experiência, a vida e o viver. Ele prende a atenção dos ouvintes com estudos de casos e exemplos humanos. Ele narra. O conteúdo e a estrutura de suas mensagens são modelos de indução; ele adia suas asserções até que tenha o auditório consigo.

Ele fez seu trabalho de casa; está obviamente preparado. De pé sobre o palco montado na plataforma do reboque de um caminhão, ele é surpreendentemente direto — com seus olhos, sua postura, suas palavras, sua mensagem total. Ele faz todas as coisas que um pregador indutivo pode fazer.

E consegue resultados. Cada vez que ele fala, termina com um convite que arrebanha uma torrente de garotos da multidão para conversar com os conselheiros num edifício atrás do palco. Três mensagens, três convites, e centenas de jovens dão sua resposta pessoal a Cristo.

Observo fascinado, enquanto se desdobram os acontecimentos desse dia. Num só dia, um orador, um mesmo sermão, vejo dois extremos. É o pesadelo de um pregador transformando-se em realidade; milhares de possíveis ouvintes levantam-se e saem antes que ele bem comece seu sermão. E, no entanto, centenas de jovens se apresentam para assumir o compromisso cristão. Relembro esse exemplo aqui porque essa única experiência me mostrou a variação de respostas que os oradores podem esperar — ambas, aquela que tememos e aquela pela qual ansiamos e oramos.

Envolvimento. Do começo ao fim deste livro dissemos que o envolvimento é a resposta pela qual lutamos, a meta de nossa pregação, um Santo Graal de nosso chamado. Falamos a respeito de alguns meios indutivos para aquele fim, mas não dissecamos o termo propriamente dito.

Obviamente, se após um sermão centenas de pessoas vão à frente para comprometerem-se com o cristianismo, temos provavelmente o envolvimento delas. Mas, se mil pessoas se levantam e se afastam quando o sermão se inicia, certamente não temos o envolvimento delas. Assim sendo, o que é, então, essa resposta que chamamos de envolvimento? Como podemos tê-la e não tê-la no mesmo sermão? Como a conseguimos?

A resposta do auditório é a variável menos previsível em nossa pregação. O auditório é a única das três partes do processo de comunicação de Aristóteles que não pode ser diretamente controlada pelo orador. Assim, pois, a resposta ou reação do auditório representa a maior frustração para a nossa pregação.

Talvez, essa frustração, essa impotência para requerer uma resposta predeterminada, seja o principal motivo pelo qual a maior parte dos livros sobre pregação tem pouco ou nada a dizer sobre as pessoas em nossos bancos de igreja nos domingos. Em vez disso, textos homiléticos, e mesmo livros mais populares sobre pregação, se concentram quase exclusivamente no sermão e no processo de pregação em si.

Ao desconsiderar o fator audiência, o treinamento homilético deixa implícito que sermões contemporâneos devem vir num pacote com o rótulo "tamanho único". E, nada obstante, muito poucos pregadores recomendariam o mesmo sermão para ser pregado da mesma forma num banquete para pessoas da idade de ouro e num retiro de colegiais adolescentes. O bom senso indica claramente a necessidade de adequar nossos sermões para que sirvam aos nossos ouvintes; senão podemos perdê-los muito rapidamente.

E como Aristóteles reconheceu há dois mil anos, você não pode ter comunicação sem um auditório que ouça e responda. Se não começarmos a dar-lhes mais atenção em nossa pregação e em nosso treinamento de pregadores, a frustração só vai aumentar, enquanto qualquer esperança de atingir nossa meta de

envolvimento escapará rápida e silenciosamente pela porta do fundo de nossos santuários.

Sempre haverá um elemento de frustração em nossa pregação, porque a resposta será sempre da escolha do auditório. Nem mesmo o Espírito Santo forçará nossos ouvintes a se submeterem. No entanto, há crescente esperança de envolvimento, se dermos atenção mais cuidadosa a nossos ouvintes e àquilo que motiva sua resposta.

A psicologia motivacional é um dos mais complicados e controvertidos campos do estudo da psicologia. Mas um resumo da maior parte de sua presente teoria sugere que os seres humanos devem passar por diversos degraus ou estágios no processo motivacional antes de poderem responder ou agir de uma certa maneira. Se esperamos que os ouvintes respondam a nossa pregação, nossos sermões, temos de levar em conta e estimular cada um desses passos.

1.º passo: Atenção — a conscientização é conseguida, alguma coisa é percebida, as palavras são distinguidas, tem lugar a audição consciente.
2.º passo: Avaliação — cada parte da informação é avaliada como sendo boa ou má, potencialmente prejudicial ou benéfica.
3.º passo: Identificação — o desejo é estimulado, as tendências para agir se manifestam, os motivos tornam-se aparentes.
4.º passo: Decisão — a ação é definida depois que os pontos positivos e negativos são avaliados.

A pregação indutiva pode ligar-se prontamente aos vários estágios do processo motivacional. Por exemplo, iniciar com a experiência ou as necessidades do auditório aumenta as chances de conseguir a atenção no 1.º passo. Experiência positiva, lem-

branças agradáveis e imaginação de satisfação futura podem ser aplicadas indutivamente no 2.º passo. Em seguida, um sermão indutivo atinge um ponto de descoberta, de revelação (3.º passo), e, finalmente, é apresentada uma escolha no 4.º passo.

Se esperamos motivar os ouvintes a reagir a nossa pregação, nossos sermões devem incentivá-los a caminhar através de todos os quatro estágios motivacionais. E podemos guiá-los e, às vezes, cutucá-los delicadamente a reagir durante o processo até a resposta, se compreendermos e utilizarmos uma combinação de quatro diferentes tipos de apelo.

Tocamos rapidamente no primeiro apelo no Capítulo Dois — o apelo ético do próprio orador como uma pessoa de inteligência, caráter, serviço e benevolência cristãos. Uma empatia ou afinidade com o pregador ajuda a construir uma relação triangular que liga o orador e sua mensagem ao auditório; pois, quando o povo aceita o pregador, mais prontamente aceita a mensagem, de modo que a chance de uma resposta positiva aumenta extraordinariamente.

Não é preciso insistir na discussão do Capítulo Dois a respeito da importância do orador, primeiro elemento do processo de comunicação de Aristóteles. Mas, deve ficar claro como resultado da discussão entremeada que uma das forças da abordagem indutiva na pregação é o potencial que ela oferece para a mútua identificação entre o pregador e o povo. É sobre este fundamento da identificação pregador/povo que outros apelos são construídos. Sem o firme apoio disso, eles podem ter um peso muito pequeno.

O segundo apelo à nossa disposição é o apelo racional. Podemos conduzir nossos ouvintes em direção à resposta que desejamos por meio de apelos razoáveis e lógicos, reforçados por materiais de apoio sensatos e interessantes. Muito deste livro — especialmente as discussões da lógica indutiva, do movimento indutivo e das várias estruturas dos sermões indutivos — se con-

centrou nas implicações da pregação indutiva e do apelo racional.

Embora eu jamais afirmasse que a abordagem indutiva oferece a única esperança de que nossos sermões exerçam um forte apelo racional, a lógica do bom senso da indução está mais próxima da experiência do dia-a-dia de nosso auditório do que o raciocínio dedutivo. Além disso, como já afirmamos aqui, a lógica indutiva ergue menos contestações.

Como um de meus estudantes comentou depois de uma discussão na sala de aula sobre pregação indutiva: "Um sermão como esse ganhou-me para o Senhor. Durante anos, eu discutia tanto.. Debatia com qualquer pregador e vencia todas as vezes — pelo menos em meu próprio conceito. Depois, ouvi pelo rádio esse pregador diferente, que me fez andar com ele desde o início do seu sermão. Como eu não tinha por que discordar, comecei a concordar com ele. E ele me fisgou com meu próprio bom senso."

Um outro estudante que ali estava acrescentou: "Um professor de história cético, sentado em sua congregação, pode começar a picar em pedaços um sermão, parágrafo por parágrafo, se você começar com uma proposição no estilo homilético típico. Mas, começando onde ele está — no marco zero, como se diria — ele não terá o que contestar no início do sermão."

Naturalmente, não há garantia de que um ouvinte hostil não discorde da conclusão no final de um sermão indutivo. Porém, quanto mais pudermos manter o auditório pensando conosco, aceitando a razoabilidade de nossas provas acumuladas, maior será a esperança de uma resposta positiva ao nosso sermão.

O terceiro instrumento motivacional disponível a todo pregador é o apelo emocional. O freqüente mau uso dele no passado provocou consideráveis críticas, criou mal-entendidos

desastrosos, e reduziu grandemente seu uso e impacto potencial na pregação contemporânea.

Quando muitos pregadores modernos pensam em sermões com apelo emocional, eles evocam imagens de evangelistas com seus vozeirões em tendas de lona, urrando ameaças de fogo e enxofre. Ou pensam nos grandes oradores do passado com suas histórias patéticas cuidadosamente calculadas para manipular os ouvintes, tocando as cordas de seus corações ou encenando culpas pré-fabricadas.

Contudo, os apelos emocionais não precisam ser artificiais, excessivos nem manipuladores. Pregadores conscienciosos e sensíveis podem usar com eficácia apelos emocionais que são sinceros, responsáveis e apropriados aos nossos auditórios modernos e sofisticados. Há muito mais nos apelos emocionais do que verbosidade teatral, volumosa e exuberante.

A pregação indutiva, por sua própria natureza, deve apelar às emoções de nossos ouvintes porque ela começa com a vida deles — suas necessidades, seus valores e sua experiência. A emoção é parte tão importante da vida, que incluir no sermão elementos indutivos relacionados a ela irá provocar emoções de modo natural. Se reconhecemos esse potencial, se o adotamos e fazemos planos a respeito, o apelo emocional de nossa pregação pode resultar em maior impacto e resposta.

Por exemplo, nossos sentidos despertam emoções. Quando as pessoas vêem, ouvem, degustam, cheiram e tocam, elas respondem emocionalmente. Henry Ward Beecher criou uma ilustração clássica disto quando percorreu a Grã-Bretanha antes da Guerra Civil [nos Estados Unidos], a fim de obter apoio contra o bloqueio do algodão [imposto a seu país]. Numa ocasião, ele pregou por uma hora e meia em vão, tentando fazer com que sua voz fosse ouvida acima das zombarias e das vaias da multidão simpática aos sulistas americanos. Poucos dias mais tarde, devia falar num dos centros têxteis que prometia um auditório

ainda mais hostil, pois as usinas britânicas dependiam do sistema escravocrata do algodão. Beecher subiu à plataforma arrastando pesadas correntes, que atirou ao chão com estrépito e gritou: "Estas correntes prenderam mãos humanas." E pregou naquele dia sem interrupção, porque a visão e o som daqueles grilhões de ferro tocaram na emoção de seus ouvintes.

Obviamente, há limitações ao uso das técnicas "mostre e diga" em nossa pregação. Mas a criatividade pode prover muitas lições ilustradas eficazes e recursos visuais apropriados em nossos púlpitos. Podemos atrair verbalmente os sentidos de nossos ouvintes com palavras sensoriais e ilustrações.

As emoções não dependem unicamente de nossos sentidos físicos. A memória e a emoção permanecem de tal modo entrelaçadas que, acendendo as lembranças de nossos ouvintes, freqüentemente despertamos também suas emoções. A imaginação, por seu lado, geralmente se liga a nossas emoções; se levamos as pessoas a sonhar e imaginar, as sensações mais profundas se exteriorizam. O ânimo ou disposição também abre outras portas emocionais; assim, criando e mantendo um ânimo apropriado num sermão, a reação aumenta.

Talvez, os instrumentos mais comuns e mais eficazes para despertar emoções que qualquer pregador possui são a história relacionada com a vida, curtas narrativas e ilustrações. A importância disto foi reenfatizada pelo Dr. Evyn M. Adams em seu trabalho de doutorado na Drew University, quando investigou a visão da comunicação de Kierkegaard e sua aplicação à pregação cristã no Japão. Adams tornou-se o diretor fundador da radiodifusora metodista em Hokkaido. Diz ele: "A cada seis meses trazíamos para a rádio alguns pedestres das calçadas para avaliarmos nossas radiofusão. Descobrimos alguns conceitos surpreendentes para a comunicação do evangelho:

(1) As pessoas gostam de histórias;

(2) Elas gostam de histórias sobre pessoas;
(3) Elas gostam de histórias-de-pessoas com emoção;
(4) Sentir é a chave para a persuasão.

"Quando começamos a incorporar estes conceitos em nossos programas da rádio, coisas boas passaram a acontecer. Quando inserimos mais calor pessoal e sentimento em nossos programas, as cartas começaram a encher nossa caixa de correio.

"O patético é a chave para a persuasão — mesmo para os impassíveis orientais. Os mapas de nossas irradiações provam que mesmo aqueles que parecem viver com a menos óbvia das emoções reagem ao apelo sentimental."

A visão da comunicação de Kierkegaard como um processo dialético-patético inclui duas ênfases: a coluna intelectual dialética, onde a teoria, a lógica e a razão reinam supremas, e a coluna intuitiva sentimental patética, onde as emoções têm seu dizer e influenciar. Sermões sobre doutrina e instrução teológica em geral se enquadram na área dialética. E certamente não há nada de errado com um ímpeto intelectual em sermões. Mas, freqüentemente em nosso estilo erudito exaltamos o cognitivo e o cerebral e minimizamos a esfera do sentimento, o intuitivo, o relacional, o emocional em nossa pregação.

Esquecemo-nos de que as pessoas sentem, tanto como pensam. No entanto, as pessoas vivem muito de sua vida dentro dos parâmetros de outra arena de Kierkegaard — a dos sentimentos e relacionamentos. Mesmo os grandes pensadores vivem muito de sua vida ao nível do sentimento. Aqueles que só pensam que somente pensam vivem a maior parte de sua vida na área dos sentimentos. Sabemos que os exemplos e sentimentos humanos comunicam. Não precisamos ir ao Japão para evidenciar isso. Olhemos para a palavra escrita. A revista Reader's Digest narra em cada edição exemplos humanos cheios de profundos sentimentos, lidos por aproximadamente cem milhões

de pessoas. Guideposts espreme o suco emocional de seus casos e exemplos para multidões a cada mês num estilo que alguns céticos descartam por achá-los um normanvincentpealismo sentimental. * Essas publicações comunicam.

Gostemos ou não, o drama televisivo diário também comunica. Por que outra razão os pesquisadores descobrem que a maioria dos telespectadores diz que vê novelas para encontrar respostas aos problemas de sua própria vida?

O segredo dos apelos emocionais em nossos sermões não é simplesmente repetir drama da vida real ou apresentar uma novela dominical no púlpito; poderíamos ir longe demais. Mas raramente vamos longe o suficiente. A experiência e a emoção da vida diária jaz inteiramente fora do escopo de um número grande demais de sermões. Quando isso acontece, quando a cabeça está no centro do palco e o coração nem chega a entrar em cena rapidamente, nossos sermões não conseguem o tipo de reação que esperamos. É exigida uma combinação de todos esses tipos tradicionais de apelos — éticos, emocionais e racionais — distribuídos por todo o sermão, para se obter uma persuasão mais efetiva.

Além desses três apelos históricos já identificados, ainda que nem sempre aplicados, desde Aristóteles, a pesquisa atual em andamento na ciência cognitiva sugere outro fator motivacional. E ainda que este quarto fator possa freqüentemente se sobrepor aos apelos racionais e emocionais já discutidos, descobertas recentes na psicobiologia suscitam tantas questões interessantes pertinentes à pregação, que se justifica mencioná-las aqui como consideração recente e valiosa para motivar nossos ouvintes. Chamemo-las *apelo ao cérebro total*.

---

* Nota do tradutor: Referência feita ao Rev. Norman Vincent Peale, criador da Foundation for Christian Living, Nova York, e autor de várias dezenas de livros e centenas de mensagens em fascículos.

Na parte sobre o auditório tratada no capítulo dois, nossas considerações sobre como as pessoas aprendem introduziram brevemente as sugestões recentes dos psicobiologistas de que a mente humana atribui processos diferentes aos dois hemisférios do cérebro. Para generalizar as conclusões de recente pesquisa, parece que as funções mais analíticas, teóricas, seqüenciais e diagnósticas são reservadas à metade esquerda do cérebro. O lado direito do cérebro exerce um papel primário nas funções imaginativas, inventivas, visio-espaciais, intuitivas, holísticas e não-verbais.

A homilética tradicional tem enfatizado durante séculos um modelo de apelos verbais, analíticos e seqüenciais da parte esquerda do cérebro. E tem desconsiderado os apelos que envolvem as funções da metade direita, tais como memória, imaginação, emoções, relações, idéias divergentes, imagens e integração da experiência pessoal.

A Bíblia, em contraste, utiliza muitos apelos do cérebro direito. O não-verbal, o metafórico, o infinito, o profético, o exploratório — tudo isso rebrilha na Escritura. Os ingredientes e o processo indutivos, tão proeminentemente realçados na Palavra de Deus (como vimos nos Capítulos Cinco e Seis), são, eles mesmos, apelos dirigidos ao lado direito do cérebro.

Portanto, se queremos envolver a mente toda de nossos ouvintes, se queremos uma chance melhor de motivá-los a dar uma resposta positiva com nossa pregação, precisamos conferir nossos sermões com vistas aos quatro apelos mencionados. Antes de pregar qualquer sermão, devemos fazer-nos as seguintes perguntas:

Meu caráter cristão fundamenta o que estou dizendo?

Meu sermão toca na sensibilidade das pessoas?

Pode a mensagem auto-sustentar-se racionalmente?

O sermão permite o envolvimento de toda a mente, incluindo apelos a ambas as metades do cérebro?

Se pudermos dizer sim a essas perguntas, nossa pregação apresentará resultados.

Viemos por várias páginas examinando os meios pelos quais um orador influencia a reação do auditório. Mas, qual é a reação que desejamos? Temos usado o termo "envolvimento" em todo o livro. Mas, para que fim? Para qual propósito?

Para não ser acusado de deixar Deus fora da persuasão, deixe-me reconhecer que nem pregadores nem sermões mudam as pessoas. A transformação é especialidade de Deus. No entanto, ele nos honra concedendo-nos um papel em seu trabalho.

Nossa meta precisa ser a meta de Deus, a meta do evangelho. E essa meta é a mudança. Quer ela se traduza por compromisso, reconsagração ou crescimento cristão, a resposta que queremos de nossos ouvintes é mudança.

Desejamos ver as convicções mudadas; isso requer um apelo à cabeça e à razão. Desejamos ver os sentimentos mudados; isso requer um apelo ao coração e às emoções. E quando essas duas coisas acontecem, os relacionamentos e a vida mudam, e Deus está operando, Deus está trabalhando.

A pregação indutiva pode ser um valioso instrumento nesse trabalho.

Conclusão

Um de meus alunos, um coronel da reserva, veio falar-me depois de uma de minhas aulas de homilética para a turma de formandos do seminário. "Domingo passado", relatou Donald, "um homem de trinta e cinco anos entregou-se a Cristo quando preguei um sermão indutivo na minha congregação. O homem me disse que nunca tinha ouvido um pregador que o respeitasse como pessoa. Acho que ele estava dizendo que eu era o único pregador indutivo que já tinha ouvido.

"Passei vinte e dois anos no exército depois que me tornei cristão", ele acrescentou. "Portanto, andei um bocado por aí. Nunca em todos esses anos estive numa igreja em que as pessoas não tivessem necessidade de uma abordagem indutiva.

"Pois eu lhe digo que estou realmente entusiasmado com esta idéia da indução", Don disse. "O método indutivo já ajudou muito minha pregação. Mudei meu pensamento sobre o sentido da pregação autoritária. Quando prego indutivamente, até as pessoas mais seculares na minha congregação ouvem e reagem às minhas mensagens. E os santos também gostam."

Já há mais de vinte anos a obra a que dediquei minha vida tem sido ajudar ministros jovens a melhorar sua pregação. Essa experiência e a constante reação de alunos e ex-alunos propiciaram muito do incentivo para este livro. Numerosos ex-alunos voltaram de seu pastorado pelo país para contar os resultados de pregar o que praticaram em classe. "A pregação indutiva realmente funciona." "A reação de meus ouvintes cai incrivelmente em qualquer domingo em que não consigo ser indutivo." "Os

sermões indutivos têm sido meu salva-vidas na nova paróquia." "Tudo que você disse a respeito da indução se comprovou em meu ministério."

Não gostaria de afirmar que os sermões indutivos são o remédio imediato para todos os problemas na pregação de hoje. Mas uma vida inteira de experiência e estudo convenceu-me de que a pregação indutiva possui um incrível e ainda não usado potencial para os pregadores do século vinte. Continuo a ensinar e pregar o sermão indutivo, porque é aprovado em três importantes testes de sua validade e de seu valor.

O teste bíblico. A pregação indutiva é realmente bíblica? A resposta é inequivocamente "sim" por dois motivos. Primeiro, como enfatizado nos Capítulos Cinco e Seis, é bíblica no sentido de seguir o modelo da pregação de Jesus, de numerosas pregações documentadas na Bíblia, e do próprio estilo da Bíblia como comunicação indutiva de Deus para a humanidade.

E segundo, como espero que os Capítulos Sete e Oito tenham deixado claro, a mensagem de um sermão indutivo pode ser e tem de ser tão bíblica como qualquer outro sermão, seja da classificação que for. Desejo re-enfatizar aqui que a verdade que declaramos, o âmago de nossa mensagem, é sempre a Palavra de Deus. O fato de um sermão indutivo alcançar essa verdade no fim, em lugar de afirmá-la no início, não torna a verdade menos central ou fundamental para o sermão.

Talvez, alguns leitores se oponham às alegações do parágrafo anterior. O manuscrito deste livro foi lido e criticado por alguns dos mais confiáveis proponentes da pregação expositiva, os quais se indagam: como uma abordagem da pregação que não exija uma exposição versículo por versículo pode ser adequadamente bíblica?

Esses críticos da indução provavelmente ficarão surpresos de que eu possa concordar com a afirmação de John R. W. Stott em Between Two Worlds (Grand Rapids: Eerdmans, 1982): "Toda

pregação verdadeiramente cristã é uma pregação expositiva." Stott continua: "Se por um sermão 'expositivo' entendemos uma explanação versículo por versículo de uma longa passagem da Escritura... seria um mau uso da palavra. Propriamente dita, a 'exposição' tem um sentido muito mais amplo. Ela se refere ao conteúdo do sermão (a verdade bíblica), e não ao seu estilo (um comentário contínuo). Explanar a Escritura é extrair do texto o que nele está e expô-lo à vista. Mas o texto em questão pode ser um versículo ou uma sentença, ou até uma simples palavra. Pode igualmente ser um parágrafo, um capítulo ou todo um livro. Seja ele longo ou curto, nossa responsabilidade como expositores é abri-lo inteiramente, de tal modo que ele fale sua mensagem clara, franca, correta e relevantemente, sem acréscimo, sem corte ou falsificação."

Esta deve ser também a meta da pregação indutiva. Assim é que a pregação indutiva pode ser expositiva — pregação expositiva que respeite o ouvinte e a Palavra.

O teste histórico. Uma grande parte da reflexão, organização e inspiração deste livro evoluiu de um prolongado estudo dos noventa e seis pregadores e quatrocentos e onze sermões incluídos na obra de treze volumes, *Twenty Centuries of Great Preaching* (compilado por William M. Pinson, Jr. e Clyde E. Fant, Jr., Waco, TX: Word Books, 1971). Um cuidadoso exame dos exemplos de sermões dos mais eficazes pregadores, de Jesus, Paulo e Agostinho a Helmut Thielicke, Martin Luther King e Billy Graham, demonstra uma impressionante confiança nos elementos, posturas e estrutura indutivas. (Ver o Apêndice 3 para inteirar-se dos breves perfis de cada um dos noventa e seis pregadores e sua orientação indutiva.) Praticamente todos esses proeminentes pregadores considerados dignos de menção refletem algumas ou várias feições indutivas.

Através dos tempos, os mais destacados missionários cristãos ensinaram, pregaram e viveram o processo indutivo, começando por onde seu povo estava e, então, levando-o à ver-

dade de Deus. Evangelistas bem-sucedidos se apoiaram fortemente em exemplos, referências a experiências, estudos de casos, interesse humano, imaginação e outros ingredientes indutivos. Uma área do serviço cristão desenvolvida mais recentemente, o ministério com os jovens, muitas vezes incorpora o estilo indutivo. Tem sido minha experiência e observação que eficientes obreiros com os jovens dependem muito da indução; a fim de sobreviverem em seu ministério, aprendem a postergar afirmações, alcançar posição de ter autoridade cuidadosamente, conquistar credibilidade, para só então chegar ao alvo com a mensagem do evangelho que os jovens necessitam.

Assim é que dois mil anos de ministério cristão parecem apoiar a validade da indução. A história do Cristianismo nos ensina muito sobre o processo indutivo. E a pregação indutiva passa pelo teste histórico.

O teste da experiência contemporânea. Já falamos a respeito da era em que vivemos — da eletrônica, do computador e da televisão — e das tendências da lógica não verbal, não linear, de nossos dias, e de como a abordagem indutiva vai ao encontro dos hábitos humanos de nossa idade tecnológica. Porém, algumas outras idéias sobre a indução e a cena atual merecem consideração.

Quando é que ocorre a maioria dos abandonos da Escola Dominical e da igreja? Não é na idade em que mudamos das histórias, dramas e outros meios indutivos da educação cristã e esperamos que os colegiais adolescentes iniciem uma doutrinação mais intensiva, catecismo e semelhantes?

Com maior percepção de que poucos de nossos paroquianos sabem a diferença entre um alfa e um sigma, e menos ainda se interessam em saber, o recente treinamento em seminários se volta em direção a uma teologia mais prática, o ministério supervisionado, aconselhamento, ministério de crise e habilidade para relacionar-se. Há uma crescente preocupação quanto à

utilização pelos ministros de informações fundamentais de aulas de teologia, Bíblia e línguas antigas, para aplicá-las à vida e aos problemas do dia-a-dia de homens, mulheres e crianças em nossas igrejas.

No entanto, essa crescente sensibilidade para com as combinadas necessidades emocionais, psicológicas e espirituais do indivíduo está ainda por causar impacto no ensino formal da própria pregação. Enquanto a homilética tradicional não faz caso e freqüentemente contradiz a mudança para o ministério mais pessoal, a pregação indutiva poderia se encaixar maravilhosamente com outras ênfases interpessoais para unificar todas as áreas do ministério num todo coeso.

As igrejas e a qualidade de membros que constituem a igreja estão mudando no dia de hoje. As forças do secularismo são vistas e sentidas em nossos bancos. Os membros de igreja de nossos dias são mais semelhantes a não-membros do que em qualquer outro tempo da história de nossa fé. E já que a maioria de nós prega simultaneamente a ouvintes comprometidos e não comprometidos, precisamos de uma estratégia que permita falar igualmente bem a ambos.

A indução pode ser essa estratégia, porque ela não afirma nem assume nada no início do sermão. Em lugar disso, ela se empenha por respeito, acordo, áreas em comum; e credibilidade, antes de declarar a verdade que cada um necessita.

Seminaristas e colegas professores que servem em igrejas locais relatam algumas coisas que me intrigam e incentivam grandemente. Eles me contam que, quando pregam um sermão com movimento e ênfase indutivos, provocam reações e comentários de um grupo de membros habitualmente silenciosos. Os costumeiros encorajadores à porta depois do culto são acompanhados de uma clientela extra de novos portadores de parabéns e agradecimentos.

Será que a pregação indutiva pode aumentar o impacto e a reação à mensagem em nossos dias? O teste da experiência contemporânea responderia com um retumbante "sim".

Encerrando, fica bem reafirmar um ponto sobre o qual já procurei falar várias vezes e de várias maneiras neste livro. É o cerne e a alma daquilo que creio e ensino sobre pregação: um sermão pode ser concretamente correto, homileticamente perfeito, biblicamente exato, doutrinariamente ortodoxo e ainda assim nada conseguir, por falhar em envolver os ouvintes. O envolvimento é a chave. E o envolvimento do ouvinte é a força do processo indutivo na pregação.

A Bíblia, os modelos de grandes pregadores através da história e a experiência contemporânea, todos se associam para indicar o grande potencial da pregação indutiva. Portanto, não reivindico que a indução seja alguma coisa nova e revolucionária. Contudo, estou convencido de que ela pode revolucionar sua pregação.

Você não precisa aceitar minhas opiniões nem as reivindicações deste livro. É simples: experimente a pregação indutiva. Depois julgue por si mesmo.

Apêndice 1

Pregação Indutiva — Dois Exemplos

Para melhor ilustrar a idéia dos sermões indutivos, duas mensagens do próprio autor são incluídas aqui.

1. "Livra-nos?"

Este primeiro sermão indutivo surgiu de um longo estudo pessoal da Oração do Senhor. O autor pregou o sermão na Igreja Metodista Unida, em Wilmore, Kentucky, a uma congregação que incluía muitos estudantes do seminário e da universidade. O movimento remoinho do sermão indutivo segue um formato pergunta-resposta. O texto do sermão e as anotações que o acompanham realçando suas características indutivas seguem-se a este breve esboço e ao esquema gráfico do sermão.

Esboço: "Livra-nos?"

Pergunta-chave, não declarada mas implícita: Esta porção da Oração do Senhor é realmente importante para nós hoje?

I. Alguém precisa de livramento?
   Fatos, casos, lembretes da vida real.
   Conclusão tentativa: A necessidade rodeia todos nós.

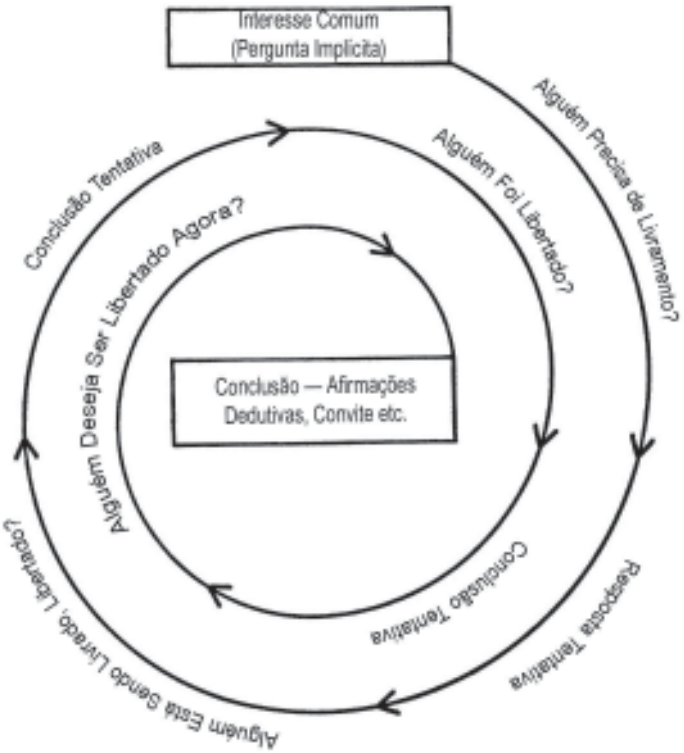
II. Alguém está sendo livrado em nossos dias?
   Vários casos da experiência contemporânea.
   Conclusão tentativa: Muitos estão sendo livrados, libertados.

III. Alguém foi libertado no passado?
   Exemplos da história e da Escritura.

Conclusão tentativa: Deus tem livrado, libertado muitas pessoas por muitos e variados meios.

IV. Alguém deseja ser livrado, libertado agora?

Prova contemporânea, pessoal e bíblica da afirmação dedutiva de que todos nós precisamos orar "livra-nos", que Deus ouvirá esta petição, e que os ouvintes precisam apenas pedir. Conclusão: a oração não é somente importante, mas essencial.



"Livra-nos?"

Texto do Sermão: "Livra-nos?"

"Pai nosso que estás no céu, santificado seja teu nome. Venha o teu reino. Seja feita tua vontade, assim na terra como no céu. O

A pergunta implícita aqui, "Esta parte da Oração do Senhor

pão nosso de cada dia dá-nos hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores. Não nos deixes cair em tentação. Mas livra-nos..."

ainda é relevante?" ajuda a estabelecer um interesse comum de questionamento.

Livra-nos...

Livra-nos?

Alguém precisa ser libertado hoje? Aqui? Você e eu já passamos do tempo para esta oração em nossa vida? Você e eu sobrevivemos a esta sétima petição da Oração do Senhor? Está ela ultrapassada? Obsoleta?

I. Primeira pergunta fundamentada no interesse comum.

Dizemos a cada domingo: "Livra-nos." Às vezes, parecemos dizer: "Livra-nos, mas não agora." "Livra-nos, mas não totalmente." "Livra-nos, mas não muito." "Livra-nos, mas não muito especificamente." "Livra-nos, porém mais tarde."

Referências a experiências comuns vividas semanalmente.

"Da minha própria maneira."

Oramos: "Livra-nos da doença; livra-nos do sofrimento; livra-nos do medo; livra-nos da pobreza." Ah, sim, livra-nos da pobreza! Livra-nos da impopularidade. Livra-nos das durezas da vida. Livra-nos de luta. Livra-nos de disciplina.

Há alguém aqui que não consegue levantar os olhos e ver necessidade? Há alguém aqui que não pode olhar em volta e ver fraqueza humana? Há alguém aqui que não pode ver, suspirar e dizer: "Livra-nos?"

Perguntas ao invés de afirmações.

Ah, não que vocês tenham somado todas as suas responsabilidades. Não que vocês tenham visto todas as suas necessidades. Não que tenham feito o resumo de todos os seus

suspiros e esforços. Não que tenham reunido todos os seus gemidos quando disseram: "Livra-nos."

Alusões a emoções pessoais e necessidades sentidas.

Mas, pensemos juntos sobre a sétima petição na Oração do Senhor. "Livra-nos."

Isto alinha no mesmo nível o pregador e os ouvintes/esforço cooperativo.

Conhecemos as outras petições, não é mesmo? Dá-nos. Não há chance de esquecermos isto — me dá! me dá! me dá! Dá-nos. Perdoa-nos. Não nos deixes. Mas, "Livra-nos?"

Alguma coisa de que você precisa se livrar? Alguma coisa de que você quer se livrar?

Mais de 400 vezes a Bíblia usa a palavra "livrar". A teologia da libertação — emergindo do Terceiro Mundo, dos países em desenvolvimento — em anos recentes pôs seu principal enfoque sobre o Êxodo, um livramento. Dizem eles que todas as pessoas precisam livrar-se do cativeiro político e econômico de hoje.

Referências à experiência da vida.

Alguém em nosso país precisa de livramento? Pergunte nos lares sendo desfeitos e nos destruídos. Pergunte aos corações que estão partidos e aos que estão se partindo. Pergunte aos corpos que estão se alquebrando e aos corpos alquebrados nos hospitais. Alguém precisa de livramento?

Apelo à experiência dos ouvintes: pergunte, pergunte, pergunte.

Pergunte às vidas despedaçadas e às que estão se despedaçando nas prisões. Pergunte nos bares, onde os sonhos desfeitos e os sonhos que estão se desfazendo se espalham pelo chão. Pergunte no emprego. Pergunte no mercado financeiro. Pergunte nas escolas. Pergunte aos milhões de alcoólatras

Alguém precisa de livramento? Pergunte às famílias desvairadas e frustradas desses milhões de afligidos pelo álcool. Pergunte nas rodovias. As pessoas do norte empacotam seus fardos e viajam para o sul em seus trailers. As pessoas do sul enchem seus trailers de cuidados e fardos, para viajar para o norte. Três semanas depois, todos voltam para casa trazendo consigo seus fardos.

Alguma necessidade de ser libertado? Pergunte às 250 mil pessoas que tentaram o suicídio no último ano. Pergunte a essas pessoas, que tentaram se livrar por suas próprias mãos. Alguma necessidade de livramento, alguém precisa ser libertado?

Pergunte a alguém que ficou tão oprimido pelos problemas pessoais, pelos cuidados da vida, pelas pressões da família que não consegue falar palavras inteligíveis. Esta pessoa pode apenas olhar para a face de Deus e dizer: "Ó Deus. Ó Deus. Ó Deus." Pergunte-lhe: "Há necessidade de livramento?"

Conclusão tentativa: responder à pergunta I com base na evidência exposta.

Olhe à sua volta e veja o amor pelo dinheiro, que a Bíblia diz ser a raiz de todo mal. Olhe em volta e veja a tendência ao secular na vida. Olhe em volta e veja a bebedeira do fim de semana, a sociedade louca pelo prazer. As pessoas estão aprisionadas em todas estas coisas. Então pergunte: "Há necessidade de algum livramento hoje? Qualquer necessidade disso? Olhe em volta e verá que a necessidade é universal.

II. Pergunta feita e reiterada.

A segunda grande pergunta: Alguém está sendo libertado hoje? É somente Gideão? E

Daniel? E José? São apenas as pessoas dos tempos bíblicos que conhecem o livramento?

Por que a palavra livramento é usada mais de 400 vezes na Bíblia? O livramento é um conceito-chave na história cristã? O livramento é um conceito-chave hoje? Alguém está sendo livrado hoje?

Exemplos contemporâneos.

Alguns de vocês devem ter visto ao longo da rodovia interestadual ao norte de Georgetown o que eu vi nos últimos três ou quatro anos. Cada vez que passava por lá de carro, via um letreiro desbotado num trailer grande de armazenagem: Reavivamento de Libertação. Será que todo reavivamento não é um reavivamento de libertação?

Há algumas semanas recebi uma carta convidando-me para um Seminário de Libertação. Por oitenta dólares eu poderia aprender como livrar as pessoas de demônios. Não dizia que setenta e cinco dólares iriam para o Senhor e cinco dólares para o pregador. Não dizia para onde iria o dinheiro.

Mas tem havido uma espécie de onda de exorcismo — uma atenção enfocada sobre demônios e possessão por demônios.

A igreja por vezes demais tem deixado essa ênfase em livramento para os excêntricos. Alguns me disseram que iam a reuniões de exorcismo, onde tentavam se livrar do demônio do sono, e o demônio da mão canhota, e o demônio do conforto, e o demônio da preguiça. Alguns alegavam: "O Diabo me levou a fazer isso."

Algumas pessoas vêem um demônio em baixo de cada arbusto — algumas vezes até mesmo onde não existe sequer um arbusto! Elas me lembram um homem com um apito antielefante. Ele comprou um apito vermelho brilhante e disse: "Este é meu apito antielefante. Garantido contra pisada de elefantes." Um amigo lhe perguntou: "Quanto você pagou por ele?" "Cinco dólares", respondeu. "É um grande apito anti-elefante." E apitou como demonstração. "Ora, não há nenhum elefante num raio de quinhentos quilômetros daqui", disse-lhe o amigo. "Certo", disse o homem com o apito, "você vê como ele funciona bem?"

Algumas pessoas vêem o livramento somente em termos do exótico, do espetacular. Mas, alguém está sendo libertado hoje?

Durante um culto na capela universitária, pelo qual eu era responsável, pedi a quatro jovens que dessem seu testemunho. Esses jovens, dois de cada sexo, narraram como ficaram livres, gloriosamente livres, da bebida, do entorpecente, do sexo e do suicídio. Livres daquele ciclo e círculo sem sentido e vicioso. E há muitos outros livramentos.

Muitos poderiam testemunhar aqui hoje. Ouvimos (e devemos mesmo ouvir) sobre figuras do esporte que encontraram o livramento espiritual — Tommy John, Steve Bartkowski, Terry Cummings. Ouvimos acerca de Chuck Colson, e devíamos mesmo. Ouvimos (e devemos ouvir) sobre cantores e atores, além de outras celebridades, que encontraram livramento.

Mas, sobre alguns vocês não ouviram falar. S.W. estava dirigindo da escola para casa pela rodovia interestadual 75. Quando começou a ultrapassar uma gigantesca carreta-trailer, pensou de repente: "O que eu faria se meu carro pegasse fogo?" Ele estava a noventa quilômetros por hora com seu pequeno carro esporte, quase superando aquele monstro mortal. Seu pára-choque traseiro apenas passou o pára-choque dianteiro do enorme leviatã da estrada quando, subitamente, sua cabina se encheu de uma chama laranja.

O que fez ele? Manobrou para a direita, quase raspando no pára-choque da carreta, subiu na grama, desligou a ignição, abriu a porta e atirou-se para fora rolando no chão. Livre — da mesma maneira como esteve pensando dez segundos antes.

A.G. estava mergulhando com oxigênio no Golfo do México. Divertia-se bastante, fisgando uns peixes vermelhos perto de um navio naufragado. De repente, uma sombra cinzenta se agitou perto dele e o roçou. Olhou para cima, viu a cauda afiada e percebeu que era um tubarão. Olhou tudo em volta, mas não havia lugar onde se esconder.

Em seguida, outra sombra cinzenta se agitou e esbarrou nele. Ele movimentou suas barbatanas e começou a subir à superfície. Quando os companheiros o puxaram nervosamente para o convés, ele tinha sofrido o esbarrão de cinco tubarões. E quase morreu em virtude das lesões provocadas pelos ângulos

da madeira que guarnecia o convés. Mas, tinha sido libertado — cinco vezes na subida à superfície.

C. M. foi libertado. Era uma tarde ociosa de domingo na Georgia. Caminhando por um bosque um grupo de rapazes encontrou uma casa abandonada, um galão de gasolina e um poço abandonado. Vagaram por lá durante uns momentos e despejaram o galão de combustível no poço. Puseram fogo num pedaço de jornal e o soltaram esvoaçando poço adentro. Esperaram. Nada aconteceu. Esperaram mais um pouco, e nada.

C.M. debruçou-se na beira do poço para ver o que ia acontecer no exato instante da incandescência — vuf! — e a areia de sílica daquele poço da Georgia subiu com a explosão atingindo diretamente os globos oculares do jovem. Ele ficou cego. Por um mês não pôde ver a luz do dia. Neste verão ele terminou o seminário, e jamais vocês saberiam que alguma vez ele tivesse ficado cego, porque foi libertado. Foi libertado pelo Deus de toda graça.

J. C. envolveu-se num acidente de carro. Ele tinha acabado de se formar no ensino médio. Estava passeando. Após o acidente levaram-no ao hospital. O médico que o examinou disse: "Chegou sem vida". Colocaram-no na maca antes de levar o corpo ao necrotério.

Um médico judeu, em seu dia de folga, veio ao hospital — por acaso, vocês diriam? Não. Ele veio ao hospital e, ao passar pelo corredor, perguntou: "Quem é aquele na maca? Disseram-

lhe: "É J. C. — formando do ensino médio na semana passada."

Ele aproximou-se e inclinou-se sobre a maca. "Tragam a equipe", gritou. "Alerta vermelho — há vida aqui", disse ele enquanto se punha em ação. "Impossível", disseram. "Ele não seria mais do que um vegetal, se pudesse sobreviver."

Foram convocadas para uma corrente de oração todas as sinagogas judaicas, todas as igrejas católicas, todas as igrejas metodistas unidas naquela cidade de Nova Jersey, e o povo começou a orar. Os céticos disseram: "Ele nunca será mais do que um vegetal."

Há poucos anos ele veio ao seminário, e, somente para provar que não era um vegetal, candidatou-se à faculdade de medicina. Estava dando duro na faculdade de medicina quando sentiu o chamado de Deus para que retornasse ao seminário, onde concluiu seus estudos. Ele está agora no ministério. Foi libertado.

Outro com as mesmas iniciais, J. C., alguns de vocês ouviram falar há uma semana atrás. Ouvia-se o seu berro como um touro num milharal — esse homem que, no princípio, estava tão debilitado pela tuberculose que os médicos disseram que ele jamais seria capaz de pregar novamente. Os buracos em seus pulmões eram tão grandes que se poderia passar um punho fechado por eles. Ele ainda está sendo libertado.

Sessenta anos mais tarde, alguns de vocês o viram levantar 140 quilos acima da cabeça.

Ele está sendo libertado pelo Senhor. No dia antes de completar noventa anos, ele esquiou na água trinta e sete quilômetros — com um só esqui. Ele ainda está sendo libertado.

Uma pessoa das que estão aqui nesta manhã, com dois anos de idade rastejou através da porteira do curral e se pôs a cavalgar na cauda de um cavalo arisco, quando sua mãe o achou. O cavalo arisco tinha suas orelhas empinadas e estava pronto a arrebentar qualquer coisa que se movesse. Quase toda semana ele arrancava a coices as tábuas de seu estábulo. Ninguém conseguiu entender por que ele não esfacelou os miolos do homem que está diante de vocês hoje.

Libertado. Um de nós aqui nesta manhã foi libertado quando viu a vaca pular sobre a lua. Já era bem penoso para um menino caminhar para ir buscar as vacas. No lote do fundo da fazenda ele tinha treinado as vacas quando tinha seis ou sete anos. Quando elas caminhavam à beira do riacho, ele pulava em seu dorso e as cavalgava de volta ao curral. Ele brincava de caubói daquela maneira.

Certa vez ele vinha pela margem alta, quando a vaca se voltou e desceu a ribanceira. Ele escorregou em direção à cabeça do animal, pois não havia sela em que pudesse se agarrar. Olhou para cima e viu a vaca pular sobre ele e viu também a lua lá longe no céu. Mais de uma vez já me lembrei daqueles cascos fustigando o solo e a vaca que parecia estar pulando por cima da lua. Libertado.

Continuação de exemplos contemporâneos.

E todos nós aqui temos sido libertados — de acidentes de carro. Um pregador em Cadillac, Michigan, contou-me que estava dirigindo e pensando sobre tudo quanto um pregador pensa — alguma coisa ou nada. Vinha dirigindo e cruzou uma passagem de trem. Ouviu um barulho atrás dele e olhou para trás. Lá, na frente da locomotiva, ia o seu pára-choque traseiro. Ele foi libertado e não sabia.

Ou acidentes com bicicleta. Ou quedas. Ou tempestades. Furacões. Libertados.

Quando uma das raras tempestades assolou o sudeste de Michigan, ela chegou à formosa Ilha Grosse, destruiu uma enorme casa e carregou um bebê pelo espaço. Um barco soltou-se do ancoradouro e foi parar no meio de um lago de 500 quilômetros quadrados. O bebê voador foi suavemente colocado naquele barco à deriva no meio da tormenta. Os jornais de Detroit batizaram o evento de "o bebê-milagre".

Há um sentido segundo o qual cada um de nós tem sido libertado. Neste sentido, cada um de nós é um bebê-milagre.

D. estava dirigindo um caminhão desgovernado que descia em alta velocidade uma montanha da Pennsylvania. Ele orou: "Senhor, se me livrares, irei. Não creio que o seminário seja muito pior do que isto." Ele orou, e Deus o livrou. Ele agora se dedica totalmente a um ministério de tempo integral.

R. estava numa prisão em Indiana e disse: "Senhor, se me tirares daqui — se me livrares..." E o Senhor o livrou.

B. J. era natural deste município. Ele e sua família foram fazer piquenique próximo do Ribeirão Jessamine, quando não era proibido ir à Caverna Chrisman. Descobriram que não tinham levado nem um pouco de sal. E que graça tem melancia sem sal para algumas pessoas? Ou um melão sem sal?

Por isso disseram: "B. J., suba aquele penhasco, corra até o carro e traga-nos sal para o melão." Estou certo de que sua mãe disse: "Tome cuidado." E com certeza seu pai disse: "Depressa!"

Ele subiu o penhasco passando pela entrada da caverna. Quando chegou lá perto do topo, havia uma enorme rocha achatada. Era tão grande quanto uma sala. Ele escalou a rocha e começou a se arrastar com dificuldade através dela. Ele estava agora no alto, na superfície plana, e no instante em que ele começou a caminhar para o outro lado, aquela gigantesca rocha mudou de posição e começou a deslizar — para trás, em direção à garganta por onde ele tinha subido de quatro. Ele saltou para trás, gritou e olhou para cima. Pôde ver o equivalente a uma carga de caminhão de rochas vindo em sua direção. Ele gritou — e Deus o livrou repelindo a lei da gravidade? Deus ordenou que as rochas retornassem ao lugar de onde tinham saído? Não. Deus havia feito uma preparação para livrá-lo de outra forma. A infiltração de água por entre as rochas amoleceu o solo na borda abaixo dele. Deus não repeliu a lei da gravidade nem mandou aquelas rochas às es-

trelas. Deus o livrou de uma forma mais natural, mais normal.

Aquela enorme rocha achatada continuou vindo. E o prensou precisamente naquela terra amolecida, e ele passou os nove meses seguintes de sua vida no hospital. Mas Deus o livrou. Nunca o vejo caminhando pelas ruas sem me lembrar de que aqui está um que Deus livrou.

Alguns de vocês leram um livro escrito por um advogado de Miami, Florida. Ele foi apanhado traficando cocaína e uma porção de outras coisas. Ele tinha rendimentos anuais acima de seis dígitos. Dando banana para a vida e a sociedade, ele deu as costas para tudo o que era decente. O dinheiro sujo corria, mas as autoridades finalmente o agarraram e o puseram na cadeia por cinqüenta anos. E ele foi libertado? Sim. Em dois anos ele saiu livre, contando às pessoas o que Deus tinha feito por ele — como Deus o libertara.

E vocês já conheceram pessoas que foram libertadas. Alguém está sendo libertado hoje?

Alguns, de sua religiosidade. Alguns, de seu vazio. Alguns, de seu amor pelo dinheiro. Alguns, de suas preocupações com a vida. Alguns, de sua selva de negócios.

Livra-nos. Livrar-nos de todas as coisas? Livrar-nos de todas as coisas imediatamente?

Exemplos da natureza.

Vocês viram alguma vez alguém forçando um casulo a se tornar borboleta, tentando tirá-la para que ela ficasse livre do lento pro-

cesso de formação? E o que acontece? A borboleta não sobrevive.

Você já soube de alguém tentar ajudar um pintainho a nascer sem lutar para se livrar daquele túmulo da casca do ovo? O que acontece? Se ele deve ser chocado e se tornar um frango robusto, tem de lutar por sua libertação. Ele deve lutar sozinho. Precisa lutar conforme o curso da natureza.

Vocês já viram um bebê tentando engatinhar? Vocês não o levantam e dizem: "Oh, vou livrá-lo de tudo isso."

Vocês já viram um bebê aprendendo a andar? Vocês não dizem: "Oh, não tente andar. Espere chegar aos cinco anos de idade e então você poderá correr." Não.

Vocês vêem uma criança tentando amarrar o sapato. Vocês lhe dizem: "Oh, não faça esse sacrifício"? Vocês vêem uma criança tentando andar de bicicleta. Vocês dizem: "Oh, não tente isso. Você vai esfolar o joelho. Espere até ficar maior"?

Já viram alguma vez um estudante de matérias como matemática, hebraico e grego — bem, pelo menos grego — que ora por livramento e deseja um curso fácil — que quer se livrar dos regulamentos, do empenho e da luta? Vocês não fazem borboletas tentando aliviá-las — eximindo-as de toda luta. Vocês não fazem pintainhos quebrando a casca do ovo e deixando-os sair sem nenhuma luta.

Perguntas em lugar de afirmações.

Esta vida é um campo de testes, um campo de experimentação? Precisamos ser salvos

de todas as coisas? De toda sujeira sem varrer? De toda obrigação sem disciplina? De toda dúvida sem duvidar de nossas dúvidas? De todo perigo sem aprendizado? De todo desespero sem observar os fatos da vida? Livres de todos os desapontamentos sem aprender o que é a vida?

Vocês conhecem alguma pessoa que está sendo salva da morte — isto é, por mil anos? De alguma necessidade de disciplina? De esforço? De aprender aquilo em que é preciso perseverar, e o que é preciso largar?

Conclusão tentativa. Resposta à pergunta II.

Vocês conhecem alguma pessoa que esteja sendo livrada hoje? Quanto? De quanta necessidade? Quanta libertação você quer? Quantos fardos vocês carregam? Quanta escravidão? Vocês estão sendo salvos hoje? Muitos estão.

III. Terceira pergunta.

Alguma pessoa foi salva no passado? Poderíamos nos deter nisto por um bom tempo, mas vamos nos apressar sobre isso.

Alusões à história.

A liberdade percorre uma longa história. A Renascença e a Reforma. As revoluções. Colonialismos. Dezenas de nações. Milhares libertos da escravidão social e racial. Os judeus. Corrie ten Boom.

E quanto aos milhões que não foram salvos? Que não escaparam de Hitler.

Exemplos históricos.

Alguns de vocês pensam que maio e junho de 1940 fazem parte da história antiga. Para alguns de nós é história contemporânea. Em Dunquerque, na costa francesa, centenas de milhares de soldados britânicos foram encur-

ralados nas praias, logo ali, do outro lado do canal da Mancha da Grã-Bretanha

Churchill disse que seria um milagre se noventa mil pudessem ser salvos. Daí veio o que se chamou de "Armada Mosquito" — 861 embarcações, de barcos salva-vidas a navios de guerra. 243 foram afundados na ação. Estavam sendo bombardeados dia e noite. Foram noventa mil salvos, ocorrendo assim um milagre? Não. Cem mil, depois duzentos mil, em seguida, trezentos mil e, finalmente, trezentos e trinta e oito mil — salvos. Salvos em Dunkerke.

Se Hitler tivesse tido conhecimento de que, nos vastos recursos da Grã-Bretanha, havia unicamente uma oficina para reparos de eixos ferroviários, ele não teria esperado para invadir o país. Mas os ingleses foram livrados disto.

Quando a Armada Espanhola (em 1588) tinha acabado de reunir a maior frota da história contra a Inglaterra, uma tempestade a destruiu no Mar do Norte. Salvos.

Sim, podemos olhar a história. Cativeiro e escravidão continuam existindo para algumas pessoas hoje. Sim.

Há cento e vinte e cinco anos, um "trem subterrâneo" [caminhos ocultos] foi providenciado para salvar pessoas. Negros do sul foram transferidos para o Canadá e para a liberdade. As estatísticas sulistas indicam que cem mil pessoas foram libertadas, que valiam uma soma de trinta milhões de dólares como es-

cravos. Os números do norte foram mais modestos. Disseram que talvez quinhentos por ano foram libertados. O censo dos Estados Unidos naqueles dias mostra que cerca de quinhentos por ano foram libertados, mas havia acima de mil e quinhentos agentes na "ferrovia subterrânea" — somente em Ohio — todos dedicados à libertação de pessoas.

A história caminha por um longo trilho. Uma longa estrada cheia de pessoas libertadas de uma forma ou de outra.

Libertadas do trabalho imposto a crianças e das oficinas insalubres em troca de salários miseráveis. Da pobreza. Do sistema de castas. Em alguns lugares de Kentucky, o arrendamento de fazendas não está longe de um sistema de castas. O salário mínimo — vocês conhecem algum homem que tenha condições de sustentar sua família com um salário mínimo?

Olhamos a Revolução Americana [pró-independência] e dizemos que ótimo. Formou-se a nação americana livre. Mas, toda outra revolução é má.

A Igreja nem sempre tem estado no meio das marchas por liberdades. Mas Jesus, no seu tempo, estava sempre no meio delas.

Libertando a liberdade — libertando pessoas — libertando os que estão escravizados. "Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade." Vocês encontram esta ênfase tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Apelo à imaginação.

Façam uma viagem num jato através da história e o que vêem? Quando olham o passado, vêem alguma pessoa sendo libertada? Que tipo de libertação? De todas as doenças? Ah, nós nos alegramos quando ouvimos falar de milagres contra câncer atualmente. Gostaríamos que houvesse mais um milhão deles, mas será que todas as pessoas estão livres de todas as doenças? De todas essas doenças?

Não, existe uma quantia incógnita aqui quando a Bíblia diz: "De acordo com sua fé lhe seja feito." Mas vivemos num mundo mortal e poluído.

Alguém livrado da morte? Certamente. Mas, ao homem está destinado morrer uma vez, diz a Escritura.

É tão fácil procurarmos exceções! Mas, o índice de mortalidade daqueles que curam pela fé é de cem por cento. O índice de mortalidade dos cristãos é de um por para um. Ninguém nestes dias escapa acima, no máximo, de cento e dez anos.

Incluindo gente famosa, mulheres como Aimée Semple McPherson a Kathryn Kuhlman, somos mortais. Não estou com sátira. Quando oramos por livramento, precisamos reconhecer algumas limitações. Estamos num mundo mortal e maculado.

Mais perguntas, em vez de afirmações.

Estamos livres de todo desânimo? De toda aflição? De toda escuridão, de sorte que nenhuma sombra, nenhuma chuva cai sobre nossa vida? De todo desejo, de forma que atingimos o nirvana instantaneamente? Nenhum

desejo? Nenhuma disciplina? Nenhuma dúvida — livres de todas as dúvidas? Como vocês vão aprender a duvidar de suas dúvidas? De todo desenvolvimento?

Uma das condições em relação à Terra Prometida era que a conquista deveria ser gradual, a fim de que ela não fosse assolada por obstáculos e barreiras e inimigos. Assim é também com o caráter.

Deus forma o caráter instantaneamente? Ele livra instantaneamente em alguns casos, mas será que nos livra de todas as exigências? De todos os desapontamentos? De toda opressão e oposição?

Algumas pessoas lhe dão a impressão de que o demo vai estar no seu time. Não. Ele é um constante opositor. Mas nós temos a vitória, porque Deus nos livra. Temos a vitória por meio de Jesus Cristo nosso Senhor.

Alguns querem dar mais destaque aos demônios do que a própria Bíblia dá, mas o Senhor nos prometeu um meio de escape. Ele traz vitória para que possamos ser mais do que vencedores.

Como Deus tem libertado? Como vem libertando no passado? De temores? De cuidados? De angústias? Fisicamente? Espiritualmente. Do cativeiro e da servidão? Social e financeiramente? Da submissão política e eclesiástica? Da desgraça moral?

Em circunstâncias diversas com métodos diversos. A Bíblia é um registro de libertações pessoais.

Referências bíblicas múltiplas como exemplos.

João foi aprisionado na ilha de Patmos, exilado, mas ele era um espírito livre. Ele estava sob a ação do Espírito no dia do Senhor. Pedro estava preso, mas foi libertado por um anjo. Paulo e Silas foram libertados por meio de um tremor de terra. Lázaro, na morte, foi libertado por uma palavra de Jesus. O homem paralítico e seus quatro amigos — Jesus viu sua fé e libertou o homem.

De doenças e incômodos de todas as espécies — "sereis libertados", disse Jesus, "pela vossa fé." O cego Bartimeu por um grito. Da escravidão egípcia, diz a Bíblia, "o Senhor ouviu o vosso clamor." E o Senhor os conduziu para fora por meio de uma coluna — uma nuvem de dia e um fogo à noite. Os três jovens hebreus foram libertados da fornalha de fogo por um quarto homem. Daniel na cova dos leões — como foi libertado? O rei orou por ele e jejuou toda a noite.

No cativeiro babilônio o povo hebreu pendurou suas guitarras; mas, apesar de seu desânimo, Deus os livrou. Ezequias foi libertado com emplastros de pasta de figos — por mais quinze anos ele foi libertado. Naamã foi libertado por meio de sete mergulhos no rio Jordão. Jonas foi libertado por um grande peixe que Deus providenciara. Deus também providenciou uma planta, um vento oriental e um verme. Jonas foi libertado.

No tempo de Ester, toda a nação foi libertada por uma mulher sábia. Vocês se lembram dos dias de Eliseu, quando Senaqueribe

e as hostes assírias chegaram e o povo foi libertado por um anjo. E cento e oitenta e cinco mil cadáveres se espalhavam pelo chão na manhã seguinte. E lembrem-se também da fome, quando os quatro leprosos saíram. O inimigo ouviu um ruído e fugiu deixando vasos, panelas e alimentos por todo o caminho até o Rio Jordão e além. O povo de Deus foi salvo.

Vocês se lembram do episódio em que Eliseu foi cercado? O criado Geazi disse: "Estamos cercados, que faremos?". O profeta orou: "Senhor, peço-te que lhe abras os olhos." E ele viu a montanha cheia de carruagens.

Lembrem-se do tempo dos juízes. Homens comuns se tornaram homens extraordinários, porque o Espírito de Deus veio sobre eles, e foram libertados.

Resposta à pergunta III.

Noé, salvo por meio de um barco construído com suas próprias mãos. Sim, Deus livrou no passado de muitas maneiras.

Por meio da Oração do Senhor? Sim. Pela mudança dos acontecimentos? Por discernimento? Por descoberta? Por nossa decisão de não desapontar aqueles que confiam em nós? Sim. Pelo trabalho? E pela adoração? Pelo trabalho de Deus.

A experiência passada e presente diz: "Há libertação." Cristo é a resposta. Ele é a promessa e a segurança completas. Ele nos ensinou a orar: "Livra-nos."

"Livra-nos." E quais são os princípios? Talvez devamos ter toda uma série de sermões sobre os princípios do livramento.

Há responsabilidade. Vocês não podem suprimi-la dizendo: "O Diabo me fez praticar isso."

Afirmativas, conclusões tentativas baseadas na evidência que acabamos de ver

Há realidade. Deus nem sempre faz o espetacular. Deus nem sempre é imediato. Deus nem sempre faz tudo completo. Deus nem sempre trabalha permanentemente. Vocês e eu vivemos num mundo mortal. E Deus nos deu a razão. Ele nos deu nossas cabeças. Ele também nos deu os meios de graça. Ele diz: "Resisti ao Diabo e ele fugirá de vós." Ele nos deu a oração. Ele nos deu confiança e fé. Ele nos deu Romanos 8.28 e diz: "Em todas as coisas Deus trabalha."

O livramento pertence ao Senhor. Ele é capaz de livrar vocês.

Mas, a maior de todas as perguntas não é: "Há alguma necessidade?" A maior de todas as perguntas não é: "Há livramento hoje?" ou "Houve livramentos no passado?"

IV. Quarta pergunta.

A maior das perguntas é: "Alguém deseja ser libertado, ser salvo agora?"

A insistência de Deus está sempre no livramento. Deus quer um povo livre. Deixa ir o meu povo, é o refrão de Deus.

Deus deseja responder a esta oração? Deseja Ele confirmar esta Oração do Senhor, que Jesus nos ensinou, para livrar-nos do mal? Solte-o e deixe-o ir! Ele está dizendo o que Jesus disse quando tomou a menina pela mão e levantou-a. Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te dará luz, e vida, e liberdade.

Deus está no trabalho de livramento. Ele enviou Emanuel para nos livrar. Deus conosco para nos livrar.

Aqui está a conclusão básica do sermão, firmada na evidência anterior.

Jesus afirma em Lucas 4 que sua grande tarefa é libertar os cativos. Este é o desejo e o modelo de Deus na vida de vocês e na minha. Livra-nos.

Qual é a conclusão? Temos uma necessidade universal de orar "Livra-nos."

Agora vêm a aplicação e a implicação. Daqui até o final, o sermão é mais dedutivo.

Dentro de um momento, gostaria de fazer a todos vocês uma pergunta. Quantos de vocês podem levantar a mão e dizer: "Fui libertado"? Observemos as mãos daqueles que podem dizer: "De uma forma ou de outra fui libertado." Notem aquelas mãos. É claro que Deus liberta.

Alguns pensam em ser libertados pelo novo nascimento. Alguns, pelos meios da graça. Alguns, pelo Espírito Santo em ocasiões de reconsagração.

Agora, gostaria de fazer-lhes uma pergunta ainda mais importante. Alguns de vocês foram libertados mais de uma vez — de modo espetacular — e Deus ainda está na operação de livrá-los.

Afirmações provadas anteriormente são reenfatizadas.

Centenas de vocês erguem suas mãos para dizer que Deus livra. Ele livra vocês. Suas vidas dão testemunho disso. Vocês foram libertados. Mas, alguém deseja ser libertado agora?

Toda espécie de servidão. Toda espécie de necessidade. A história mostra um longo registro de livramentos. Deus é capaz de livrar.

Esta á a ênfase em ambos os Testamentos. Parafraseado, o Salmo 34 diz: "Busquei o Senhor, e ele respondeu-me e livrou-me de todos os meus receios. Este pobre homem gritou, e o Senhor ouviu e o livrou de todos os seus aborrecimentos. O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra. Quando os justos clamam por socorro, o Senhor ouve e livra-os de todos os seus aborrecimentos. O Senhor está perto dos quebrantados de coração e salva os abatidos de espírito. Muitas são as aflições dos justos, mas o Senhor os livra de todas. Sim, o livramento pertence ao Senhor."

Mais afirmações baseadas na evidência anterior.

O Senhor é capaz de resolver suas circunstâncias. Deus é capaz de resolver sua vida. Deus é capaz de resolver sua necessidade. Deus é capaz de envolvê-lo, completá-lo e livrá-lo. Por baixo estão os braços eternos. O livramento pertence ao Senhor.

Todo o que invocar o nome do Senhor será salvo — será libertado. Aquele que o Filho libertar será verdadeiramente livre. Onde está o Espírito do Senhor, há liberdade.

Na Bíblia, quatrocentas vezes ou mais há livramento. Na vida, um milhão de vezes há livramento. Deus livra.

Paulo pergunta em Romanos, capítulo sete, quando fala acerca do conflito interior da carnalidade e da angústia de espírito: "Quem nos livrará deste corpo de morte?" Em seguida, ele volta com a resposta: "Graças a Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo." Este é

o modelo de vida de Deus para nos livrar — para livrar vocês e para me livrar.

Ele livra hoje. Do mal. Ele livra amanhã da mortalidade.

Durante o hino de encerramento, haverá oportunidade de vir e orar aqui diante do altar, se vocês sentem a necessidade do livramento de Deus hoje.

Livra-nos...

Livra-nos do mal. Porque teu é o reino. E o poder. O poder de livrar. E tua é a glória para sempre. Amém.

Resumindo: O esboço básico de quatro perguntas, 138 perguntas no texto, os muitos exemplos bíblicos, bem como os relacionados com a vida, conduzem indutivamente através do sermão. Sentenças francas e diretas contêm em média oito a dez palavras cada.

(Hino de Encerramento)

Vem, ó Todo-Poderoso, libertar,
Permite que todos recebamos tua vida;
Retornemos de repente e nunca
Nunca mais deixemos os teus templos.

Termina, então, tua nova criação;
Faze-nos puros e imaculados.
Permite que vejamos tua grande salvação
Perfeitamente restaurada em ti.

—Charles Wesley

2. Jesus Chora Através de Nós?

O seguinte sermão indutivo é uma versão levemente adaptada de uma mensagem pregada pelo autor numa sessão regular na capela do

---

[N.T. Há uma tradução livre em português que se pode cantar, de J. Costa, hino 69 em *Seja Louvado*, St. Paul's United Presbyterian Church, 1972: "Vem Jesus tão esperado / Nossas almas libertar/ ... "]

Seminário Teológico de Asbury, Wilmore, Kentucky. Ele foi selecionado para ser incluído aqui por se tratar de um exemplo claro de sermão de estrutura indutiva-complexa. Não apenas todo o esboço é indutivo, mas cada um de seus segmentos principais se desenvolve por meios indutivos adicionais. Utilizando a analogia estrutural empregada nos capítulos sete a nove, este sermão contém remoinhos dentro do remoinho.

Abaixo está o texto do sermão com suas anotações à margem indicando os elementos indutivos. O esboço e os esquemas gráficos ajudam o leitor a compreender a indução conforme usada neste sermão.

Esboço: Jesus Chora Através de Nós?

Pergunta-chave: Como pode nosso mundo ver um retrato nítido de Jesus como Filho de Deus e Filho do Homem?

I. Olhemos para nosso mundo.

Enumeração de fatos, números, citações, histórias relacionadas à vida e alusões à experiência comum.

Conclusão tentativa: Nosso mundo em mutação está cheio de pessoas solitárias e aflitas.

II. Olhemos para nosso Senhor em nosso mundo.

Introdução, perguntas múltiplas, depois um formato básico indutivo pergunta-resposta em toda esta seção.

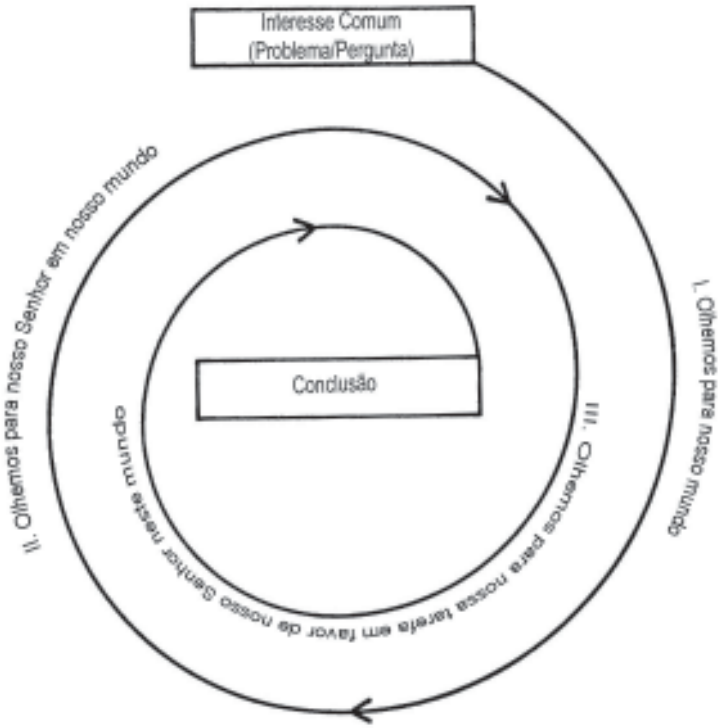
Conclusão tentativa: Nosso Senhor amou em palavra, em atitude, em atos.

III. Olhemos para nossa tarefa pelo nosso Senhor neste mundo.

Histórias, analogias, perguntas, em seguida respostas.

Conclusão: Exposta a tese do sermão. Declarada a afirmação básica.

Feitas as implicações e aplicações. Desafio lançado. Fim do sermão.



Jesus Chora Através de Nós?

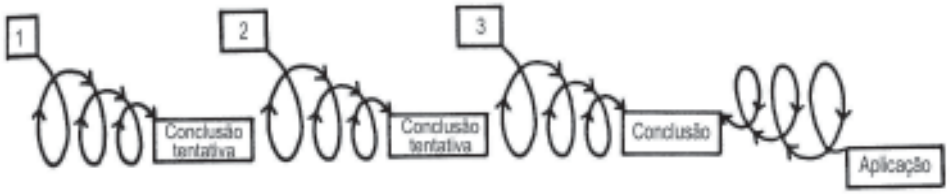
O esboço de três posições, três etapas, pode facilmente se enquadrar no modelo de um tipo de sermão indutivo-exploratório; o pastor conduz seus ouvintes, enquanto estes caminham em torno do problema/pergunta exposto logo de início. Até a escolha das palavras no esboço básico sugere exploração: Olhemos; olhemos; olhemos. Após examinar o mundo, o Senhor no mundo, e nossa tarefa pelo Senhor no mundo, a resposta é descoberta.

Mas cada uma das três posições é indutiva em si mesma. A parte I segue o modelo de enumeração do remoinho indutivo — arranjo de fatos, números e exemplos, um após o outro, até que é pintado o quadro do que é o mundo.

A parte II começa com alguns comentários introdutórios, relaciona uma série de perguntas, depois segue um formato indutivo de pergunta-resposta, até que apresenta um quadro de Cristo no mundo.

A parte III inicia com uma pergunta, apresenta uma história que serve como analogia e, assim, conduz à resposta e à conclusão básica de todo o sermão.

Além do esquema de um só remoinho acima, este sermão pode também ser esquematizado como segue:



Jesus Chora Através de Nós?

Brevíssima introdução propõe a pergunta/ problema a ser explorada.

Nos círculos teológicos conservadores, temos realçado Jesus, o Filho de Deus; mas será que não temos negligenciado Jesus, o Filho do Homem? Como pode nosso mundo ver um retrato mais nítido de Jesus, como Filho de Deus e Filho do Homem?

I. Fase Um da exploração começa aqui.

Olhemos para nosso mundo.

Propaganda/ relacionada à vida.

Como jovens podemos gritar: "Viva! Somos da geração Pepsi!" Mas, a vida em nosso mundo não é mais do que uma grande efervescência? — não é mais do que bolhas carbonatadas?

Esta é a era do espaço.

Fato pitoresco/ humor.

Uma senhora de oitenta anos escreveu uma carta ao pioneiro do espaço, Dr. Wern-

her von Braun: "Por que devemos ir à lua?", perguntou ela. "Por que não ficamos na terra e vemos televisão, como o bom Deus planejou?"

Nosso mundo está mudando. Um aparelho eletrônico, quase desconhecido há quarenta anos, é hoje aceito como parte da criação original.

Este é o nosso mundo:

5.000 anos do barco a vela ao barco a vapor.

100 anos do barco a vapor ao avião.

40 anos da era aérea a era atômica.

12 anos da era atômica a era espacial.

Agora a era do computador se desenvolve simultaneamente com a era espacial.

Fatos se desenvolvendo para levar ao ponto.

Desde 1960, de acordo com o Centro de Computação Espacial, no Alabama, temos dobrado nosso fundo de fatos a cada dois anos. Agora, a cada seis meses compilamos tantas informações novas quanto o mundo inteiro possuía antes.

O uso de "nós" e "nosso" ajuda a estabelecer um ambiente participativo, prepara o palco para o sermão como uma busca em conjunto.

Do tempo de Cristo até 1760, o conhecimento universal dobrou. De 1760 a 1880, dobrou novamente. Em 1914, dobrou pela terceira vez. Agora a massa do conhecimento humano dobra duas vezes por ano. Pense nisso.

Hoje, o microcosmo e o macrocosmo são fronteiras gêmeas para a exploração. Nosso mundo está ficando menor e maior ao mesmo tempo.

Nosso mundo é um mundo de mudança diária. Mudança finita. Mudança cósmica.

Histórias e fatos nos trouxeram até aqui.

Que outras características vemos em nosso mundo da era espacial e do computador?

Vemos o otimismo diminuindo, o pessimismo crescendo. Vemos uma quase obsessiva busca de sucesso, prazer, poder, satisfação e segurança. (Dizem alguns que, ao entrarmos nos anos oitenta, já nos tornamos presas de uma psicose da segurança.) Talvez possamos ver melhor nosso mundo por meio de alguns breves exemplos:

Algumas asserções aqui. Mas afirmações que são aceitáveis e agradáveis aos ouvintes.

Ah, olhemos as pessoas! as pessoas! as pessoas!

Exemplos relacionados com a vida.

Venham comigo à sala de um lar americano médio. Marido e mulher se olham, em seguida ela exclama impensadamente: "Seria um inferno continuar vivendo assim."

Em outra sala de estar, a jovem esposa diz: "Tenho uma família maravilhosa, um ótimo marido com um bom emprego, dois filhos excelentes, casa paga — se ao menos a vida tivesse algum sentido!"

Vamos a um hospital — uma enfermaria de pediatria. Você entra. Um pequenino abraça suas pernas com seus bracinhos carnudos e suplica: "Nana eu? Nana eu? Você levanta o pequenino e começa a niná-lo, enquanto ele o abraça e se aconchega mais junto a você. O médico entra e diz: "Não entendemos esta criança. Nós a radiografamos de todos os lados e não encontramos nada — ela é tão insegura e solitária". Nana eu?

O uso de "você" aumenta o envolvimento do ouvinte e põe sua imaginação a trabalhar.

O uso constante de "vamos" convida ao envolvimento.

Vamos a uma casa de repouso, onde os idosos e os destituídos agarram sua mão, batendo nela suavemente com seus dedos ossudos. "Ninguém se importa mais", dizem.

Vamos aos leitos dos enfermos. Um paciente com câncer olha para o seu rosto e pergunta: "O quanto a gente tem de estar doente para morrer?"

Vamos ao coquetel, onde todos falam e ninguém ouve. Vamos aos bares, onde homens solitários sentam-se e choram em cima de sua cerveja.

Vamos às prisões da cidade e do estado, onde já vi poças de lágrimas vertidas sobre o frio piso de concreto, quando os homens falam do lar, família, negócio, ontem, solidão e pecado.

Vamos aos acampamentos de andarilhos junto à linha do trem — vemos esses homens sem lar acotovelando-se em torno de uma fogueira. Eles colocam combustível sólido numa meia velha e espremem o álcool para beber. Já tive chance de observar isso dentro dos limites de uma cidade que é um dos centros culturais do mundo.

Viciados em drogas, alcoólatras mentalmente perturbados, pessoas debilitadas, tipos abobados, pessoas rejeitadas. Todos nós os temos visto.

Vamos às calçadas das grandes cidades — todo o mundo olhando, ninguém vendo. Que corrida louca quando os homens procuram o arco-íris. As multidões procuram

no mar de rostos um só olhar amistoso — mas ninguém vê. Ninguém se importa. Viramos a esquina e eis aqui a sub-sociedade. Estes homens foram professores, advogados, homens de negócio e executivos — pais, maridos, irmãos, filhos de famílias respeitáveis. Em volta do quarteirão estão as mariposas — rostos bonitos, enganosos, vazios, carentes, olhos impiedosos, personalidade e identidade perdidas. Vamos às clínicas de aborto com seus sacos plásticos cheios de bebês indesejados. Vamos a alguns municípios de nosso país, onde mais da metade dos nascimentos ocorrem fora do casamento.

Referência à experiência comum.

Vamos aos nossos grandes estádios e enormes arenas de esportes em qualquer fim de semana, onde os homens se aglomeram à procura de emoções. Eles se sentam como o povo diante da cruz de Jesus — "e, assentados ali, o guardavam". Quando a excitação termina, eles se lançam através dos portões para comer e beber. Horas mais tarde devem voltar para a casa, que se acostumaram a chamar de "lar".

Vamos a milhões de quartos de dormir nos Estados Unidos e em todo o mundo, onde a cada manhã as primeiras palavras são: "Bom-dia, alma dorida, cá estamos novamente."

Vamos ao nosso próprio município, há só poucos dias, a um casebre de favela que fica a 60 metros de um centro médico. Vejam as gar-

rafas vazias, os trapos, as crianças famintas e um bebê com sete vermes em seu umbigo!

Experiências locais.

Vamos ao nosso próprio município numa tarde de verão, logo após uma cerimônia de formatura do ensino médio, quatro meses atrás. Olhemos para um jovem gênio, um dos primeiros da classe, mas solitário e de um lar desfeito — nenhuma segurança, nenhum sentimento de valor próprio, nenhum sentido de propósito — um rapaz desesperadamente solitário, sem ninguém que o ame, ninguém que se importe com ele. Com receio de perder a namorada para seu melhor amigo, puxa o gatilho e se mata para acabar com sua solidão adolescente. Que tragédia!

Vamos aos orfanatos, lares nos estados e nos municípios para menores. Vejamos as crianças não desejadas, sentadas, esperando, para serem novamente rejeitadas.

Será que vocês conseguem ver e ouvir o turbilhão de pessoas — velhos, homens e mulheres de meia-idade, jovens pais, jovens colegiais, adolescentes, meninos e meninas? Isso não é nada para todos vocês que passam? Alguém se importa? "Olhei e nenhum homem se importou com minha alma!"

A enumeração na Fase 1 conduziu a esta conclusão: nosso mundo em mutação está cheio de pessoas solitárias e doridas.

Veja a multidão solitária.

Nosso mundo mudou. Mas, mudou mesmo?

Os Flintstones numa caverna, os Smiths num subúrbio, o cavaleiro de Hollywood na lua. Estamos todos solitários.

Microcosmo. Macrocosmo. Algumas vezes, o espaço "aqui", no coração, parece tão vasto quanto o espaço "lá", nos céus. Parece que quanto mais alta tecnologia conseguimos, mais o toque do alto carecemos.

II. Fase 2: tem início a sondagem.

Será que a Bíblia fala desta constante necessidade humana — desta solidão? Será que as Escrituras falam uma língua universal para as pessoas solitárias, sofredoras, pecaminosas?

Para responder a isto, olhemos para Jesus em nosso mundo.

Interesse comum com este auditório.

Aqui no seminário começamos com Jesus, o Filho de Deus — e é o que devemos fazer. Ele é o Filho de Deus — precisamos ensinar isto — precisamos pregar isto. Ele é o Filho de Deus! Todos nós cremos nisto.

Estas asserções são aceitas por este auditório.

Mas isto é apenas metade da verdade. Jesus é também o Filho do Homem. Mais de oitenta vezes nos registros do evangelho ele é chamado Filho do Homem. Este é o nome de sua predileção para falar sobre si mesmo — Filho do Homem.

Pelo fato de alguns terem superenfatizado sua humanidade, nossa tendência é oscilar para o outro extremo. Realçamos sua deidade como Filho de Deus. Somos inclinados a negligenciar sua humanidade como Filho do Homem.

Alguns manuscritos antigos foram escritos com tinta prateada sobre pergaminho de cor violeta. Quando o escriba chegava ao nome de Jesus, usava tinta dourada. Mas ele é

Filho de Deus e igualmente ele é Filho do Homem. Ele é tanto humano quanto divino.

Podemos tê-lo aceitado como Filho de Deus — nosso Salvador. Podemos tê-lo recusado como Filho do Homem — nosso exemplo.

Nosso propósito hoje não é examinar ou endossar quaisquer escolas ou visões da kenosis, o esvaziamento divino do Filho de Deus, o qual se tornou o Filho do Homem. Nosso propósito é olhar para Jesus — ver Jesus como nosso exemplo — o Filho do Homem.

Uso de perguntas.

Ele é mesmo nosso modelo de autodoação em compaixão cristã? Não é ele nosso exemplo de sensibilidade para com o pecado e o sofrimento? É ele nosso exemplo no servir de forma física e pessoal? Não é ele nosso exemplo em salvar indivíduos e vidas, assim como almas? É ele Filho do Homem quando mostra que sua humanidade é tanto real como ideal? Ele é a deidade que se inclina — ele é a humanidade na ponta dos pés. Acima de tudo mais, ele é sensível — ele é sensível como um nervo vivo exposto.

Nosso Senhor é o Filho do Homem e ama as pessoas. Ele é a compaixão cristã em pessoa. Conhecendo, sentindo, agindo — ele é o amor cristão.

O amor para ele não é mera teoria. O amor não é uma expressão bonita.

Formato indutivo pergunta/resposta.

Podemos ver o amor de nosso Senhor em suas palavras? Nunca um homem falou como Ele — suave, confortante, pessoal. Ouçamo-lo:

"Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos." "Eu vos darei descanso." "Nem eu te condeno — vai e não peques mais." "Não temas, pequeno rebanho, pois a meu Pai agradou dar-vos o Reino." "Não se turbe o vosso coração." "Vou preparar um lugar para vós, para que, onde eu estiver, estejais vós também." "Eu sou a ressurreição e a vida." "Eu sou o Bom Pastor; o Bom Pastor dá sua vida pelas ovelhas." "Eu sou a Porta, eu sou a Videira, eu sou o Pão, eu sou a Água da Vida." "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida." "Tenho orado por vós." "Eu vos tenho amado."

A Bíblia é usada aqui, não como afirmação, mas como evidência.

Ele fala a linguagem do coração humano. Ele mostra amor em suas palavras.

Podemos ver seu amor em suas atitudes? Ele perdoa os pecadores. Ele tem compaixão das multidões famintas. Ele acolhe os pequeninos. Ele é gentil com mulheres, meninos e meninas. Ele aceita os rejeitados. Ele busca os samaritanos segregados e permanece em sua aldeia. Ele os faz heróis de suas histórias. Ele é bondoso, generoso, solícito. Ele honra e respeita o indivíduo. Ele defende a causa dos oprimidos. Ele é paciente com seus discípulos. Ele é amigo dos publicanos e pecadores. Mesmo suas repreensões brotam de seu profundo amor.

Pergunta/resposta.

Podemos ver seu amor em suas ações? Amar em palavra e em atitude não é suficiente para o Filho do Homem. Ele diz: "Nem todo o que me diz Senhor, Senhor, entrará — mas aquele que faz!" O amor deve entrar em nossa

Pergunta/resposta.

ação —foi assim com nosso Senhor. O texto de seu primeiro sermão foi o de Isaías:

"O Espírito do Senhor ungiu-me para fazer seis coisas: Pregar aos pobres; curar os desolados; pregar liberdade aos cativos; restaurar a vista aos cegos; libertar os magoados; anunciar o ano aceitável do Senhor."

Mas, nosso Senhor não fez mais do que pregar? Ele se tornou pobre. Ele morreu de coração partido — seu grão de trigo tinha caído ao solo para morrer muito antes dele chegar ao Calvário! Ele libertou cativos. Deu vista aos cegos. Pôs em liberdade os machucados, os quebrados e os que sangravam.

Nosso Senhor "andou por toda parte fazendo o bem". Prestemos atenção a esta sentença: "Ele andou fazendo bem." "Ele" — foi servir diretamente. "Ele andou" — Ele criou a oportunidade; ele procurou um lugar para servir. Multidões vieram ao compassivo Filho do Homem. Ele não estava satisfeito — "Ele foi por toda a Galiléia, curando a todos". "Ele andou" — vejam aqui o esforço pessoal, o empenho. Isto não é um transbordar de sentimentalismo passivo, indolente; não é meramente desejar o bem.

Não! John Henry Newman não podia estar falando do Filho do Homem quando escreveu: "Mas aquele que deixa seu sentimento correr/Em suave corrente voluptuosa/ Encolhe-se onde há serviço pesado a fazer/E desfalece a cada infortúnio."

Não! Nosso Senhor é o Filho do Homem que mostra seu amor em suas ações:

Vocês o vêem? Ele chora diante do túmulo de Lázaro. Ele chora sobre a cidade de Jerusalém. Ele come com publicanos e pecadores. Ele alimenta as multidões famintas. Ele toca os leprosos — os intocáveis! Ele toca os olhos pustulentos dos cegos. Ele levanta os mortos.

Surdos ouvem, mudos falam, aleijados saltam, coxos correm, cegos vêem, sedentos bebem, famintos comem. Seu amor entra em suas ações.

Ele viveu e morreu com amor — sua vida foi uma torrente constante de amor. Nosso Senhor em nosso mundo era amoroso e compassivo.

Conclusão tentativa. Resumo da evidência examinada na Fase 2.

Os leprosos solitários e cegos pedintes correram para casa chorando de assombro por causa de sua doce compaixão: "Ele me tocou!" "Ele me tocou!" "Ele me tocou." "Ele me ama." "Ele me ama." "Ele me ama."

Nosso Senhor amou em palavra, em atitude, em ação.

Temos visto nosso mundo, e nosso Senhor em nosso mundo.

III. Começa a fase três.

Agora, em terceiro lugar e, finalmente, lancemos um olhar à nossa tarefa pelo Senhor em nosso mundo.

Qual é nossa tarefa?

Pergunta/não afirmação.

A história serve como analogia.

Há uma história sobre os tempos iniciais da radiofonia. Um rei envia uma importante

mensagem para o mundo em cadeia internacional. Um fio elétrico começa a soltar fumaça, começa a queimar e, em seguida, se inflama. O engenheiro da rádio não tem um fio de reserva, por isso segura as pontas nuas do fio conector de ambos os lados do circuito. O impulso e a vibração da corrente flui através de seu próprio corpo. E a mensagem do rei chega a todo o mundo.

Aquele homem tornou-se um canal para a mensagem de seu rei.

Qual é nossa tarefa?

Pergunta.

Jesus chorou!

Ele era o Filho do Homem. Ele é o mesmo — ontem, hoje e para sempre. Mas, como Jesus chora hoje? Ele precisa chorar através de nossos olhos.

Portanto, esta é a nossa tarefa. Nós também devemos ser canais. Sacrifícios vivos, através dos quais o amor compassivo de nosso Rei possa fluir.

Comparação/ analogia.

De forma prática, pessoal, não-teológica, Cristo deve tornar-se carne em nós.

Dita de modo simples, a tese de hoje é esta: Se nosso mundo precisa ver um nítido retrato de nosso Senhor, cristãos cheios do Espírito precisam dedicar suas personalidades para que sejam canais para as lágrimas de Cristo, sua compaixão e amor pelos homens.

Conclusão básica: A afirmação primária do sermão é alcançada.

Isto não é fácil! É muito mais fácil submeter nossa alma a Deus — mas o mundo vê personalidade. Os homens vêem nosso espírito, nossa atitude. Eles vêem nossa compaixão.

São expostas as implicações e aplicações relacionadas com a vida.

A partir deste ponto, o sermão se movimenta dedutivamente em direção à pergunta desafiadora no final.

Eles sentem nossa preocupação. Eles sentem nosso calor humano, nossa amizade, nosso interesse pessoal, nosso amor cristão. É muito mais fácil chamá-lo de Senhor e refugiar-se em clichês e na teologia (por boa e importante que seja a teologia).

É mais fácil esconder-se numa experiência religiosa do passado. E algumas vezes somos tão polêmicos, tão defensivos, que nunca nos tornamos pessoais e amistosos com os outros. Ou nem mesmo procuramos saber seus nomes e nos fazer conhecidos.

Jim Vaus diz: "Muitas vezes queremos pregar, mas não queremos nos envolver." E continua: "Quando amamos realmente, nossa mensagem é ouvida — mesmo nas ruas da cidade de Nova York!"

Se pretendemos ser seguidores de Jesus o Filho do Homem, chegaremos a uma bem mais alta dedicação de nossa individualidade, ativando nosso jeito para amizades, nosso interesse humano, nossa bondade, nossa simpatia, nossa empatia como cristãos com coração de pastor.

Cabe-nos oferecer nossos corpos, nossos espíritos, nosso todo — como sacrifício vivo de amor a cada dia — uma oferta de amor a Deus, um sacrifício humano às pessoas — um canal do amor de Deus aos homens ao nosso redor. Isto não é fácil. Para muitos, esta é a parte mais difícil da vida cristã. Alguns têm tomado Jesus como Salvador de suas almas, mas nunca o tomaram como exemplo de suas vidas. Alguns parecem ter rendido suas almas a Deus numa

crise emocional de santificação, mas nunca lhe consagraram suas individualidades mais tarde num processo de santificação.

Num certo sentido, precisa haver encarnação em cada um de nós. O mundo precisa ver Jesus e seu amor em nós. Deus deseja amar o mundo por nosso intermédio. Ele deseja "derramar seu amor prodigamente em nossos corações por meio do Espírito Santo que nos é dado." Mas, necessitamos mais do que amor pelas almas — precisamos amar as pessoas. Podemos falar de amor pelas almas e ser indiferentes aos indivíduos. Podemos louvar com nossa boca e honrar com nossos lábios, mas ter ainda um coração muito distante.

Qual é nossa tarefa?

Vocês ouviram falar do homem que amava profundamente a raça humana — mas desprezava as pessoas!

"Jesus chorou. Então disseram os judeus: Vede quanto o amava!" (Jo 11.35,36).

O homem moderno é solitário. Hoje, os homens anelam pelo toque humano de compaixão cristã... pelo interesse humano. Eles anseiam por encontrar alguém que os ame; alguém que se importe com eles.

Será que vocês conseguem ver as pessoas, como o hindu batendo em sua caminhada pela vida — batendo nas árvores e rochas, procurando Deus? "Você está aí? Você está aí?" Vejam os índios sul-americanos gritando nas cavernas e passagens estreitas das montanhas: "Você está aí? Deus, você está aí?"

Vocês conseguem ver os homens de nossa geração examinando a face de todo homem

que encontram? "Você se interessa? Você se importa comigo? Tenho algum valor? Estou sendo lembrado? Você me ama realmente?" O mundo busca a face, as palavras, as atitudes, as ações de cada cristão — pleiteando, anelando, perguntando: "Você está procurando por mim? Ou você está apenas procurando por almas? Você está tentando salvar sua alma e firmar sua reputação de evangelista em cima de mim — ou: Estou incluído? Você me ama? Ou você somente ama a minha alma?"

Qual é sua tarefa? "Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo." "Esta é a fé que opera pelo amor."

Esta é a nossa tarefa!

"Jesus chorou. Então disseram os judeus: Vede quanto o amava!" Atualmente também as pessoas solitárias de nosso mundo estão diante de túmulos recém-abertos. Eles têm os corações feridos, as esperanças destruídas, as vidas vazias, os sonhos não realizados. Vejam seus lares destroçados, planos frustrados, relacionamentos confusos. Eles têm apetites pervertidos, anseios íntimos, pecados servis.

O que acontece? Sentem eles nossa compaixão? Vêem eles nossas lágrimas? Dizem eles de nós: "Veja como ele amou?" Jesus chorou. Ele era o Filho do Homem. E os judeus disseram: "Vede quanto o amava." Amigo, Jesus chora através de você hoje?

Apêndice 2

Lista de Verificação de Características Indutivas

Como você verifica se um sermão que está preparando ou um sermão que está ouvindo é indutivo? Aqui está uma lista das características a serem encontradas nos sermões indutivos.

Aceita os ouvintes com respeito, "como são" e onde estão; a aceitação difere da aprovação.

Acentua a experiência humana e o aprendizado pela experiência.

Adapta-se, ajusta-se às necessidades e à fé limitada dos ouvintes, e não ao status do pregador.

Afirmações são postergadas até que um ponto vital e interessante leve a uma conclusão convincente.

Analogia criada por meio de parábola, experiência, exemplos humanos e figuras de retórica.

Após alcançar a concordância e a conclusão em conjunto com o auditório, o sermão pode incitar à ação.

Assume uma postura positiva de compartilhamento — não uma posição defensiva negativa.

Atitude e posição abertas levam os ouvintes a considerar opções.

Auditório analisado para determinar suas hostilidades, necessidades, reservas e problemas.

Autoridade é alcançada, conquistada, não já presumida; a autoridade mantém-se reservada inicialmente.

Baseia-se no hábito humano profundamente arraigado da indução — aprendendo da experiência.

Bíblia usada como exemplo antes de ser citada como autoridade final.

Bom senso concreto, em vez de lógica teórica abstrata — especialmente no início.

Coincide com a herança protestante — cada homem é seu próprio sacerdote com oportunidade, responsabilidade.

Combina bem com a dedução após atingir a conclusão conjunta e incentivadora.

Começa com atitude de aceitação, caridade, respeito pelos ouvintes.

Começa com bom senso, em vez de lógica teórica abstrata.

Começa com parábola, fatos, experiência, caso, ilustração humana, interesse, exemplos.

Começa com vida e experiência, não apenas com exercício racional.

Começa onde o público está — não onde o pregador está.

Compara e contrasta antes de tirar conclusões.

Conclusões vêm no final; conclusões tentativas, parciais, depois de se dar a evidência.

Conduz uma busca cooperativamente, em vez de forçar ir à conclusão.

Conflito, polêmicas, posição defensiva e negativa estão todos fora de lugar na indução.

Deixa opções, escolha e responsabilidade para o ouvinte.

Doutrinas devem geralmente ser sentidas como verdadeiras, antes de ser compreendidas como verdadeiras.

Elaborado para partir de detalhes, exemplos, ilustrações, a fim de chegar à conclusão em conjunto com os ouvintes.

Ênfase maior atualmente sobre o veja, sinta e faça do que sobre os tradicionais ouça e pense.

Envolvimento pessoal do pregador é vital para o envolvimento dos ouvintes.

Estimula o hábito humano da indução já profundamente arraigado na pessoa; cavalga na crista da tendência cultural corrente.

Evidência precede o veredicto, problema antes da solução, perguntas antes das respostas.

Evita ameaça, rigidez, generalizações abstratas e conclusões prematuras.

Exemplos da vida formam uma base para aprender, envolver, concluir.

Exemplos específicos citados antes de se formular quaisquer generalizações ou fazer quaisquer afirmações.

Experiência, exemplos e a prova vêm antes das afirmações, teses ou conclusões.

Experiência serve como prova inicial, base para aprendizado e vida.

Ideal para ouvintes desinformados, não convencidos, não iniciados, não convertidos, indiferentes ou hostis.

Ilustra em lugar de coagir ou forçar: as ilustrações são interessantes por natureza.

Ilustrações humanas visam o interesse e envolvimento.

Ilustrações precedem proposições; fatos precedem força, persuasão ou fervor.

Intelecto e vontade sozinhos não podem receber toda a verdade — sentimentos são também vitais.

Intensidade e insistência seguem a indução inicial e vêm depois das conclusões tentativas.

Interesse e envolvimento são tidos como metas mais altas do que mera doutrinação.

Interesse humano antecede a instrução, doutrinação ou exortação.

Investiga antes de instruir; resolve problemas antes de dar respostas.

Jesus identificado com a experiência de seus ouvintes por meio de narrativa e parábola.

Método não antagônico atrai muitos nos dias de hoje.

Move-se do conhecido ao desconhecido, da analogia à realidade, dos fatos à fé, da vida a Deus.

Narrativa. Precede a exortação (adia ou, talvez, impede a parte exortativa).

Organizado para prover evidência vital e interessante que leva à conclusão conjunta.

Ouvinte. A concordância e envolvimento do ouvinte precede toda exortação ou proclamação.

Ouvintes identificam-se com a mensagem e tornam-se envolvidos, compartilhando experiências e conclusões conjuntas.

Passado. É considerado como experiência — não só como tradição ou base para autoridade.

Presta-se à variedade, interesse, envolvimento, cooperação e compromisso.

Psicologicamente correto — começa onde os ouvintes estão e os guia por meio do bom senso e experiência deles.

Pergunta-chave estabelece interesse comum — pode ser declarada ou somente implícita.

Perguntas-chave estabelecem o andamento do sermão— não conclusões prévias do pregador.

Raciocina a partir de fatos particulares, experiências, ilustrações, de forma cumulativa.

Razoável bom senso tem mais apelo do que autoridade e lógica abstrata.

Reporta-se aos ouvintes e suas necessidades, procura compartilhar, em vez de rechaçar.

Sentimento e envolvimento seguem-se naturalmente à experiência compartilhada.

Sentimento e realidade devem ser realçados, e não somente palavras e idéias.

Sermão deve conduzir em ascensão até a conclusão, em lugar de ir descendo da proposição inicial até o final.

Tratamento pessoal direto: "você", "nós", "nosso", etc.

Apêndice 3

Noventa e Seis Pregadores Indutivos de Vinte Séculos

Embora minha crença nas idéias por trás da pregação indutiva estejam enraizadas em anos de estudo e de experiência profissional, meu "grito de heureca" veio durante um projeto, num ano sabático, de ler 411 sermões em Twenty Centuries of Great Preaching (compilado por William M. Pinson, Jr. e Clyde E. Fant, Waco, TX: Word Books, 1971). De repente, verifiquei que todos os noventa e seis dos notáveis oradores incluídos nessa obra de treze volumes usaram alguns ingredientes indutivos e mostraram sinais do processo indutivo. O fio comum através de sua grandeza não era algum aspecto secreto de exposição ou oratória. Era a indução.

Esta descoberta propiciou muito da inspiração e do estímulo para o estudo e reflexão posterior que levaram a este livro. Por isso, quero compartilhar com os leitores um breve resumo das descobertas indutivas da obra desses pregadores-modelo. Estes achados servem como pano-de-fundo e como apoio para aquilo que tentei dizer.

Vocês notarão, à medida que lerem, que esses noventa e seis pregadores[1] estão listados cronologicamente (em sua maio-

[1] Dezesseis desses noventa e seis pregadores estão também incluídos entre os trinta e sete que James Cox cita em The Twentieth Century Pulpit. Estes dezesseis mais famosos dobraram a média dos pregadores, usando mais de vinte perguntas por sermão. É interessante constatar que os outros vinte e um pregadores destacados por Cox alcançaram somente a metade da média (onze perguntas).

ria). A extensão de meus resumos dependeu mais do número de ingredientes indutivos que encontrei do que da importância ou ortodoxia do pregador. Os primeiros pregadores cristãos, em via de regra, empregam mais elementos do estilo indutivo do que alguns oradores que vieram depois. Mas, por outro lado, temos mais exemplos disponíveis dos pregadores mais recentes.

Volume 1. O Sermão do Monte proferido por Cristo irrompe primeiro, com o próprio frescor da vida, no Volume 1 da obra de treze volumes, *Twenty Centuries of Great Preaching*. Tradicionalmente, as bem-aventuranças têm sido consideradas como regras cristalizadas para entrar no Reino, mas seu impacto indutivo cumulativo nos salta à vista, se as vemos como perspicazes observações de Jesus. Na realidade, as expressões "A vida mostra" ou "Vejam como" podem preceder cada bem-aventurança para realçar suas incisivas percepções e mostrar como este sermão se relaciona com o aprendizado por meio de experiências indutivas da vida.

"A vida mostra como são felizes aqueles que sabem que são espiritualmente pobres" ou "Vejam como têm sorte os que choram" etc. Estas são apenas duas das mais de cem vezes que Jesus se refere à experiência neste curto sermão de tipo interativo e de descoberta. São abundantes as comparações e contrastes, perguntas e ilustrações, imagens e figuras de retórica. A seqüência lógica estrita parece ser sacrificada em favor do interesse humano e envolvimento dos ouvintes neste sermão, projetado como uma investigação não-adversativa da verdadeira felicidade humana. O envolvimento pessoal e a resposta chegam ao clímax com a imperiosa escolha requerida pelas duas árvores, dois caminhos, duas portas, dois fundamentos, na conclusão desta

Apenas dois, dentre seus vinte e um geralmente menos conhecidos, usam mais de vinte perguntas. Embora não conclusivos, estes fatos sugerem uma constatação cada vez mais forte— os maiores pregadores tendem a ser mais indutivos, quase sem exceção.

mensagem indutiva cumulativa, que explora múltiplos aspectos da vida da pessoa feliz.

O sermão do Pentecostes, uma mensagem de Pedro com duração de cinco minutos, não contém qualquer pergunta, mas começa com a rotina da solução de problemas. A multidão reunida vem de diversas partes do mundo, porém está unificada pela fé e prática. Portanto, suas três extensas citações e suas repetidas referências a Davi servem para unificá-la ainda mais. Ele se refere à experiência, a Davi, a Joel e, depois, a Jesus, porque seus ouvintes podem aceitar as autoridades que ele cita.

A defesa de Estêvão ilustra o uso indutivo da narrativa histórica para protelar as afirmações do orador. Ele procura aplacar os ouvintes pela narrativa, citando as autoridades aceitas por eles, referindo-se às situações do Antigo Testamento, até detoná-los com acusações ásperas. Assim, ele adia sua morte pelo tempo em que dura sua fala indutiva.

O sermão indutivo de Paulo na colina de Marte, em Atenas, menciona experiência, refere-se às práticas da religião grega, cita um de seus poetas e procura obter a aceitação dos ouvintes, bem como sua concordância e aprovação. Tenho ouvido alguma crítica contemporânea míope omitir os resultados declarados deste sermão clássico: "Alguns homens se agregaram a ele, e creram; entre eles estava Dionísio, membro do Areópago, uma mulher chamada Damaris e com eles outros mais."

O sermão de Paulo diante do rei Agripa mostra como ele era sensível às amenidades sociais, seu uso narrativo de biografia e do testemunho pessoal apresentado em estilo não belicoso.

Um sermão anônimo baseado em Isaías 54.1 é citado por Pinson e Fant como o mais antigo sermão manuscrito que sobreviveu. Emprega catorze perguntas em vinte e dois parágrafos com uma grande quantidade de pronomes para tratamento direto. Por exemplo, nas 247 palavras do primeiro parágrafo o au-

tor usa trinta e cinco pronomes — nós, nosso, nos, ele, seu — para obter envolvimento. O pregador faz repetidas referências à experiência e, no parágrafo 19, deprecia a si mesmo, de modo que ele não parece estar pregando de uma posição antagônica quando faz seu apelo conclusivo.

Orígenes, o zeloso e quase fanático estudioso cristão, notabilizou-se pelo uso da alegoria. Mas ele estabelece a forma do sermão como um discurso sobre um texto bíblico específico, e é o primeiro a destacar a importância da exegese cuidadosa do texto do sermão. Até Orígenes, na metade do terceiro século, a pregação é basicamente testemunho informal, do tipo indutivo, e quase todo cristão se considera um pregador do evangelho disposto a compartilhar seu testemunho não estudado, frouxo, não estruturado. A homilia de Orígenes, um estudo simples da Escritura apresentado numa narrativa contínua, baseada numa dada passagem bíblica, mostra repetidas comparações e analogias, e usa nove perguntas ao lado de referências à experiência comum.

Crisóstomo, com sua boca de ouro, é importunado por aplausos e batedores de carteira durante seus sermões. Sua compaixão e preocupação se concentram sobre os problemas mais comuns e difíceis que os cristãos enfrentam. Coragem é sua marca distintiva ao atacar os casos escabrosos do momento. Freqüentemente insere longas comparações com as figuras do Antigo Testamento, quando se refere às experiências comuns de seus ouvintes. Sua habilidade descritiva é ilustrada em praticamente cada página, com símiles e comparações. Ele emprega narrativa, imaginação, muitas perguntas e fortes apelos à emoção à medida que ele se relaciona com o povo, procurando seu envolvimento e reação.

Agostinho fala às questões permanentes, relevantes, explosivas da vida. Ele está mais preocupado em conseguir que seus ouvintes se envolvam do que em impressioná-los com sua erudição. Suas incontáveis ilustrações da experiência diária au-

mentam o interesse contínuo de seus sermões. Em seu sermão sobre a Oração do Senhor, usa 157 comparações e setenta perguntas.

Bernardo de Clairvaux prega sobre a felicidade dos casados durante dezoito anos — em sermões regulares baseados nos dois primeiros capítulos do livro Cântico dos Cânticos de Salomão, e destinados exclusivamente aos monges e outros homens. Porém, seus sermões são aclamados igualmente tanto por cidadãos nobres como comuns, ao se relacionar em outra parte a todos os assuntos de seu tempo. A alegoria marca suas pregações espontâneas, isto é, não escritas. Em seu sermão de quinze minutos "Sobre Davi e Golias", usa quarenta e duas comparações, cinco perguntas e vinte e oito citações bíblicas. O sermão de Bernardo sobre seu irmão Geraldo emprega trinta e oito perguntas, com referências à experiência, lembranças e profunda emoção.

Francisco de Assis, em seu fanático comprometimento com a pobreza, tenta desesperadamente envolver o povo simples em viver na prática o comprometimento religioso. Ele insiste: "Devemos mais agir do que ensinar, e nossa ação e ensino devem andar juntos. A menos que você pregue em todos os lugares aonde for, de nada aproveita ir a qualquer lugar para pregar." Ele fala a partir da plenitude de sua própria experiência, com grande respeito pelas pessoas e grande preocupação com os pobres.

Tomás de Aquino, chamado o Grande Boi Taciturno da Sicília, entra na ordem dos pregadores dominicanos. Ele muitas vezes ditava simultaneamente a até três ou quatro secretários suas defesas contra a heresia. Suas breves homilias parecem enfadonhas e fracas, mas ele realmente tem de fazer pausas em seus discursos para que a congregação possa chorar. Apesar de seus olhos fechados ou seu olhar para o céu durante seus sermões, sua mensagem livre e direta enseja profundo envolvimento

e resposta quase total de seu público. Seus esboços ainda existentes parecem ser exatamente isto — simples esqueletos de seus sermões eficazes, com muitas referências óbvias à experiência.

João Tauler, com suas profundas inclinações místicas, é calorosamente atraente, pessoal, imaginoso e excessivamente emotivo em sua pregação. Ele é mais prático e seus sermões são mais relacionados com a vida do que os de outros místicos. Seus sermões, embora dirigidos a freiras, buscam suas imagens na caça, guerra, navegação, lavoura, comércio e história natural. Ele fica fascinado com as implicações da experiência humana, mas a alegoria excessiva prejudica seu ministério. Suas homilias simples mostram muitas comparações e referências freqüentes à experiência.

João Wycliffe, "A Estrela da Manhã da Reforma", como Lutero um bem-instruído sacerdote católico e exímio pregador, ainda vive em seus sermões. Seus sermões em latim são escolásticos, seus sermões em inglês são populares em estilo e conteúdo. Argumentos complexos em tom polêmico prejudicam as aberturas simples de muitos sermões, ao lado de sua preocupação com o passado, alegoria e outros defeitos comuns ao período escolástico. Mais de 300 de seus breves esboços de sermões sobrevivem, porém geralmente não têm a objetividade implícita nas vinte perguntas encontradas em seu sermão de trinta e cinco minutos "O Corpo de Cristo". Ele exalta a pregação e inaugura os sermões itinerantes na linguagem comum do povo, mas alguns dos elementos indutivos específicos das primitivas pregações indutivas se enfraqueceram grandemente antes da época da Reforma.

Savonarola, orador, reformador e mártir, persiste em praticar sua oratória depois dos fracassos iniciais, até que desenvolve habilidades possantes no púlpito. Ele é mais negativo do que positivo na pregação, mas seus sermões revelam alguns fortes elementos indutivos. Seu sermão "A Ascensão de Cristo" é in-

troduzido por um tratado sobre como só conhecemos através dos sentidos (indutivamente). Ele diz que conhecemos por nossos olhos — cores; ouvidos — sons; nariz — cheiros; língua — sabores; e por nosso tato conhecemos o calor, frio, duro e mole. A idéia de "conhecer", repetida quarenta e cinco vezes, acentua a indução. Ele enuncia um conceito básico de indução quando diz: "Sua experiência lhe dirá."

Volume 2. Martinho Lutero, no ensino e pregação segue o que se tornou mais tarde a tradicional seqüência dedutiva européia. Em seu sermão de duas horas, "O Terceiro Domingo depois da Trindade", ele parece defensivo com suas setenta e duas referências a vinte e seis diferentes adversários. Este ensaio didático faz referência a trinta e sete versículos bíblicos, introduz sua tese dedutiva no primeiro parágrafo, e deprecia o aprendizado pela experiência. Mas emprega dezenove perguntas, e aparece um leve vislumbre de indução quando ele personifica Pedro e narra um extenso exemplo do apóstolo na primeira pessoa.

Zwínglio evoca forte reação do povo simples quando prega seus sermões evangélicos vívidos e relevantes sem manuscritos. Ele coloca de lado os comentários habituais e vai diretamente à Escritura, ao pregar no estilo dele através de vários livros da Bíblia, com exposição bíblica continuada, adaptando-a às necessidades práticas das pessoas. Ele declara que seus sermões seguem o modelo da pregação de Jesus, adaptados às necessidades de tempos que vão mudando.

João Calvino freqüentemente fala com emoção sobre suas experiências religiosas, mas o conceito central de sua fé é a soberania de Deus. Seus sermões espontâneos demonstram preocupação com todos os aspectos das relações humanas, com muita energia despendida em questões sociais, embora seja um autocrata com personalidade autocrática. Seus sermões não têm humor nem imaginação, porém suas palavras simples, breves e

diretas são adequadas aos ouvintes simples de sua pregação diária. Ele usa exemplos da fazenda, vinicultura, cozinha e vida urbana com expressões vigorosas, analogias, provérbios e diálogos realistas. Em seu sermão de quarenta e cinco minutos "Comportamento na Igreja", ele usa trinta e quatro perguntas, e "nós", "nosso" ou "nos" 294 vezes, "saber/conhecer" vinte e oito vezes (além de dezesseis sinônimos). Quarenta e três perguntas aparecem em seu sermão "Advento Final".

João Knox, um sacerdote ordenado e afiliado aos protestantes, é capturado, colocado num navio de guerra francês, acorrentado como escravo em galé e forçado a puxar remos, mas volta para pregar na Escócia. Seu sermão sobre a primeira tentação de Cristo mistura narração e interpretação, usa doze perguntas, e é adverbial em sua estrutura, com perguntas e muitos exemplos em grupos. Seu sermão sobre o poder real cita mais de cinqüenta referências a pessoas e lugares da Bíblia, e emprega vinte e três perguntas diretas.

Ricardo Baxter, autodidata, sem preparo universitário, escreve 170 volumes, e é o primeiro a usar em sua pregação um estilo de falar espontâneo. Usa uma forma natural de pregar, conversacional, com as palavras mais simples. Ele se empenha pela simplicidade e consegue uma pregação eloqüente "de um moribundo para moribundos", mas sempre mudando, flexível em seu pensamento. Depois de brigar com um ex-amigo até a morte, ele reconhece: "Em estilo de aprendizado, os homens estão prontos para receber a verdade, mas, em estilo de disputa, eles vêm armados contra ela com preconceito e animosidade." Este conceito influencia sua pregação com algum discernimento indutivo. Seu sermão "Minimizando Cristo" ("Making Light of Christ") faz uso de setenta e quatro perguntas, e seu sermão sobre arrependimento com setenta subdivisões usa o "você" direto 438 vezes, com cinqüenta e quatro perguntas nas últimas páginas.

Bossuet faz valer sua eloqüência e amor pela Bíblia ao ministrar à corte francesa, onde o quarto de dormir é central no novo

palácio real de Versailles. Ele é um homem prático, com etos e sólido conteúdo bíblico. Poucos de seus sermões são colocados no papel antes de serem apresentados; ele usa perguntas diretas para levar as pessoas ao envolvimento.

João Bunyan passa sua vida num raio de oito quilômetros do lugar onde nasceu, mas seus escritos e pregação aumentam sua fama. Da prisão ele continua pregando, enquanto pleiteia a liberdade de religião. Seus sermões são vivos e pitorescos, com linguagem simples e vigorosa, e diálogos que revelam maestria no uso do vocabulário das pessoas do povo. Seu sermão cuidadosamente esboçado, "O Soldado Celestial", apresenta trinta e oito subdivisões e vinte e seis perguntas (dez na última página). "A Figueira Estéril" emprega vinte e nove perguntas e se refere a "este professor" doze vezes e "professor estéril" nove vezes.

Louis Bourdaloue ocupa por trinta e quatro anos a posição de principal pregador da corte de Luís XIV, com seus sermões magros e trabalhados demais, mas mesmo assim é pregador honesto e compartilha relevância ética. Usa o discurso imaginário e habilidosas perguntas retóricas agrupadas.

Fenelon, outro pregador da corte, revela grande consciência social, mas deixou poucas anotações dos sermões, uma vez que geralmente não escreve seus sermões. Sua objetividade, referência a experiências e diálogo levam os ouvintes a ficarem envolvidos.

Massillon, corajoso pregador da corte, é sensível aos grandes problemas sociais, à insensibilidade dos nobres e ao sofrimento dos pobres. Apela à imaginação, descrição, compaixão de Deus. Emprega forte conteúdo bíblico e muitos exemplos tirados da Bíblia. Suas 117 perguntas num só sermão e oitenta e oito em outro indicam o envolvimento indutivo que esse pregador corajoso e não comprometido procurou estabelecer mesmo numa corte real corrupta. Centenas de figuras, algumas vezes mais de quarenta numa só página de seu sermão "Caridade",

são acompanhadas de até quarenta e seis referências diretas ("você") por página.

Volume 3. João Wesley, o décimo quinto de dezenove filhos (sua mãe era a vigésima quinta filha do pai dela), prega mais de quarenta e dois mil sermões e escreve mais de duzentos livros em seu estilo expressivo. Em seu sermão "Sobre a Onipresença de Deus", oito de suas primeiras dez sentenças são perguntas para favorecer o envolvimento. "O Verdadeiro Cristianismo Defendido" contém setenta e sete perguntas e várias referências à experiência. "A Vida Humana, um Sonho" é um sermão de quatro mil palavras (cerca de trinta minutos), mas emprega dez perguntas na página 2, onze na página 3, dezesseis na 4 e dezoito na página 5, com repetidas menções à experiência comum.

Jonathan Edwards, frágil, doentio, com voz fina e fraca, olhos turvos, lê passivamente e sem gestos um manuscrito de apenas dez centímetros quadrados mantido perto de seus olhos, quando prega "Pecadores nas Mãos de um Deus Irado", o sermão mais famoso desta era. Um jovem segura uma lanterna atrás de seus ombros, enquanto os ouvintes clamam por misericórdia e se agarram a árvores e postes de iluminação, a fim de não caírem na perdição. Esta obra-prima de imagens passa de um quadro a outro, e as descrições se seguem umas às outras com aplicação direta e pessoal — "você", "esta congregação" e "hoje". O sermão é de quase uma hora com sete páginas de aplicações diretas, usando exemplos de "você", imagens e a objetividade das perguntas e pronomes pessoais. Seu sermão "Amor Cristão", com quarenta e seis subdivisões, emprega vinte e uma perguntas para envolvimento e apelo direto nas duas páginas finais.

George Whitefield prega freqüentemente nos campos a vinte e cinco mil pessoas de uma vez. Prega uma vez a quase cem mil pessoas e, depois de uma hora e meia de sermão, tem

dez mil convertidos. Ele se refere muito à experiência pessoal e emprega o humor (diferentemente de Wesley) em sua pregação viva, emotiva e enérgica. Usa "eu", "mim" ou "meu" 254 vezes em "O Lugar de Todos os Homens", depois de afirmar na introdução sua visão indutiva do aprendizado por experiência. Incorpora vinte e quatro exemplos, incluindo lembranças bíblicas e pessoais. "A Sarça Ardente" começa indutivamente, referindo-se à nossa própria experiência. O humor e os exemplos se salientam. Quarenta e uma perguntas em "Arrependimento e Conversão" procuram envolver os ouvintes com muita objetividade, ilustrando a experiência comum.

Timothy Dwight, improvisador, evangelista, neto de Jonathan Edwards, fala rapidamente com postura altaneira, sem gestos. Usa perguntas, contrastes e limitadas referências à experiência.

Lyman Beecher apela à imaginação, usa mais ilustrações do que os outros, cita experiência para envolver os ouvintes. Em "O Caráter Nativo do Homem" faz cinqüenta e duas perguntas, e em "O Remédio para os Duelos", entre oitenta e sete perguntas, desencadeia uma série de dezenove de uma só vez.

Thomas Chalmers, um gênio popular e defensor dos pobres, trata de problemas reais de pessoas reais. Seus sermões são descritivos, imaginativos, coloridos e claros, apesar de algumas sentenças com quatrocentas palavras. O estilo oral ajuda também a clareza. Seu sermão "Imortalidade" emprega vinte e duas perguntas e vinte e quatro aparecem em "Fúria Não em Deus", onde fala de "vosso bom senso e experiência comum". Em "O Poder Expulsivo de uma Nova Afeição", usa fortes e repetidos apelos à experiência e coloca seis das nove perguntas de seu sermão na última página.

Charles G. Finney, evangelista ardente e reformador social zeloso, fala em linguagem simples, tirando ilustrações da experiência comum e pregando o sermão de improviso em tom

de conversação. É repetitivo e argumentativo. Suas perguntas como de advogado, subdivisões complexas e repetidas referências à experiência marcam seus sermões. "O Amor de Deus para um Mundo Pecador" apresenta cinqüenta e sete perguntas, e seu sermão sobre "Desculpas" com quarenta e três subdivisões bombardeia os ouvintes com incríveis cento e sessenta perguntas.

Volume 4. John Henry Newman lê os manuscritos do sermão sem gestos, porém com impacto tranqüilo e contido, usando números incríveis de referências a personagens bíblicos. Na biografia de Saul, cita cento e trinta e cinco nomes próprios da Bíblia, faz dezessete perguntas e compõe o sermão inteiro indutivamente.

Horace Bushnell, autor de Christian Nurture [Educação Cristã], emprega perguntas e muita experiência humana como exemplos em seus sermões.

Thomas Guthrie estuda os profetas e Jesus para tornar-se um dos pregadores cristãos mais indutivos nestes vinte séculos. Usa muitas e variadas ilustrações, objetiva "provar, pintar e persuadir" com muita descrição colorida. Talvez tão indutivo quanto seu século dezenove requeria, enfoca exemplos descritivos e muitas perguntas. "Religião Verdadeira" segue um formato indutivo em sua efusiva verbosidade, mas faz vinte e duas perguntas. "A Vida do Cristão" faz quarenta e nove perguntas e usa cinqüenta exemplos, ao lado de muitas comparações, símiles, metáforas e contrastes. Faz descrições imaginativas em seus freqüentes exemplos bíblicos: "O mar em cambalhotas, o barco rolando, os ventos uivando, lençóis de borrifos não conseguiam acordá-lo...." E "Uma mão saída do escuro desferiu em seus inimigos um golpe que os lançou cambaleantes prostrados ao solo." "O Grande Dever do Homem", um sermão indutivo, contém trinta e cinco exemplos, e "A Herança", com vinte e nove perguntas, revela cerca de oitenta e quatro exemplos numa primeira leitura, além de quadros e personagens.

Theodore Parker faz apelo constante à mente, planeja sermões com quatro anos de antecedência e usa grandes conjuntos de exemplos, algumas vezes dez ou quinze por página. Em seu sermão "Crime", conclama o povo a "lembrar-se" dezessete vezes, usa catorze perguntas e exemplos em abundância.

John Jasper, vigésimo quarto filho de uma família escrava, é muito solicitado a pregar em funerais. Seus sermões são uma série de quadros descritos do começo ao fim, repleto de ilustrações bíblicas e citações, com muitas menções de experiência imaginativa.

Robert Murray McCheyne, usando simples esboços descritivos, redige seus sermões, porém prega-os sem anotações. Seu sermão "Ossos Secos" faz vinte e cinco perguntas; "Faça o que Pode", trinta perguntas com dezoito delas em seqüência; "Cristo o Caminho" faz vinte e quatro perguntas.

Henry Ward Beecher assume uma igreja no Brooklyn com vinte e um membros e acrescenta mais 4.600 aproximadamente durante seu ministério ali. Aprende o valor de ter meta em sua assim-chamada "ilegalidade homilética", põe a serviço sua imaginação criativa para reunir seus pensamentos sobre um tema. Seus sermões são longos — "Os Frutos do Espírito", de quase uma hora de duração, faz trinta e quatro perguntas e se refere repetidas vezes à experiência. "As Escrituras Sagradas" agrupa vinte e três de suas cinqüenta perguntas num grupo, mas sua atração se deve grandemente ao homem expansivo e seu modo de apresentar sua mensagem, e não ao formato de suas palavras ou sermão.

F. W. Robertson, em seu ministério intenso em favor dos pobres, prega sermões de improviso, escrevendo-os nos domingos à noite, depois de tê-los pregado. Ele insiste na demonstração da verdade positiva, em lugar de procurar demolir o erro negativamente, deprecia o uso de proposições, ensina sugestivamente e não dogmaticamente, e prega variações sobre temas de duas

partes. A despeito de apresentar sua proposição de duas pontas em sua sentença introdutória, sua comparação e contraste trazem uma clareza que prende a atenção do público. Seu sermão "Inspiração" agrupa dez das dezoito perguntas na introdução, mas ele faz pouco uso de outros elementos indutivos.

Alexander Maclaren dedica duas horas diariamente à leitura da Escritura em línguas originais, mas, ao contrário de muitos expositores com discursos secos, ele acentua o elemento pessoal com uma forte nota de premência. Como mestre da ilustração, enche seus sermões de analogias, histórias, e experiências humanas, porém prega quase sempre a cristãos, presumindo pouca necessidade da abordagem indutiva. Alguns de seus sermões não fazem nenhuma pergunta.

John A. Broadus usa narrativa, descrições vivas, bem como exemplos da experiência. Seu sermão "Não Fique Ansioso Por Coisa Alguma" começa com experiência e prende toda a mensagem à vida diária, faz vinte perguntas e usa expressiva imaginação em certos lugares.

Henry Liddon prega com voz forte sermões longos, dogmáticos e analíticos com uso muito limitado de elementos indutivos. Uma narrativa biográfica em seu sermão sobre Geazi adia as asserções até o ponto onde extrai três lições da história antiga no final.

R. W. Dale mistura evangelismo e ética na sua pregação de sermão de manuscrito normal. Cita Coleridge sobre o aprendizado a partir da vida: "A experiência é com muita freqüência como as lâmpadas da popa de um navio; elas iluminam somente o caminho por onde já viajamos, e não dão nenhuma iluminação de rumo para a conduta no futuro."

William Booth prega sessenta mil sermões em seu estilo robusto, direto e simples durante seus sessenta anos de ministério de rua entre pobres, alcoólatras, prostitutas e outros deserdados da sociedade. Tijolos, ovos e frutas podres voadores lhe ensi-

naram muito acerca da reação do auditório, como atrair a atenção e como silenciar algumas das violentas reações. Alguns sermões começam com perguntas, mas ele é sempre agressivo, dominador e apaixonadamente preocupado com as pessoas. Em suas falas chãs e dramáticas, não faz nenhum esforço para instruir ou edificar — apenas interromper, cortar a corrida louca dos ouvintes para a destruição.

Joseph Parker utiliza perguntas habilmente — algumas vezes como sentenças tópicas — para prender seus ouvintes em seus sermões variados, versáteis e vívos.

T. DeWitt Talmadge não é pregador proposicional. Orador aparatoso, jamais usa um púlpito. Mas suas congregações regulares excedem cinco mil ouvintes, e vinte milhões de pessoas lêem, cada semana, seus sermões publicados em 3.000 jornais pelo mundo. Seus sermões fazem uso intenso de ilustrações, situações da vida e aplicação, com pouco tempo para exposição, estudos de palavras ou materiais de apoio. Emprega o tempo presente histórico em seus sermões imaginativos, dramáticos e de narrativas descritivas, com exemplos em cascata que levam os ouvintes através do envolvimento emocional a responder e decidir. Por exemplo, o sermão "O Ministério de Lágrimas" segue rapidamente de um exemplo tocante a outro, fazendo trinta e quatro perguntas e atraindo os ouvintes para o andamento central da mensagem por meio de ilustrações bíblicas e contemporâneas. O movimento indutivo leva adiante a congregação até a conclusão. Em "Pergunta das Perguntas" ele pergunta cinqüenta e quatro vezes nesta mistura imaginativa e descritiva de experiências bíblicas e da vida.

Volume 6. Charles Haddon Spurgeon aos vinte e dois anos já é o mais popular pregador de seu tempo, pregando a 10.000 pessoas semanalmente. Foca a atenção sobre as pessoas, em vez de sobre o sermão. Escreve manuscritos somente depois de pregar um sermão; assim, desenvolve um excelente estilo oral,

direto e de impacto. Narrativa, referências a experiências e muitas perguntas caracterizam sua pregação dramática.

Phillips Brooks, príncipe dos pregadores, visualiza seu povo como indivíduos necessitados de ministério em lugar de uma congregação reunida para a pregação dele. Este amor intenso pelo aspecto pastoral do ministério transfere calor e impacto a seus sermões. "A Humanidade Eterna" faz mais de cinqüenta e cinco perguntas, e sua pregação mostra o uso de imaginação e experiência para envolver os ouvintes.

Washington Gladden é um pioneiro em preocupações sociais cristãs. Suas convicções religiosas decorrem de suas experiências quando prega seus sermões bíblicos narrativos ao ministrar para os necessitados de seu povo. É imaginoso em descrever suas ilustrações a partir da vida diária, da Bíblia, biografias e natureza.

Alexander Whyte, dotado de imaginação viva, prega sermões dramáticos, abundantemente ilustrados e bíblicos, sem organização aparente, abeberando-se de biografias, autobiografia e experiências comuns. Suas biografias de personagens bíblicos mostram muitos aspectos da pregação indutiva.

Dwight L. Moody, apóstolo do amor, rejeita o temor como motivo básico de sua pregação evangelística. Experiência pessoal, narrativa e forte emoção dão corpo a suas mensagens bíblicas simples. Seus sermões revelam pouca organização e se apóiam mormente em exemplos, numa abordagem indutiva e cumulativa à pregação. Suas referências à experiência são mais numerosas do que as perguntas.

O evangelista Sam Jones serpeia através de suas mensagens com muitas perguntas, ilustrações e freqüentes referências à experiência. "Castigo Eterno" contém quarenta e duas perguntas e atrai os ouvintes com muita conversação direta.

F. B. Meyer, pregador espontâneo, espiritual e expositivo, é basicamente dedutivo, exceto em seus "excelentes sermões

biográficos". Suas referências à experiência, descrição e imaginação com algumas perguntas retóricas ajudam a manter os ouvintes envolvidos.

Volume 7. John Watson (Ian Maclaren) utiliza trinta e duas perguntas (doze na última página) no sermão "A Misericórdia do Castigo Futuro" e vinte e duas (dezessete na página dois) em "Espírito Público", com muitas referências à experiência.

Charles E. Jefferson é influenciado por Phillips Brooks a deixar a advocacia pelo ministério, onde continua a imitar o famoso pregador, com estilo e relevância em sermões impressionistas que fluem como um rio. Fala em linguagem pictórica com sentenças curtas, simples, poderosas, arrastando os ouvintes num vagalhão de ilustrações. "A Importância das Coisas Pequenas" cita experiência, faz vinte e oito perguntas (treze na página final), e descreve com sentimento. "O Homem de Betesda" usa vinte e duas perguntas, descrição expressiva em extensos exemplos bíblicos e aplicação relevante.

Gipsy Smith torna-se um orador dotado de um toque pessoal terno e de forte apelo emocional. Seu senso de humor e compaixão sensibilizam as pessoas por meio de sermões apoiados em experiência pessoal. Seu sermão "Força e Beleza" usa na primeira página, doze de suas vinte e oito perguntas, e conduz ao envolvimento e resposta evangelística citando experiência e exemplos.

Walter Rauschenbusch, um evangélico com fortes preocupações sociais, prega sermões vívidos e compassivos com uma variedade de material ilustrativo. A maioria de seus curtos sermões mostra pouca força indutiva, mas "A Realeza de Cristo" utiliza dezessete perguntas.

Charles R. Brown prega em estilo de conversação, usando numerosas ilustrações breves. No sermão "O Cristo Desamparado", ele faz vinte e oito perguntas (dezesseis numa só página), à medida que trata do problema do sofrimento. "O Que Jonas

Fez" utiliza narrativa seguida de quatro divisões da aplicação do sermão em seu esforço mais indutivo.

Billy Sunday. Os veementes discursos antiintelectuais dele jorram a um ritmo hipnótico de trezentas palavras por minuto. "Getsêmani" utiliza quinze perguntas, vários exemplos, referências à experiência e conversas diretas com os ouvintes. "Maternidade", com suas vinte perguntas, usa o relato bíblico da mãe de Moisés ao lado de muitos exemplos e citações extraídos da experiência. Em "Segunda Vinda" há vinte e cinco perguntas; em "Dançando, Bebendo, Jogando Baralho" há trinta e uma perguntas e um fluxo constante de experiências e exemplos. Mas outros elementos da indução quase não são usados, uma vez que ele encara a pregação de uma posição fortemente autoritária, sem respeito aparente pelos ouvintes.

Rufus Jones, místico quacre, usa somente cinco perguntas em quatro sermões. Entretanto, fala de sucessivas experiências em suas populares falas de improviso a grupos de universitários. Seus sermões são curtos, cheios de humor e ilustrações vívidas.

Volume 8. G. Campbell Morgan prega seu primeiro sermão com treze anos, passa a pregar regularmente aos quinze, porém aos vinte e cinco é rejeitado pela igreja metodista porque seu sermão de prova não aparentava "nada prometedor". Este notável expositor bíblico investiga material de apoio, e estudos de palavras, mas num estilo novo e interessante. Às vezes usa solução de problemas, progressão, "escada" e "um ponto" ou "jóia"; geralmente, porém, faz mais comentários sucessivos. Contraste e conflito marcam o sermão à medida que ele segue Jacó e Esaú em "O Reino Será do Senhor", utilizando onze perguntas.

John Henry Jowett demonstra grande compaixão pelos problemas pessoais do povo, dirigindo seus sermões às mágoas humanas. Às vezes, inicia com uma série de perguntas a respeito

das situações da vida. Fala sempre a partir de um manuscrito, sentindo grande dependência dele, porém usa o tom de voz de conversação.

S. Parkes Cadman foi o pioneiro no formato de pregação por interlocução, ou diálogo, em suas mensagens corajosas e positivas. Às vezes, sua verbosidade polissilábica transforma-se em complexidade de alto nível. Seu sermão "Vaidade de Vaidades", com treze perguntas, mostra muito menos indução do que o livro da Bíblia que forneceu o texto, porém ele faz algumas referências à experiência.

George W. Truett, um grande evangelista batista, tem sido considerado um dos mais empolgantes pregadores que se pode ouvir, porém um dos que mais desaponta ao ser lido. Como um mestre do estilo oral vigoroso, ele prega sem manuscrito. Seus sermões, que, além de evangelísticos, exploram o tema "situação da vida", empregam especialmente hábeis ilustrações e experiências, ao lado de muitos apelos emocionais. Sua preocupação com envolver os ouvintes e conseguir a resposta favorável deles se revela por sua variedade, perguntas freqüentes e copiosas ilustrações. Ele mostra evidência da abordagem indutiva do evangelista para envolver os ouvintes e levá-los a uma resposta plena.

Frank W. Boreham tem pregação sugestiva, persuasiva e em tom de conversa. Conduz os ouvintes a responderem suas próprias perguntas. Confia muito nas ilustrações, e muitos exemplos expressivos são biográficos, o que contribui para o seu tom indutivo. Seus exemplos abundantes incluem freqüentes referências à experiência.

Arthur J. Gossip combina experiência pessoal com um estilo literário para causar um forte impacto sobre sentimentos humanos vitais e universais em seu clássico "Mas Quando a Vida Desaba, e Então?" Este sermão utiliza trinta e quatro perguntas, continua por meio da experiência, relembrando e dan-

do exemplos, enquanto parece ir às apalpadelas em direção a sua conclusão sólida: "Tenha bom ânimo, meu irmão, porque estou sentindo o chão, e ele está firme." Em "O Conflito entre a Idade e a Juventude", Gossip faz quarenta e três perguntas depois de uma sentença de abertura de cento e sete palavras. Em quatro de seus cinco sermões impressos, há o emprego em cada um de mais de trinta perguntas, além do uso da experiência e exemplos para conduzir indutivamente às conclusões, em vez de afirmar proposições no início em formato dedutivo.

Henry Sloane Coffin envolve-se profundamente nos temas sociais e teológicos de seu tempo. Insiste em sermões bíblicos com sentenças pitorescas lineares. "Escudos de Bronze" contém trinta e quatro perguntas, apóia-se solidamente na Bíblia e refere-se repetidamente à vida, mas seu formato não é estritamente indutivo.

Volume 9. Harry Emerson Fosdick defende o método solução-de-problema de Dewey, mas não o utiliza em sua pregação sobre situações da vida. Ele faz uso de alguns elementos da indução, porém parece desconhecer o arranjo indutivo global com conclusões e asserções postergadas. Parece estar ansioso para declarar suas conclusões mais cedo no sermão, seguindo a tradicional homilética de formato dedutivo, que parte de uma posição de autoridade assumida.

A abordagem de Fosdick de pregação centrada na pessoa se presta a mostrar respeito pelos ouvintes e procurar sua aceitação, concordância, aprovação, e pede a adoção dos princípios do pregador. Ele destaca a importância da experiência humana e de aprender com a vida — dois conceitos-chave do processo indutivo. Emprega uma média de doze a quinze ilustrações, e estas variam entre pessoais, bíblicas, literárias, imaginárias, biográficas ou contemporâneas.

Ele não começa nem com perguntas nem com a tradicional afirmação proposicional, mas com o ambiente, cenário bíbli-

co ou exemplo que faz entrar na mensagem. Suas referências a experiências e exemplos tendem a conduzir o fluxo dos sermões, em vez de depender de um formato lógico por si só.

Joseph Fort Newton aconselha a pregação indutiva, em lugar da dedutiva, o que conduz, por meio de exemplos, tanto ao texto como à conclusão no final do sermão. Ele cita Jesus como um "pregador distintamente indutivo", que conduz iniciando ndo com fatos extraídos da vida ao seu redor e por uma série de ilustrações, até chegar à autoridade da Escritura. "Podemos desejá-lo de outra forma, mas devemos encarar os fatos", diz ele em A Nova Pregação. Ele fala em levar o ouvinte a dizer "Ora, isso é verdade!", como um veredicto mudo, quando a verdade do texto é aprovada não somente sob autoridade divina que foi aceita pelo pregador, mas como uma verdade que resulta da experiência agora aceita pelos ouvintes.

A visão inovadora da pregação de Newton é teoria em sua mente — não fato em sua prática. Ele nunca é capaz de delinear um programa, uma estrutura, um formato para a pregação indutiva. O que faz é realçar exemplos, postergar asserções; mas não mostra como envolver os ouvintes por meio de perguntas e do processo indutivo total.

Clarence Macartney usa material bíblico de um modo interessante e convincente em sua tentativa de escapar dos "enfadonhos sermões expositivos". Suas hábeis mensagens biográficas revelam a maior criatividade, com variadas abordagens indutivas. Narrativa, perguntas, ilustrações e experiências iniciam seus sermões e também conduzem a um intenso uso da Bíblia. Seu famoso "Venha Antes do Inverno" exibe vários ingredientes indutivos — comparação, contraste, ênfase em experiência e ilustrações, tudo levando a um sólido conteúdo bíblico, mas sem o uso significativo de perguntas.

Dick Sheppard afirma seu zelo pessoal e estilo amistoso em pregação realística com ênfase sobre problemas da vida moder-

na. Ele envolve seus ouvintes em "Levando Jesus a Sério" pelo uso de dezessete perguntas, de intenso uso de pronomes (especialmente "nós" e "nos"), e de várias referências à experiência e compartilhamento.

William Temple é um excelente comunicador ecumênico e reformador social, mas seus sermões intelectuais e improvisados oferecem poucas percepções sobre a indução.

Clovis Chappell prega sermões biográficos famosos com uma simplicidade e expressividade tocante a todas as pessoas. Sua imaginação fulgurante, memória, narrativa e experiências caseiras levam os ouvintes às convincentes conclusões bíblicas dele. Os exemplos têm um peso considerável em seus sermões, enquanto ele pregador deixa que suas ilustrações sejam substitutos prazerosos das exortações. Ele exorta, explana, define — tudo por meio de exemplos, em vez de prédicas hortativas. Isso é indutivo — deixar que a vida leve a conclusões.

G. A. Studdert Kennedy aprende o que é que o povo ouve e, então, aplica o evangelho aos problemas sociais — guerra, pobreza, trabalho, política, lar. Segue a "jóia", ou arranjo de um ponto, ou, então, de uma série de perguntas numa abordagem problema-solução. "Ele Subiu aos Céus" começa com uma série de dezesseis perguntas seguidas de desenvolvimento de dois pontos. Muitas vezes começa com experiência pessoal, e nunca conclui com sumário. Chamado "pai dos pregadores contemporâneos", usa linguagem simples, pronomes pessoais abundantes e perguntas. No sermão acima mencionado ele faz cinqüenta e cinco perguntas (vinte e uma na página 1); porém, mais freqüentemente, ele permite que os exemplos, referências à experiência e outros conteúdos levem indutivamente à conclusão.

E. Stanley Jones diz: "Cristo deve ser interpretado em termos de experiência cristã, em vez de mera argumentação" — e isto é indução! Seus sermões trazem a marca de testemunho, fluindo naturalmente de experiência em experiência — rico em

ilustrações pessoais — não demasiadamente envolvidos com organização ou de exposição emaranhada (p. 315) — estas também são qualidades da pregação indutiva.

Volume 10. Halford Luccock ilustra vividamente seus sermões de "situações da vida" com o conceito de que o pregador é um canal, não uma fonte. Embora ele pareça imerso na Escritura, seus sermões sempre começam ao nível da calçada com os problemas que as pessoas enfrentam. Reconhecendo a necessidade e o problema de envolver seus ouvintes, geralmente inicia com uma sentença que chame atenção. Ele mostra a relevância para a vida moderna, fazendo uso da história, literatura e acontecimentos atuais da experiência. Suas introduções correspondem em média a um terço de todo o sermão — traços da indução.

Este pregador dá três sugestões gerais para sermões: (1) Use imaginação criativa para sentir como penetrar a vida das pessoas; (2) Reúna uma enorme quantidade de material para sermão antes de decidir sobre estrutura ou ordem; e (3) Sonde a você mesmo fazendo perguntas, para abrir portas para o sentido do tema. Ele pede um esboço que seja tanto sensível quanto psicológico. Assim ele nos guia na direção de uma intuição indutiva para uma pregação mais efetiva.

Paul Tillich diz que acha difícil superar "o impacto do sistema autoritário sobre minha vida pessoal". Em seu "Método de Correlação", ele procura explicar os conteúdos da fé cristã. Diz que a cultura suscita as perguntas e a teologia as responde em mútua interdependência, enquanto o pregador procura formular a mensagem cristã nas formas de pensamento de sua geração.

Muitos que ouvem os sermões bíblicos de Tillich são de formação intelectual e cultural não-cristãos; por isso, ele procura uma "linguagem que expresse em outros termos a experiência humana para a qual a terminologia bíblica e eclesiástica aponta". Muitas vezes, a declaração de sua tese é colocada no

fim do sermão, e não no início (indutivo). Ele constantemente relaciona seu tema com os problemas de seus ouvintes. Seus sermões são "apresentações excelentes da verdade bíblica à mente secular".

Karl Barth mostra-se corajoso ao abandonar a posição liberal, quando lhe fica evidente que ela é inadequada para lidar com os problemas da vida. Torna-se um fundamentalista homilético, advertindo contra os "excessos da pregação irrelevante através de um presunçoso esforço em busca da relevância". Ele acredita em declarar sua tese na introdução de seu sermão — somente introduções bíblicas são aceitáveis, e acha que os sermões não necessitam de conclusão, seja em forma de sumário ou de aplicação. Contudo, diz que os sermões devem ser preparados com a Bíblia sobre um joelho e um jornal sobre o outro. Em quatro de seus cinco sermões impressos, cada um faz duas dúzias ou mais perguntas.

Ronald Knox, um dos maiores pregadores católico-romanos da história cristã, apresenta uma abordagem bíblica da pregação — não meramente na técnica, mas também numa forma prática e pessoal. As ilustrações são a característica mais admirável de seus sermões manuscritos, apesar dele ser muito dependente da Bíblia. Muitas vezes, a tese do sermão logo no primeiro parágrafo denuncia abordagem dedutiva. "A Respigadeira", um sermão tipo biográfico sobre Rute, faz vinte e três perguntas e incorpora mais abordagem indutiva do que a usual para ele.

Ralph W. Sockman tem sermões apinhados de ilustrações, que são modelos de relevância atual e aplicação prática. Diz ele: "Quando iniciamos com as condições da vida, iniciamos onde os homens vivem, então, levamos a alma indagadora às fontes doutrinárias e bíblicas."

Martin Niemoller. Seu pacifismo não se estende à sua teoria da pregação. Como seria de esperar, declarações defensivas

e dedutivas descrevem alguns de seus *Dachau Sermons* [Sermões de Dachau], mas a fé, a esperança e o amor se juntam com alegria em "Véspera de Natal, 1944". Experiência e narrativa espreitam cautelosamente entre as grades, mas sua tradicional visão germânica da vida e da pregação impede que haja muita comunhão, busca e história indutivas.

George Buttrick prega sem proposições, mas com um surpreendente número de afirmações desde o início de seus sermões conforme apresentados na capela de nosso seminário. Ele tem sido chamado "o pregador para a congregação cética, não convencida". Seus sermões têm em média vinte e cinco a trinta ilustrações, com habilidosas transições, mas ele não depende de exemplos como Guthrie e Boreham dependem. Começa com algum incidente simples para atrair a atenção, porém suas conclusões ilustrativas visam somente à compreensão, e não à ação. Ele combina apelos emocionais e intelectuais. Os elementos indutivos incluem também grande quantidade de perguntas, muitas referências à experiência humana, envolvimento progressivo, e narrativa, ao lado de variados e freqüentes exemplos.

Paul Scherer acredita que um sermão requer trinta horas de preparação, além das contribuições sutis que os contatos pastorais dão à pregação. Pregador imaginativo, ele demonstra uma profunda preocupação social que nasce de suas experiências pessoais e sua própria vida devocional. Tanto em seus sermões pelo rádio como em seus sermões pastorais ele procura unir a proclamação bíblica com interpretação para o dia de hoje. Comumente apresenta seu texto após umas poucas sentenças introdutórias, mas algumas vezes coloca-o indutivamente no final do sermão. Ele deseja "ganhar o auditório que a Palavra de Deus merece". A progressão é mais fácil de encontrar do que um esboço em seus sermões. Advertindo contra a introdução brilhante, enquanto o restante do sermão parece sem vida, ele recomenda provocar interesse logo de início e prover um fundamento bíblico para o sermão num cenário relevante. Alguns

de seus sermões são casualmente indutivos, usando perguntas, narrativa, referências à experiência e à lembrança, para ter os ouvintes envolvidos no processo do sermão.

Reinhold Niebuhr, profético em sua diagnose perceptiva da carência humana, opõe-se acerbamente à tendência de quatrocentos anos em direção ao individualismo, que produziu uma verdadeira maré de secularismo total. Ele se volta, freqüentemente de uma primeira explanação ou solução humana inadequada para outra, movendo-se por fim indutivamente para suas afirmações. Seus críticos acusam-no de ser meramente um crítico dialético com análise cáustica, que só aponta para o evangelho. Seus sermões fáceis e informais não fazem uso significativo de perguntas, mas ele usa o modelo dialético, algumas parábolas, experiência, ilustrações e narrativa.

Volume 11. Walter Maier metralha as ondas sonoras durante vinte anos como o pregador radiofônico mais conhecido do mundo. Ele prega para cinco milhões de pessoas a cada semana, escreve oitocentos panfletos e aproximadamente trinta livros. As cartas de admiradores que recebe caem cerca de mil por dia quando reduz seu ritmo staccato temporariamente, por recomendação dos técnicos da rádio. Seus sermões associam as ênfases bíblica, ética e social. Sua pregação é viva (verbos e descrição), variada, imaginativa, narrativa, emotiva, direta, confrontante. Utiliza referências à experiência, perguntas (até trinta num sermão), muitos exemplos e insuperada premência. Alguns sermões vão em frente por meio de perguntas e de expressivo encadeamento de ilustrações até à conclusão, mas em geral suas instantes asserções se acumulam umas sobre as outras desde o início de suas veementes mensagens evangelísticas.

Samuel Shoemaker faz da pregação uma excitante experiência, à medida que despeja suas palavras nas torrentes de seus sermões individualistas. Testemunhar em lugar de discorrer — este é o seu conceito de pregação e sua ênfase num amplo e

equilibrado evangelismo. Pessoas e necessidades humanas são centrais em sua pregação simples e pictórica. Ele vê o púlpito como um ponto de envolvimento com seu povo. Procura induzir os ouvintes a um profundo envolvimento por meio de experiências partilhadas através de ilustrações, perguntas (tantas como dezesseis ou dezessete) e de penetrante objetividade, que resulta de seu extenso aconselhamento. O uso explícito da metodologia indutiva não é perceptível.

Leslie D. Weatherhead relaciona psicologia com religião, tanto em seu trabalho pastoral como em sua pregação. Ele insiste: "Seja relevante, simples, amoroso. Os grandes pregadores têm sido grandes amorosos. Coloque os braços em volta de toda a congregação, para que ninguém se sinta deixado de fora." Seus sermões contêm exemplos abundantes e cheios de vida, perguntas freqüentes e respeito geral pelos ouvintes. Às vezes, procura estabelecer provas a fim de alcançar autoridade antes de sua proclamação.

Fulton J. Sheen, afável e habilidoso, é o primeiro homem a conquistar tão alta reputação como pregador em cima do uso regular do rádio e da televisão. Seu auditório na tevê chegou a atingir quase vinte milhões cada semana. Ele segue a abordagem indutiva, iniciando com o telespectador, usando o material mais aceitável para ele — e prossegue só no final do sermão para aquelas conclusões menos facilmente aceitas pelos ouvintes. Ele fecha a brecha entre a mente secular e o Cristianismo com um apelo tão razoável e sensato que arrasta o público até que concorde de boa mente com suas conclusões. Seu sermão biográfico "A Mulher Junto ao Poço" usa indução óbvia com comentários penetrantes e apelo poderoso em seu forte final.

James S. Stewart prima em pintar descritivos quadros pictóricos em variados formatos com as palavras, no decorrer de suas mensagens bíblicas. Uma variedade criativa distingue os sermões diferenciados: refrão (dezesseis vezes em "Sacrifí-

cio e Canto" estrutura do tipo drama, muitas perguntas (até cinqüenta e sete), e replay imaginativo. Inicia com a experiência do dia-a-dia, onde estão os ouvintes, procurando encontrá-los em seu próprio terreno. Alguns de seus sermões variam grandemente da abordagem comum da homilética dedutiva.

Norman Vincent Peale distribui seus improvisados sermões pastorais de vinte e cinco minutos por uma mala-direta de mais de quatrocentos mil exemplares. Suas mensagens são desenvolvidas logicamente, sem esboços discerníveis. Confia em suas ilustrações para transmitir suas idéias. Normalmente, seu material ilustrativo perfaz cerca de metade do sermão. Narra muitas experiências pessoais, e em cada um de cinco sermões selecionados há uma média de quase vinte perguntas. Em estilo indutivo, tenta trazer os ouvintes às conclusões dele por meio da suave pressão de exemplos humanos cumulativos transmitidos com seu entusiasmo otimista. O conteúdo bíblico é sacrificado ou ofuscado por seus fortes mas excessivos exemplos contemporâneos.

Martyn Lloyd-Jones deixa a medicina pelo ministério da pregação e sucede G. Campbell Morgan na Capela de Westminster. Cada um de seus sermões expositivos de quarenta a sessenta minutos de duração é um argumento cumulativo apresentado com unção, autoridade e poder, criando assim um impacto tremendo. Sua filosofia dedutiva de pregação impõe uma forte posição de autoridade, com cada sermão iniciando solidamente na Bíblia. Pregando quase exclusivamente a crentes, como faz, pode começar com a verdade de Deus e só então passar à situação imediata. O material bíblico fica na vanguarda (algumas vezes quase como um fim em si mesmos), e as ilustrações funcionam somente como servidores da Escritura. A despeito dos sermões serem fortemente centrados na Bíblia, ele consegue incluir uma quantidade surpreendente de comparação e contraste, e acentua a relevância, referências à experiência, muitas ilustrações e perguntas (33, 22, 37, 20, 17 =

129 em cinco sermões ou cerca de vinte e seis perguntas em cada um).

William E. Sangster, com sua perspectiva bíblica, usa situações da vida como uma espécie de introdução ou abordagem para um texto. Vê a necessidade de apresentar o sermão desta forma para dar relevância à pregação bíblica. Considera o evangelismo como preocupação principal do Cristianismo, mas inclui também os temas sociais. Ao pregar, o povo aflui em grande número para ouvi-lo. Ele se refere muitas vezes a variadas experiências e procura com sensibilidade guiar seus ouvintes ao envolvimento tanto intelectual quanto emocional. São bem conhecidas sua intensidade e compaixão.

Peter Marshall pinta os quadros com pinceladas emotivas. As imagens são suas ferramentas para criar retratos visuais em seus sermões, à medida que transforma os ouvidos em olhos. A visualização e a figura substituem o argumento e a evidência objetiva, quando ele tenta conduzir os ouvintes a ver e sentir sua mensagem. A narração marcadamente pictórica transmite seu sentimento em formato popular, enquanto seu ministério o impulsiona à frente da vida nacional de seu país. Exortações e prédicas tradicionais são substituídas por rápidas pinceladas numa seqüência geralmente piegas de lances da vida, compartilhadas em seus sermões sentimentais. Alguns de seus elementos de indução incluem perguntas, referências à experiência, ilustrações, veredictos adiados, condução a conclusões por meio de exemplos, não uso de proposições e utilização da Bíblia mais como exemplo do que como autoridade.

Robert McCracken preenche a lacuna na famosa Igreja Riverside de Nova York depois de Fosdick — durante o declínio da influência da pregação nos Estados Unidos. McCracken insiste que a pregação é, a um só tempo, preparação cuidadosa e "pregação por instinto". Escolhe o tema logo no início da semana, a fim de que o subconsciente possa começar a tra-

balhar o sermão. Deixando que os assuntos inspirem seus textos, reúne farto material, peneira, sistematiza e delineia o esboço. Em seguida, escrevendo e re-escrevendo cuidadosamente a introdução, procura ser primeiramente interessante e, em seguida, rapidamente agarra o seu assunto. Como considera que conclusões são geralmente curtas demais e com muito pouca aplicação, redige e memoriza um resumo que julga que concluirá e confirmará toda a mensagem.

Seu formato funcional segue o que ele chama "princípio evolucionário", seja em um só grande ciclo ou várias vezes no mesmo sermão — explanação, ilustração e aplicação. Em seus sermões "tipo perguntas", responde às perguntas óbvias no início e às mais carregadas de suspense no final. Indução modificada seria uma definição precisa de muitas de suas mensagens.

Dietrich Bonhoeffer trabalha duro em sua pregação que visa dois objetivos: ênfases missionária e edificativa. Alerta contra pressupor numa congregação uma atitude que não exista lá. Seu sermão "Gideão", o primeiro que pregou após Hitler assumir o poder, revela grande coragem, mas suas quarenta e uma perguntas, forte comparação e contraste neste sermão biográfico indutivo são grandemente surpreendentes.

Gerald Kennedy mostra otimismo realista em sua abordagem positiva, tentando logo de início conseguir que o público deseje ouvir o que ele tem a dizer. O principal elemento da pregação indutiva que ele demonstra são suas fortes e freqüentes referências à experiência e sua gradual abordagem psicológica à conclusão. Em "Um Espinho de Experiência", por exemplo, em vinte e três parágrafos ele faz pelo menos vinte e seis referências à experiência. Usa algumas referências bíblicas, mas freqüentemente seus sermões não têm forte utilização das Escrituras.

D. T. Niles, um pregador vigoroso com longa experiência como evangelista cristão, dirige seu sermão de conformidade

com o modo como a congregação reage. Resume sua mensagem com estas quatro afirmações:

(1) Há uma mensagem — Deus agiu e requer uma resposta.
(2) Há um mensageiro — a Igreja onde o evangelho é experienciado.
(3) Há uma história — o testemunho da Igreja sobre o evangelho.
(4) Há uma fé — o testemunho da Igreja.

A pregação precisa ser no tempo presente. "Pregar sobre um acontecimento passado usando o verbo no passado é pura insensatez", diz ele. Parábolas provêem a base de muitos de seus sermões criativos, imaginativos e "tipo indutivo". Usa habilmente perguntas e repetidas referências à experiência, e procura cruzar com a vida comum suas criteriosas descrições e aplicações do ambiente. "Quatro Tipos de Pessoas", baseado na parábola do semeador, usa notável abordagem indutiva e trinta e três perguntas.

Helmut Thielicke adverte que a teologia não deve superar a ponto de ofuscar à proclamação. Ele incentiva os pregadores a refletirem sobre suas próprias experiências honestamente no diálogo interminável com aqueles a quem devemos entregar nossas mensagens. "Cada conversa torna-se, no fundo, uma meditação, uma preparação, uma reunião de material para minha pregação", ele diz. Não é fácil descobrir nos sermões de Thielicke sua "bem ordenada estrutura". O andamento de suas mensagens segue um curso que não é fácil traçar, mas que sempre parece inevitável e irresistível. A mensagem toda é unida pelo fio de um sólido tema com uma ação definida em direção a um fim pré-determinado. Ele estabelece contato imediato com seus ouvintes em suas costumeiras introduções um tanto longas. É hábil no uso da interrogação, organizado em torno de uma série de perguntas penetrantes, às quais responde à medida que o sermão caminha. Ilustrações esplêndidas, experiências do momento atual, diálogo, imaginação e linguagem poderosamente descritiva — estes pontos marcam seus sermões. O sermão "A Parábola do Filho Pródigo" é biográfico, descriti-

vo, narrativo, indutivo — distribuído eficientemente, pintado vividamente em meio a cinqüenta e três perguntas (seus cinco sermões têm em média vinte e oito perguntas cada).

Billy Graham partiu de seus sermões quase sem forma, com poucas ilustrações, no início de seu ministério, para um movimento mais indutivo, mesclando em cada sermão exemplos da Bíblia e da vida para reforçar os fatos centrais da história do evangelho. Ele pode até golpear a palma de sua mão e clamar "A Bíblia diz", mas ele cita experiência, usa narração, perguntas e outros elementos de indução muito mais. Muitos de seus sermões são mensagens de "um ponto", com uma série de várias ilustrações de seu tema extraídas de diferentes áreas da experiência humana.

Em suas introduções tem-se afastado cada vez mais de listar pontos numerados de sermão. Com freqüência suscita o interesse do auditório sobre um problema da situação humana e introduz a citação bíblica só quando já está no corpo do sermão. Geralmente, as mensagens de sua cruzada são recheadas de ilustrações. Usa tantas como sete ilustrações em seqüência, um total de 191 ilustrações longas em onze sermões. Embora insista numa ação positiva imediata, deixa que o indivíduo decida a resposta pessoal com base na mensagem, sem adular ou instar durante o convite. Os primeiros quatro sermões da amostragem usam uma média de trinta e sete perguntas e numerosas referências à experiência, com surpreendente formato indutivo em algumas de suas mensagens.

Martin Luther King mescla sua expressiva metáfora com um conteúdo imaginativo e excelentes habilidades verbais. Ele extrai suas ilustrações de um amplo espectro, sua organização é simples, porém lógica, e ele segue um plano bem ajustado para desenvolver seu tema. Embora a maioria de seus ouvintes lhe atribuam uma postura autoritária, ele procura indutivamente obter o direito de fazer suas declarações. Usa perguntas, ex-

periência, narrativa e abordagem psicológica para levar os ouvintes a aceitarem suas conclusões ponderadas.

Conclusão

Vemos, assim, que todos os noventa e seis pregadores da série Twenty Centuries of Great Preaching mostram, ao menos, algum uso da indução. Alguns fazem apenas referências mínimas à experiência, mas outros dependem substancialmente de casos humanos e deixam que exemplos, narrativas e asserções postergadas levem o sermão pelo caminho todo até à conclusão, antes de anunciar suas proposições.

A maioria dos que captam os princípios indutivos usam o processo para ganhar o envolvimento dos ouvintes e, depois, ir além dos conceitos estabelecidos para proclamar dedutivamente a sua fé vital.

Não, esta pregação indutiva não é uma idéia recente, nenhuma inovação dos tempos recentes. Desde o mais antigo pregador, a indução tem-se misturado com a criatividade humana para ajudar outros a aprender pela experiência.

Os pregadores mais eficazes combinam o formato indutivo-dedutivo. Primeiro alcançam autoridade pela narrativa, analogia, parábola, biografia, estudo de caso ou exemplos humanos. É, então, que declaram as insondáveis riquezas de Cristo com confiança, compaixão e coragem.

Apêndice 4

Uma Estratégia para Tornar Indutivas as Estruturas do Sermão Tradicional

Alguns estudantes de homilética, lendo este livro, podem perguntar: "Esta dicotomia de estrutura indutiva-dedutiva faz sentido, mas como isso se harmoniza com todas as estruturas de sermão que já estudei ou usei em minha pregação?"

Qualquer forma homilética pode incorporar elementos indutivos e ação indutiva ajustando, modificando ou simplesmente retardando qualquer posição assertiva no início do sermão. Gostaria de sugerir aqui meios simples de utilizar algumas das estruturas mais comuns do sermão tradicional e transformá-las em sermões indutivos. (Toda menção a pregadores e sermões específicos se refere ao material disponível para estudo na obra de treze volumes Twenty Centuries of Great Preaching. Ver Apêndice 3 para obter mais detalhes.)

1. Os sermões de uma única idéia, um único ponto, podem acumular exemplos representativos, casos, experiências em estilo indutivo para atingir uma conclusão racional.

2. Duas idéias contrastantes. A dialética (F. W. Robertson, Bossuet, Fenelon) pode desenvolver-se por meio de exemplos e processo indutivos à medida que os ouvintes são envolvidos e levados a um conceito resultante recomendado.

3. Três divisões. Maclaren e milhares desde então incluem como divisões: (1) explicar, (2) provar, (3) aplicar. Citando ex-

emplos indutivamente para cumprir cada uma dessas tarefas, este tipo pode facilmente acompanhar o modelo de indução. A mudança indutiva melhoraria este formato tradicional, popularizado desde que os pregadores medievais procuraram honrar a Trindade com seu sermão de pontos tríplices.

4. Quatro segmentos. A caixa de Fosdick, a "Vida Cristã", de James Stewart, como mais feliz, mais difícil, mais santa, mais esperançosa, ou "Quatro Dimensões do Amor de Deus", quatro lados, quatro estações, quatro direções — todos esses podem adiar as asserções e conduzir indutivamente a uma conclusão derivada conjuntamente com o auditório.

5. Cinco pontos, como uma estrela, pode traçar indutivamente vários aspectos de um assunto para alcançar uma convincente conclusão com base em evidência quíntupla.

6. Seis divisões, como utilizaram Fosdick, Ilion Jones e outros, podem incorporar ação indutiva para explorar vários aspectos de um tópico.

7. O formato pergunta-resposta, como foi usado freqüentemente por João Wesley e outros, presta-se a inquirir indutivamente, respeitando os ouvintes e envolvendo-os na busca das respostas.

8. O esboço tipo escada (James Stewart) pode escalar indutivamente degrau por degrau para explorar as alturas e atingir uma meta não declarada numa rota não ameaçadora, não antagônica.

9. A classificação (Joseph Fort Newton) pode acumular, analisar e permitir que os pormenores conduzam indutivamente à conclusão.

10. A tese hegeliana, de formato antítese e síntese, pode postergar a tese para formar a conclusão, propondo-se a tese como um problema ou teoria tentativa e uma busca de verificação por antítese e síntese. Ou ela pode permitir que a tese sirva como hipótese ou base tentativa.

11. Sermões de causa e efeito — como Amós pregou, ou iniciando com o efeito e procurando as causas — usam movimento indutivo. Alguns pregadores impacientes saltam do efeito para o efeito conseqüente, abreviando o processo, porém mesmo assim cruzando com a experiência do ouvinte e levando ao envolvimento.

12. Estrutura cronológica, comum nos profetas do Antigo Testamento, pode envolver indutivamente o passado, presente e futuro, ou o então e agora, o agora e o futuro.

13. Seqüência motivada. Um ciclo de chamar atenção, necessitar, satisfazer, visualizar, agir, como foi defendido por Allan H. Monroe, pode apropriar a indução em cada fase.

14. Desenvolvimento do tópico ou assunto (sermões iniciais de Spurgeon) presta-se para a abordagem indutiva total do começo ao fim.

15. Modelo do texto (sermões posteriores de Spurgeon) pode incorporar a busca e a ação indutivas em partes, senão no todo, para comparar com outros textos e explorar ramificações, implicações e aplicações.

16. Os sermões expositivos podem incorporar os elementos indutivos pela referência à experiência, comparando e contrastando, adiando asserções, fazendo perguntas, empregando a narrativa e outros elementos indutivos, e conduzindo os ouvintes à conclusão.

17. Uma série "colar de contas" de ilustrações (muitos evangelistas, "Acres de Diamantes" de Russell Conwell, e Henry Ward Beecher às vezes) freqüentemente mostra uma abordagem totalmente indutiva, à medida que o sermão se encaminha para uma conclusão racional.

18. A seqüência de Peter Marshall, de apresentar um princípio, uma ilustração, e uma aplicação, parece dedutiva. Mas pode ser modificada de sorte que o princípio proposicional pareça um decreto menos rígido e autoritário. Narrativa, biografia,

casos ou perguntas podem introduzir o sermão como pórtico indutivo introdutório de uma estrutura, agora revisada, de quatro partes.

19. O modelo de parábolas de Jesus e outros permanece como indutivo em razão de suas asserções adiadas, formato narrativo e seu cruzamento com a experiência, caminhando do conhecido para o desconhecido, bem como por sua abordagem não antagônica.

20. O processo necessidade-remédio busca raízes nos modelos da vida comum para buscar respostas sensatas, como fazemos em nossa experiência diária. Envolvimento, interesse e indução fluem naturalmente deste formato, enquanto o pregador posterga as respostas prontas dele até que os ouvintes cheguem a uma concordância racional.

21. Os sermões narrativos envolvem descrição imaginativa, drama e a busca de tirar conclusões dos particulares indutivos.

22. Uma estrutura "tiro-na-mosca" procede de um formato de cinco pontos: Acorde! Isto interessa a você! Falando de modo geral! Exemplos. Que fazer? Este processo indutivo modificado pode adequar-se a alguns assuntos e a algumas congregações.

23. O sermão do "rio" inicia com pormenores nos afluentes tributários fluindo continuamente em direção à corrente principal até que o todo converge para desembocar na conclusão — uma forma indutiva clássica.

24. Os sermões biográficos são provavelmente o tipo mais comum de pregação indutiva. Histórias da vida de personagens bíblicos desenrolam-se indutivamente como um tapete, revelando, investigando, expondo, caminhando para as conclusões.

25. Os sermões retrospectivos podem usar a sugestão dos dramas da televisão, filmes, romances. Por exemplo, Thornton Wilder em The Bridge of San Luis Rey inicia com a morte trági-

ca de cinco pessoas numa ponte oscilante para pedestres. Em seguida, traça a vida de cada vítima até aquele dia fatídico na ponte. Isto pode servir como uma variação indutiva para sermão também, do mesmo modo que Wilder responde a perguntas comuns sobre vida, morte e propósito desta maneira indireta mas expressiva.

Para a glória de Deus e ajuda aos pregadores.

Índice Onomástico

Adams, Evyn M.,
Agostinho,
Alegoria,
Analogia,
Aristóteles,
Auditório,
Autoridade,

Bacon, Francis
Bacon, Roger,
Baird, John E.,
Barth, Karl,
Beecher, Henry Ward,
Berger, Peter,
Bíblia, indução na, Capítulos 5, 6
Biografia,
Bombardeio de idéias (Brainstorming)
Bourdaloue,

Calvino, João.
Capps, Donald,
Carnegie, Dale,
Cérebro,
Clemente,
Coleta de Dados,
Comparação,
Comunicação,
Concordância
Concreto,
Cox, James,
Craddock, Fred B.,
Criatividade,

Dedução, combinada com indução, Capítulo 9,
correção de,
Demóstenes,
Diálogo,
Direto, Ser
Discussão

Educação (Instrução)

Eliminação,
Emoções,
Ensino,
Entrega da Mensagem, Capítulo 11
Enumeração,
Envolvimento,
Espírito e crenças característicos (ethos),
Espontânea, Pregação
Estilo oral (ou verbal),
Etos
Evans, Louis Hadley, Sr.,
Exemplos,
Exército da Salvação,
Experiência,
Exploração,
Exposição,
Expositiva, Pregação,
Exército da Salvação

Fant, Clyde E., Jr.,
Farmer, H. H.,
Focar,
Ford, Leighton,
Futuro choque

Gallup, Pesquisa
Graham, Billy,
Histórias, arte de contar, ; ver também Narrativa
Homilética
Humanismo

Ilustrações
Imagem, figura ou metáfora
Indução, pregação indutiva, note especialmente, Capítulo 4, Capítulo 9, características de, Apêndice 2; combinada com dedução, Capítulo 9; definição, história de , Capítulo 4

Jesus, Capítulo 6; autoridade de, abordagem de, ensinos de, mensagem de, pregação de, Sermão do Monte,

Jones, E. Stanley,

Kant, Immanuel,
Kesler, Jay,
Kierkegaard, Sören,

Lewis, C. S.,

Lowry, Eugene,
Lucas,
Lutero, Martinho,

Manuscrito, leitura de,
Marcos,
Mateus,
McCarthy, Bernice,
Memória,
Mensagem,
Moody, D. L.
Motivação, processo de
Mudança

Narrativa

Orígenes,

Parábolas,
Paulo,
Peale, Norman Vincent,
Perguntas,
Pesquisa do cérebro
Pinson, William M.,
Platão,
Pregação espontânea
Pregação expositiva,
Preparação, Capítulo 10
Problema, Solução de

Recordação,
Reforma, A,
Relação causal,
Remoinho, Sermão tipo, Capítulos 7, 8, 9
Renascença, A,
Revisão
Revolução,

Sagan, Carl,
Seamands, Dr. David,
Sermão, como ponte,
  conteúdo de,
  estrutura de, Capítulos 7, 8, 9; preparação de, Capítulo 10
Servo, posição de,
Sheen, Fulton J.,
Sócrates,
Soper, Donald,
Sperry, Roger,
Spurgeon, Charles Haddon,
Stevenson, Dwight E.,
Stott, John R. W.,

Tecnologia,
Televisão,

Terreno comum,
Toffler, Alvin,

Unger, Merrill,

Weatherhead, Leslie,
Welch, Clement,
Wesley, Charles,
Wesley, John,
Whitefield, George,